



RICK RIORDAN

PERCY JACKSON

E OS

DEUSES
GREGOS

intrínseca

ILUSTRADO POR
JOHN ROCCO

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.



Visite-nos!

www.tocadacoruja.net

O presente e-book foi compartilhado gratuitamente com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas, bem como para o simples teste de qualidade da obra, tendo em vista uma compra futura.

É expressamente proibido e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou cobrança de assinatura para acessar este e-book.

RICK RIORDAN

PERCY JACKSON
E OS
DEUSES
GREGOS

ILUSTRADO POR
JOHN ROCCO

TRADUÇÃO DE
REGIANE WINARSKI



Copyright do texto © 2014 by Rick Riordan
Copyright das ilustrações © 2014 by John Rocco

Os direitos para esta edição foram negociados por intermédio da Nancy Gallt Literary Agency.

Publicado originalmente nos Estados Unidos e no Canadá pela Disney Hyperion Books, sob o título de PERCY JACKSON'S GREEK GODS. Edição ilustrada publicada mediante acordo com a Disney Hyperion Books.

TÍTULO ORIGINAL
Percy Jackson's Greek Gods

PREPARAÇÃO
Mariana Elia

REVISÃO
Rayana Faria
Pedro Staite

REVISÃO DE EPUB
Juliana Pitanga

GERAÇÃO DE EPUB
Intrínseca

ILUSTRAÇÕES DE CAPA
© 2014 by John Rocco

ARTE DE CAPA
Joann Hill

ADAPTAÇÃO DE CAPA
Julio Moreira

E-ISBN
978-85-8057-634-4

Edição digital: 2015

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br



Para meu pai, Rick Riordan, que leu para mim o primeiro livro de mitologia da minha vida.

— R.R.

Aos meus heróis da ilustração: N.C. Wyeth, Maxfield Parrish, Arthur Rackham e Frank Frazetta.

— J.R.



SUMÁRIO

CAPA

FOLHA DE ROSTO

CRÉDITOS

MÍDIAS SOCIAIS

DEDICATÓRIA

INTRODUÇÃO

O COMEÇO E TAL

A ERA DE OURO DO CANIBALISMO

OS OLIMPIANOS ESMAGAM ALGUMAS CABEÇAS

ZEUS

HÉSTIA ESCOLHE O CANDIDATO A MARIDO
NÚMERO ZERO

DEMÉTER VIRA GRÃOZILLA

PERSÉFONE SE CASA COM SEU ADMIRADOR
SECRETO

HERA FICA MEIO DOIDA

HADES DÁ UMA AJEITADA NA CASA

POSEIDON MERGULHA NA FÚRIA

ZEUS MATA TODO MUNDO

ATENA ADOTA UM LENÇO

NÃO TEM COMO NÃO
AMAR AFRODITE

ARES, O MACHO DOS MACHOS

HEFESTO FAZ UMA LHAMA DE OURO
(NÃO DE VERDADE, MAS DEVERIA)

APOLO CANTA E DANÇA E ATIRA FLECHAS
EM TODO MUNDO

ÁRTEMIS INVOCA O PORCO
DA MORTE

HERMES VAI PARA
O REFORMATÓRIO

DIONISO CONQUISTA O MUNDO COM
UMA BEBIDA REFRESCANTE

POSFÁCIO

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

SUGESTÕES DE OUTRAS LEITURAS

SOBRE O AUTOR E O ILUSTRADOR

SAIBA MAIS SOBRE AS SÉRIES DO AUTOR

LEIA TAMBÉM

INTRODUÇÃO

SÓ ESPERO QUE eu ganhe uns pontos na média por isso.

Um editor de Nova York pediu que eu escrevesse o que sei sobre os deuses gregos, e fiquei pensando: *Pode ser anonimamente? Porque não estou a fim de despertar a ira dos olímpianos de novo.*

Mas, se assim eu estiver ajudando vocês a conhecer os deuses gregos e a sobreviver caso algum dia eles apareçam na sua frente, então acho que escrever isso tudo vai ser minha boa ação da semana.

Para quem não me conhece, meu nome é Percy Jackson. Sou um semideus moderno (metade deus, metade mortal), filho de Poseidon, mas não vou falar muito sobre mim. Minha história já foi escrita em alguns livros de pura ficção (he-he), e sou apenas um personagem no enredo (*cof, cof, até parece*).

Peguem leve comigo quando eu estiver falando dos deuses, tá? Existem, sei lá, quarenta trilhões de versões diferentes dos mitos, portanto não me venham dizer: *Ah, eu ouvi diferente, você está ERRADO!*

Vou contar as versões que fazem mais sentido para mim. Juro que não inventei nada disso. Ouvi todas essas histórias direto dos gregos e romanos antigos que as escreveram originalmente. Podem acreditar, eu não seria capaz de inventar coisas tão esquisitas.

Então vamos lá. Primeiro vou contar como o mundo surgiu. Depois, vou fazer uma lista de deuses e dar minha humilde opinião sobre cada um deles. Só espero que eles não fiquem furiosos a ponto de atear fogo em mim antes mesmo de...

AHHHHHHHHH!

Brincadeira. Ainda estou aqui.

Bom, vou começar com a história grega da criação, que, aliás, é *uma tremenda confusão*. Coloquem seus óculos de segurança e suas capas de chuva. Vai ter sangue.

O COMEÇO E TAL



NO COMEÇO, EU não estava lá. Acho que os gregos antigos também não. Ninguém tinha papel e caneta para registrar o que estava acontecendo, por isso não garanto nada do que vou contar, mas posso dizer que é o que os gregos *achavam* que tinha acontecido.

No começo, havia basicamente nada. Um montão de nada.

O primeiro deus, se é que podemos chamá-lo assim, foi Caos, uma névoa sombria e gosmenta que vagava por aí contendo toda a matéria do cosmos. Só para vocês saberem, *caos* significa *abismo*. E não um abismo qualquer.

Com o tempo, Caos acabou ficando menos caótico. Talvez tenha se entediado com essa história de ser tão sombrio e enevoadado. Parte da matéria contida no Caos se aglomerou e se solidificou, formando a terra, que infelizmente desenvolveu uma personalidade com vida. Ela batizou a si mesma de Gaia, a Mãe Terra.

E então Gaia *era* a terra em si: as pedras, as colinas, os vales, a parafernália toda. Mas Gaia também podia assumir a forma humana.

Ela gostava de caminhar pela terra — o que basicamente era caminhar por si mesma — na forma de uma mulher madura de cabelo preto cacheado usando um vestido verde esvoaçante e com um sorriso sereno no rosto. O sorriso escondia um temperamento perigoso, como vocês já vão ver.

Depois de muito tempo sozinha, Gaia olhou para o nada enevoado acima da terra e disse para si mesma:

Sabe o que seria bom? Um céu. Eu adoraria um céu. E seria legal se ele fosse também um homem bonito por quem eu pudesse me apaixonar, porque estou meio sozinha aqui embaixo só com essas pedras.

Ou Caos ouviu o desejo dela e o realizou, ou então Gaia simplesmente fez com que se tornasse realidade, porque o céu se formou: um domo protetor acima da terra que era azul durante o dia e preto à noite. O céu se autobatizou Urano. Pois é, outra forma de escrever seu nome é *Uranus* — praticamente impossível de pronunciar sem que as pessoas deem risadinhas. É *péssimo*. Por que ele não escolheu um nome melhor (algo como Mensageiro da Morte ou José), não sei, mas talvez isso explique por que Urano era tão mal-humorado o tempo todo.

Assim como Gaia, Urano podia assumir a forma humana e visitar a terra; o que era bom, porque o céu fica bem lá no alto, e relacionamentos a distância nunca dão certo.

A forma física que Urano assumia era de um cara alto e musculoso, com cabelo escuro e um pouquinho comprido. Ele usava só uma tanga, e sua pele mudava de cor: às vezes era azul com desenhos de nuvens nos músculos, às vezes escura com estrelas cintilantes. Ei, Gaia o fez ser assim, foi como ela o desejou. A culpa não é minha. Pode ser que às vezes vocês encontrem ilustrações dele segurando uma roda do zodíaco, representando todas as constelações que passam pelo céu sem parar, eternamente.

Enfim, Urano e Gaia se casaram.

Felizes para sempre?

Não exatamente.

Um dos problemas foi que Caos ficou um pouco animado com a própria capacidade de criação. Ele pensou com seus enevoados e sombrios botões: *Veja só, Terra e Céu. Que divertido! O que mais será que eu consigo fazer?*

Em pouco tempo ele criou todo tipo de problemas, e com isso quero dizer deuses. A água dispersa na névoa do Caos se acumulou nas partes mais profundas da Terra e assim gerou os primeiros mares, que naturalmente desenvolveram uma consciência: o deus Pontos.

Foi então que Caos pirou de vez. Ele pensou: *Já sei! Que tal um domo igual ao do céu, só que no fundo da terra? Seria demais!*

Assim, outro domo se formou, dessa vez debaixo da terra, mas era um domo escuro e turvo e não muito agradável, pois a luz do céu não chegava até ali. Esse era Tártaro, o Poço do Mal; que — como vocês podem deduzir pelo nome —, quando desenvolveu uma personalidade de deus, não ganhou nenhum concurso de popularidade.

O problema era que tanto Pontos quanto Tártaro gostavam de Gaia, o que colocou certa pressão no relacionamento dela com Urano.

Vários outros deuses primordiais surgiram nessa fase, mas se eu fosse tentar citar todos, ficaríamos aqui por semanas. Caos e Tártaro tiveram uma filha (não me pergunte como) chamada Nix, que era a personificação da noite. E então Nix, totalmente por conta própria (mais uma vez, sabe-se lá como), teve uma filha chamada Hemera, que era o Dia. As duas nunca se deram bem, porque eram tão diferentes quanto... bem, vocês sabem.

De acordo com algumas histórias, Caos criou também Eros, o deus da procriação... Em outras palavras, mães deusas e papais deuses tendo um monte de bebezinhos deuses. Outras histórias afirmam que Eros era filho de Afrodite. Vamos falar sobre ela mais tarde. Não sei qual versão é a verdadeira, mas o que sei é que Gaia

e Urano começaram a ter filhos — com resultados *muito* diversos.

Primeiro, eles tiveram doze: seis garotas e seis garotos, os chamados titãs. Esses doze, embora parecessem humanos, eram bem mais altos e mais poderosos. Seria de se esperar que doze filhos já fosse o bastante para qualquer casal, certo? Afinal, com uma família grande assim, eles poderiam formar o próprio reality show.

Além do mais, depois que os titãs nasceram, as coisas começaram a desandar no casamento de Urano e Gaia. Urano passava muito mais tempo no céu. Não visitava a família. Não ajudava a cuidar dos filhos. Gaia ficou chateada. Os dois começaram a brigar. Conforme os filhos cresciam, Urano só gritava com eles e basicamente era um péssimo pai.

Esses novos filhos eram a própria definição da palavra FEIURA.

Algumas vezes, Gaia e Urano tentaram consertar as coisas. Gaia pensou que talvez eles se reaproximassem se tivessem mais filhos...

Pois é... Péssima ideia.

Ela deu à luz trigêmeos. O problema era que esses novos filhos eram a própria definição da palavra FEIURA. Eram tão grandes e fortes quanto os titãs, só que curvados e brutos, e precisavam urgentemente de uma depilação. E o pior: tinham apenas um olho; no meio da testa.

Tudo bem que não devemos julgar pelas aparências, e, bem, Gaia amava os filhos. Ela os batizou de ciclopes. Essa primeira geração acabaria gerando uma raça inteira de outros ciclopes menores; mas isso foi bem mais tarde.

Quando viu os trigêmeos, Urano surtou.



— Eles não podem ser filhos meus! Nem se parecem comigo!

— Eles são seus filhos *sim*, seu espertinho! — gritou Gaia em resposta. — Não ouse me deixar cuidando deles sozinha!

— Não se preocupe, não vou fazer isso — resmungou Urano.

Ele saiu enfurecido e voltou com correntes grossas, feitas da pura escuridão do céu noturno, com as quais prendeu os ciclopes. Urano então os jogou no Tártaro, que era a única parte do mundo em que não precisaria olhar para eles.

Quanto rigor, não?

Gaia gritou e se descabelou, mas Urano se recusou a libertar os ciclopes. Ninguém ousava se opor às ordens dele, porque àquela altura Urano já tinha conquistado uma reputação de sujeito bastante assustador.

— Sou o rei do universo! — gritou ele. — Como poderia *não* ser? Estou literalmente acima de todo o resto.

— Eu odeio você! — choramingou Gaia.

— Ora essa! Você vai fazer o que eu mandar. Sou o primeiro e o melhor dos deuses primordiais.

— Eu nasci *antes* de você! — protestou Gaia. — Você nem estaria aqui se eu não...

— Não me provoque — rosnou ele. — Tenho muitas outras correntes de escuridão.

Como vocês podem imaginar, Gaia deu um ataque de terremoto, mas não sabia o que mais poderia fazer. Seus primeiros filhos, os titãs, já eram então quase adultos. Eles se sentiam mal pela mãe. Também não gostavam muito do pai — já que Gaia vivia falando mal dele, e com razão —, mas tinham medo de Urano e se sentiam impotentes para detê-lo.

Tenho que segurar a onda pelo bem das crianças, pensou Gaia. Talvez eu devesse tentar mais uma vez com Urano.

Então ela preparou uma noite romântica caprichada, com velas, rosas, música suave. E eles devem ter reacendido parte da antiga chama, pois, alguns meses depois, Gaia mais uma vez deu à luz trigêmeos.

Como se ela precisasse de mais provas de que seu casamento já era...

Esses filhos eram ainda mais monstruosos do que os ciclopes. Tinham cem braços brotando do peito (como os ouriços-do-mar e seus espinhos) e cinquenta minúsculas cabecinhas amontoadas nos ombros. Mas nada disso importava para Gaia. Ela amava os rostinhos deles — todos os cento e cinquenta. Os novos trigêmeos foram denominados centímanos, mas ela mal teve tempo de batizar cada um, já que Urano foi até lá, deu uma olhada neles e os arrancou dos braços de Gaia. Sem dizer nada, ele passou correntes em todos e os jogou no Tártaro como se fossem sacos de lixo reciclável.

É, sem dúvida o cara tinha problemas.

Bem, isso foi a gota d'água para Gaia. Ela esperneou e choramingou e provocou tantos terremotos que os titãs foram correndo até a mãe para saber o que estava havendo.

— O pai de vocês é um belo de um _____!

Não sei do que ela o chamou, mas tenho a leve suspeita de que esse tenha sido o momento em que o primeiro palavrão foi inventado.

Gaia explicou o que tinha acontecido, depois levantou os braços e fez o chão tremer, conjurando a substância mais dura que conseguiu encontrar em seu domínio terrestre. Usando sua raiva, ela deu forma a essa substância, criando assim a primeira arma do mundo: uma lâmina de ferro curva, de cerca de noventa centímetros. Gaia encaixou sua invenção na ponta de um cabo de madeira que improvisou com um galho de uma árvore próxima e mostrou o resultado aos titãs.

— Contemplem minha criação, filhos meus! — disse ela. — O

instrumento da minha vingança. Vou chamar isto de foice!

Os titãs murmuraram entre si: *Para que serve isso? Por que é curvo? Foice se escreve com cê-cedilha?*

— Um de vocês precisa agir! — gritou Gaia. — Urano não é digno de ser rei do cosmos. Um de vocês vai matá-lo e tomar o lugar dele.

Os titãs trocaram olhares de constrangimento.

— Então... explique melhor essa parte de *matar* — pediu Oceano, o titã mais velho. Oceano passava quase o tempo todo nas partes mais ermas do mar, junto com o deus primordial da água, que ele chamava de "tio Pontos". — O que quer dizer "matar"?

— Ela quer que a gente extermine nosso pai — deduziu Têmis. Sendo uma das titânides mais inteligentes, ela logo captou o conceito de punir alguém por um crime. — Tipo, fazer com que ele não exista mais.

— Mas isso é possível? — perguntou sua irmã Reia. — Pensei que fôssemos todos imortais.

Gaia rosnou de frustração.

— Não sejam covardes! É muito simples. Vocês vão pegar esta lâmina afiada e pontuda e cortar seu pai em pedacinhos, para que ele não volte a nos incomodar. Quem fizer isso vai ser o novo rei do universo! Ah, e vou fazer aqueles biscoitos que vocês adoram, aqueles com confeitos em cima.

Hoje, nos tempos modernos, temos uma palavra para esse tipo de comportamento. Chamamos de *maluquice*.

Naquela época, as regras de comportamento eram bem menos rigorosas. Talvez vocês se sintam melhor em relação aos seus parentes sabendo que a primeira família que existiu foi também a primeira família *disfuncional*.

Os titãs começaram a apontar uns para os outros, murmurando:

— Ei, você seria ótimo para matar o papai.

— Hã... não, acho que *você* é que deveria fazer isso.

— Eu adoraria matar papai, de verdade, mas é que tenho uns compromissos, então...

— *Eu mato!* — disse uma voz lá dos fundos.

O mais novo dos doze abriu caminho até a frente. Cronos era o menor de todos; não era o mais inteligente, nem o mais forte, nem o mais rápido, mas *era* o mais sedento por poder. Imagino que, quando você é o caçula de doze irmãos, acabe sempre procurando formas de se destacar e ser notado. O titã mais novo adorou a ideia de reinar sobre o mundo, ainda mais se isso significasse ser chefe de todos os irmãos. Sem contar que uns biscoitos com confeitos até que caíam bem.

Cronos tinha cerca de dois metros e oitenta de altura, o que era uma mixaria para um titã. Ele não parecia tão perigoso quanto alguns de seus irmãos, mas era um garoto ardiloso. Já tinha até conquistado o título de “O Trapaceiro” entre os titãs, pois jogava sujo nas lutas e nunca estava onde esperavam que estivesse.

Cronos tinha o sorriso e o cabelo escuro cacheado da mãe, mas tinha a crueldade do pai. Quando olhava para alguém, nunca dava para saber se pretendia lhe dar um soco ou contar uma piada. Sem contar a barba dele, que era meio irritante. Cronos ainda era novo para ter barba, mas já estava deixando crescer alguns pelinhos no queixo, formando uma barbicha que mais parecia um bico de corvo.

Quando Cronos viu a foice, seus olhos brilharam. Ele queria aquela lâmina de ferro. Só ele entre os doze irmãos entendia o estrago que aquilo poderia causar.

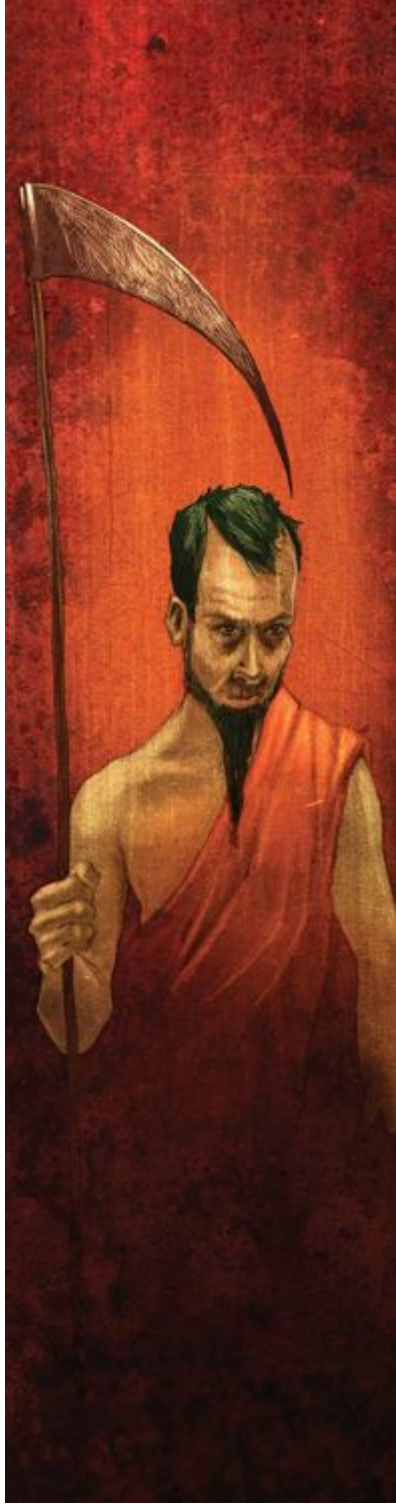
E quanto a matar o pai... por que não? Urano mal reparava na existência de Cronos mesmo. Nem Gaia, na verdade. Os pais não deviam sequer saber seu nome.

Cronos odiava ser ignorado. Estava cansado de ser o menor e usar todas as roupas idiotas de segunda mão que herdara dos irmãos.

— *Eu mato* — repetiu ele. — *Faço picadinho do papai.*

— *Meu filho preferido!* — exclamou Gaia. — *Você é incrível!* Eu sabia que podia contar com você! Mas... hã... quem é você mesmo?

— Cronos.



Ele conseguiu sustentar o sorriso. Sabe como é, por uma foice, biscoitos e uma chance de cometer assassinato, valia a pena esconder seus verdadeiros sentimentos.

— Será uma honra matar por você, mãe. Mas vai ter que ser do meu jeito. Primeiro, quero que você atraia papai para cá, faça com que ele venha visitá-la. Peça desculpas a ele. Diga que é tudo culpa sua e que você vai fazer um jantar caprichado para se redimir. É só dar um jeito de trazê-lo até aqui hoje à noite e agir como se ainda o amasse.

— Argh! — fez Gaia. — Ficou maluco?

— É só fingir — insistiu Cronos. — Quando ele estiver na forma humana e sentado ao seu lado, eu apareço e o ataco. Mas vou precisar de ajuda.

Ele se virou para os irmãos, que estavam de repente muito interessados nos próprios pés.

— Olha só, pessoal, se isso der errado, papai vai se vingar de *todos* nós. Não podemos cometer erros. Vou precisar de quatro ajudantes para segurá-lo, para que ele não fuja para o céu antes que eu termine o serviço — disse Cronos.

Os outros não falaram nada. Deviam estar tentando imaginar o irmãozinho mirrado atacando aquele sujeito enorme e violento que tinham como pai, e não deviam estar gostando da perspectiva de como aquilo iria terminar.

— Ah, deixem de frescura! — reclamou Cronos. — Eu é que vou fazer o trabalho sujo de retalhar e picar e tal. Vocês só precisam segurá-lo. Quando eu for rei, vou recompensar os quatro que me ajudarem! Vou dar um canto da Terra para cada um governar: o Norte, o Sul, o Leste e o Oeste. É uma oferta irrecusável. Quem topa?

As garotas eram inteligentes demais para se envolverem com

assassinato. Elas inventaram desculpas e logo foram embora. O filho mais velho, Oceano, mordia o polegar com nervosismo.

— Tenho que voltar para o mar por causa de... hã... uns assuntos aquáticos. Lamento...

E então restaram apenas quatro irmãos: Coio, Jápeto, Crio e Hiperión.

Cronos sorriu para eles. Ele pegou a foice da mão de Gaia e testou a ponta, tirando uma gota de sangue dourado do próprio dedo.

— Quatro voluntários, então! Legal!

Jápeto pigarreou.

— Bem, na verdade...

Hiperión o cutucou com o cotovelo.

— Fechado, Cronos! Pode contar com a gente! — prometeu ele.

— Excelente — disse Cronos, e essa foi a primeira vez que um gênio do mal disse a palavra *excelente*. Ele lhes contou o plano.

* * *

Naquela noite, incrivelmente, Urano apareceu.

Quando chegou ao vale onde geralmente se encontrava com Gaia e viu aquele suntuoso jantar na mesa, ele franziu a testa.

— Recebi seu recado. É sério que você quer fazer as pazes?

— Mas é claro!

Gaia estava em seu melhor vestido verde sem mangas. Seu cabelo cacheado estava trançado com pedras preciosas (coisa que ela conseguia com facilidade, já que era a terra) e cheirava a rosas e jasmims. Reclinada em um sofá à luz suave de velas, ela fez sinal para o marido se aproximar.

Urano se sentiu malvestido só com sua tanguinha. Não tinha penteado o cabelo nem nada, poxa. Sua pele noturna (escura e coberta de estrelas) provavelmente não contava como “traje fino” para um jantar elegante. Ele estava começando a achar que devia

pelo menos ter escovado os dentes.

Será que ele desconfiou de alguma coisa? Não sei. Lembrem-se: ninguém na história do cosmos havia sido atraído para uma armadilha e feito em pedacinhos. Ele seria o primeiro. Cara de sorte. Além disso, ele acabava se sentindo solitário por passar tanto tempo no céu, tendo como única companhia as estrelas e o deus do ar, Éter (que na verdade era um grande cabeça de vento), além de Nix e Hemera — mãe e filha, que discutiam a cada aurora e a cada crepúsculo.

— Então... — Urano sentia as palmas das mãos suadas. Ele tinha esquecido como Gaia ficava bonita quando não estava gritando na cara dele como uma louca. — Você não está mais zangada comigo?

— Imagine! — garantiu Gaia.

— E... e não se importa de eu ter acorrentado nossos filhos e os jogado no abismo?

Gaia trincou os dentes e forçou um sorriso.

— Eu *não* me importo nem um pouco.

— Que bom — disse ele. — Porque aquelas crianças eram bem

FEIAS.

Gaia deu uma batidinha no sofá, dizendo:

— Sente-se aqui comigo, meu marido.

Urano sorriu e foi até lá, ainda meio constrangido.

Assim que ele se sentou, Cronos sussurrou, de trás da pedra mais próxima:

— Agora.

Os quatro irmãos “voluntários” surgiram de supetão, saindo de seus esconderijos. Crio tinha se disfarçado de arbusto; Coio tinha cavado um buraco, se enfiado ali e coberto a cabeça de galhos; Hiperión tinha se escondido embaixo do sofá (era um sofá grande); e Jápeto estava tentando se fingir de árvore, com os braços esticados de forma a parecerem galhos (sei lá como isso deu certo).

Os quatro seguraram Urano pelos braços e pelas pernas, prendendo-o ao chão todo esticado, os membros afastados.

Cronos emergiu das sombras, a foice de ferro brilhando à luz das estrelas.

— Oi, pai.

— O que significa isso? — gritou Urano. — Gaia, ordene que eles me soltem!

— RÁ! — Gaia se levantou do sofá. — Você não teve misericórdia de nossos filhos, querido, então não merece misericórdia. Além do mais, quem é que vai a um jantar elegante de tanga? Lamentável!

Urano lutava em vão.

— Como ousam?! Eu sou o senhor do cosmos!

— Não é mais.

Cronos ergueu a foice.

— Cuidado! Se você fizer isso... hã... qual é mesmo o seu nome?

— **CRONOS!**

— Se você fizer isso, Cronos, vou amaldiçoar você! — ameaçou Urano. — Um dia, *seus próprios* filhos vão destruir você e tomar seu trono, assim como você está fazendo comigo!

Cronos riu.

— Que tentem.

Ele baixou a foice.

A lâmina acertou Urano bem no... Ah, quer saber? Não consigo nem dizer. Se você é um garoto, imagine a parte do corpo em que seria mais doloroso.

Aham. Aí mesmo.

Urano berrou de dor. Foi como o filme de terror de baixo orçamento mais nojento que vocês puderem imaginar. Era sangue para todo lado — só que o sangue dos deuses é dourado e se chama *icor*.

Gotas do icor de Urano atingiram as pedras, e a substância era tão poderosa que, mais tarde, quando não tinha ninguém olhando, surgiram criaturas desse icor: três demônios alados, as chamadas Fúrias, espíritos da punição. As três fugiram imediatamente para a escuridão do Tártaro. Outras gotas de sangue do céu caíram em solo

fértil, e estas acabaram por dar origem a criaturas selvagens, embora não tão ferozes: as chamadas *ninfas* e os *sátiros*.

A maior parte do sangue, porém, simplesmente sujou tudo em volta. É sério, aposto que Cronos *nunca* conseguiu tirar aquelas manchas da camisa.

— Muito bem, irmãos! — exclamou Cronos, sorrindo de orelha a orelha; o líquido dourado escorria pela foice.

Jápeto vomitou. Os restantes riram e deram tapinhas de felicitação nas costas uns dos outros.

— Ah, meus filhos! — disse Gaia. — Estou tão orgulhosa! Biscoitos e ponche para todos!

Antes de seguir para a comemoração, Cronos juntou na toalha de mesa os pedaços que restavam do pai. Talvez por se ressentir do irmão mais velho, Oceano, por não ter ajudado com o assassinato, Cronos jogou o pacote no mar. O sangue se misturou com a água salgada, gerando... Bem, depois vocês vão saber o que surgiu disso.

Agora vocês me perguntam: *Ei, mas se Urano foi morto, por que eu olho para cima e ainda vejo o céu?*

Resposta: *Sei lá.*

Meu palpite é de que Cronos matou a forma física do deus, para que Urano não pudesse mais aparecer na terra e reivindicar o reino. Eles basicamente o exilaram no ar. Então ele não está de fato morto, mas agora não pode fazer nada além de ser esse domo inofensivo que cobre o mundo.

Continuando: Cronos voltou ao vale e todos os titãs deram uma festa.

Gaia então o nomeou senhor do universo. Até fez para ele uma coroa de ouro superbacana e exclusiva, do tipo edição de colecionador. Cronos, em cumprimento à promessa que fizera, deu aos quatro irmãos que o ajudaram o controle sobre os quatro cantos da Terra. Jápeto se tornou o titã do Oeste; Hiperión ficou com o Leste. Coio ficou com o Norte; e Crio, com o Sul.

Naquela noite, Cronos ergueu seu cálice de néctar, que era a

bebida preferida dos imortais, e tentou abrir um sorriso confiante, pois reis sempre devem parecer confiantes — muito embora na verdade já estivesse começando a ficar preocupado com a maldição que o pai lhe lançara, a de que um dia os filhos de Cronos também o destronariam.

Mesmo assim, ele gritou:

— Meus irmãos, um brinde! Eis que demos início a uma era de ouro!

E, se você curte mentiras, roubos, facadas nas costas e canibalismo, então continue a ler, porque definitivamente foi uma era de ouro para tudo isso.

A ERA DE OURO DO CANIBALISMO



NO COMEÇO, CRONOS nem era tão mau. Teve que se esforçar muito para chegar a ser um crápula repugnante.

Ele soltou os ciclopes e os centímanos do Tártaro, o que deixou Gaia feliz. E os sujeitos monstruosos acabaram sendo úteis. Tinham passado toda a sua estadia no abismo aprendendo a forjar metal e a erguer construções com pedras (acho que não tinha muito mais coisas para se fazer por lá), então, como forma de demonstrar gratidão pela recém-conquistada liberdade, construíram um palácio enorme para Cronos, no topo do Monte Otris, que na época era o ponto mais alto da Grécia.

O palácio foi todo feito em mármore preto como a noite; colunas gigantescas e salões enormes brilhavam à luz de tochas mágicas. O trono foi entalhado em um bloco sólido de obsidiana, com ouro e diamantes incrustados — devia causar uma impressão e tanto, mas duvido que fosse muito confortável. Bem, Cronos não se importava com isso; ele era capaz de ficar sentado naquele trono o dia todo,

observando o mundo inteiro abaixo dele e gabando-se, com uma risada maligna:

— Meu! Tudo meu!

Seus irmãos e irmãs titãs preferiram nem discutir. Afinal, já tinham conseguido marcar seus territórios. Sem contar que, depois de vê-lo manejar aquela foice, não queriam se indispor com ele.

Além de ser o rei do cosmos, Cronos se tornou o titã do tempo. Não era um poder ao nível de *Doctor Who* nem nada, que permitisse surgir em qualquer momento do fluxo temporal, mas ele *podia* fazer o tempo passar mais devagar ou mais rápido de vez em quando. Sempre que vocês estiverem em uma aula muito chata que parece durar uma eternidade, podem culpar Cronos. Ou quando o fim de semana for curto *demais*: isso também é culpa de Cronos.

Ele estava especialmente interessado no poder destrutivo do tempo. Por ser imortal, para Cronos era inacreditável o que poucos anos podiam fazer a uma vida mortal. Por pura diversão, ele viajava pelo mundo acelerando a vida de árvores, plantas e animais, só para vê-los murchar e morrer. Ele nunca se cansava disso.

Quanto aos seus irmãos, os quatro que o haviam ajudado a assassinar Urano receberam como recompensa os quatro cantos da Terra — o que é estranho, considerando que os gregos achavam que o mundo era um círculo grande e achatado, como um escudo, e, portanto, não *tinha* cantos. Mas deixa pra lá.

Crio era o titã do Sul. Ele escolheu o carneiro como símbolo, pois a constelação de Áries aparecia na parte sul do céu. Sua armadura azul-marinho era pontilhada de estrelas. Chifres de carneiro se projetavam de seu elmo. Crio fazia o tipo sombrio e silencioso; ficava lá na extremidade sul do mundo, contemplando as constelações e pensando coisas profundas — ou talvez só ficasse pensando que deveria ter pedido um trabalho mais empolgante.

Coio, o titã do Norte, morava no lado oposto do mundo (obviamente). Ele às vezes era chamado de Polos, porque seu domínio era o polo Norte. Isso foi bem antes de Papai Noel ir morar

lá. Coio foi também o primeiro titã a ter o dom da profecia. Na verdade, *coio* significa literalmente *pergunta*. Ele podia fazer perguntas para o céu, e às vezes o céu sussurrava as respostas. Sinistro? Pois é. Não sei se ele se comunicava com o espírito de Urano ou o quê, mas seus vislumbres do futuro eram tão úteis que os outros titãs começaram a lhe pedir que fizesse perguntas mais intensas, como *Vai chover no sábado?*, ou *Cronos vai me matar hoje?*, ou *Que roupa eu uso para ir ao baile de Reia?*. Esse tipo de coisa. Depois de um tempo, Coio acabou passando o dom da profecia para os filhos.

Hiperión, o titã do Leste, era o mais espalhafatoso dos quatro. Como a luz do dia vinha do leste todo dia de manhã, ele se autodenominou Senhor da Luz. Pelas suas costas, porém, todos o chamavam de Cronos Light, porque ele fazia tudo que Cronos mandava e porque era basicamente igual ao irmão, só que com metade das calorias e sem gosto algum. Hiperión usava uma armadura dourada absurdamente brilhante e era conhecido por irromper em chamas quando menos se esperava, ou seja, era a diversão das festas.

Já seu outro irmão, Jápeto, o titã do Oeste, era bem mais tranquilo. Um bom pôr do sol sempre faz a gente querer parar tudo e relaxar. Mesmo assim, não era nada legal deixá-lo irritado. Jápeto lutava muito bem e sabia como usar uma lança. Seu nome significa literalmente *o Empalador*, tenho certeza de que ele não conseguiu esse nome furando orelhas em farmácias.

Quanto ao último irmão, Oceano, seu domínio eram os grandes volumes de água que se acumulavam no mundo. Foi assim que essas áreas passaram a ser chamadas de *oceanos*. Poderia ter sido pior: se Jápeto tivesse ficado com as águas, hoje estaríamos falando sobre o *jápeto Atlântico* e *cruzando o jápeto Pacífico*, o que definitivamente não soa tão bem.

Agora, antes de falarmos sobre as seis titânides, é melhor eu tratar logo de uma questão bem desagradável.

Tenho certeza de que ele não conseguiu esse nome furando orelhas em farmácias.

É que chegou um momento em que os titãs homens começaram a pensar: *Ei, papai tinha Gaia como esposa. E quanto às nossas esposas?* Foi quando eles olharam para as titãs mulheres e pensaram: *Hum...*

Eu sei. Você está gritando: *ECAAA! Eles queriam se casar com as próprias irmãs?!*

Pois é. Eu também acho isso bem nojento, mas a questão é a seguinte: os titãs não viam os relacionamentos familiares do mesmo jeito que nós.

Primeiro, como eu já disse, as regras de conduta eram bem menos rígidas naquela época. Além disso, não havia muita escolha quando o assunto era escolher um pretendente para casar. Não dava para simplesmente criar um perfil no Paqueratitã.com e encontrar sua alma gêmea.

Mas o mais importante é que os imortais são *diferentes* dos humanos. Eles vivem mais ou menos para sempre. Têm poderes maneiros. Têm icor em vez de sangue e DNA, então não se preocupam com possíveis problemas genéticos na interação entre consanguíneos. Por conta disso, não veem essa coisa toda entre irmãos e irmãs da mesma forma. Um rapaz e uma garota poderiam ter nascido da mesma mãe, mas quando os dois crescessem e se tornassem adultos já não pensariam um no outro necessariamente como irmãos.

Essa é a minha teoria. Ou talvez os titãs fossem todos criaturas medonhas e pronto. Vocês pensem o que quiserem.

De qualquer modo, nem *todos* os irmãos titãs se casaram com as

irmãs. Aí vai um resumo.

* * *

A mais velha era Teia. Para ganhar a atenção da garota, era só exibir alguma coisa brilhosa na frente dela. Teia *adorava* objetos brilhantes e paisagens iluminadas. Toda manhã ela dançava de felicidade com a luz do dia que voltava. Escalava montanhas só para poder avistar quilômetros ao redor. Até entrava no mundo subterrâneo para buscar pedras preciosas, usando seus poderes mágicos para fazê-las resplandecer e cintilar. Teia foi quem deu o brilho ao ouro e fez os diamantes reluzirem.

Ela se tornou a titânide da visão clara. Como era toda luz e brilho, acabou se casando com Hiperión, o Senhor da Luz. Como vocês podem imaginar, eles se deram muito bem, só não sei como os dois conseguiam dormir com Hiperión brilhando a noite toda e Teia babando de prazer e exclamando “Mais brilho! Mais brilho!”.

Sua irmã Têmis? Completamente diferente. Era quieta e reservada e nunca tentava atrair atenção para si mesma, sempre usando um discreto xale branco sobre o cabelo. Ainda bem nova Têmis percebeu que tinha uma noção natural do certo e errado. Ela entendia o que era justo e o que não era. Sempre que ficava em dúvida, extraía sabedoria direto da terra, como alegava. Mas acho que por “terra” ela não queria dizer *Gaia*, porque Gaia não se importava muito com essas coisas de certo e errado.

Bem, Têmis tinha uma boa reputação entre os irmãos. Conseguia mediar até as piores brigas. Tornou-se a titânide da lei natural e da justiça. Não se casou com nenhum dos seis irmãos, o que só prova sua grande sabedoria.

Terceira irmã: Tétis, e juro que é o último nome com “T” entre as garotas, porque até *eu* estou ficando confuso. Tétis adorava rios, córregos e água fresca corrente de qualquer tipo. Era muito gentil, sempre oferecendo bebidas aos irmãos, embora os outros já

estivessem cansados de ouvir que um titã de altura média precisava de vinte e quatro copos grandes de água por dia para ficar bem hidratado. Tétis se via responsável por cuidar do mundo todo, já que todos os seres vivos precisam de água. Ela acabou se casando com Oceano, o que não era muito difícil de imaginar. “Ei, você gosta de água? Eu também gosto de água! Somos feitos um para o outro!”

Febe, a quarta irmã, morava bem no centro geográfico do mundo, o que, para os gregos, significava o Oráculo de Delfos, uma fonte sagrada onde às vezes dava para ouvir — se você soubesse escutar — sussurros do futuro. Os gregos chamavam esse lugar de *onfalos*, literalmente “o umbigo da Terra”, embora eles nunca tenham especificado se era um umbigo do tipo saltado ou achatadinho.

Febe foi um dos primeiros seres a descobrir como ouvir as vozes de Delfos, mas ela não era aquele tipo de vidente sombrio e misterioso. Seu nome significava *iluminada*, e ela sempre via as coisas pelo lado positivo. Suas profecias geralmente eram como biscoitos da sorte: apenas coisas boas. O que devia ser bom para quem só quisesse ouvir coisas boas, mas não tão bom para quem estivesse com um problema sério. Por exemplo, se você fosse morrer no dia seguinte, Febe talvez lhe dissesse: “Hã... bem... estou prevendo que você não vai precisar se preocupar com a prova de matemática da semana que vem!”

Febe acabou se casando com Coio, o cara do Norte, porque ele também tinha o dom da profecia. Infelizmente, porém, os dois só se viam de vez em quando, pois moravam muito longe um do outro. Informação bônus: muito depois, o neto de Febe, um rapaz chamado Apolo, assumiu o Oráculo. Como herdou os poderes dela, ele às vezes era chamado de Febo Apolo.

A titânide número cinco era Mnemosine. Aliás, pessoal, com a minha dislexia, tive que conferir umas vinte vezes se eu tinha escrito esse nome certo, e ainda devo ter errado. Tenho quase certeza de que se pronuncia NEMOZINHO. Enfim, Mnemosine nasceu com memória fotográfica muito antes de qualquer um saber o que era

uma fotografia. É sério, a garota se lembrava de *tudo*: dos aniversários das irmãs, de fazer o dever de casa, de levar o lixo para fora, de dar comida para os gatos. Em certos aspectos, isso era bom. Ela mantinha os registros da família e nunca, *nunquinha*, esquecia nada. Por outro lado, tê-la por perto era um saco, porque ela nunca *deixava* ninguém esquecer nada.

Sabe aquela coisa constrangedora que você fez aos oito anos? Pois é, ela lembrava. Aquele dinheiro que você pediu emprestado a ela três anos atrás? Ela lembrava.

O pior era que Mnemosine esperava que todo mundo tivesse uma memória boa como a dela. Para isso, ela inventou as letras e a escrita, para que nós, pobres idiotas desmemoriados, pudéssemos registrar tudo de forma permanente. Mnemosine se tornou a titânide da memória, principalmente da decoreba. Da próxima vez que você precisar decorar as capitais dos estados ou os nomes dos rios para um teste de geografia sem saber por que está fazendo isso, agradeça a Mnemosine. Esse tipo de obrigação foi *totalmente* ideia dela. Nenhum dos outros titãs quis se casar com ela. Por que será?

Por fim, havia a irmã número seis: Reia. Pobre Reia. Sendo a mais meiga e mais bonita das titânides, obviamente foi a que teve a vida mais difícil. Seu nome significa *fluxo* ou *tranquilidade*. E ambos combinam com sua personalidade. Ela sempre seguia o fluxo das coisas, assim como sempre deixava as pessoas calmas. Vagava pelos vales da Terra visitando os irmãos, conversando com as ninfas e os sátiros que surgiram do sangue de Urano. E amava os animais. Seu preferido era o leão. Nas imagens que vemos de Reia, geralmente ela é retratada com alguns leões — o que era *bem* útil para ela poder andar por aí em segurança, mesmo nos bairros mais perigosos.

Reia se tornou a titã da maternidade. Ela adorava bebês e sempre ajudava nos partos das irmãs. Acabou ganhando o título de *Grande Mãe* quando teve seus filhos. Infelizmente, ela precisava se casar para ter seus próprios bebês, e foi assim que começaram os

problemas...

* * *

Ah, mas estava indo tudo tão bem! O que poderia dar errado?

Foi isso o que a Mãe Terra pensou. Gaia estava tão satisfeita em ver os filhos no comando do mundo que decidiu se enfiar na terra por um tempo e ser apenas... bem, a terra. Ela já tinha passado por maus bocados, gerado dezoito filhos... Merecia um descanso.

Gaia estava convencida de que Cronos cuidaria de tudo e seria um bom rei para todo o sempre. (Aham.) Então resolveu deitar um pouco para tirar um breve cochilo, ou seja: em termos geológicos, alguns milênios.

Enquanto isso, os titãs começaram a ter filhos, os titãs da segunda geração. Oceano e Tétis (o sr. e a sra. Água) tiveram uma filha chamada Climene, que se tornou a deusa titã da fama. Ela devia curtir essa história de fama porque cresceu no fundo do mar, onde nunca acontecia nada. Climene *adorava* celebridades e revistas de fofoca e estava sempre antenada nas últimas notícias de Hollywood... Ou teria adorado, se Hollywood existisse na época. Assim como muitas pessoas obcecadas pela fama, ela seguiu para o oeste — já que Hollywood fica na Costa Oeste dos Estados Unidos. E acabou se apaixonando pelo titã do Oeste, Jápeto.

Eu sei, ele tecnicamente era tio dela. Nojento. Mas, como já expliquei, os titãs eram diferentes. Meu conselho é que vocês não pensem muito sobre isso.

Jápeto e Climene tiveram um filho chamado Atlas, que acabou se tornando um excelente lutador e também um cara meio babaca. Quando cresceu, Atlas se tornou o braço direito de Cronos e seu principal malfeitor.

Depois, Jápeto e Climene tiveram um filho chamado Prometeu, que era quase tão esperto quanto Cronos. De acordo com algumas lendas, Prometeu inventou um tipo de vida menor do qual vocês

devem ter ouvido falar: os humanos. Um dia ele estava à toa na beira do rio moldando formas com argila quando esculpiu umas figuras engraçadas, parecidas com os titãs, só que bem menores e mais fáceis de esmagar. Talvez um pouco do sangue de Urano tenha caído na argila, ou talvez Prometeu tenha soprado vida nas figuras de propósito; não sei. Só sei que as criaturas de argila ganharam vida e se tornaram os dois primeiros humanos.



E Prometeu ganhou uma medalha por isso? Que nada! Os titãs viam os humanos da mesma forma que nós enxergamos porquinhos-da-índia: alguns titãs achavam os humanos até bonitinhos, apesar de morrerem rápido demais e não servirem para nada; outros achavam que eram roedores repugnantes; e outros, ainda, simplesmente não prestavam atenção neles. Quanto aos humanos, eles basicamente se escondiam nas cavernas e só viviam correndo, para não serem pisados.

Os titãs continuaram tendo mais bebês titãs. Não vou mencionar todos eles, senão ficaremos aqui o mesmo tempo que demorou o cochilo de Gaia, mas Coio e Febe, o casal das profecias, tiveram uma menina chamada Leto, que decidiu que queria ser a protetora dos jovens. Foi a primeira babá do mundo. Todos os pais e mães titãs ficavam felizes ao vê-la.

Hiperión e Teia, o sr. e a sra. Reluzentes, tiveram os gêmeos Hélio e Selene, que eram responsáveis pelo Sol e pela Lua. Faz sentido, não? Nada é mais reluzente que o Sol e a Lua.

Hélio guiava a carruagem do Sol pelo céu todos os dias, mesmo sem poder contar com o recurso de acumular milhas. Ele se achava muito exuberante e tinha o irritante hábito de chamar o Sol de seu "ímã de gatinhas".

Selene já era mais discreta. Guiava a carruagem prateada da Lua pelo céu à noite e ficava na dela. Da *única* vez que se apaixonou, foi a história mais triste do mundo. Mas isso é assunto para depois.

Bem, havia um titã que não pretendia se casar nem ter filhos... Esse titã era Cronos, o rei do universo. Ele só ficava sentado em seu trono, no palácio do Monte Otris, e foi ficando muito, muito mal-humorado de ver todo mundo menos ele se divertindo.

Lembram-se da maldição que Urano lançou sobre ele, de que um dia seus filhos o destronariam? Cronos não conseguia tirar isso da

cabeça.

No começo, ele disse para si mesmo: *Ah, tranquilo! É só eu não me casar nem ter filhos!*

Mas é um saco ficar sozinho quando todo mundo está arrumando alguém e formando família. Cronos tinha ganhado o trono de forma justa, mas a maldição tirou toda a graça de ter feito picadinho do pai. Agora ele vivia com medo de ser destronado enquanto os outros aproveitavam a vida. Não era legal.

Seus parentes quase não o visitavam mais. Depois que Gaia voltara para dentro da terra, eles tinha parado de ir ao palácio para o almoço de domingo. Os irmãos diziam que estavam ocupados, mas Cronos desconfiava de que todos estavam era com medo dele. Tudo bem, ele de fato tinha o temperamento e a crueldade do pai; sua foice era intimidante; além do mais, ele tinha a tendência levemente perturbadora de gritar "Vou matar todos vocês!" sempre que alguém o deixava furioso. Mas que culpa ele tinha, poxa?

Até que um dia ele surtou de vez. Acordou com o barulho de um ciclope martelando um pedaço de bronze ao lado da janela de seu quarto. Eram sete da manhã, de um *fim de semana!*

Cronos tinha prometido à mãe que libertaria os ciclopes e os centímanos do Tártaro, mas já estava ficando cansado daqueles parentes feios. E os malditos iam ficando cada vez mais repugnantes à medida que cresciam. Cheiravam a banheiro químico. A higiene pessoal deles era, tipo, *zero*, e eles só viviam fazendo barulho, construindo coisas, martelando metal, cortando pedra. Tinham sido úteis na construção do palácio, mas agora eram apenas irritantes.

Cronos chamou Atlas, Hiperión e alguns de seus outros capangas, que, juntos, cercaram os ciclopes e os centímanos e disseram que iam levá-los para um singelo passeio pelo campo a fim de contemplarem as flores. E, dizendo isso, pularam nos pobrezinhos, meteram-nos em correntes de novo e os jogaram de volta no Tártaro.

Se Gaia acordasse, não ficaria nada feliz... mas e daí? Cronos era

o rei. Mamãe teria que aceitar.

As coisas ficaram bem mais tranquilas no palácio depois disso, mas Cronos ainda sofria de um sério problema de mau humor. Não era justo ele não poder ter uma namorada.

Na verdade, ele já tinha uma garota em mente.

Secretamente, ele tinha uma queda por Reia.

Ela era *linda*. Todas as vezes que a família titã se reunia, Cronos lançava olhares para ela. Se reparava em algum outro cara flertando com Reia, ele o chamava para uma conversa particular com a foice na mão e lhe avisava para nunca mais fazer aquilo.

Ele adorava ouvir a risada de Reia. O sorriso dela era mais luminoso que o ímã de gatinhas de Hélio... hã, quer dizer, do que o Sol. Ele adorava o cabelo escuro e cacheado caindo pelos ombros dela. Os olhos dela eram verdes como campinas, e a boca... bem, Cronos sonhava em beijar aquela boca.

Além do mais, Reia era uma graça de garota, todos a amavam. Cronos pensou: *Se ao menos eu tivesse uma esposa assim, minha família não teria tanto medo de mim. Todos viriam ao palácio com mais frequência. Reia me ensinaria a ser um titã melhor. A vida seria incrível!*

Mas aí uma outra parte dele pensava: *Não! Não posso me casar, por causa daquela maldição idiota!*

Cronos resmungou em frustração. Ele era o maldito rei do universo! Podia fazer o que quisesse! Talvez Urano só estivesse querendo deixá-lo perturbado e não houvesse maldição *alguma*. Ou talvez Cronos desse sorte e não tivesse filhos.

Conselho de amigo: se você *não* quer ter filhos, não se case com a titã da maternidade.

Cronos tentou se controlar, mas acabou não conseguindo suportar mais. Ele convidou Reia para um jantar romântico e se declarou. Aproveitou e já pediu a irmã em casamento.

Se você *não* quer ter filhos, não se case com a titã da maternidade.

Olha, eu não sei se Reia o amava ou não. Se não amava, imagino que tenha ficado com medo de dizer. Afinal, ele era Cronos, o Trapaceiro, o cara que tinha matado o pai deles. O rei do universo, ora essa!

Sem contar o pequeno detalhe de que, durante todo o jantar, sua foice ficou pendurada em um gancho na parede logo atrás dele, a lâmina brilhando à luz das velas como se ainda estivesse coberta com o dourado do icor.

Reia aceitou a proposta de casamento.

Talvez ela tenha pensado que poderia torná-lo um cara melhor. Talvez o próprio Cronos acreditasse nisso. Eles tiveram uma bela lua de mel. Algumas semanas depois, quando Cronos soube (que surpresa!) que Reia estava esperando o primeiro filho deles, tentou se convencer de que estava tudo bem. Ele estava feliz! Jamais seria um péssimo pai como Urano. Não importava se o bebê seria um titã menino ou menina. Cronos o amaria e esqueceria aquela maldição antiga.

E então o bebê nasceu. Uma bela garotinha.

Reia secretamente temia que seu filho acabasse nascendo um ciclope ou um centímano. Talvez Cronos também estivesse preocupado com isso. Mas não; a criança era perfeita.

Na verdade, era perfeita até *demais*.

Reia deu a ela o nome de Héstitia. Ela envolveu o bebê em mantos macios e a mostrou ao papai orgulhoso. No começo, Cronos sorriu. A criança não era um monstro! Legal! Mas, quando mexeu no seu queixinho, olhou nos seus olhos e fez os costumeiros barulhinhos bobos, Cronos percebeu que Héstitia não era exatamente uma titânide.

Ela era menor que um bebê titã, porém mais pesada e com proporções perfeitas. Os olhos eram inteligentes demais para uma recém-nascida. Ela irradiava poder. Com a compreensão que tinha do tempo, Cronos conseguiu facilmente visualizar como a garota ficaria quando crescesse. Ela seria menor do que um titã, mas capaz de grandes feitos. Superaria qualquer titã em qualquer coisa que escolhesse realizar.

Héstia era uma versão melhorada deles: uma "titã 2.0", o grande lançamento do verão.

Na verdade, ela não era uma titã. Era uma *deusa*, a primeira de um ramo completamente novo da evolução imortal.

Ao olhar para ela, Cronos se sentiu como um celular velho olhando para o mais moderno smartphone do mercado. Ele soube que seus dias estavam contados.

Seu sorriso orgulhoso de papai sumiu. Aquela criança *não* podia crescer, senão a profecia de Urano se tornaria realidade. Ele tinha que agir rápido. Cronos sabia que Reia jamais concordaria que a filha fosse morta, e ela tinha trazido aqueles leões idiotas, como sempre. Ele não podia começar uma briga ali em pleno salão do trono. Além do mais, não dava para pegar a foice enquanto segurava o bebê. Ele precisava se livrar de Héstia — imediatamente, e de uma vez por todas.

Ele abriu muito a boca, muito, muito mesmo, mais do que achava que conseguia. Seu maxilar inferior se escancarou como o daquelas cobras enormes que conseguem comer uma vaca. Então Cronos enfiou Héstia na boca e a engoliu inteira.

Glup!, de repente, e ela se foi.

Como vocês podem imaginar, Reia surtou completamente.

— Minha filha! — gritou ela. — Você... você acabou de...

— Opa. — Cronos arrotou. — Foi mal. Desculpe.

Os olhos de Reia se esbugalharam. Ela gritou mais. Teria se jogado em cima de Cronos e começado a socá-lo, ou ordenado que seus leões o atacassem, mas ficou com medo de machucar o bebê,

que agora estava dentro dele.

— Cuspa minha filha! — exigiu Reia.

— Não posso — disse Cronos. — Tenho um estômago superforte. Quando alguma coisa desce, não sobe de volta.

— Como você pôde engolir nossa bebê? — gritou ela. — Nossa filha!

— É, quanto a isso... — Cronos tentou fazer um ar de arrependido. — Escute, meu bem, aquela criança não ia dar certo.

— *Dar certo?*

— É que, sabe, por causa da maldição. — Cronos contou a ela sobre a profecia de Urano. — Então, relaxe, benzinho! Aquele bebê nem era um titã de verdade. Era problema na certa, estou falando! O próximo filho vai ser melhor, tenho certeza.

Aquilo parecia perfeitamente razoável para Cronos, mas, não sei por quê, Reia não ficou satisfeita. Ela foi embora batendo o pé, furiosa.

Seria de se esperar que Reia jamais o perdoasse. Pense bem, seu marido come seu primeiro filho como se fosse um aperitivo... Mães normais não esqueceriam isso.

Mas a situação de Reia era complicada.

Em primeiro lugar, Cronos tinha engolido a bebê Héstia *inteira*. E Héstia tecnicamente era imortal como os pais. Não podia morrer, mesmo dentro do estômago do pai. Era nojento lá dentro? Sim. Um pouco claustrofóbico? Com certeza. Mas fatal? Não.

Ela ainda está viva, pensou Reia como consolo. Posso encontrar um jeito de pegá-la de volta.

Isso a acalmou um pouco, apesar de ela não ter um plano. Reia não podia usar a força para conseguir o que queria. Ela era uma titânide gentil. Mesmo se tentasse lutar contra o marido, a maior parte dos titãs mais fortes, como Hiperión e aquele capanga que era Atlas, apoiaria Cronos.

Ela não podia optar por atacá-lo sorrateiramente com uma faca ou com a foice, ou mesmo com seus leões; seria um risco muito

grande, porque poderia machucar o bebê.

Talvez você esteja pensando: *Espera aí. Se o bebê é imortal, por que Reia está com medo de machucá-la?* Sabe, é que os imortais podem ficar gravemente feridos, aleijados ou mutilados. Um ferimento talvez não os matasse, mas eles nem sempre se *curavam*. Ficavam aleijados para sempre. Vocês vão ver alguns exemplos disso mais para a frente. Reia não queria abrir Cronos e correr o risco de fazer picadinho do bebê, porque viver cortado em pedaços não é vida, ainda mais para quem vive eternamente.

Ela não podia se divorciar de Cronos, porque ninguém tinha inventado o divórcio ainda. E, mesmo se já existisse essa possibilidade, Reia teria medo de propor. Compreensível, não? Como vocês devem ter reparado, Cronos era completamente maluco. Reia sabia disso desde que ele matara o pai deles e depois saíra pela festa de comemoração com a camisa toda manchada de icor, gritando: "Beleza de assassinato, pessoal! Toca aqui!"

Ela também não podia fugir, porque Cronos era senhor de todo o mundo. A não ser que quisesse pular no Tártaro (coisa que ela não queria), não havia para onde ir.

O melhor que podia fazer era continuar por perto e esperar que, com o tempo, encontrasse uma forma de recuperar Héstia.

Cronos tentou ser legal com ela. Comprou presentes e a levou para jantar, como se alguma dessas coisas pudesse fazê-la esquecer o bebê dentro da barriga dele.

Quando achou que já tinha se passado tempo suficiente — uns três ou quatro dias —, Cronos insistiu para que tentassem ter mais filhos.

Por quê? Talvez ele tivesse um desejo de morte secreto. Talvez tenha ficado obcecado pela profecia de Urano e quisesse ver se o filho seguinte seria um titã ou um daqueles *deuses* horríveis, poderosos e perfeitos demais.

Então Reia teve um segundo bebê, uma garotinha ainda mais linda do que a primeira. Ela a batizou de Deméter.

Reia ousou ter esperança. Deméter era *tão* adorável que talvez derretesse o coração de Cronos. Não era possível que ele se sentisse ameaçado por aquele pacotinho de felicidade.

Cronos tomou o bebê nos braços e viu imediatamente que Deméter também era deusa. Ela irradiava uma aura ainda mais poderosa que a de Héstitia. Aquela ali era problema com P maiúsculo.

Dessa vez, ele nem hesitou. Abriu a boca e a engoliu.

Deixa teatral para o ataque de gritos da mãe. Deixa teatral para as desculpas.

Reia ficou *seriamente* tentada a chamar os leões, mas agora o preço a pagar era ainda mais alto. Cronos tinha dois bebês dentro da pança.

Eu sei, você está pensando que a barriga do senhor titã estava ficando um tanto lotada. Mas os deuses são meio que flexíveis quanto ao tamanho: às vezes são enormes; outras vezes, não muito maiores que humanos.

Eu não estava lá na barriga de Cronos (felizmente), mas acho que os pequenos bebês imortais simplesmente continuaram pequenos. As meninas foram se desenvolvendo, mas sem crescer. Eram como molas cada vez mais comprimidas, esperando que um dia pudessem se esticar por completo. E rezando todos os dias para Cronos não comer nada com muita pimenta no jantar.

Pobre Reia. Cronos insistiu para que eles tentassem de novo.

— O próximo filho será melhor — prometeu ele. — Chega de engolir bebês!

O terceiro filho? Menina também. Reia a batizou de Hera, que saiu menos titânica ainda e a mais deusa de todas. Reia era mesmo a Grande Mãe. Na verdade, era um pouco boa *demais* nisso. Cada filho que ela tinha era melhor e mais poderoso do que o anterior.

Reia não queria levar a pequena Hera para Cronos, mas era tradição na época. Os pais tinham que pegar o bebê no colo. Era uma daquelas leis naturais em que Têmis sempre insistia. (Também havia uma lei natural contra pais comerem os próprios filhos, mas o

medo impedia que Têmis comentasse isso com Cronos.)

Assim, Reia se encheu de coragem e foi até lá.

— Meu senhor, gostaria de lhe apresentar sua filha Hera.

GLUP.

Dessa vez, Reia saiu do salão do trono sem dar um ataque. Estava entorpecida demais pela dor, infelicidade e perplexidade. Tinha se casado com um mentiroso patológico que também era um assassino canibal comedor de bebês.

Tinha como ser pior?

Ah, é! Ele era também rei do universo e tinha um monte de capangas poderosos, então ela não podia reagir nem fugir.

Sim. As coisas eram piores.

Mais duas vezes ela deu à luz bebês deuses perfeitos e adoráveis. O quarto filho foi um garoto, Hades. Reia esperava que Cronos fosse deixá-lo viver, afinal, todo pai quer um filho para poder jogar bola com ele, certo? Não. Foi goela abaixo, meu amigo!

O quinto filho foi outro garoto, Poseidon. A mesma coisa. *NHAC.*

Nessa altura, Reia fugiu do palácio. Ela chorou e berrou, não sabia *o que* fazer. Foi até os irmãos e sobrinhos, qualquer pessoa disposta a escutá-la. Implorou por ajuda. Os outros titãs ou tinham medo demais de Cronos (como Têmis) ou *trabalhavam* para Cronos (como Hiperión). Estes últimos mandaram que ela parasse de choramingar.

Por fim, Reia foi visitar a irmã Febe no Oráculo de Delfos, mas infelizmente nem o oráculo tinha conselhos para ela. Reia correu até a campina mais próxima, se jogou no chão e começou a chorar. Até que de repente ouviu um sussurro vindo da terra. Era a voz de Gaia, que ainda dormia, mas que mesmo nos sonhos não conseguira aguentar ouvir o choro da amada filha.

Quando seu próximo filho estiver para nascer, sussurrou a voz de Gaia, vá dar à luz em Creta! Você vai encontrar ajuda lá! Esse filho será diferente! Ele vai salvar os outros!

Reia fungou e tentou se recompor.

— Onde é Creta?

É uma ilha no sul, respondeu a voz de Gaia. *Pegue o Mar Jônico até Kalamata, mais ou menos, então vire à esquerda e... Quer saber? Você vai encontrar o lugar.*

Quando chegou a hora, e a barriga de Reia começou a ficar muito grande, ela respirou fundo, tomou coragem e seguiu confiante até o salão do trono.

— Meu senhor Cronos — disse ela —, vou para Creta. Voltarei com o bebê.

— Creta? — disse Cronos, com desprezo. — Por que Creta?

— Hã, bem, sabe esses vislumbres do futuro que Coio e Febe às vezes têm?

— Sei.

— Eu não queria estragar a surpresa, mas eles profetizaram que, se eu tivesse esse filho em Creta, você ficaria mais feliz do que com todos os outros! E é claro, meu senhor, que tudo que eu quero é fazê-lo feliz!

Cronos franziu a testa, desconfiado, mas pensou: *Ei, eu já comi cinco filhos e Reia continua aqui. Se ela quisesse armar alguma coisa, já teria feito.*

Além do mais, a essa altura seus pensamentos já estavam ficando meio arrastados. Ele tinha cinco jovens deuses se mexendo na barriga, brigando por espaço, por isso sempre sentia como se tivesse comido um banquete e precisasse tirar um cochilo.

Imaginem cinco deuses dentro da barriga... Cruzes. É gente suficiente para uma partida de tênis de duplas, incluindo o juiz. Eles estavam lá fazia tanto tempo que deviam estar torcendo para Cronos engolir um baralho ou um Banco Imobiliário.

Bem, então Cronos olhou para Reia e disse:

— Você vai trazer o bebê para mim imediatamente?

— É claro.

— Tudo bem. Pode ir. Onde fica Creta?

— Não sei direito — disse Reia. — Mas eu encontro.

E ela encontrou. Chegando lá, foi recebida na mesma hora por ninfas solícitas que também tinham ouvido a voz de Gaia. Elas a levaram para uma caverna aconchegante, escondida na base do Monte Ida. O córrego das ninfas corria ali perto, então Reia teria muita água fresca disponível, e a floresta farta oferecia bastante comida.

Sim, eu sei; os imortais viviam basicamente de néctar e ambrosia, mas, se precisassem, eles também podiam comer outras coisas. Ser um titã não seria muito divertido se não desse para apreciar uma pizza de vez em quando.

Reia deu à luz um saudável bebê deus. O mais bonito e mais perfeito até o momento. Reia o batizou de Zeus, que significa *Céu* ou *Resplandecente* ou simplesmente *Vivo* — cada um diz uma coisa. Eu voto na última opção, porque acho que, àquela altura, Reia tinha esperanças bem modestas em relação ao filho: mantê-lo vivo e longe de estômagos hostis.

Zeus começou a chorar, talvez por sentir a tensão da mãe. O som ecoou por toda a caverna e se espalhou mundo afora, tão alto que todos souberam, inclusive a mãe titã, que um bebê tinha nascido.

— Ah, que ótimo — murmurou Reia. — Eu prometi levar a criança para Cronos imediatamente. Agora ele vai ficar sabendo que é hora de engolir mais um bebê.

O chão da caverna tremeu. Uma pedra grande surgiu da terra, uma pedra lisa e oval exatamente do mesmo tamanho e peso de um bebê deus.

Reia não era burra. Ela sabia que era um presente de Gaia. Normalmente, as pessoas não ficam empolgadas quando recebem uma pedra de presente, mas Reia entendeu o que deveria fazer. Ela envolveu a pedra em mantos e deixou o verdadeiro bebê Zeus aos cuidados das ninfas. Ela só esperava conseguir sustentar a farsa quando voltasse para o palácio.

— Virei visitá-lo sempre que puder — prometeu Reia às ninfas. — Mas como vocês vão cuidar do bebê?

— Não se preocupe — disse Neda, uma das ninfas. — Podemos alimentá-lo com o mel das abelhas daqui. Quanto ao leite, temos uma cabra imortal que é *ótima*.

— Uma o quê? — perguntou Reia.

A ninfa foi buscar a cabra Amalteia, que produzia um leite de cabra mágico excelente, de muitos sabores diferentes, inclusive nas versões semidesnatado, achocolatado e sem lactose.

— Bela cabra — admitiu Reia. — Mas e se o bebê chorar? Cronos tem uma audição incrível, mesmo no alto do Monte Otris. Você já deve ter notado que essa criança tem pulmões excelentes. Cronos vai desconfiar de alguma coisa.

Neda ponderou sobre isso. Ela levou Reia até a entrada da caverna e chamou a Mãe Terra.

— Oh, Gaia! Sei que você está dormindo, me desculpe por perturbá-la, mas seria bom se tivéssemos ajuda para cuidar desta criança! De preferência, uma ajuda muito barulhenta!

O chão tremeu de novo. Três novos ajudantes surgiram, nascidos da terra e do sangue derramado de Urano (como eu falei, o tal do icor se espalhou *para todo lado*). Os novos sujeitos eram humanoides grandes e peludos, vestidos com peles, penas e couro, como se estivessem a caminho de um festival primitivo no meio da floresta tropical. Estavam armados com lanças e escudos, por isso pareciam mais caçadores do que babás.

— SOMOS OS CURETES! — gritou um, a plenos pulmões. — VIEMOS AJUDAR!

— Obrigada — disse Reia. — Mas você precisa falar tão alto?

— JÁ ESTOU SUSSURRANDO! — gritou o guerreiro.

O bebê Zeus voltou a chorar. Os três guerreiros começaram imediatamente a fazer passos de dança tribal bem legais, batendo com as lanças nos escudos, gritando e cantarolando. Assim eles conseguiram disfarçar o choro muito bem.

Não sei por quê, mas o bebê Zeus parecia gostar do barulho. Ele adormeceu nos braços da ninfa Neda. Os curetes pararam.

— Tudo bem, então — disse Reia, com os ouvidos zunindo. — Parece que vocês têm tudo sob controle aqui. — Ela pegou o bebê de mentira. — Torçam por mim.

De volta ao Monte Otris, Reia entrou determinada no salão do trono, a pedra aninhada nos braços. Estava apavorada com a possibilidade de o plano não dar certo, mas, depois de tantos anos casada com Cronos, estava aprendendo a ser uma boa atriz. Ela foi direto até o rei canibal e gritou:

— Este é o melhor bebê de todos! Um garotinho lindo chamado... hã... Pedrito! Imagino que você vá comê-lo!

Cronos fez uma careta. Na verdade, não estava animado para engolir mais um bebê deus. Já estava de barriga cheia! Mas um rei deve cumprir seu dever.

— Pois é... me desculpe, querida — disse ele. — Eu tenho que fazer isso. Tem a profecia e tudo o mais.

— Eu odeio você! — gritou ela. — Urano foi um péssimo pai, mas pelo menos ele não engoliu nenhum de nós!

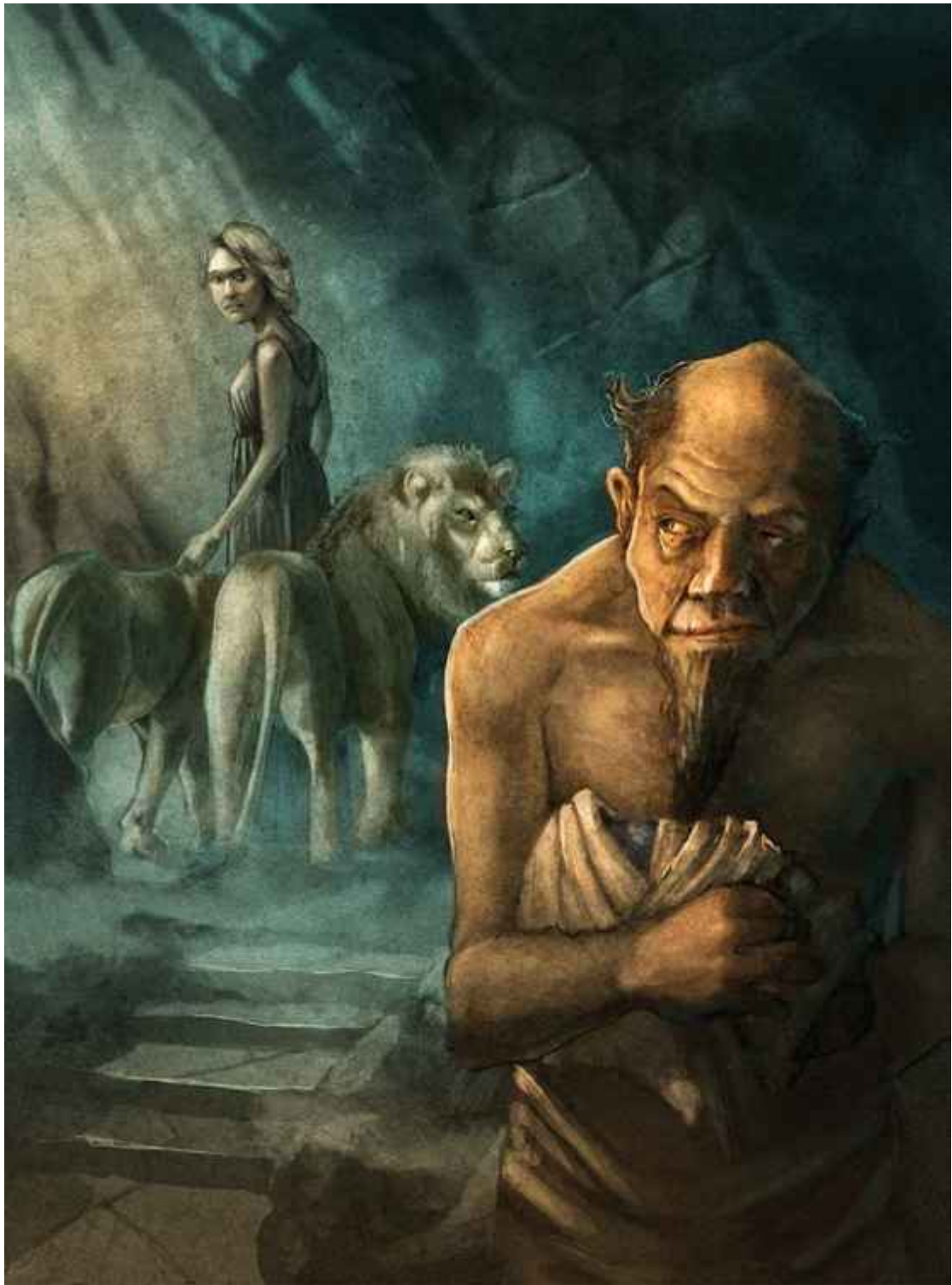
Cronos rosnou:

— Me dê logo essa criança.

— Não!

Cronos rugiu e escancarou a boca, exibindo a enorme flexibilidade dos maxilares.

— JÁ!



Ele pegou a pedra embrulhada e a enfiou goela abaixo sem nem olhar, exatamente como Reia esperava.

Na barriga de Cronos, os cinco jovens deuses não digeridos ouviram a pedra descer rolando pelo esôfago.

— Hóspede novo! — gritou Poseidon.

Os cinco se ajeitaram para abrir espaço (o máximo que conseguiram naquele aperto), e Pedrito caiu no meio deles.

— Isso não é um bebê — reparou Hades. — Acho que é uma pedra.

Muito perspicaz, ele.

Enquanto isso, no salão do trono, Reia deu um show de birra merecedor do Oscar. Ela gritou, bateu os pés e chamou Cronos de todos os tipos de nomes nada elogiosos.

— PEE-DRIII-TOOOO! — choramingou ela. —
NÃÃÃÃÃÃO!

Cronos começou a ter uma dor de estômago horrível.

— Esse bebê era *pesado* — reclamou ele. — O que você andou dando para ele comer?

— Que importância tem isso para você? Não vou ter mais filho nenhum!

Isso não era problema para Cronos. Ele estava cheio.

Reia saiu correndo e gritando do salão do trono, e ele não tentou impedi-la.

Com o tempo, as coisas se acalmaram no palácio. Cronos agora estava convencido de que tinha despistado a maldição de Urano. Não tinha como seus filhos o destronarem, pois ele sabia exatamente onde todos estavam. Ele era o rei do cosmos e jamais seria deposto!

Enquanto isso, Reia visitava o Monte Ida sempre que podia. À

medida que o bebê crescia, ela o fazia ouvir muitas histórias de ninar sobre seu pai horrível e seus cinco irmãos não digeridos que estavam esperando para serem resgatados da barriga de Cronos.

Portanto, vocês *sabem* que, quando Zeus atingir a maioridade, vai haver um embate de proporções épicas entre pai e filho. Se vocês querem um final do tipo “felizes para sempre” para Cronos e seus titãs, sugiro que parem de ler agora. Porque, no próximo capítulo, Zeus vai pirar.

OS OLIMPIANOS ESMAGAM ALGUMAS CABEÇAS



ZEUS TEVE UMA boa infância no Monte Ida. Passava os dias brincando pelo campo com ninfas e sátiros, aprendendo a lutar com seus amigos barulhentos, os curetes, e se empanturrando de mel com leite de cabra mágico (nham!). Isso tudo, é claro, sem nunca ter que ir à escola, porque a escola ainda não tinha sido inventada.

Quando ele se tornou um jovem deus adulto, já era um sujeito de ótima aparência, bronzeado e musculoso, de tanto tempo que passava na floresta e na praia. Tinha cabelo preto curto, barba aparada e olhos azuis como o céu, embora ficasse enevoado *muito* rápido quando ele se zangava.

Um dia, Reia foi visitá-lo em sua carruagem puxada por leões.

— Zeus — disse ela —, você precisa começar a trabalhar para ganhar uma grana.

Zeus coçou a barba. Ele gostava da palavra *grana*. Não tinha tanta certeza quanto a *trabalhar*.

— O que você tem em mente?

Os olhos de Reia brilharam. Ela vinha planejando sua vingança contra Cronos já fazia um tempo. Ali, ao olhar para o filho, tão

confiante, forte e bonito, ela soube que a hora tinha chegado.

— Tem uma vaga no palácio para copeiro — disse ela.

— Mas eu não tenho experiência nenhuma com copos — lamentou Zeus.

— É fácil — prometeu Reia. — Sempre que o rei Cronos pedir uma bebida, você leva para ele. O salário não é dos melhores, mas o emprego tem benefícios, como destronar seu pai e se tornar o senhor do cosmos.

— Por mim, tudo bem — disse Zeus. — Mas será que Cronos não vai reconhecer que eu sou um deus?

— Já pensei sobre isso. Seus irmãos sobreviveram na barriga de Cronos todos esses anos e, assim como você, hoje já são totalmente crescidos. Isso significa que eles devem ter o poder de mudar de tamanho e forma. *Você* deve ter esse poder também. Veja se consegue se tornar menos deus e mais... titânico.

Zeus refletiu sobre isso. Ele já tinha descoberto seu poder de mudar de forma. Uma vez, transformara-se em um urso e acabara assustando as ninfas que cuidavam dele. Em outra ocasião, ganhara uma corrida contra alguns sátiros transformando-se em lobo. Os sátiros disseram que ele roubou, mas isso era uma *total* calúnia. Afinal, era uma corrida. Lobos também correm. Ele não tinha se transformado em, por exemplo, águia (o que, aliás, ele também poderia fazer).

O único titã que Zeus já tinha visto de perto era sua mãe, mas ele sabia que os titãs em geral eram maiores do que ele. Não irradiavam poder como ele. Passavam uma energia um pouco diferente, mais violenta e ríspida. Ele se imaginou como titã. Quando abriu os olhos, pela primeira vez estava mais alto que sua mãe. A sensação era de ter dormido mal depois de um dia difícil estrangulando os inimigos.

— Muito bem! — exclamou Reia. — Agora, vamos para sua entrevista de emprego.

* * *

Quando Zeus viu o Monte Otris pela primeira vez, seu queixo caiu. O palácio era *enorme*. As reluzentes torres negras erguiam-se até as nuvens como dedos ambiciosos tentando agarrar as estrelas.

A fortaleza fora projetada de forma a inspirar medo. Zeus entendeu isso imediatamente. Mas também a achou solitária e lúgubre. Não parecia um lugar legal de onde reinar. Zeus decidiu que, se um dia tivesse um cantinho só seu, seria bem mais legal do que Otris. Ele não pegaria tão pesado naquele visual de “senhor das trevas”. Seu palácio seria brilhante, de um branco ofuscante.

Uma coisa de cada vez, disse ele para si mesmo. *Primeiro eu tenho que ser copeiro.*

Reia acompanhou o filho até o salão real, onde o Velho Rei Canibal roncava no trono. Os anos não tinham sido gentis com Cronos, o que era irônico, considerando que ele era o senhor do tempo. Ele não tinha exatamente *envelhecido*, mas parecia cansado e apático. Fazer formas de vida mortais murcharem e morrerem não o divertia mais. Pisar em humanos não o fazia gargalhar como antes, apesar dos gritinhos fofos deles.

Ele tinha engordado de tanto comer e beber. E os cinco deuses em seu estômago não ajudavam em nada. Eles tinham ficado maiores e mais pesados com o passar dos anos. Tentavam fugir o tempo todo, subindo pela garganta de Cronos. As tentativas nunca eram bem-sucedidas, mas provocavam um refluxo terrível.

Reia se aproximou do trono.

— Meu senhor, trouxe alguém para você conhecer!

Cronos bufou e abriu os olhos.

— Eu não estava dormindo! — Ele olhou, ainda meio grogue, para o jovem e belo titã à frente dele. — Quem...?

O jovem imortal fez uma reverência.

— Sou Zeus, meu senhor. — Zeus tinha decidido usar o nome real porque... por que não? Cronos nunca o tinha ouvido mesmo. — Gostaria de ser seu copeiro.

Cronos observou o rosto do recém-chegado. Alguma coisa nele

parecia vagamente familiar: o brilho nos olhos, o jeito pilantra de sorrir. É claro, *todos* os titãs eram parentes. Talvez fosse isso. Cronos tinha tantos sobrinhos que não conseguia se lembrar de todos. Ainda assim, achou aquele ali inquietante...

Ele olhou ao redor, tentando lembrar quem exatamente tinha trazido o garoto, mas Reia já tinha desaparecido nas sombras. Com a barriga cheia demais e os pensamentos extremamente lentos, Cronos nem conseguia continuar desconfiado por muito tempo.

— Bem — disse ele ao rapaz —, você tem alguma experiência na função?

Zeus sorriu.

— Não, meu senhor. Mas aprendo rápido. Também sei cantar, dançar e contar piadas satíricas.

Zeus começou a cantar uma música que as ninfas lhe haviam ensinado. Em seguida, demonstrou alguns passos da dança dos curetes. Fazia um bom tempo que nada tão interessante acontecia ali no Monte Otris. Outros titãs começaram a se juntar no salão do trono para assistir. Logo estavam aplaudindo e rindo. Até Cronos estava com um sorriso no rosto.

— Contratado — disse Cronos. — Aliás, estou com sede.

— Saindo uma bebida no capricho!

E lá se foi Zeus em busca da cozinha. Ele pegou um cálice de ouro e o encheu de néctar geladinho.

Em pouco tempo Zeus se tornou o criado mais popular do palácio. Ele servia como ninguém. Cantava com uma voz límpida como os córregos do Monte Ida. Suas piadas satíricas eram tão ousadas que não posso contá-las aqui no horário nobre.

Ele sempre sabia exatamente o que Cronos queria beber: néctar quente com especiarias, néctar frio com um toque de limão, coquetel de néctar com suco de cranberry. Ele também apresentou aos titãs as competições de bebida, que eram bem populares entre os sátiros do Monte Ida. Todo mundo na mesa começava a beber na mesma hora e quem bebesse mais rápido ganhava. Ganhava o quê?

Bem, nada, mas era uma ótima maneira de se exibir, porque nada parece mais másculo (ou titânico) do que ter néctar escorrendo pelo queixo e por toda a camisa.

Esse tipo de competição reacendeu o espírito competitivo de Cronos. Claro, ele era o rei do universo, mas ainda era o caçula de doze. Não podia admitir que seus irmãos ou sobrinhos fossem melhores do que ele em nada. Apesar do estômago permanentemente cheio, ele chegou ao ponto de conseguir engolir um cálice inteiro de néctar em três segundos, e cálices titânicos são do tamanho de jarras de água.

Ele confiava em Zeus para encher seu copo com a substância que descesse melhor.

E era exatamente esse o plano de Zeus.

Uma noite, quando Cronos jantava com seus subordinados preferidos, Zeus preparou alguns fermentados especiais para a competição de bebidas. As ninfas Ihe haviam ensinado muita coisa sobre ervas e tudo o mais. Ele sabia quais plantas provocavam sono, quais causavam tontura e quais faziam uma pessoa se sentir tão *mal* que o estômago dela teria vontade de pular para fora do corpo.

Para os convidados do rei, Zeus preparou um sossega-leão caprichado. Para Cronos, fez uma mistura especial de néctar e mostarda. Algumas versões da história dizem que Zeus usou vinho, mas isso não é possível, porque o vinho ainda não tinha sido inventado. Vamos falar sobre isso mais à frente.

Em resumo, a mistura que Zeus preparou para o pai era absurdamente repugnante. Ele deixou o cálice a postos e esperou o momento certo.

O jantar começou como sempre, com muita bebida e comida, os convidados comentando as novidades titânicas. Zeus garantia que o néctar circulasse. Distraía a todos com suas piadas e sua cantoria. Quase ao fim da noite, quando todos estavam alegres, relaxados e sonolentos, Zeus começou a exaltar a resistência que o rei tinha para a bebida.

— Cronos é O CARA bom de copo! — proclamou ele. — Vocês têm que ver. O cara é *demais*. O recorde dele é quanto? Três segundos?

— *Urg* — fez Cronos.

Cronos já estava cheio e tinha passado a noite inteira torcendo para escapar de uma competição de bebidas.

— Se ele quisesse — disse Zeus —, beberia mais rápido do que todos vocês! Aposto que hoje ele quebra o recorde mundial. Vocês não querem ver isso?

Atlas, Hiperión, Coio e os outros gritaram alegremente, doidos por uma competição.

Cronos não estava *mesmo* no clima, mas não podia recusar. Sua honra de grande bebedor estava em jogo. Ele fez sinal para Zeus trazer mais uma rodada.

Zeus correu até a cozinha e trouxe as misturas especiais. Ofereceu aos convidados o néctar do sono e serviu Cronos por último. Para não lhe dar tempo de cheirar a mistura, ele já foi gritando:

— Um, dois, três e já!

Os titãs engoliram as deliciosas bebidas. Cronos reparou imediatamente que seu néctar estava com um gosto estranho, mas era uma competição; ele não podia parar de beber. O objetivo era esvaziar o cálice! Talvez suas papilas gustativas não estivessem funcionando direito. Afinal, Zeus nunca tinha feito nada errado.

Cronos tomou todo o néctar em dois segundos e meio. Ele bateu com o cálice de cabeça para baixo na mesa e gritou:

— Ganhei! Eu...

O som que saiu de sua boca em seguida foi como uma morsa sendo socorrida com a manobra de Heimlich.

Não existe forma agradável de dizer. Cronos vomitou. Ele vomitou um vômito digno do rei do universo. Foi um vômito *majestoso*.

O som que saiu de sua boca em seguida foi como uma morsa sendo socorrida com a manobra de Heimlich.

Seu estômago tentou pular pela garganta. Sua boca se abriu involuntariamente — “é para vomitar você melhor” — e cuspiu cinco deuses, uma pedra muito gosmenta, bastante néctar, alguns biscoitos e uma placa de carruagem. (Não, eu não sei como tudo isso coube lá.)

Os cinco deuses vomitados cresceram imediatamente, recuperando o tamanho de adultos, bem ali, na mesa de jantar. Os convidados titãs ficaram olhando espantados, já com a mente lenta por causa do néctar batizado.

Quanto a Cronos, ele ainda estava botando os bofes para fora pelo salão do trono.

— Peguem... — mais vômito — ... eles!

Atlas foi o primeiro a reagir. Ele gritou “Guardas!” e tentou se levantar, mas estava tão tonto que caiu bem no colo de Hiperión.

Zeus queria correr para pegar a foice do pai. Queria fazer picadinho do velho canibal ali mesmo, mas os outros titãs estavam começando a se recuperar do choque. Eles podiam estar vagarosos e sonolentos, mas tinham suas armas, enquanto a única arma de Zeus era uma bandeja, e seu exército consistia em cinco deuses gosmentos e desarmados que tinham passado muito pouco tempo fora de um estômago e nenhum tempo em combate.

Um monte de guardas começou a irromper no salão do trono.

Zeus se virou para seus desnorteados irmãos e disse:

— Eu sou Zeus, irmão de vocês. Sigam-me, e lhes darei liberdade e vingança. Além de mel e leite de cabra.

Isso foi suficiente para os deuses. Enquanto Cronos vomitava e seus guerreiros pegavam desajeitadamente as armas, Zeus e seus irmãos viraram águias e saíram voando do palácio.

* * *

— E agora? — perguntou Hades.

Os seis deuses estavam reunidos no covil secreto de Zeus, no Monte Ida, que os irmãos se recusavam a chamar de Caverna de Zeus. Ele lhes contou o que estava acontecendo no mundo, mas todos sabiam que não podiam ficar no Monte Ida por muito tempo. As ninfas tinham ouvido boatos sussurrados pela terra: Cronos enviaria os titãs para revirar o mundo em busca dos fugitivos. Queria que seus filhos fossem levados de volta até ele — acorrentados ou em pedacinhos; tanto fazia.

— Agora vamos lutar — disse Zeus.

Poseidon resmungou. Não fazia mais do que um dia que ele saíra da barriga de Cronos, mas já estava começando a desgostar do irmão caçula, aquele recém-chegado metido a besta do *Zeus*, que achava que merecia ficar no comando só porque tinha salvado os outros.

— Sou totalmente a favor de lutar contra o papai — disse Poseidon —, mas para isso precisaríamos de armas. Você tem alguma?

Zeus coçou a orelha. Ele não tinha pensado nisso ao elaborar o plano.

— Bem, não...

— Talvez possamos fazer as pazes — sugeriu Héstia.

Os outros a olharam como se ela fosse maluca. Héstia era a mais velha e a mais bondosa dos deuses, mas os irmãos não a levavam a sério. Só nos resta imaginar como o mundo teria sido diferente se Héstia tivesse assumido o comando, mas infelizmente não foi o que aconteceu.

— Cara, não — disse Deméter. — Nunca vou perdoar nosso pai. Talvez a gente consiga roubar a foice. Podíamos fazer picadinho dele, como ele fez com Urano! Depois, eu poderia usar a foice para alguma coisa melhor, como cortar trigo! Vocês viram aqueles campos lindos no caminho até aqui?

Hera olhou com desprezo para a irmã.

— Por que você gosta tanto de plantações? Você passou aqueles anos todos na barriga do papai só falando de plantas, mesmo sem nunca ter visto nenhuma!

Deméter corou.

— Não sei. Eu sempre tenho sonhos com campos verdes. São tão bucólicos e belos e...

— Meus filhos! — disse uma voz vinda do bosque.

Mãe Reia surgiu na clareira e abraçou seus preciosos filhos, um por um, chorando lágrimas de alegria pela liberdade deles. Em seguida, recompôs-se e disse:

— Eu sei onde vocês podem conseguir armas.

Então ela lhes contou a história dos centímanos e dos ciclopes, que Cronos tinha exilado novamente no Tártaro.

— Os centímanos são excelentes em lavrar pedras. Foram eles que construíram o palácio do pai de vocês.

— Que é simplesmente incrível — admitiu Zeus.

— Eles são fortes e odeiam Cronos — prosseguiu Reia. — Seriam bons em batalha. Já os ciclopes são talentosos ferreiros. Se há alguém capaz de forjar armas mais poderosas do que a foice de seu pai, são eles.

Os olhos escuros de Hades brilharam. A ideia de descer à parte mais perigosa e hostil da criação o atraía.

— Então nós vamos ao Tártaro e resgatamos os ciclopes e os centímanos.

— Vai ser mamão com açúcar — disse Hera. E falava com propriedade, pois Cronos sempre comia isso no café da manhã. O cabelo dela vivia cheio de gosma de mamão. — Vamos lá.

Uma fuga do Tártaro pode não parecer fácil para vocês ou para mim, mas seis deuses podem conseguir muita coisa se tiverem vontade. Hades encontrou um sistema de cavernas que levava às profundezas do Mundo Inferior. O cara parecia ter jeito para transitar por túneis. Ele guiou os irmãos por um rio subterrâneo chamado Estige até a enorme queda d'água que levava o rio para o Tártaro. Os deuses então assumiram a forma de morcegos e voaram pelo abismo.

Lá embaixo, encontraram uma paisagem sombria de picos rochosos, áreas cinzentas, poços flamejantes e névoa venenosa, com todos os tipos de monstros horríveis e espíritos do mal vagando por lá. Aparentemente, Tártaro, o espírito do abismo, vinha gerando mais deuses primordiais lá embaixo na escuridão, e eles também estavam tendo filhos.

Os seis jovens deuses andaram até encontrar a zona de segurança máxima, cercada de um muro alto de metal e patrulhada por demônios. Na forma de morcego, conseguiram passar voando pelo muro com facilidade, mas, lá dentro, quase perderam a coragem ao ver o carcereiro.

Cronos em pessoa tinha contratado o monstro mais horrível do Tártaro para garantir que seus valiosos prisioneiros nunca escapassem.

O nome dela era Campe.

Não sei se Cronos a encontrou em uma rede social ou o quê, mas se as piores criaturas dos seus pesadelos tivessem pesadelos, provavelmente sonhariam com Campe. Da cintura para cima, era uma mulher humanoide com cobras em vez de cabelo. (Se isso lhe soa familiar, é porque o penteado futuramente viria a se tornar moda entre outros monstros.) Da cintura para baixo, era um dragão de quatro patas. Milhares de víboras saíam das pernas dela como uma saia havaiana. A cintura era envolta com cinquenta cabeças de feras horríveis (ursos, javalis, marsupiais, o que vocês imaginarem) sempre mordendo, rosnando e tentando comer a camisa de Campe.

Asas grandes, escuras e reptilianas saíam de suas escápulas. O rabo de escorpião se movia para a frente e para trás, pingando veneno. Basicamente, Campe não recebia muitos convites para sair.

Os deuses observaram por trás de um monte de pedregulhos enquanto a monstruosa carcereira andava pesadamente de um lado para outro, batendo nos ciclopes com um chicote de fogo e picando os centímanos com o rabo de escorpião sempre que eles saíam da fila.

Os pobres prisioneiros eram obrigados a trabalhar sem pausa, sem água, sem descanso, sem comida, sem nada. Os centímanos passavam o tempo todo no fundo do pátio cortando blocos de pedra do piso vulcânico. Os ciclopes trabalhavam mais perto. Cada um tinha uma forja na qual derretia metais e martelava folhas de bronze e ferro. Se os ciclopes tentassem se sentar ou mesmo fazer uma rápida pausa, apenas o suficiente para recuperar o fôlego, Campe deixava novas marcas de chicotada nas costas deles.

Pior ainda, os prisioneiros não tinham permissão para terminar nada que começavam. Assim que os centímanos tinham uma boa pilha de blocos de construção, Campe os obrigava a destruir os blocos forjados. Sempre que os ciclopes estavam quase terminando uma arma, um escudo ou mesmo uma ferramenta que pudesse ser perigosa, Campe os confiscava e os jogava em borbulhantes poços de magma.

Vocês devem estar pensando: *Ei, havia seis caras enormes e só uma Campe. Por que eles não a enfrentavam?*

Mas Campe tinha o chicote. O veneno no rabo dela podia incapacitar por horas até um dos ciclopes da primeira geração, deixando-o se contorcendo de dor. A mulher dragão era simplesmente *apavorante*, e os prisioneiros tinham correntes nos pés que não os deixavam sair correndo.

Além do mais, os centímanos e os ciclopes eram almas boas. Apesar da aparência, eles eram bons em construir, não em lutar. Era só dar um balde de Lego para os sujeitos e eles passariam vários

dias felizes.

Zeus esperou que Campe fosse até o final do pátio da prisão. Só então ele foi, escondido, até o ciclope mais próximo.

— *Pssst!* — chamou ele.

O ciclope baixou o martelo e se virou para Zeus, mas seu grande olho já tinha passado tanto tempo olhando para as chamas que ele não conseguia ver quem estava falando.

— Meu nome não é *Pssst* — disse o ciclope. — É Brontes.

Ih, rapaz, pensou Zeus. *Isso aqui vai demorar mais do que eu imaginei.*

— Ei, Brontes — tentou Zeus novamente, falando devagar e com alegria, como se estivesse tentando fazer um cachorrinho sair de sua casinha. — Eu sou Zeus. Vim salvar você.

Brontes fez uma expressão de desprezo.

— Já ouvi isso antes. Cronos nos enganou.

— É, eu sei — disse Zeus. — Cronos também é meu inimigo. Juntos, podemos nos vingar dele e prendê-lo aqui embaixo. Que tal?

— Parece uma boa ideia — disse Brontes. — Mas como faríamos isso?

— Primeiro, precisamos de armas — disse Zeus. — Você pode confeccionar algumas?

Brontes balançou a cabeça em negativa.

— Campe está sempre de olho. Ela não nos deixa terminar nada.

— Que tal cada um de vocês fazer uma parte diferente de cada arma? — sugeriu Zeus. — Aí vocês podem montá-las no último segundo e jogá-las para nós. Campe nunca vai saber.

— Você é esperto.

— Sou mesmo, né? Conte para os seus amigos.

Zeus voltou a se esconder atrás dos pedregulhos.

Brontes sussurrou o plano para seus irmãos, Arges e Esteropé. Depois, eles bateram com os martelos nas bigornas, usando um código secreto que tinham elaborado, para espalhar a mensagem pelo pátio para os outros centímanos: Briareu, Coto e Giges.

Sei que é um monte de nomes horríveis, mas, lembrem-se, Gaia não teve muito tempo para segurar no colo os trigêmeos monstruosos antes que Urano os jogasse no Tártaro. Pelo menos eles não foram batizados de Huguinho, Zezinho e Luizinho.

Os deuses esperaram na escuridão enquanto os ciclopes forjavam os pedaços das novas armas, fazendo cada uma parecer algo inofensivo e incompleto. Não sei se passaria pela segurança de um aeroporto, mas foi o suficiente para enganar Campe.

Logo que a mulher dragão virou de costas e marchou para o outro lado do pátio novamente, Brontes montou às pressas a primeira arma mágica e a jogou para Zeus. Parecia um foguete de bronze, com um metro e vinte de altura e extremidades em forma de cone. A mão de Zeus se encaixava perfeitamente no centro. Assim que ele a ergueu, seu corpo todo formigou de poder.

Poseidon franziu a testa.

— O que é isso? Não é uma foice.

Fagulhas saíam de cada ponta. A eletricidade corria de uma extremidade a outra. Zeus mirou um pedregulho próximo, e mil filetes de trovão o transformaram em pó.

— Que beleza — disse Zeus. — Isso vai servir muito bem.

Felizmente, Campe pareceu não reparar na explosão. Talvez muitas coisas explodissem no Tártaro.

Alguns minutos depois, Brontes jogou uma segunda arma para eles, uma lança com três pontas. Poseidon a pegou.

Ele se apaixonou imediatamente pelo tridente. Adorava coisas pontudas! Além do mais, ele conseguia sentir a força das tempestades vibrando na arma. Quando Poseidon se concentrou, um minifuracão girou ao redor das três pontas e foi ficando mais rápido e maior quanto mais ele se empenhava. Quando ele colocou o tridente no chão, o piso do poço começou a tremer e rachar.

— A melhor arma de todas — anunciou ele. — Maravilha.

Brontes jogou uma terceira arma para eles. Foi Hades quem pegou essa: um elmo de guerra de bronze reluzente decorado com

cenas de morte e destruição.

— Vocês ganham armas — resmungou Hades. — Eu ganho um chapéu.

Então ele o colocou na cabeça e desapareceu.

— Cara, você está invisível — disse Zeus.

— É. — Hades deixou escapar um suspiro de infelicidade. — Já estou acostumado.

— Não, estou falando que você está *mesmo* invisível.

— Hummm.

Hades se fez ficar visível de novo.

— É um chapéu bem assustador — disse Deméter.

— É — concordou Hades. — É mesmo.

Ele decidiu tentar outra coisa. Olhou com raiva para os irmãos, e ondas de terror irradiaram do elmo. Zeus e Poseidon ficaram lívidos. Começaram a suar. Zeus quase deixou cair seu novo disparador de raios.

— Pare com isso! — reclamou Zeus. — Você está me assustando! Hades sorriu.

— Tudo bem, talvez o chapéu não seja tão ruim.

Hera cruzou os braços e fungou com desdém.

— Garotos e seus brinquedos. E *nós*, não vamos ganhar armas? Vamos ter que ficar de fora, torcendo enquanto vocês três lutam?

Zeus deu uma piscadela para Hera.

— Não se preocupe, gata. Eu protejo você.

— Blergh — disse Hera.

É possível que os ciclopes pretendessem fazer armas para as mulheres, mas, naquele momento, Campe se virou e marchou de volta na direção deles. Talvez tivesse reparado na fumaça que saía do raio de Zeus ou nas nuvens que saíam do tridente de Poseidon. Talvez tivesse sentido no ar o gosto residual do medo despertado pelo elmo de Hades. Seja lá o que tenha chamado a atenção dela, o fato é que Campe detectou a presença dos deuses.

Ela ergueu o chicote e berrou:

— *RAURGGGGURRR!*

Campe partiu furiosa na direção do esconderijo deles, seu rabo chicoteando o ar e as milhares de víboras ao redor das suas pernas pingando veneno.

— Que ótimo — murmurou Hera.

— Pode deixar comigo — disse Zeus.

Ele se levantou e ergueu o raio de bronze. Concentrou toda a sua energia na arma.

CABUM!

Uma coluna de força abrasadora disparou na direção de Campe, a luz mais ofuscante que já tinha sido vista no Tártaro.

Campe só teve tempo de pensar *Ô-ôu* antes de o raio explodi-la em um milhão de pedaços ferventes de confete reptiliano.

— AGORA SIM! — gritou Zeus, com alegria.



Poseidon baixou o tridente.

— Cara, assim a gente não tem nem chance.

— Vocês podem ir libertar os ciclopes e os centímanos — sugeriu Zeus.

Poseidon resmungou, mas usou o tridente para soltar as correntes escuras que prendiam os cativos pelos pés.

— Obrigado — disse Brontes. — Vamos ajudá-los a lutar contra Cronos.

— Excelente! — disse Zeus.

Hera limpou a garganta.

— Sim, mas e quanto àquelas armas para as moças...

Fora dos muros de bronze, rugidos monstruosos reverberaram pelo poço. Todos os espíritos e feras no Tártaro deviam ter visto o brilho do raio e agora se aproximavam para investigar.

— Temos que ir — disse Deméter. — Tipo agora mesmo.

Essa foi a melhor ideia não relacionada a grãos que Deméter já tivera. Hades então guiou os irmãos de volta para o mundo superior, junto com seus seis novos grandes amigos (literalmente).

* * *

Cronos não era um cara fácil de derrotar.

Segundo a maioria dos relatos disponíveis, a Guerra dos Titãs durou dez anos, ou talvez Cronos tenha usado seus truques temporais para fazer *parecer* que demorou isso tudo, torcendo para que os deuses desistissem. Se foi isso, não deu certo.

Reia, a Grande Mãe, visitou todos os titãs que conseguiu, tentando persuadi-los a ficar do lado de Zeus. Muitos lhe deram ouvidos. Afinal, Cronos não era um líder dos mais populares. Quase todas as titânides ou ajudaram Zeus ou não foram contra ele.

Prometeu, o criador de humanos, teve a sensatez de se manter neutro. Oceano ficou na dele, nas profundezas do oceano. Hélio e Selene — o Sol e a Lua — concordaram em não tomar partido desde que não fossem demitidos.

Só sobraram Cronos e a maior parte dos outros titãs homens, com Atlas como seu general e exímio lutador.

Os deuses e os titãs se enfrentavam por toda parte, explodindo uma ilha aqui, evaporando um mar ali. Os titãs eram fortes e bem-armados. No começo, estavam vencendo. Por mais que os deuses contassem com as armas mágicas dos ciclopes, não estavam acostumados a lutar. É difícil não largar o tridente e sair correndo quando Atlas está vindo a toda em sua direção, gritando e brandindo a espada.

Mas os deuses *aprenderam* a lutar. Os ciclopes, com o tempo, tinham conseguido equipar todos os aliados de Zeus com armas de primeira linha. Os centímanos aprenderam a lançar blocos de pedra como se eles próprios fossem catapultas.

Vocês devem estar pensando: *Que dificuldade há em jogar pedras?*

Ok, então tentem *vocês* jogar pedras com as duas mãos ao mesmo tempo e atingir o alvo. Não é tão fácil quanto parece. Agora imaginem coordenar cem mãos, todas jogando pedras do tamanho de geladeiras. Se vocês não tomarem cuidado, jogam pedras para todos os lados e esmagam não só seus aliados como também a si mesmos.

Mesmo depois que os deuses aprenderam a lutar, a guerra *ainda* durou muito tempo, porque nenhum dos combatentes dos dois lados morria. Não dava para furar um sujeito, jogar um raio nele ou jogar uma casa em cima dele e pronto. Eles tinham o trabalho de capturar cada inimigo e deixá-lo tão ferido que jamais pudesse se curar. E ainda tinham que decidir o que fazer com o corpo inutilizado. Como Zeus bem sabia, nem o recurso de jogar alguém no Tártaro garantia que você estava se livrando da pessoa de vez.

Pequenas batalhas não decidiriam nada.

Finalmente, Zeus bolou seu grande plano.

— Temos que atacar o Monte Otris — disse ele aos irmãos na reunião semanal de planejamento de guerra. — Um ataque frontal, direto, ao quartel-general deles. Se fizermos isso, os titãs irão todos em socorro de Cronos. Aí poderemos acabar com todos eles de uma vez.

— Em outras palavras — disse Hades —, você quer que a gente cometa *suicídio*.

Poseidon se apoiou no tridente.

— Pela primeira vez, concordo com Hades. Se subirmos o Monte Otris, Atlas estará pronto para nós. Suas tropas vão estar no terreno mais alto. Eles vão nos esmagar. Se tentarmos chegar voando, vão atirar em nós em pleno ar. Eles têm muitos mísseis antideuses.

Os olhos de Zeus brilharam.

— Mas eu tenho outro plano. Vamos surpreendê-los atacando da montanha ao lado.

— Vamos o quê?

Quem perguntou foi Deméter, que parecia pouco à vontade na armadura projetada por ela mesma. Ela tinha pintado um ramo de cevada e uma margarida no escudo e, como arma principal, escolhido uma ameaçadora pá de jardinagem.

Zeus desenhou um mapa do território grego na terra. Perto do Monte Otris havia outra montanha, não tão alta, não tão conhecida. Chamava-se Monte Olimpo.

— Vamos escalar o Olimpo — disse Zeus. — A manobra vai pegá-los de surpresa, e, de lá, Otris estará ao alcance de nossas armas. Os centímanos vão jogar chuvaradas de pedras. Eu vou lançar raios. Poseidon vai gerar tempestades e terremotos.

— E eu vou ficar invisível — murmurou Hades.

Zeus bateu no ombro do irmão.

— Você também tem um trabalho importante. Vai enviar ondas de terror para os inimigos. Quando tivermos destruído as bases deles,

vamos todos voar até lá...

— Inclusive nós três? — perguntou Deméter, referindo-se às deusas. — Também podemos lutar, sabia?

— Claro! — Zeus deu um sorriso nervoso. — Achou que eu tinha esquecido vocês?

— Achei.

— Hã... então... — continuou Zeus. — Voamos até o Monte Otris, esmagamos todos os que tiverem sobrado e levamos todos como prisioneiros.

Héstia se envolveu em seu discreto xale marrom.

— Ainda acho que deveríamos propor a paz.

— NÃO! — gritaram os outros.

Hera deu uma batidinha no mapa de terra.

— É um plano maluco. Gostei.

Assim, naquela noite, sob a cobertura da escuridão, os deuses e seus aliados subiram o Monte Olimpo pela primeira vez.

* * *

Na manhã seguinte, quando Hélio guiava seu ímã de gatinhas para o céu, o rei Cronos acordou com um som que parecia um trovão. Provavelmente porque *era* um trovão.

Nuvens carregadas se aproximavam, vindas de todas as direções. Zeus lançou um raio que explodiu a torre mais alta e a transformou em escombros de mármore preto. Os centímanos jogaram tantas pedras no Monte Otris que, quando Cronos olhou pela janela, teve a impressão de estar vendo uma chuva de eletrodomésticos.

Os belos domos do palácio implodiram em nuvens de poeira. Paredes desmoronaram. Colunas caíram como dominós. Os centímanos tinham construído o Monte Otris, portanto sabiam exatamente como destruí-lo.

Com o palácio ainda tremendo, Cronos pegou a foice e chamou seus confrades para atacarem. Mas a questão era que: a) foices não

têm muita utilidade contra pedras e raios; b) ninguém conseguia ouvi-lo naquela barulheira; e c) o palácio estava se desintegrando ao redor dele. Ele mal tinha terminado de dizer “Vamos, titãs!” quando uma parte do teto de três toneladas despencou sobre sua cabeça.

A batalha foi um massacre, se é que é possível ter um massacre em que ninguém morre. Alguns titãs tentaram contra-atacar, mas foram soterrados por uma avalanche de destroços e pedras.

Depois do ataque inicial, os deuses voaram até lá e aniquilaram a resistência. Poseidon gerou terremotos para engolirem os inimigos. Hades aparecia em lugares aleatórios e gritava “Bu!”. Seu elmo do terror (ou seu Boné Bu, como os outros chamavam) fazia titãs saírem correndo penhasco abaixo ou para os braços abertos dos ciclopes de primeira geração.

Quando a poeira baixou e as nuvens de tempestade se dissiparam, até os deuses ficaram impressionados com o que haviam feito.

Não só o palácio de Cronos fora destruído como todo o topo do Monte Otris já não existia mais.

Cheguei a comentar que o Otris era a montanha mais alta da Grécia? Não mais. Hoje em dia, o Monte Olimpo, que *era* mais baixo que o Otris, tem quase dois mil e oitocentos metros de altura, enquanto o Otris tem só mil quinhentos e pouco. Zeus e os centímanos praticamente cortaram a montanha ao meio.

Os ciclopes tiraram os titãs de sob os escombros e começaram a acorrentá-los. Nenhum deles fugiu. O general Atlas e os quatro irmãos que controlavam os cantos da Terra foram arrastados até Zeus e obrigados a se ajoelhar.

— Ah, meus tios queridos! — exclamou Zeus, rindo. — Coio, Crio, Hiperión, Jápeto... Vocês quatro vão direto para o Tártaro, onde ficarão por toda a eternidade!

Os quatro irmãos baixaram a cabeça, envergonhados, mas o general Atlas riu de seus captores.

— Deuses insignificantes! — gritou ele. Mesmo preso com

correntes, ele era intimidante. — Vocês não sabem nada sobre como o universo funciona. Se jogarem esses quatro no Tártaro, todo o céu vai cair! Só a presença deles nos quatro cantos da Terra impede que a grande expansão de Urano desabe sobre nós.

— Talvez. — Zeus sorriu. — Mas, felizmente, eu tenho uma solução! Você vive se gabando de como é forte. De agora em diante, vai segurar o céu sozinho!

— O quê?

— Brontes, Arges, Esteropé — chamou Zeus —, ele é todo de vocês.

Os ciclopes de primeira geração arrastaram Atlas para uma montanha distante, que ficava muito próxima do céu. Não sei como fizeram isso, mas deram um jeito para que o céu formasse um novo pilar de sustentação central: uma única nuvem funil, como a ponta de um pião. Acorrentaram Atlas à montanha e colocaram todo o peso do céu nos ombros dele.



Agora vocês devem estar pensando: *Por que ele simplesmente não se recusou a segurar e não deixou o céu cair?*

Eu mencionei as correntes, não foi? Ele não podia fugir sem ser esmagado. Além do mais, é difícil entender se você nunca fez isso na vida (e eu fiz), mas segurar o céu é mais ou menos como estar fazendo supino e ficar preso debaixo de um haltere. Toda a sua atenção passa a se concentrar em dar um jeito de não ser esmagado. Você não consegue levantar porque é pesado demais. Não pode soltar porque aquilo vai esmagá-lo quando cair. Só o que você consegue fazer é ficar segurando, suando, sofrendo e choramingando por ajuda, na esperança de que chegue alguém, repare que você está sendo esmagado como uma panqueca e enfim tire o peso de cima de você. Mas e se ninguém aparecer? Imagine ficar preso nessa situação *pela eternidade*.

Essa foi a punição de Atlas. Todos os outros titãs que lutaram na guerra se deram bem melhor: foram jogados de cabeça no Tártaro.

E isso nos leva à pergunta de um milhão de dracmas: o que aconteceu com Cronos?

Há muitas histórias diferentes. A maioria concorda que o Trapaceiro foi retirado dos escombros e levado perante Zeus. A maioria diz que ele foi acorrentado tal como os outros titãs e jogado no Tártaro.

De acordo com algumas tradições posteriores (e eu gosto dessa versão), Zeus pegou a foice do pai e o picou da mesma forma que Cronos tinha picado Urano. Cronos foi jogado no Tártaro em pedacinhos minúsculos. Supostamente, foi daí que veio a ideia do Pai Tempo com sua foice, que é deposto a cada primeiro de janeiro pelo bebê ano novo, embora seja difícil imaginar Zeus de fralda e chupeta.

Algumas versões alegam que Zeus soltou Cronos do Tártaro

muitos anos depois, seja para viver a aposentadoria na Itália ou para governar as Ilhas dos Abençoados, no Elísio. Mas eu não acredito nisso. Simplesmente não faz sentido para quem acredita que Cronos foi feito em pedacinhos. E quem conhece Zeus sabe que ele não é exatamente do tipo que perdoa e deixa pra lá.

De qualquer modo, Cronos foi derrotado. Foi o fim da era dos titãs.

Os titãs que *não* tinham lutado contra os deuses tiveram permissão de permanecer por ali. Alguns, como Hélios e Selene, conseguiram manter seus empregos. Alguns até se casaram com deuses.

Zeus proclamou a si mesmo o novo rei do cosmos. Mas ele era mais inteligente do que Cronos. Ele se sentou com os irmãos e disse:

— Vejam, eu quero ser justo nessa história. Que tal decidirmos na sorte quem controla as diferentes partes do mundo? Vamos jogar dados, e quem tirar o número mais alto escolhe primeiro.

É difícil imaginar Zeus de fralda e chupeta.

Hades franziu a testa.

— Eu nunca dou sorte em nada. Mas de que partes estamos falando?

— O céu, o mar e o Mundo Inferior — explicou Zeus.

— Quer dizer o Tártaro? — perguntou Poseidon. — Eca!

— Estou falando do Mundo Inferior *de cima* — corrigiu-o Zeus. — Você sabe, a parte *melhor*, perto da superfície. Lá não é ruim; tem cavernas grandes, muitas pedras preciosas, propriedades às margens do Rio Estige.

— Hã... e quanto à terra em si? A Grécia e todas as outras

partes? — perguntou Hades.

— Isso vai ser território neutro — sugeriu Zeus. — Podemos todos operar na terra.

Os irmãos concordaram. Vocês repararam que as irmãs não foram convidadas para o jogo de dados? Pois é. Totalmente injusto. Mas foi assim que aconteceu.

Para surpresa de ninguém, Zeus tirou o maior número. Ele escolheu o céu como seu domínio, o que fazia sentido, por causa dos raios e tal. Poseidon tirou o segundo maior. Ele escolheu o mar, tornando-se assim o deus supremo das águas; era um posto superior ao de Oceano, que foi empurrado para ainda mais longe, para as margens do mundo, e ao de Pontos, que já passava o tempo todo dormindo na lama.

Hades tirou o menor número, como já esperava. Ele escolheu o Mundo Inferior como seu domínio, mas até que isso combinava com sua personalidade sombria, então ele nem reclamou (não muito).

Os centímanos construíram para Zeus, no alto do Monte Olimpo, o palácio reluzente com o qual ele sempre sonhara. Concluído o trabalho, Zeus os mandou de volta para o Tártaro, mas desta vez como carcereiros, para tomarem conta dos titãs. Os centímanos não se importaram. Pelo menos agora eram *eles* que seguravam os chicotes.

Os ciclopes de primeira geração foram trabalhar para os deuses. Construíram uma oficina no fundo do mar, perto da Ilha de Lemnos, onde havia muito calor vulcânico para as forjas. Lá eles faziam milhares de armas especiais e outros artigos colecionáveis divertidos e contavam com um bom plano de saúde, além de uma semana de férias remuneradas por ano.

Quanto aos deuses, Zeus convidou todos para morarem com ele no Monte Olimpo. Cada um tinha um trono no salão principal; por isso, apesar de Zeus ser o chefe, parecia mais um conselho do que uma ditadura. Eles se intitularam olímpianos.

Bem... eles podiam até ser bem-vindos no Olimpo, mas o mesmo

não podia ser dito a respeito de Hades. Mesmo antes, o cara sempre tinha apavorado os irmãos. E, agora que se tornara o senhor do Mundo Inferior, ele parecia levar a tragédia e a escuridão para aonde quer que fosse.

— Você entende, não? — disse Zeus a ele, em particular. — Não podemos ter um trono do Mundo Inferior aqui no Monte Olimpo. Os outros deuses não se sentiriam à vontade, e os crânios e a pedra negra não combinariam com a decoração.

— Ah, claro — resmungou Hades. — Entendo perfeitamente.

Enfim, foi assim que as coisas começaram para os deuses no Monte Olimpo. Com o tempo, passaria a haver doze tronos na câmara do conselho e alguns outros deuses que *não* tinham tronos.

Os olímpianos concluíram que agora, enfim, podiam se instalar e governar o mundo em paz.

Só havia um problema. Lembra que a Mãe Terra Gaia tinha passado aquele tempo todo cochilando? Bem, em algum momento ela acordaria. E, quando ela chegasse em casa e descobrisse que seus filhos preferidos, os titãs, tinham sido jogados no Tártaro, Zeusinho teria algumas explicações a dar.

Mas isso é história para uma outra ocasião.

Agora é hora de conhecermos os deuses na sua intimidade. Só para avisar, algumas das histórias que vêm a seguir podem fazer vocês se sentirem como Cronos depois de um grande cálice de néctar com mostarda.

ZEUS



POR QUE ZEUS é sempre o primeiro?

Sério, todo livro de mitologia grega tem que começar com esse cara. É por ordem alfabética invertida, por acaso? Tudo bem que ele é o rei do Olimpo e tal. Mas, acreditem, o ego do sujeito *não* precisa ficar maior.

Quer saber? Ele que espere.

Vamos falar sobre os deuses na ordem em que nasceram, as mulheres primeiro. Pode esperar sentado, Zeus. Vamos começar com Héstia.

HÉSTIA ESCOLHE O CANDIDATO A MARIDO NÚMERO ZERO



EM ALGUNS ASPECTOS, Héstia era muito parecida com a mãe, Reia.

Tinha um sorriso sincero, olhos castanhos amorosos e cabelos pretos cujos cachos emolduravam o rosto. Era gentil e boa. Nunca falava mal de ninguém. Em uma festa no Monte Olimpo, Héstia não seria a primeira garota a chamar sua atenção; não era extravagante, exagerada nem maluca. Era mais como uma deusa qualquer, meiga e bonita de uma forma nada pretensiosa. Normalmente ela prendia o cabelo debaixo de um xale de linho. Usava vestidos simples e sem estampa e nunca passava maquiagem.

Eu falei que ninguém a levava a sério, e é verdade: os outros deuses não eram de ouvir seus conselhos. Tendo sido a primeira a ser engolida pelo pai, Héstia foi a última a ser vomitada. Por causa disso, os irmãos pensavam nela como a mais nova, e não a mais velha; afinal, tinha sido a última a aparecer. Ela era mais calada e mais tranquila do que os irmãos, mas isso não quer dizer que eles

não a *amassem*. Assim como Reia, Héstia era aquele tipo de pessoa que é impossível não amar.

Mas havia um aspecto importante em que Héstia *não* era como Reia. A mãe dela era conhecida por ser... bem, mãe. A Grande Mãe. A Maior Mamãe. *La Madre Grande*.

Já Héstia não queria saber de ser mãe.

Ela não tinha problema nenhum com a família dos *outros*. Amava os irmãos e, quando eles começaram a ter filhos, amou os sobrinhos também. Seu maior desejo era que toda a família olimpiana se desse bem e passasse bons momentos reunida ao redor da lareira, conversando, jantando, jogando Twister ou qualquer outra atividade envolvente.

Héstia só não queria se casar.

Se vocês pensarem um pouco, vão entender o motivo. Héstia passara anos dentro da barriga de Cronos. Ela tinha uma memória muito boa, conseguia se lembrar até de Cronos engolindo-a, recém-nascida. Lembrava-se de ter ouvido a mãe chorando de desespero. Héstia tinha pesadelos em que o mesmo acontecia com ela. Ela não queria se casar e acabar descobrindo que o marido era um canibal engolidor de bebês.

E não era paranoia sua. Ela tinha *provas* de que Zeus podia ser tão mau quanto Cronos.

Vejam, depois de ter vencido Cronos, Zeus decidira que seria uma boa ideia se casar com uma titânide, meio que para mostrar que não guardava ressentimentos. Então ele se casou com uma das filhas de Oceano, uma jovem chamada Métis, que era a titânide do bom aconselhamento e do planejamento, tipo uma personal trainer emocional dos titãs.

Métis era inteligente na hora de aconselhar os outros, mas aparentemente não era tão brilhante quando se tratava da própria vida. Quando estava grávida do primeiro filho, ela disse para Zeus:

— Meu marido, tenho boas notícias! Prevejo que esta criança vai ser menina. Mas, se tivermos outro filho juntos, vai ser menino. E

mais uma coisa, que você vai adorar: ele está destinado a governar o universo um dia! Não é incrível?

Zeus entrou em pânico. Achou que ia acabar como Urano e Cronos — feito em pedacinhos —, então fez como seu pai tinha feito. Escancarou a boca como pôde e criou um tornado que sugou Métis por sua garganta, comprimindo-a de forma que ele pudesse engoli-la inteira.

Isso meio que apavorou os outros olímpianos, principalmente Héstita.

O que aconteceu com Métis e sua filha ainda não nascida, lá dentro da barriga de Zeus? Vamos falar sobre isso mais para a frente. Mas Héstita viu a coisa toda e disse para si mesma: *Casamento é PERIGOSO!*

Zeus pediu desculpas aos titãs e aos deuses por ter engolido Métis e prometeu jamais fazer isso novamente. Ele decidiu se casar com outra titânide, mas, como vocês podem adivinhar, não havia muitas voluntárias. Só uma concordou: Têmis, a titânide da lei divina, que por acaso era a tia preferida de Héstita.

Têmis tinha ficado do lado dos deuses na guerra. Ela tinha uma boa compreensão do certo e errado e sabia que os deuses seriam melhores governantes do que Cronos. (Reparem que falei *melhores*, não *bons*.)

Assim como Héstita, Têmis era modesta, cobria a cabeça e não estava interessada em casamento — ainda mais depois do incidente com Métis. No entanto, em nome da paz, ela aceitou se casar com Zeus.

(E, sim, Têmis era, tecnicamente, tia de Zeus, então fique à vontade para ter nojo do casamento deles. Mas vamos deixar isso de lado.)

O casamento não durou. Têmis teve trigêmeas duas vezes. Da primeira vez não foi tão ruim: três irmãs chamadas Horas, que acabaram se tornando responsáveis pelas diferentes estações.

(Vocês devem estar pensando: *Espera aí, o ano só tinha três*

estações? Mas, lembrem-se, era a Grécia. Acho que eles nunca tiveram inverno direito.)

Já o segundo lote de trigêmeas... Elas davam arrepios em todo mundo. Eram as Moiras, as três Parcas, que já *nasceram* velhas. Ainda no berço, passaram de três bebês enrugados a três vovós enrugadas. Gostavam de se sentar em um canto e fiar em uma roca mágica. Cada vez que cortavam um pedaço da linha, um mortal perecia no mundo.

Os olímpianos logo perceberam que as três Parcas podiam não só ver o futuro como *controlá-lo*. Elas conseguiam ligar a vida de qualquer pessoa à linha mágica que manipulavam, criando literalmente uma linha da vida. E quando elas cortavam aquela linha? *Sayonara!* Ninguém sabia ao certo se elas podiam fazer a mesma coisa com imortais. Mas até Zeus tinha medo dessas senhoras.

Depois de gerar as Parcas, Zeus puxou Têmis para o lado e disse:

— Quer saber? Não sei se esse casamento vai dar certo. Se continuarmos tendo filhos como as Parcas, todos teremos problemas. O que nos espera depois disso? As Três Bombas do Fim do Mundo? Os Três Porquinhos?

Têmis se fez de desapontada, mas na verdade ficou aliviada, isso sim. Ela não queria ter mais filhos, e também não queria ser sugada pelo tornado da garganta de Zeus.

— Tem razão, meu senhor — disse ela. — Vou me retirar de bom grado e deixar que escolha outra esposa.

Héstia testemunhou tudo isso e pensou: *Não quero que tal tragédia aconteça comigo. Com a sorte que tenho, se eu me casasse com algum deus, daria à luz os Três Patetas. Seria horrível demais.*

Ela decidiu que era bem melhor ficar solteira e se concentrar em ajudar os irmãos a criar a família *deles*. Podia ser a tia legal. A tia solteirona. A tia que não tinha assustadores “bebês-vovós-encarquilhadas”.

Só havia um problema: alguns deuses tinham outros planos.

Poseidon ficava de olho em Héstia, pensando: *Ei, ela até que é bonita. Tem uma personalidade bacana. É fácil de se relacionar. Bem que eu podia me casar com ela.*

É, voltamos à história de irmãos se casando com irmãs. Vamos botar para fora, juntos, agora. Um, dois, três: ECAAA!

Um olimpiano mais novo, Apolo (vamos falar mais sobre ele depois), também queria se casar com Héstia. Mas seria um par estranho, pois Apolo era um dos deuses mais exibidos do Olimpo. Por que essa vontade de se casar com a reservada e tranquila Héstia, não sei. Talvez o cara quisesse uma esposa que nunca fosse eclipsá-lo.

Acontece que os dois deuses procuraram Zeus no mesmo dia e pediram permissão para se casar com Héstia. Parece estranho eles pedirem a Zeus, e não a Héstia, mas, como vocês devem ter reparado, os homens não eram muito sensíveis nesse tipo de assunto. Zeus, sendo o rei do cosmos, tinha a palavra final em todos os casamentos.

Enquanto isso, Héstia estava sentada junto à grande lareira que havia no meio do salão do trono, sem prestar muita atenção. Naquela época, as casas precisavam ter uma lareira central no salão principal, como uma fogueira, para os dias frios. Também era ali que as pessoas cozinhavam, ferviam água, conversavam, torravam pão, assavam marshmallow e secavam meias. Basicamente, era em torno da lareira central que girava a vida familiar.

Héstia passava muito tempo ali. Ela meio que tinha assumido a responsabilidade de manter as lareiras acesas. Era uma tarefa que a fazia se sentir bem, principalmente quando a família se reunia para as refeições.

**Vamos botar para fora, juntos, agora.
Um, dois, três: ECAAA!**

Zeus gritou:

— Ei, Héstia! Venha cá!

Ela se aproximou do trono com cautela, olhando para Poseidon e Apolo, que sorriam para ela com buquês de flores e caixas de chocolate. Ela pensou: *Ih, lá vem.*

— Boas notícias — disse Zeus. — Estes dois belos deuses querem se casar com você. Como sou um rei confiável e um sujeito plenamente atencioso, vou deixá-la escolher. O Candidato a Marido Número Um, Poseidon, aprecia longas caminhadas na praia e mergulhos. O Candidato a Marido Número Dois, Apolo, gosta de música e de poesia, e seu hobby é ler profecias no Oráculo de Delfos. De qual você gosta mais?

Héstia irrompeu em um terrível choro de pavor. Os candidatos ficaram um pouco assustados. Ela se jogou aos pés de Zeus e, soluçando, implorou:

— Por favor, meu senhor. Nããã! Nenhum dos dois!

Apolo franziu a testa e verificou se estava com mau hálito.

Poseidon ficou na dúvida se tinha esquecido o desodorante de novo.

Mas, antes que eles ficassem zangados, Héstia recobrou o autocontrole e tentou explicar:

— Não tenho nada contra esses deuses. Só não quero me casar com *ninguém!* Quero ser solteira para sempre.

Zeus coçou a cabeça. A ideia simplesmente não fazia sentido.

— Então... *nunca* vai se casar? Não quer filhos? Não quer ser uma esposa?

— Isso mesmo, meu senhor — disse Héstia. — Eu... eu vou cuidar da lareira por todos os tempos. Vou cuidar das chamas. Vou preparar os banquetes. O que eu puder fazer para ajudar a família. Só me prometa que nunca vou ter que me casar!

Apolo e Poseidon ficaram um tanto indignados, mas era difícil passar muito tempo com raiva de Héstia. Ela era tão doce, sincera e prestativa... Eles a perdoaram pelos mesmos motivos que os haviam

levado a pedi-la em casamento. Héstia era genuinamente boa. Entre os olímpianos, a bondade era um elemento raro e valioso.

— Eu retiro minha proposta de casamento — disse Poseidon. — Além do mais, vou proteger o direito de Héstia de *não* se casar.

— Eu também — disse Apolo. — Se é isso o que ela quer, vou honrar seu desejo.

Zeus deu de ombros.

— Bem, continuo sem entender. Mas tudo bem. Ela é *mesmo* boa na lareira. Ninguém mais sabe assar marshmallows até o ponto certo: sem que fiquem moles ou crocantes demais. Héstia, eu lhe concedo minha aprovação à sua solteirice!

Héstia deu um enorme suspiro de alívio.

Ela se tornou a deusa oficial da lareira, o que pode não parecer nada de mais, mas era exatamente o que Héstia queria. Mais tarde, as pessoas inventaram uma história de que Héstia tinha um trono no Monte Olimpo e abriu mão dele quando chegou um deus mais novo chamado Dioniso. É uma boa história, mas não consta oficialmente nos mitos antigos. Héstia nunca quis um trono. Era modesta demais para isso.

A lareira dela virou o polo de tranquilidade em meio à tempestade sempre que os olímpianos discutiam. Todo mundo sabia que o fogo era território neutro. As pessoas podiam ir até lá para fazer uma pausa, tomar um cálice de néctar ou bater um papo com Héstia. Dava para descansar sem ser incomodado por ninguém — uma espécie de equivalente à “base” do pique-pega.

Héstia cuidava de todo mundo, então todo mundo cuidava dela.

O exemplo mais famoso? A noite em que Mãe Reia deu uma grande festa no Monte Ida para comemorar o aniversário da vitória dos olímpianos sobre Cronos. Todos os deuses e titãs amigos foram convidados, assim como dezenas de ninfas e sátiros. As coisas ficaram meio loucas: néctar à vontade, muita ambrosia e os curetes fazendo suas danças bizarras. Os deuses até convenceram Zeus a contar algumas de suas infames piadas satíricas.

Héstia não estava acostumada a esse tipo de festa. Lá pelas três da manhã, ela ficou tonta de tanto dançar e beber néctar e foi pegar um ar fresco no bosque. Lá, deparou-se com um burro qualquer amarrado a uma árvore; um dos sátiros devia ter chegado à festa montado no animal. Não sei por quê, mas Héstia achou aquilo extremamente engraçado.

— Oi, sr. Burro! — Ela ria e ria. — Eu vou... *hic!*... Eu vou me deitar aqui e... *hã!*... cochilar um pouco. Cuide de mim, tudo bem? Tudo bem.

A deusa caiu de cara na grama e começou a roncar. O burro não sabia o que pensar, mas ficou quieto.

Alguns minutos depois, aproximou-se um deus de natureza menor chamado Priapo, que também vinha caminhando pelo bosque. Não se vê muito sobre Priapo nas histórias antigas. Sinceramente, ele não é muito importante. Era um deus rural que protegia hortas. Eu sei, eu sei, muito empolgante. *Ah, grande Priapo, cuide dos meus pepinos com seus poderes especiais!* Se vocês já viram aqueles gnomos de jardim idiotas que as pessoas colocam na frente de casa, saiba que são um resquício da época em que as pessoas colocavam estátuas de Priapo nos jardins para proteger suas plantações.

Pois então: Priapo adorava ir a festas e paquerar as moças. Ele tinha bebido muito naquela noite e agora andava pelo bosque em busca de uma ninfa ou deusa incauta com quem pudesse se arranjar.

Quando chegou à clareira e viu uma linda deusa desmaiada estatelada na grama, roncando de maneira atraente ao luar, ele pensou: *opa!*

Ele se aproximou de Héstia. Não sabia que deusa era, mas não se importava. Só sabia que, se chegasse bem pertinho e se aconchegasse no cangote dela, a deusa ficaria feliz quando acordasse, porque, afinal, quem não iria querer ter um romance com o deus dos legumes e das verduras?

Ele se ajoelhou ao lado da desfalecida. Ela tinha um cheiro tão

bom: de madeira queimada e marshmallow torrado. Priapo passou a mão pelo cabelo escuro dela e disse:

— E aí, gata. O que me diz de a gente ficar mais juntinho?

O burro, na escuridão ali perto, aparentemente achou que seria uma boa ideia, pois gritou:

— IIIII-OOOHHNNN!

Priapo gritou:

— Ahhh!

Héstia acordou assustada e ficou horrorizada ao encontrar um deus de legumes e verduras inclinado sobre ela, com a mão em seu cabelo. Ela gritou:

— SOCORRO!

Os outros deuses, lá na festa, a ouviram gritar e largaram o que estavam fazendo para correr até ela. Porque simplesmente ninguém se metia com Héstia.

Quando encontraram Priapo, todos os deuses caíram em cima dele, jogando cálices em sua cabeça, dando socos, xingando. Priapo até que saiu de lá com vida, mas foi por pouco.

Mais tarde, ele alegou que não fazia ideia de que estava flertando com Héstia. Achava que ela era só uma ninfa. Ainda assim, Priapo deixou de ser bem-vindo nas festas olímpicas. E, depois disso, todo mundo passou a proteger Héstia ainda mais.

Tem mais uma história de Héstia que é meio importante, mas vou ter que especular um pouco aqui, porque vocês não vão encontrar isso nos velhos mitos.

No começo, havia uma única lareira no mundo, e pertencia aos deuses. O fogo era tipo propriedade particular deles. Os reles mortais não sabiam como produzi-lo; ainda ficavam encolhidos nas cavernas, grunhindo, tirando meleca do nariz e batendo uns nos outros com clavas.

O titã Prometeu, que tinha feito aquela gatinha a partir de argila, sentia pena deles. Afinal, ele os tinha criado para se parecerem com imortais. E ele tinha certeza de que os humanos eram capazes de

agir como imortais. Só precisavam de um empurrãozinho inicial.

Sempre que Prometeu visitava o Olimpo, ficava vendo os deuses reunidos ao redor da lareira de Héstia. O fogo era, sem dúvida, o elemento mais importante para se fazer do palácio um lar. Servia para aquecer. Para cozinhar. Para esquentar bebidas. Para acender tochas à noite. Para desenhar com carvão. Se ao menos os humanos tivessem fogo...

Finalmente, Prometeu tomou coragem e falou com Zeus.

— Ei, senhor Zeus, eu... bem, eu estava pensando em ensinar os humanos a fazer fogo.

Zeus franziu a testa.

— Humanos? Você está falando daqueles carinhas imundos que dão gritinhos engraçados quando pisamos neles? Por que eles precisariam de fogo?

— Eles poderiam aprender a ser mais como nós — explicou Prometeu. — Poderiam construir casas, erguer cidades, todo tipo de coisa.

— Essa é a pior ideia que eu já ouvi — disse Zeus. — Daqui a pouco você vai querer dar armas às baratas. Se dermos fogo aos humanos, eles vão querer conquistar o mundo. Vão ficar todos metidos e achar que são como imortais. Não, eu o proíbo terminantemente.

Mas Prometeu não abriu mão de seu propósito. Ele ficava olhando para Héstia sentada junto à lareira, admirando a capacidade que ela tinha de usar os fogos sagrados para manter a família olimpiana unida.

Não era justo, concluiu Prometeu. Os humanos mereciam o mesmo conforto.

O que aconteceu então?

A maior parte das versões sustenta que Prometeu roubou carvões quentes da lareira e os escondeu em um buraco no caule de um pé de erva-doce, embora a gente imagine que alguém repararia nele saindo escondido do palácio com uma planta fumegante cheirando a

alcaçuz queimado.

Nenhuma das histórias menciona que Héstia ajudou Prometeu. Mas a questão é: como é possível que ela *não* soubesse o que ele estava fazendo? Héstia não saía de perto da lareira. Prometeu não tinha como roubar fogo sem Héstia perceber.

Eu, particularmente, acho que ela se solidarizou com Prometeu e com os pequenos humanos. Condiz com o bom coração de Héstia. Acho que ela ajudou Prometeu, ou ao menos fez vista grossa para o roubo dos carvões em brasa.

Seja lá como foi que ele conseguiu, o fato é que Prometeu saiu escondido do Olimpo com sua planta fumegante secreta e a entregou aos humanos. Eles demoraram um tempo para aprender a usar aquelas chamas todas sem se matarem, mas finalmente conseguiram, e a ideia se espalhou como... bem, como fogo em mato seco.

Normalmente, Zeus não prestava muita atenção ao que acontecia na terra. Afinal, o céu era seu domínio. Mas, em uma noite clara, ele estava lá na varanda de seu palácio no Monte Olimpo e reparou que o mundo estava pontilhado de luz: nas casas, nos vilarejos, até em algumas cidades. Os humanos tinham saído das cavernas.

— Aquele marginalzinho — resmungou Zeus. — Prometeu deu armas às baratas.

Ao lado dele, a deusa Hera perguntou:

— Hein? O que houve?

— Nada — murmurou Zeus. Ele gritou para os guardas: — Encontrem Prometeu e tragam-no até mim. *AGORA!*

Zeus não estava nada feliz. Ele não gostava quando alguém desobedecia a suas ordens, muito menos quando esse alguém era um titã que fora generosamente poupado no pós-guerra. Zeus ficou *tão* zangado que decidiu punir Prometeu de um jeito que ninguém jamais esqueceria: acorrentou-o a uma pedra no Monte Cáucaso, na extremidade oriental do mundo, e chamou uma águia enorme — o animal sagrado de Zeus — para, com seu bico, abrir a barriga de

Prometeu e se alimentar do fígado dele.



Opa, me desculpem. Isso foi meio nojento. Vocês não estavam comendo, espero.

Todos os dias, a águia abria a barriga de Prometeu e comia. E todas as noites Prometeu se curava e um fígado novo crescia, bem a tempo de a águia voltar na manhã seguinte.

Os outros deuses e titãs entenderam o recado: *Não desobedeça a Zeus, senão coisas ruins vão acontecer a você, provavelmente envolvendo correntes, fígados e águias famintas.*

Já Héstia não foi acusada de nada, mas deve ter se sentido mal por Prometeu, porque cuidou para que o sacrifício dele não fosse em vão: tornou-se a deusa de *todas* as lareiras, por todo o mundo. Em cada casa mortal, a lareira central era consagrada a ela. Se alguém precisasse de proteção, se estivesse sendo caçado ou apanhando, era só correr para a lareira mais próxima que ficava intocável. A pessoa que morasse na casa em questão era obrigada a ajudar quem pedisse abrigo. Famílias faziam juramentos importantes diante da lareira, e sempre que queimavam uma porção da refeição em sacrifício aos deuses, parte desse sacrifício era para Héstia.

Conforme os vilarejos e cidades foram crescendo, passaram a funcionar exatamente como as casas de cada um: toda cidade tinha uma lareira central que ficava sob a proteção de Héstia. Os enviados de outras cidades sempre visitavam a lareira primeiro, para demonstrar que chegavam em paz. Se você se encrencasse e chegasse até a lareira central, ninguém naquela cidade podia lhe fazer mal. Na verdade, os cidadãos tinham o dever de protegê-lo.

Acabou que Prometeu estava certo em sua intuição. Os humanos *começaram* a agir como os deuses, para o bem ou para o mal. Os deuses acabaram se acostumando e até aceitaram. Os humanos construíram templos para os deuses, onde faziam sacrifícios aromáticos e entoavam cânticos sobre como os olímpianos eram

incríveis. Isso ajudou a amenizar a situação, sem dúvida.

Ainda assim, Zeus não perdoou Prometeu por lhe desobedecer. Prometeu acabaria por ser solto tempos depois, mas aí é outra história.

Quanto a Héstia, ela conseguia manter a paz no Olimpo por boa parte do tempo... mas nem sempre.

Por exemplo: teve uma vez que sua irmã Deméter ficou tão furiosa com os irmãos que quase provocou a Primeiríssima Guerra Mundial...

DEMÉTER VIRA GRÃOZILLA



AH, SIM. DEMÉTER!

Tentem não se animar demais, porque este capítulo é todo sobre a deusa do trigo, do pão e do cereal. Deméter simplesmente *arrasa* nos carboidratos.

Perdão, não estou sendo justo com ela.

Claro, ela era a deusa da agricultura, mas fazia outras coisas também. Entre as três deusas da primeira geração, ela era a do meio, então combinava a personalidade doce de Héstia com a beleza deslumbrante da irmã mais nova, Hera. Tinha cabelo comprido e louro, da cor de trigo maduro. Usava uma coroa de folhas de milho trançadas, um acessório que não é para qualquer um, mas que nela ficava bem. Deméter gostava de se enfeitar com papoulas, que cresciam nos campos de grãos — pelo menos foi o que me disseram. Não sou de passear em plantações de grãos.

Uma túnica escura cobria seu vestido verde, e quando ela se movia, parecia que havia plantas frescas surgindo em meio à terra fértil. Ela exalava um cheiro de chuva molhando um campo de

jasmim.

Como Héstia decidira nunca se casar, Deméter foi a primeira deusa a chamar seriamente a atenção dos deuses. (Hera também era bonita, mas sua *personalidade...* Bem, chegaremos nessa parte mais para a frente.)

Deméter não só era bonita como também tinha um coração bom (quase sempre), além de saber fazer pães e biscoitos deliciosos e passar uma imagem surpreendentemente guerreira aonde quer que fosse. Ela andava em uma carruagem dourada puxada por dois dragões idênticos. Ao seu lado brilhava uma espada dourada.

De fato, um de seus nomes gregos era Deméter Krisaoros, que significa *a dama com a lâmina dourada*. Um bom título para um filme de artes marciais. De acordo com algumas lendas, a lâmina era na verdade a foice de Cronos, a qual Deméter remodelou, transformando-a na ferramenta de agricultura mais mortal de que já se teve notícia. Ela geralmente a usava para cortar trigo, mas, se ficasse bastante zangada, podia aproveitá-la para uma boa luta...

Bem, todos os deuses gostavam dela. Zeus, Poseidon e Hades pediram sua mão em casamento, mas Deméter recusou a todos. Ela preferia andar pela terra, transformando planícies estéreis em campos férteis, encorajando pomares a dar frutas, estimulando flores a desabrochar.

Um dia, Zeus resolveu ser mais insistente. Ele tinha acabado de se divorciar de Têmis e ainda não tinha se casado de novo. Estava se sentindo solitário. Por algum motivo desconhecido, cismou com Deméter e decidiu que *tinha* que ficar com ela.

Ele a encontrou em um campo de trigo (que surpresa). Deméter o mandou embora aos berros, mas ele a ignorou e continuou seguindo-a.

— Ah, que isso! — disse ele. — Só um beijinho. Depois, quem sabe, outro beijo. Depois, talvez...

— Não! — gritou ela. — Você é *tão* irritante!

— Eu sou o rei do universo — retrucou Zeus. — Se ficar comigo,

você vai ser a rainha!

— Não estou interessada.

Deméter ficou tentada a puxar sua espada dourada, mas Zeus *era* o deus mais poderoso, e quem se opunha a ele simplesmente se dava muito mal (tipo Prometeu). Além disso, a carruagem dourada estava estacionada do outro lado do campo, então ela não podia simplesmente subir em seu veículo e se mandar dali.

Zeus continuou importunando-a:

— Nossos filhos seriam lindos e poderosos.

— Vá embora.

— Ah, gata. Não faz assim.

Por fim, Deméter ficou tão repugnada que se transformou em serpente, na esperança de fugir de Zeus se escondendo nos campos e se esgueirando por aí.

Má ideia.

Zeus era igualmente capaz de se transformar em animais. Ele também virou cobra, e foi atrás de Deméter. Foi moleza, pois as cobras têm um ótimo olfato; e, como já falei, Deméter tinha um aroma muito distinto de chuva sobre jasmim.

Deméter se enfiou em um buraco na terra. Outra péssima ideia.

Zeus entrou também. E, como o túnel era estreito, Deméter não pôde mais sair depois que Zeus bloqueou a entrada. E ali ela não tinha espaço para mudar de forma.

Zeus a encurralou e não a deixou sair até... Bem, usem sua imaginação.

Meses depois, Deméter deu à luz seu primeiro bebê, uma menina chamada Perséfone. Era um bebê tão lindo e fofo que Deméter *quase* perdoou Zeus por aquela cópula reptiliana. Quase. Eles não se casaram, e Zeus foi um pai bem negligente; mas, mesmo assim, a garotinha se tornou a luz da vida de Deméter.

Falaremos mais sobre Perséfone daqui a pouquinho...

Eu até gostaria de dizer que foi a única vez que Deméter passou por maus bocados com um homem. Infelizmente, não foi.

* * *

Anos depois, Deméter foi tirar umas férias na praia. Estava caminhando, apreciando a solidão, o ar fresco e o mar, quando Poseidon por acaso a viu. Por ser o deus do mar, ele sempre reparava nas moças bonitas que caminhavam pela praia.

Ele apareceu em meio às ondas com sua melhor túnica verde, o tridente na mão e uma coroa de conchas na cabeça. (Ele tinha plena certeza de que a coroa o deixava irresistível.)

— E aí, gata — disse ele, arqueando as sobrancelhas de forma sedutora. — Você deve ser a maré, porque quase me derrubou.

Ele vinha treinando essa cantada havia anos. Estava feliz por finalmente poder usá-la.

Mas Deméter não ficou impressionada.

— Cai fora, Poseidon.

— Às vezes o mar se afasta — concordou Poseidon —, mas ele sempre volta. Que tal você e eu em um jantarzinho romântico no meu palácio submarino?

Deméter se repreendeu por ter estacionado a carruagem tão longe. Os dois dragões seriam bem úteis. Ela decidiu mudar de forma e fugir, mas sabia que não adiantaria virar cobra dessa vez.

Preciso de uma saída mais rápida, pensou ela.

Deméter então olhou para a praia e viu uma manada de cavalos selvagens galopando pela areia molhada.

Perfeito!, pensou ela. *Um cavalo!*

Na mesma hora ela virou uma égua branca e saiu trotando pela praia, juntando-se à manada.

Esse plano tinha muitas falhas. Primeiro, Poseidon também podia virar cavalo — e foi o que fez: virou um forte garanhão branco e saiu atrás dela; segundo, Poseidon tinha *criado* os cavalos, portanto sabia tudo sobre eles e ainda por cima podia controlá-los.

Por que um deus do mar criaria um animal terrestre como o cavalo? Calma, vamos chegar lá.

Poseidon alcançou a manada e começou a forçar passagem em busca de Deméter; ou melhor, farejando seu perfume doce e distinto. Foi fácil encontrá-la.

A aparente camuflagem perfeita de Deméter na manada acabou se provando uma armadilha perfeita. Os outros cavalos abriram caminho para Poseidon e cercaram Deméter, impedindo-a de avançar. Ela entrou em pânico, morrendo de medo de ser pisoteada, e acabou nem conseguindo mudar novamente de forma. Poseidon chegou ao lado dela e relinchou qualquer coisa do tipo: *Olá, docinho. Você galopa sempre por aqui?*

Para o horror de Deméter, Poseidon chegou muito mais perto do que ela gostaria.

Hoje em dia, Poseidon seria preso por esse tipo de comportamento. Quer dizer... se não estivesse em forma de cavalo. Acho que não se pode botar um cavalo na prisão. Mas, naquela época, o mundo era um lugar mais barra-pesada, mais selvagem. Deméter não podia entregá-lo ao rei Zeus, pois Zeus era tão canalha quanto.

Meses depois, uma Deméter muito constrangida e zangada deu à luz gêmeos. Sabe o que foi mais estranho? Um dos bebês era uma deusa; o outro, um cavalo. Não vou nem *tentar* entender isso. A garotinha foi chamada de Despina, mas não se fala muito sobre ela nos mitos. Quando cresceu, Despina trabalhou cuidando do templo de Deméter como a sacerdotisa-mor da magia do milho (ou algo parecido). O irmão dela, o cavalo, foi chamado de Arion. Ao crescer, Arion tornou-se um corcel ultraveloz e imortal que ajudou Hércules e alguns outros heróis. Era um cavalo incrível, mas não sei se Deméter sentia orgulho de ter um filho que precisava periodicamente de ferraduras novas e que ficava cutucando-a com o focinho para pedir maçãs.

* * *

A essa altura, era de se imaginar que Deméter teria renegado para sempre aqueles homens nojentos e repugnantes e se juntado a Héstia no Clube das Solteiras Convictas.

Estranhamente, alguns meses depois, ela se apaixonou por um príncipe humano chamado Iásion. Isso só mostra como os humanos tinham se desenvolvido desde que Prometeu lhes dera fogo. Agora eles sabiam falar e escrever. Escovavam os dentes e penteavam o cabelo. Usavam roupas e de vez em quando até tomavam banho. Alguns eram até bonitos o suficiente para flertar com deusas.

Esse tal de Iásion (não Jaspion; esse era outro sujeito) era um herói de Creta. Era bonito e cortês, e sempre protegia os fazendeiros da região, ou seja, era certo que o cara conquistaria o coração de Deméter. Um dia, Iásion saiu para inspecionar campos recém-lavrados, quando a deusa por acaso passou por ali, disfarçada de donzela mortal. Eles começaram a conversar: *Ah, eu adoro trigo. Eu também! Trigo é demais!* Ou qualquer coisa assim. E se apaixonaram.

Os dois se encontraram nos campos várias vezes. Deméter passou semanas louca de amor. É claro que alguma coisa tinha que dar errado. Em uma dessas visitas de Deméter aos campos, Zeus por acaso estava olhando do alto do Monte Olimpo. Ao ver Deméter toda cheia de intimidade com aquele sujeito mortal — trocando abraços e beijos e opiniões sobre o trigo —, Zeus ficou enlouquecido de ciúmes.

Totalmente injusto, não é? Deméter não tinha qualquer relacionamento amoroso com Zeus. Mas mesmo assim, quando ele viu um herói mortal de papo com a garota “dele”, perdeu a cabeça.

O legal de ter raiva de mortais é que eles são mortais. O que significa que você pode matá-los.

Deméter e Iásion estavam entretidos em um beijo daqueles quando um estrondo ressoou no céu. As nuvens se abriram e um relâmpago brilhou. *Zás!* De repente, Deméter se viu sozinha no campo de trigo, com as roupas fumegando. Uma pilha de cinzas de

herói jazia aos pés dela.

Ela chorou, gritou e xingou Zeus, mas não havia nada que pudesse fazer. Deméter então se enfurnou em seus aposentos particulares no Monte Olimpo e ficou lá por meses e meses. Quando finalmente saiu, trazia nos braços o último filho que teria, um garoto chamado Pluto. (Não o cão Pluto; *outro* sujeito.) Também não se ouve muito sobre Pluto nos antigos mitos, mas ele se tornou um deus menor, da prosperidade da agricultura. Andava pela Grécia em busca de bons fazendeiros e, como recompensa pelo trabalho bem-feito, dava-lhes sacos de dinheiro. Uma espécie de gratificação por bom desempenho na função.

Depois de ter Pluto, Deméter decidiu aposentar o coração. Ela ainda saía com um cara ou outro, mas nunca se casou, não teve mais filhos e seus relacionamentos com os deuses eram sempre tensos.

Todas essas experiências também amargaram um pouco aquela personalidade doce que ela tinha. Vocês podem pensar que uma deusa dos grãos não é assustadora, mas... *que nada*. Esperem só para ver o que ela fez com um tal de Erisícton.

* * *

Eu sei. É o nome mais idiota do mundo. Acho que se pronuncia *Eri-ZZic-ton*, mas não tenho certeza. Enfim, esse cara era um príncipe que se achava a coisa mais linda depois do bronze. Ele queria construir uma mansão enorme, com madeira das árvores da região.

Só tinha um problema: as maiores e mais bonitas árvores, as únicas que ele achava boas o bastante para sua mansão, ficavam em um bosque consagrado a Deméter. Esses carvalhos e choupos enormes tinham mais de trinta metros de altura, e cada um era protegido por uma dríade, isto é, um espírito da natureza. As dríades dançavam ao redor dessas árvores, cantando músicas sobre Deméter e fazendo colares de flores, ou qualquer outra coisa que as

dríades fizessem em seu tempo livre.

Todo mundo daquela região sabia que o bosque era consagrado a Deméter, mas o tal Esquisi... o tal cara não ligava. (Quer saber? Acho que vou simplesmente chamá-lo de Eri.) Então Eri reuniu cinquenta de seus maiores e mais fortes amigos e lhes deu machados de bronze bem afiados, e lá se foram eles para o bosque.

Assim que as dríades os viram se aproximando, soltaram gritinhos de alarme e chamaram Deméter para protegê-las.

As dríades deviam ter a deusa na lista de chamadas de emergência, porque ela chegou lá num piscar de olhos.

Deméter assumiu a forma de uma donzela humana e apareceu na rua, bem na frente de Eri e seu exército de capangas machadores.

— Ah, nossa! — disse ela. — Homens tão grandes e fortes! Para onde estão indo?

— Saia do caminho, garota — resmungou Eri. — Temos muito a cortar pela frente.

— Mas por que vocês vão atacar essas pobres árvores indefesas?

— Preciso da madeira! — gritou Eri. — Vou fazer a maior mansão do mundo!

Os amigos dele vibraram, sacudindo os machados de forma ameaçadora.

— É melhor você escolher outras árvores — disse Deméter, tentando manter a calma. — Este bosque é consagrado a Deméter.

— Rá! — exclamou Eri. — Estas são as árvores mais altas da região. Preciso de árvores *altas* para meu salão. Meus amigos e eu pretendemos fazer banquetes lá toda noite. Nossos banquetes serão tão maravilhosos que ficarei famoso por toda a Grécia!

Os amigos fizeram “Hum!” e estalaram os lábios.

— Mas aqui é o lar de muitas dríades inocentes — insistiu Deméter.

— Se as dríades tentarem me impedir — disse Eri —, eu as corto também!

Deméter contraiu o maxilar.

— E se Deméter tentar impedir vocês?

Eri riu.

— Ela que tente. Não tenho medo dessa boba dessa deusa da *plantação*. Agora saia da frente, senão corto você também, garota.

Ele a empurrou de lado com o ombro e seguiu na direção da maior árvore, um choupo branco enorme. Quando ergueu o machado, um sopro de vento quente o fez cair sentado.

Deméter cresceu e ficou imensa, ultrapassando a altura das árvores, como um Grãozilla de vestido verde e preto, a coroa de folhas de milho fumegando no cabelo dourado, a lâmina de sua foice lançando sombra sobre todos os mortais.

— **ENTÃO** — disse a gigantesca Deméter — **VOCÊ NÃO TEM MEDO?**

Os cinquenta capangas de Eri largaram os machados e saíram correndo, gritando como garotinhas.

Eric tentou se levantar, mas seus joelhos pareciam gelatina.

— Eu... hã, eu só... hã...

— **VOCÊ QUERIA SER FAMOSO PELOS BANQUETES!** — rugiu Deméter. — **E VOCÊ VAI FAZER BANQUETES, ERISÍCTON... TODAS AS NOITES, UM GRANDE BANQUETE, COMO VOCÊ PRETENDIA! SOU A DEUSA DA COLHEITA, A SENHORA DE TODO ALIMENTO. VOCÊ VAI COMER E COMER PELO RESTO DE SEUS DIAS, MAS SUA FOME NUNCA SERÁ SATISFEITA!**

Deméter desapareceu em um lampejo de luz cor de esmeralda.

O pobre Eri fugiu choramingando e jurando aos deuses que *jamais* tocara naquele bosque sagrado. Mas não fez diferença. Naquela noite, quando terminou o jantar, ele continuava morrendo de fome. Ele comeu um segundo prato, depois um terceiro, mas de nada adiantou. Bebeu uns quatro litros de água, mas não conseguiu

saciar a sede.

Em poucos dias, a fome e a sede ficaram insuportáveis. Só o sono lhe trazia alívio, mas mesmo assim não era muito consolo, pois ele sonhava com comida. Quando acordava, estava morrendo de fome de novo.



Eri era rico, mas em poucas semanas vendera quase tudo que tinha só para comprar comida. Ele comia sem parar, o dia todo, todos os dias. Nada adiantava. Chegou uma hora em que ele perdeu tudo. Seus amigos o abandonaram. Ele ficou tão desesperado que até tentou vender a própria filha como escrava para conseguir dinheiro para comida. Felizmente, Deméter não era tão cruel a ponto de deixar *isso* acontecer. A filha implorou para que alguém a salvasse, e Poseidon foi ajudá-la. Talvez ele achasse que devia um favor a Deméter pelo incidente do cavalo. Talvez não se importasse de ajudar uma mortal bonita. De qualquer modo, a garota ficou sob seus cuidados e se tornou criada em seu palácio submarino. Quanto a Erisícton, ele definhou e morreu em sofrimento. Final feliz.

A história se espalhou. Os mortais viram que talvez devessem levar Deméter a sério. Um deus que controla a comida pode lançar bênçãos... e também maldições muito ruins.

Depois disso, Deméter concluiu que tinha superado a raiva, então decidiu relaxar e aproveitar a vida. E o que lhe dava mais felicidade no mundo era sua filha mais velha, Perséfone. Ah, claro, ela amava os outros filhos, mas Perséfone era sua preferida.

— Chega de drama — disse Deméter para si mesma. — Vou voltar a apreciar os momentos com minha maravilhosa filha!

Como vocês podem imaginar, isso não deu muito certo.

PERSÉFONE SE CASA COM SEU ADMIRADOR SECRETO (OU: DEMÉTER, O RETORNO)



TENHO QUE ADMITIR que nunca entendi o que Perséfone tinha de especial. Sabe, para uma garota que quase destruiu o universo, ela parece bem sem graça.

Claro, ela era bonita. Seu cabelo era louro e comprido como o da mãe, e os olhos, azul-celeste como os de Zeus. Não tinha preocupação nenhuma na vida. Estava convencida de que o mundo havia sido inventado para sua diversão. Acho que, quando seus pais são deuses, você corre o risco de acreditar nesse tipo de coisa.

Ela adorava andar ao ar livre. Passava os dias caminhando pelo campo com as amigas ninfas e deusas, mergulhando em córregos, colhendo flores em campinas ensolaradas, comendo frutas frescas tiradas do pé... Ah, estou inventando essas coisas, mas acho que é isso o que uma deusa adolescente faria em uma época sem smartphones.

A questão é que Perséfone não tinha muito mais a seu favor. Não era muito inteligente. Não era corajosa. Não tinha objetivos nem passatempos (fora a história de colher flores). Ela só estava meio que *ali*, apreciando a vida e sendo uma criança mimada, protegida e cheia de privilégios. Deve ser bom quando acontece, mas eu não cresci assim, então não me identifico muito com ela.

Mas Deméter *vivia* pela filha, e não posso culpá-la por ser superprotetora. Ela havia tido experiências bem ruins com esses deuses sorrateiros. Afinal, Perséfone viera ao mundo como resultado de uma emboscada de cobra. A garota tinha sorte de não ter nascido de um ovo.

É claro que, como Perséfone era superprotegida e, portanto, intocável, todos os deuses reparavam nela e a achavam muito linda. Todos queriam se casar com ela, mas sabiam que Deméter não permitiria. Sempre que um chegava perto, Deméter aparecia do nada em sua carruagem puxada por dragões portando sua espada dourada do mal.

A maioria dos deuses desistia e acabava preferindo encontrar alguma deusa mais fácil de se namorar.

Mas havia um deus que não conseguia tirar Perséfone da cabeça, e esse deus era Hades, senhor do Mundo Inferior.

Par perfeito, não acham? Um cara velho e sombrio que mora na maior caverna do mundo, cheia de almas dos mortos, vai e se apaixona justo por uma bela jovem que gosta da luz do Sol, de flores e de estar ao ar livre. O que poderia dar errado?

Hades sabia que era inútil. Perséfone não era para o bico dele. Além do mais, Deméter não deixava *nenhum* deus chegar perto da filha. Ela não deixaria que eles saíssem juntos nem ali nem no Tártaro.

Hades tentou esquecê-la. Mas o coitado estava se sentindo solitário lá no Mundo Inferior, sem ninguém além dos mortos. Ele colocava o elmo de invisibilidade e ia escondido para o mundo mortal para ver Perséfone se divertir. Em outras palavras, ele foi o

primeiro apaixonado do mundo a perseguir seu alvo.

Não sei se vocês algum dia já ficaram assim tão a fim de alguém, mas Hades ficou obcecado. Ele guardava desenhos de Perséfone no bolso. Escrevia o nome dela na mesa de jantar de obsidiana com uma faca — coisa que dava muito trabalho. Sonhava com ela e tinha conversas imaginárias em que admitia seu amor e ela confessava que sempre havia tido uma quedinha por coroas esquisitos que moravam em cavernas cheias de mortos.

Hades acabou ficando tão distraído que não conseguia nem se concentrar no trabalho. Sua função era separar as almas dos mortos que chegavam ao Mundo Inferior, mas os fantasmas começaram a fugir de volta para o mundo ou a vagar pelos bairros espirituais errados. As filas nos portões do Mundo Inferior ficaram absurdas.

Por fim, Hades não aguentou mais. A seu favor, devo dizer que ele não tentou enganar Perséfone nem levá-la à força... pelo menos não no começo. Ele pensou: *Bem, Deméter nunca vai me ouvir. Talvez seja melhor eu falar com o pai da Perséfone.*

Não foi fácil para Hades visitar o Monte Olimpo. Ele sabia que não era bem-vindo. Não queria pedir favores a seu irritante irmãozinho Zeus, mas estufou o peito e entrou no salão do trono do Olimpo.

Por acaso, ele encontrou Zeus de bom humor. O senhor dos céus tinha acabado de cumprir todo o seu trabalho da semana: agendar nuvens, organizar ventos e tudo o mais que um deus do céu precisa fazer. Estava relaxado, bebendo néctar e apreciando o belo dia. Estava fantasiando com outra moça bonita com quem pretendia se casar, uma tal de Hera; assim, quando Hades foi vê-lo, Zeus estava com um sorriso no rosto e um olhar perdido.

— Senhor Zeus.

Hades fez uma reverência.

— Hades! E aí, cara? Quanto tempo!

Hades ficou tentado a lembrar a Zeus que só fazia tanto tempo porque o próprio senhor do céu dissera que ele não era bem-vindo no Monte Olimpo. Mas decidiu que era melhor não mencionar isso.

— Hã, na verdade... — Hades puxou nervosamente a túnica preta. — Preciso de um conselho. Sobre uma mulher.

Zeus sorriu.

— Você veio ao lugar certo. As mulheres me amam!

— Certo... — Ele começou a se perguntar se tinha sido uma boa ideia ir até ali. — É sobre uma moça especial... sua filha, Perséfone.

O sorriso de Zeus vacilou.

— Como é que é?

Hades estava guardando os sentimentos havia tanto tempo que simplesmente desmoronou. Ele confessou tudo, até as perseguições. Prometeu que seria um excelente marido para Perséfone. Seria dedicado e proporcionaria à moça tudo que ela quisesse, se Zeus permitisse que eles se casassem.

Zeus coçou a barba. Em qualquer outra ocasião ele teria ficado zangado com um pedido tão ridículo. Teria lançado raios para mandar Hades de volta para o Mundo Inferior com a túnica pegando fogo e o cabelo espetado e soltando fumaça. Mas, naquele dia, Zeus estava de bom humor. Na verdade, ficou um tanto emocionado por Hades tê-lo procurado para falar do problema e por ter sido tão sincero. Ele sentia pena do apavorante irmão perseguidor e *definitivamente* entendia como um cara podia ficar obcecado por uma mulher.

Claro, Perséfone era sua filha; mas Zeus tinha *muitas* filhas com muitas mulheres diferentes. Perséfone nem era sua preferida nem nada. Ele estava inclinado a ser generoso e acatar o pedido.

Ele tamborilou os dedos no braço do trono.

— O problema é Deméter. Quer dizer... Perséfone é filha de Deméter, certo? Esqueci.

— Sim, meu senhor — disse Hades.

— É a filha preferida dela — lembrou Zeus. — A luz da vida dela, que ela nunca perde de vista e tal.

— Sim, meu senhor. — Hades começou a ficar pouco à vontade. — Devo falar com Deméter? Talvez você pudesse interceder a meu

favor e fazer com que ela me ouça. Ou será que devo declarar meu amor a Perséfone?

— O quê? — Zeus fez cara de perplexo. — Ser sincero com mulheres? Isso nunca dá certo, rapaz. Você tem que ser forte. Ir lá e pegar o que você quer.

— Hã... é mesmo?

— Sempre dá certo para mim — disse Zeus. — Eu sugiro sequestro. Quando ninguém estiver olhando, capture Perséfone e a leve para seu lar. Deméter não vai saber o que aconteceu. E quando descobrir... tarde demais! Perséfone já vai ser sua. Você vai ter bastante tempo para convencê-la a ficar com você no Mundo Inferior.

Hades estava começando a ter dúvidas quanto à sabedoria de Zeus.

— Hã... tem certeza de que é uma boa ideia?

— Claro! — disse Zeus.

Hades mordeu o lábio. Toda aquela coisa de sequestro parecia arriscada. Ele não tinha muita certeza de que Perséfone gostaria de ser raptada, mas não sabia muito sobre mulheres. Talvez Zeus tivesse razão.

(Só para registrar: NÃO, ELE NÃO TINHA RAZÃO.)

— Mas tem um problema, meu senhor — disse Hades. — Perséfone nunca fica sozinha. Tem sempre alguma ninfa ou deusa tomando conta dela, ou a própria Deméter. Como vou conseguir raptá-la? Mesmo se eu usar meu elmo da invisibilidade, não tenho como fazer com que *ela* fique invisível nem como impedir que grite.

Os olhos de Zeus brilharam com malícia.

— Deixe isso comigo. Prepare sua carruagem.

* * *

Zeus esperou até Deméter estar ocupada com alguma coisa qualquer de agricultura lá do outro lado do mundo — tipo colhendo

cevada na Líbia ou algo assim. Não sei bem o quê.

O que importa é que Perséfone ficou aos cuidados de suas ninfas protetoras. Normalmente, isso funcionava bem, mas as ninfas não foram feitas para serem guarda-costas. Elas se distraíam facilmente, assim como Perséfone.

Como sempre, as garotas foram para a campina. Passaram a manhã explorando as colinas e brincando de jogar água umas nas outras, no rio. Depois de um belo e demorado almoço, elas estenderam seus vestidos para secarem ao sol e Perséfone decidiu ir colher flores.

— Não vá para muito longe! — gritou uma das ninfas.

— Pode deixar — prometeu Perséfone.

Ela não estava preocupada. O mundo era seu playground! Todo mundo a amava, e, além do mais, o que poderia dar errado enquanto ela colhia flores em uma campina?

As ninfas estavam sonolentas, quentinhas e de barriga cheia, então se deitaram para tirar uma soneca.

Perséfone caminhou pela colina até colher um buquê inteiro das roseiras da região. Por algum motivo, as rosas nem tinham espinhos, mas seu cheiro intoxicante a deixou tonta. Ela avançou um pouco mais, cambaleante, e viu um campo inteiro de violetas.

— Ah, que lindo!

Foi vagando entre as violetas, colhendo as melhores e largando as rosas, porque, em comparação com as violetas, as rosas pareciam pálidas.

Bem, vocês já devem estar vendo onde isso vai dar, mas Perséfone não fazia ideia. Ela não percebeu que era Zeus quem estava fazendo aquelas flores crescerem, deixando cada canteiro mais colorido e mais cheiroso que o anterior, e levando Perséfone a se afastar cada vez mais de suas acompanhantes.

E como Zeus, um deus do céu, podia fazer flores brotarem? Sei lá. Minha suposição: por causa de Gaia, a Mãe Terra, apesar de ela estar dormindo. Acho que Zeus conseguia convocar o poder dela de

vez em quando para fazer as coisas acontecerem na terra; talvez não coisas grandiosas, como criar montanhas. Mas fazer flores crescerem? Moleza.

Perséfone foi indo de canteiro em canteiro, murmurando “Ah, que linda! Ah, que linda!” e colhendo suas preferidas.

Sem se dar conta, ela agora já estava a quilômetros de distância das ninfas adormecidas. Então Perséfone desceu a um vale escondido, cheio de jacintos.

Ela estava se abaixando para pegar um lindo jacinto azul quando o chão tremeu. Aos seus pés abriu-se um vão, do qual surgiram quatro cavalos pretos puxando uma carruagem enorme. O cocheiro usava uma túnica esvoaçante preta e luvas de ferro, e portava uma enorme espada na lateral do corpo e um chicote na mão. Seu rosto estava coberto por um elaborado elmo de bronze entalhado com imagens de morte e de tortura.

Depois, ao lembrar esse momento, Hades se questionou se foi mesmo uma boa ideia usar o elmo do terror no primeiro encontro, mas aí já era tarde demais.



Perséfone gritou e caiu de costas na grama.

Ela deveria ter saído correndo, mas estava em choque. Não fazia a menor ideia do que estava acontecendo. Tudo sempre tinha girado ao redor dela, tudo era do jeito que ela queria. Ela *não podia* estar em perigo. Mas com certeza ela não tinha solicitado que um sujeito de aparência demoníaca surgisse em uma gigantesca carruagem negra, esmagando os jacintos.

Para falar a verdade, de vez em quando ela sonhava acordada com um lindo jovem tomando-a nos braços. Ela e as ninfas passavam muito tempo fantasiando com isso e dando risadinhas.

Mas aquilo *não* era o que ela tinha imaginado.

Hades tirou o elmo. Ele estava ainda mais pálido que o habitual; o elmo tinha deixado seu cabelo completamente amassado; e, de tanto nervosismo, ele suava, além de piscar como se tivesse caído um cisco em seu olho.

— Eu sou Hades — apresentou-se ele, com uma voz estridente de tensão. — Eu amo você.

Perséfone gritou de novo, bem mais alto.

Sem saber o que fazer, Hades a pegou pelo braço, arrastou-a para sua carruagem e atçou os cavalos. A carruagem negra mergulhou na terra e desapareceu. A fenda se fechou.

O único que realmente viu o sequestro foi o titã Hélio, lá de cima, de sua carruagem do Sol, porque ele tinha uma vista excelente e conseguia enxergar praticamente tudo. Mas vocês acham que ele pegou o telefone para ligar para o Olimpo e relatar o sequestro?

Não. Primeiro, ainda não tinham inventado o telefone. Segundo, Hélio não gostava de se envolver com os dramas divinos. Afinal, era um titã. Ele achava que tinha sorte de ter um emprego e não ter sido jogado no Tártaro. Além do mais, sequestro não era a coisa mais doida que ele já tinha visto enquanto cruzava o céu todos os

dias. Esses deuses estavam sempre fazendo coisas malucas. Cara, as histórias que ele tinha para contar... Ele deveria escrever um livro.

Então Hélio seguiu seu caminho.

Quanto às ninfas que deveriam estar tomando conta de Perséfone, continuaram dormindo durante todo o sequestro. O único indivíduo que ouviu Perséfone gritar foi o mais improvável que vocês poderiam imaginar.

Em uma caverna na lateral de uma montanha ali perto, uma deusa chamada Hécate estava cuidando da própria vida. Hécate gostava de magia, encruzilhadas apavorantes à noite e fantasmas. Podemos dizer que ela foi a primeira superfã do Halloween. Normalmente, Hécate só saía da caverna depois de escurecer, então naquele dia lá estava Hécate sentada em sua caverna, lendo livros de feitiços ou qualquer outra coisa assim, quando ouviu uma garota gritar.

Hécate podia ser uma deusa dark da magia, mas não era má. Ela saiu correndo na mesma hora para ajudar. Quando chegou à campina, tudo já tinha acabado.

A magia de Hécate era fraca durante o dia. Ela conseguiu perceber que o chão havia se aberto e que alguém havia sido levado para o subterrâneo, mas não fazia ideia de quem era o sequestrador nem o sequestrado.

Hécate não sabia o que fazer. Não dava para ligar para a polícia. Como não sabia dos fatos, ela decidiu voltar para a caverna e esperar o anoitecer, quando poderia lançar feitiços melhores e, quem sabe, conseguir mais informações.

Enquanto isso, as ninfas finalmente acordaram da soneca e foram à procura de Perséfone, mas ela tinha literalmente desaparecido da face da Terra. As ninfas estavam começando a entrar em pânico quando Deméter voltou e descobriu que a preciosa filha tinha desaparecido. Não sei o que Deméter fez para punir as dorminhocas, mas não deve ter sido coisa boa.

Bom, Deméter surtou. Saiu de um lado a outro gritando por

Perséfone até ficar rouca, perguntando a todo mundo que encontrava pelo caminho se alguém tinha visto alguma coisa.

Deméter passou *nove* dias sem trocar de roupa nem tomar banho. Não comia nem dormia. Não fazia nada além de procurar Perséfone. Ela deve ter seguido na direção errada quando começou a procurar, porque só no décimo dia finalmente deu meia-volta e chegou à área próxima à caverna de Hécate.

Quando ouviu Deméter chamando por Perséfone, Hécate imediatamente somou dois mais dois. Todas as noites, Hécate vinha tentando descobrir o que tinha sido aquele sequestro, mas seus feitiços não lhe revelavam nada. Havia magia forte atuando para esconder o rapto. Hécate tinha a sensação de que um deus poderoso estava por trás daquilo... ou talvez mais de um.

Hécate correu ao encontro de Deméter para lhe contar que ouvira gritos e que provavelmente algum deus, sabe-se lá qual, tinha sequestrado Perséfone.

A consternada mãe não recebeu bem a notícia: gritou tão alto que todas as plantas em um raio de oito quilômetros murcharam e morreram. Por centenas de quilômetros em todas as direções, todas as espigas de milho da Grécia explodiram e viraram pipoca.

— Hei de descobrir quem a levou! — gritou Deméter. — Vou matá-lo! E depois vou matá-lo de novo!

Diante disso, qualquer um teria se afastado daquela mulher maluca, mas Hécate se sentiu mal por Deméter.

— Vou ajudá-la a procurar sua filha agora à noite — disse ela a Deméter. — Tenho tochas e enxergo muito bem no escuro.

Elas procuraram do anoitecer até o amanhecer, mas não deram sorte.

Pela manhã, Hécate voltou à caverna para descansar e prometeu ajudar mais depois que anoitecesse, mas Deméter não podia parar.

Ela seguiu sozinha em sua busca até a noite cair. Foi quando chegou a um reino chamado Elêusis. A essa altura, já estava ficando exausta, mesmo sendo uma deusa, então decidiu visitar a cidade

para talvez descansar os pés por alguns minutos. Tentaria entrar discretamente e falar com os habitantes. Talvez tivessem visto ou ouvido alguma coisa.

Deméter se fez passar por uma mortal idosa. Seguiu até a lareira central da cidade, porque era para onde os estranhos iam quando queriam pedir ajuda aos moradores locais. Havia uma multidão reunida na praça. Uma mulher em uma túnica elegante e com uma coroa de ouro fazia um tipo de discurso. Deméter, como deusa inteligente que era, pensou: *Deve ser a rainha.*

Por um acaso, a rainha Metanira estava lá com sua família e seus guardas pessoais para oferecer sacrifícios aos deuses em comemoração ao nascimento de seu filho mais novo, Demofonte. (Ou talvez ela estivesse lá para pedir desculpas aos deuses por dar um nome tão horroroso ao filho.) De qualquer forma, quando Deméter se aproximou, a rainha Metanira estava oferecendo justamente uma oração à deusa dos grãos. Mesmo em seu estado desesperado, deve ter sido emocionante ouvir alguém orando em seu nome sem nem saber que ela estava ali no meio da multidão.

Foi uma sábia decisão não terem me feito deus.

Se fosse comigo, eu esperaria até a rainha dizer “Ó, grande Deméter...” para então surgir de repente em meio a uma explosão de fogos de artifício, dizendo: “ME CHAMOU?”

Foi uma sábia decisão não terem me feito deus.

Continuando: Deméter concluiu que aquilo era um bom sinal. Ela esperou que a rainha terminasse a bênção ao novo bebê, que era muito fofo, e, quando a multidão se dispersou, aproximou-se da rainha. Mas Metanira a avistou primeiro.

— Olá, minha cara senhora! — chamou a rainha.

Deméter parou e olhou ao redor, perguntando-se com quem Metanira estava falando. Até que lembrou que estava disfarçada.

— Ah, sim! Pois não, minha rainha! — disse Deméter, em sua melhor voz de velha senhora.

A rainha observou o rosto de Deméter e as roupas rasgadas. Mesmo disfarçada, Deméter devia parecer cansada. Depois de dez dias de busca, certamente já não tinha mais seu doce cheiro de jasmim.

— Eu não a conheço — concluiu Metanira.

A família e os guardas da rainha se aproximaram.

Deméter considerou virar um monstro dos grãos de mais de trinta metros de altura para se livrar daquela gente, mas a rainha apenas sorriu.

— Bem-vinda a Elêusis! Sempre recebemos bem os forasteiros, porque nunca se sabe quando um deles pode ser um deus disfarçado, não é mesmo?

Os guardas riram. Deviam estar pensando: *Essa velha aí, uma deusa? Até parece.*

Deméter fez uma reverência.

— Muito sábio de sua parte, minha rainha. Muito sábio mesmo.

— A senhora precisa de um lugar para ficar? — perguntou a rainha. — Deseja algo para comer? Como podemos ajudar?

Uau, pensou Deméter. Ela está falando sério.

Depois de dias de ansiedade, de correr freneticamente pela Grécia em busca da filha, Deméter ficou pasma de receber tamanha gentileza. Aqueles mortais insignificantes não viam diferença entre ela e uma mendiga qualquer, mas mesmo assim a rainha se dava ao trabalho de tratá-la bem, melhor até do que os deuses teriam tratado.

Deméter estava tão cansada e emocionalmente esgotada que caiu no choro.

— A minha filha — soluçou ela. — Roubaram minha filha.

A rainha soltou uma exclamação de choque.

— O quê? Que absurdo!

Um belo jovem se aproximou e pegou as mãos de Deméter.

— Minha senhora, sou Triptólemo, o primeiro filho da rainha. Prometo que vou ajudá-la como puder a encontrar sua filha!

A rainha Metanira assentiu.

— Por enquanto, venha comigo, querida hóspede. Está claro que a senhora está exausta. De nada vai adiantar se matar de cansaço e fome. Por favor, fique em meu palácio esta noite. Conte-nos sua história. Descanse e coma. Pela manhã, decidiremos a melhor forma de ajudar.

Deméter queria recusar a oferta. Queria continuar suas buscas. Como era imortal, não corria risco de morrer. Mas, de fato, ela *estava* cansada. E aquelas pessoas eram boas. Para completar, dez dias na estrada haviam deixado suas roupas imundas e cheias de uns tipos de mofo e fungo que nem a deusa *das plantas* reconhecia.

Ela agradeceu à rainha e aceitou a hospitalidade.

Sentindo-se bem melhor depois de tomar um bom banho quente e vestir roupas novas, Deméter foi jantar com a família real. Ela lhes contou pelo que vinha passando, embora tenha deixado de fora alguns pequenos detalhes, como o fato de ser uma deusa. Explicou que a filha tinha desaparecido em um passeio pela campina com as amigas. Uma mulher que morava ali perto tinha ouvido gritos, então era evidente que sua filha havia sido sequestrada, mas Deméter não fazia ideia de quem a tinha levado nem para onde.

A família real deu algumas sugestões úteis: oferecer uma recompensa, buscar informações em sites de busca a desaparecidos, colar pôsteres de DESAPARECIDA por toda a cidade. Finalmente, Triptólemo teve a melhor ideia:

— Vou mandar cavaleiros em todas as direções — disse ele —, para coletarem informações e avisarem do sequestro a quem puderem. Fique conosco e descanse por alguns dias, honrada hóspede. Sei que está nervosa, mas essa é a forma mais rápida de

fazer uma busca pelo campo. Quando meus cavaleiros voltarem, teremos novidades.

Mais uma vez, Deméter teve vontade de contra-argumentar. Estava morrendo de preocupação com a filha, mas não conseguia pensar em nenhuma ideia melhor, e se sentia grata pela hospitalidade da família real. Além do mais, até que seria bom descansar por alguns dias.

Após o pânico inicial devido ao sequestro, Deméter agora começava a sentir uma fria determinação. Lá no fundo, ela sabia que Perséfone ainda estava viva em algum lugar; refém, mas ilesa. Seus instintos maternos lhe diziam isso. Por mais que demorasse, Deméter a encontraria. E quando botasse as mãos no sequestrador... ah, sua vingança seria terrível. Ela o cobriria de fertilizante, faria nascer cevada de todos os seus poros e riria dos seus gritos de pavor quando o transformasse em um cacto gigante.

Deméter sorriu para o príncipe Triptólemo.

— Obrigada por sua gentileza. Aceito a oferta.

— Excelente! — disse o príncipe.

— Gugu dadá! — disse o recém-nascido Demofonte, balbuciando alegremente nos braços da rainha.

Deméter olhou para o garotinho, e seu coração se encheu de calor e nostalgia. Parecia que não tinha se passado nem um século desde que Perséfone era pequena assim!

— Permitam-me retribuir a gentileza — disse Deméter à rainha. — Sou uma excelente ama e sei como é ter um filho recém-nascido. A senhora precisa dormir! Deixe-me cuidar do seu bebê esta noite. Prometo que ele ficará bem. Vou abençoá-lo com encantos especiais contra o mal e farei com que cresça e seja um herói forte e belo!

Nunca fui mãe, mas acho que ficaria bastante desconfiado se uma velhinha que conheci na rua se oferecesse para cuidar do meu filho por uma noite. Mas, como vocês podem imaginar, a rainha Metanira era uma pessoa gentil e confiante. Ela se sentia péssima por aquela senhora que tinha acabado de perder a filha. Além do mais, era

verdade que Metanira não vinha dormindo muito desde o nascimento do filho.

— Seria uma honra — disse a rainha, entregando Demofonte para Deméter.

Naquela noite, a deusa embalou o bebê ao lado do fogo. Cantou cantigas de ninar do Monte Olimpo, como “A dona ninfa” e “Sou um pequeno ciclope”. Alimentou o bebê com néctar, a bebida dos deuses, misturada com leite. Sussurrou bênçãos poderosas que atuariam na segurança dele.

Vou torná-lo imortal, pequenino, pensou Deméter. É o mínimo que posso fazer por sua bondosa mãe. Vou torná-lo tão forte que ninguém nunca vai fazer a você o que fizeram com minha pobre filha.

Quando a criança adormeceu, Deméter o colocou na lareira ardente.

Vocês devem estar pensando: *Meu Deus! Ela assou a criancinha?*

Não, calma. Deu tudo certo.

A magia de Deméter o protegeu, então as chamas só o aqueceram de forma agradável. Enquanto Demofonte dormia, o fogo começou a queimar sua essência mortal e iniciou o processo que o transformaria em deus.

Quando amanheceu, a rainha Metanira nem acreditou ao ver como seu filho havia crescido. Ele ganhara vários quilos durante a noite; seus olhos estavam mais intensos; seus bracinhos tinham mais força.

— O que a senhora deu a ele? — perguntou a rainha, impressionada.

Deméter riu.

— Ah, nada de especial, mas prometi cuidar dele. Vai ser um belo jovem!

Durante o café da manhã, Triptólemo anunciou que seus cavaleiros já tinham partido e que esperava ter notícias dali a um ou dois dias. Deméter estava ansiosa. Embora um pouco tentada a

seguir viagem sozinha, concordou em esperar a volta dos cavaleiros.

Naquela noite, Deméter cuidou de novo do bebê Demofonte. Deu-lhe mais ambrosia e o colocou para dormir no fogo. Pela manhã, ficou satisfeita em ver que o processo de imortalização caminhava muito bem.

Mais uma noite deve bastar, pensou ela.

No dia seguinte, quando a deusa devolveu o bebê à mãe, Metanira não ficou tão feliz. Seu menininho de repente parecia um bebê de quatro meses, não um recém-nascido. A rainha se perguntou que tipo de magia Deméter estaria usando — será que tinha passado no teste de segurança para aplicação em bebês? Talvez a velhinha estivesse colocando algum hormônio de crescimento no leite de Demofonte. Mais alguns dias e era capaz de o garoto aparecer com barriga tanquinho e axilas cabeludas.

Ainda assim, a rainha era educada demais para gritar com a hóspede ou lançar acusações sem provas. Então guardou suas dúvidas para si. Secretamente, sua esperança era de que os cavaleiros voltassem ainda naquele dia e que a senhora seguisse seu caminho.

Infelizmente, porém, os cavaleiros não voltaram.

— Tenho certeza de que eles voltarão de manhã — prometeu Triptólemo. — Aí teremos mais informações.

Deméter concordou em ficar mais uma noite. Dessa vez, quando o jantar terminou, ela pegou o bebê da rainha sem nem perguntar, apenas supondo que não tinha problema. O coração de Metanira disparou no peito. Ao ver Deméter carregar Demofonte para o quarto de hóspedes, ela tentou se convencer de que estava tudo bem. A velhinha era inofensiva. Ela *não* transformaria seu filho recém-nascido em um homenzarrão da noite para o dia.

Mas a rainha não conseguiu dormir.

Tinha medo de perder a infância inteira do filho; de acordar pela manhã e se deparar com um menino de três anos enorme e já barbado correndo na direção dela e gritando em voz grossa: “E aí,

mãe? Beleza?”

Chegou um momento em que Metanira não suportou mais. Ela se esgueirou pelo corredor até o quarto de Deméter para ver o filho.

A porta do quarto estava entreaberta. A luz do fogo brilhava no peitoril da janela. Metanira ouviu a mulher cantando uma cantiga de ninar, mas o bebê não fazia nenhum barulho. Ela esperava que isso fosse um bom sinal. Ele devia estar dormindo tranquilamente. Mas e se o menino estivesse em perigo?

Sem bater, ela abriu a porta... e gritou a plenos pulmões. A velha senhora estava sentada calmamente em uma cadeira de balanço vendo o bebê Demofonte queimar no fogo!

Metanira correu para a lareira e tirou o bebê das chamas, sem se importar em queimar os braços e as mãos. O bebê começou a chorar, infeliz por acordar em meio a um cochilo tranquilo ali no quentinho da lareira.

Metanira se virou para Deméter, pronta para arrancar o couro dela, mas a velha gritou com ela *primeiro*, levantando-se em fúria:

— O que foi que deu em você? Por que fez isso? Você estragou tudo!

Metanira nem conseguia abrir a boca, em choque. Nesse momento, o príncipe Triptólemo e vários guardas entraram no quarto para saber o porquê da gritaria.

— O que houve? — perguntou Triptólemo.

— Prendam esta mulher! — gritou uma histérica Metanira, o bebê aninhado em seus braços queimados. — Ela tentou matar Demofonte! Ele estava queimando no fogo!

Os guardas partiram para cima da velha, mas Triptólemo gritou:

— **ESPEREM!**

Os guardas hesitaram.

Triptólemo lançou um olhar desconfiado para a mãe e a senhora. Ele era inteligente o bastante para perceber que alguma coisa ali não estava certa. O bebê chorava, mas parecia bem. Não parecia ter se queimado. O cobertor não estava nem chamuscado. A expressão

da senhora era mais de exasperação do que de culpa ou medo.

— O que significa tudo isso? — perguntou ele à hóspede.

— Significa — rosnou Deméter — que a sua mãe *estragou tudo* para o bebê.

Então a velhinha começou a brilhar. Seu disfarce se desfez, e ela apareceu para seus anfitriões como uma deusa de cabelo dourado em uma túnica que cintilava luz verde, a espada de foice reluzindo ao lado do corpo.

Os guardas largaram as armas e recuaram. Talvez tivessem ouvido sobre o triste destino de Eri.

A rainha sufocou um grito. Como boa devota que era, ela sabia reconhecer seus deuses.

— Deméter!

— Sim — confirmou a deusa. — Eu estava *tentando* fazer um favor a você, sua tola. Mais algumas horas no fogo e seu filho teria se tornado imortal! Ele se tornaria um belo e jovem deus e traria honra eterna para você. Mas você estragou a magia. Ele vai ser apenas humano; um grande herói, sim, forte e alto, mas fadado à vida mortal. Vai ser apenas Demofonte, quando poderia ter sido Megafonte! Fonte, o Grandioso!

Metanira engoliu em seco. Ela não sabia se deveria pedir desculpas, agradecer ou o quê. Estava tão aliviada de ter o filho de volta, totalmente ileso (sem queimaduras nem axilas cabeludas), que não se importava se ele era imortal ou não. Um grande herói já estava ótimo. Ainda assim, ela achou melhor não dizer isso à deusa.

— Eu... Eu deveria ter confiado em você — murmurou Metanira.

— Por favor, grande Deméter, me puna por minha falta de fé, mas não faça mal a minha família.

— Não seja boba — disse Deméter, com um gesto de desdém. — Não vou punir você. Só estou irritada. Vocês têm ajudado na minha busca, e...

— Ah!

Triptólemo levantou a mão como se tivesse uma pergunta urgente

a fazer ao professor.

— Sim? — disse Deméter.

— Isso me fez lembrar que um dos meus cavaleiros acabou de voltar com notícias.

— Sobre minha filha? — Deméter esqueceu completamente a irritação e agarrou os ombros do príncipe. — Vocês a encontraram?

Triptólemo não estava acostumado a ser sacudido por uma deusa, mas tentou agir com naturalidade.

— Hã, não exatamente, minha senhora. No entanto, o cavaleiro diz que conheceu uma pessoa que conheceu uma pessoa que conheceu um cara em uma taverna distante, no leste. Esse cara alegava ser o titã do Sol, Hélios. Parece que ele estava tentando impressionar as mulheres com umas histórias.

Deméter apertou os olhos, refletindo sobre aquilo.

— Flertando com mulheres aleatórias em uma taverna? É bem típico de Hélios mesmo. Quer dizer, típico da maioria dos deuses, na verdade. O que ele disse?

— Disseram que ele estava contando a história da sua filha Perséfone. Ele alegou ter testemunhado o sequestro e saber quem a havia capturado. Mas, bem, não deu o nome do culpado.

— É claro! — Deméter ficou tão empolgada que começou a nascer grama na camisa de Triptólemo. — Opa, me desculpe... É que é uma excelente notícia! Bem que eu deveria ter pensado em visitar Hélios. Ele vê tudo que acontece!

Ela deu um beijo na bochecha de Triptólemo.

— Obrigada, meu querido rapaz. Não vou me esquecer da sua ajuda. Quando eu recuperar minha filha, vou recompensá-lo generosamente.

Triptólemo tentou sorrir, mas não conseguiu. Estava com medo de Deméter colocá-lo para dormir em uma lareira acesa.

— Não precisa. De verdade.

— Não, eu insisto. Mas, agora, preciso voar!

Deméter virou uma rolinha, que era um dos pássaros sagrados

dela, e saiu voando pela janela, deixando para trás uma abalada família real de Elêusis.

* * *

Hélio viu que estava encrocado assim que viu Deméter entrar em seu salão do trono. O titã do Sol gostava de relaxar nas últimas horas da noite, antes de selar seus cavalos de fogo e ir trabalhar.

Ele estava relaxando, lembrando-se de todas as loucuras que vira durante o trajeto do dia anterior. Ele *realmente* deveria escrever um livro. Foi então que, de repente, as portas de bronze da câmara de audiências se abriram e Deméter surgiu em sua carruagem guiada por dragões. Ela se dirigiu até os degraus que levavam ao trono. Os dragões rosnaram e arreganharam os dentes, deixando os sapatos dourados de Hélio todos babados.

— Hã... oi? — cumprimentou ele, com nervosismo.

— Cadê a minha filha? — perguntou Deméter, calma e mortalmente séria.

Hélio fez uma careta. Ele não queria se envolver em discordâncias entre deuses. Não ganhava para isso. Mas decidiu que aquela *não* era uma boa hora para omitir informações.

— Foi Hades quem a levou — disse ele.

E contou tudo que tinha visto.

Deméter conteve um grito. Não queria causar mais uma explosão de pipocas. Mas *Hades*? Entre todos os deuses nojentos e horríveis que poderiam ter levado sua preciosa filha, Hades era o mais nojento e horrível de todos.

— E *por que* você não me contou isso antes?

A voz dela estava tão afiada quanto a foice.

— Bem, hã...

— Deixa pra lá! — interrompeu ela. — Eu me acerto com você depois. Quando Zeus souber que Hades desonrou nossa filha, vai ficar furioso!

E foi embora do palácio do Sol, direto para o Monte Olimpo.

Como vocês podem imaginar, a conversa com Zeus não foi bem do jeito que Deméter havia imaginado. Ela entrou a toda no salão do trono, gritando:

— Zeus! Você não vai acreditar no que aconteceu.

Ela lhe contou toda a história e exigiu que ele fizesse alguma coisa.

Estranhamente, Zeus *não* pareceu furioso. Nem olhava Deméter nos olhos. Ficava mexendo na ponta de seu raio. O suor escorria pela lateral de seu rosto.

Um arrepio percorreu Deméter, inundando-a com uma espécie de raiva que era muito mais profunda do que qualquer outra coisa que já tivesse sentido.

— Zeus, o que você fez?

— Bem... — Zeus deu de ombros, envergonhado. — Hades talvez tenha mencionado que queria se casar com Perséfone.

Deméter fechou as mãos com tanta força que as unhas se cravaram na pele, fazendo pingar icor.

— E...?

— E é uma boa união! Hades é poderoso. É bonito... bem, é *poderoso*.



— Quero minha filha de volta — disse Deméter. — **AGORA.**

Zeus se remexeu desconfortavelmente no trono.

— Olhe, docinho...

— NÃO me chame de docinho.

— Não posso voltar atrás. Está feito. Ela está no Mundo Inferior. Eles se casaram. Ponto final.

— Não — disse Deméter. — Ponto final coisa nenhuma. Até eu ter minha filha de volta, *nada* vai crescer em parte alguma da Terra. As plantações vão morrer. As pessoas vão passar fome. Toda criatura viva vai sentir minha dor até *você* fazer o que deve: me devolver Perséfone!

Deméter saiu trovejando da sala. (Trovejar geralmente era coisa de Zeus, mas ela estava mais do que furiosa.) Ela voltou para Elêusis, o único reino onde as pessoas a tinham ajudado. Permitiu que as plantas lá continuassem crescendo, mas, no restante da Terra, tudo murchou e morreu, como ela ameaçara.

Zeus disse a si mesmo: *É só chilique. Daqui a uns dias ela já vai ter superado.*

Semanas se passaram. Meses. Humanos passavam fome aos milhares. E quando os humanos passavam fome, não podiam queimar oferendas para os deuses. Não podiam construir novos templos. Só conseguiam gritar de sofrimento, rezando aos deuses vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana: *Socorro! Estamos passando fome!* Isso deu a Zeus uma *enorme* dor de cabeça.

Além do mais, os deuses tiveram que ficar vivendo apenas de ambrosia e néctar, o que logo ficou enjoativo. Sem grãos, eles não podiam ter pães nem os incríveis brownies que Hera às vezes preparava.

Finalmente, Zeus cedeu. Ele chamou seu principal mensageiro,

um deus chamado Hermes, e disse:

— Ei, Hermes, vá até o Mundo Inferior e diga a Hades que ele precisa mandar Perséfone de volta agora mesmo, senão nunca teremos paz. Nem brownies.

— Pode deixar, chefe.

E Hermes disparou para o Mundo Inferior.

* * *

Durante todo esse tempo, lá estava Perséfone no palácio de Hades, aprendendo da forma mais difícil que o mundo *não* girava ao redor dela.

Por mais que ela batesse o pé, fizesse manha ou gritasse pela mãe, ela não conseguia o que queria.

E a garota deu chiliques épicos. Destruiu a cama (depois disso, dormir ficou difícil); chutou as paredes (acabou machucando o pé); e, quando os fantasmas que serviam Hades levavam as refeições para Perséfone, ela quebrava os pratos e se recusava a comer qualquer coisa, apesar de estar morrendo de fome.

A parte de “não comer” era importante. Sabe, nos tempos gregos, comer na casa dos outros era como assinar um contrato. Significava que você aceitava sua posição de convidado. Você tinha que ser tratado da forma adequada, mas também tinha que se comportar da forma adequada. Basicamente, significava que você e seu anfitrião estavam em bons termos.

Perséfone não queria assinar esse contrato. De jeito nenhum.

Nos primeiros dias, ela se enfurnou no quarto e ali ficou. Hades não a obrigou a sair, mas tentou falar com ela algumas vezes.

— Olhe — disse ele —, seu pai concordou com o casamento. Lamento por toda essa história do sequestro, que, aliás, foi ideia *dele*, mas, sinceramente, eu a *amo*. Você é incrível e linda, e eu prometo...

— Vá embora!

Ela jogou nele a primeira coisa que viu — que por acaso foi um travesseiro. O travesseiro bateu no peito de Hades e caiu.

Hades a deixou em paz, afastando-se com uma expressão triste no rosto.

Por volta do quarto dia, Perséfone ficou entediada e saiu do quarto. Ninguém a impediu. Ela logo percebeu por quê: fora do palácio do rei, não havia para onde ir. Ela estava presa no Mundo Inferior, no meio do nada, rodeada por sombrias planícies cinzentas cheias de mortos, e, acima, uma névoa escura no lugar do céu.

Mesmo se fugisse do palácio, ela não queria andar por aqueles campos cheios de almas mortas, e não fazia ideia de como voltar para o mundo da superfície.

Sabe o mais irritante? Hades *se recusava* a ficar com raiva de Perséfone, por mais pratos que ela quebrasse, por mais lençóis que rasgasse e por piores que fossem os nomes de que ela o xingava — embora, para falar a verdade, a garota não conhecesse muitos insultos. Ela antes vivia uma vida feliz e protegida, e chamar Hades de *miolo mole* não ajudava muito a aliviar a raiva.

Hades aceitava os insultos e dizia que lamentava por ela estar com raiva.

— Mas eu amo você — jurou ele. — Você é a coisa mais iluminada no Mundo Inferior inteiro. Com você aqui, nunca mais vou sentir falta da luz do Sol. Você é mais quente que o Sol, muito mais.

— Seu miolo mole! — gritou ela.

Depois que ele saiu, Perséfone percebeu que o que ele tinha dito até que era fofo... Um fofo apavorante e patético, claro.

Os dias se passaram. Quanto mais Perséfone andava pelo palácio, mais impressionada ficava. A mansão era *enorme*. Hades tinha quartos inteiros erguidos em ouro e prata. Todo dia os criados colocavam novos buquês de flores feitas de pedras preciosas: uma dúzia de rosas de rubi em caules de diamante, girassóis de platina e ouro com folhas de esmeraldas. Nem no Monte Olimpo ela tinha visto riqueza tão deslumbrante.

Perséfone então começou a perceber que, por mais apavorante e horrível que Hades fosse, ele tinha um tremendo poder. Controlava milhares de almas. Comandava monstros horríveis e criaturas das trevas. Tinha acesso a toda a riqueza que havia debaixo da terra, o que o tornava o deus mais rico do mundo. Por mais objetos e móveis que Perséfone destruísse, ele conseguia substituí-los imediatamente, fosse o que fosse, por algo melhor.

Ainda assim, ela odiava o lugar. É claro que odiava! Sentia falta do sol, das campinas e das flores. O Mundo Inferior era tão úmido que ela nunca se sentia aquecida. A escuridão constante lhe causava um sério transtorno afetivo sazonal.

Um dia, ela foi parar no salão do trono. Hades estava sentado lá na frente, em seu trono esculpido a partir de milhares de ossos, conversando com um fantasma reluzente. Perséfone supôs que fosse uma alma recém-chegada do mundo mortal, pois o sujeito parecia estar contando as novidades para Hades.

— Obrigado — disse ele ao espírito. — Mas nunca vou ceder! Não me importa *quantos* mortais morram!

Perséfone se dirigiu resoluta à elevação onde ficava o trono.

— Do que você está falando, seu malvado? Quem está matando agora?

Hades ficou perplexo. Ele acenou para o fantasma, que desapareceu.

— Eu... Eu não quero contar. Faria você sofrer.

Isso só a atíçou ainda mais.

— O que está acontecendo?

Hades respirou fundo.

— Sua mãe está zangada. Ela sabe que tomei você como minha esposa.

— Rá! — O coração de Perséfone deu um salto. — Ah, você está muito encrencado. Ela está vindo para cá agora mesmo, com um exército de ninfas furiosas e espíritos dos grãos, não está?

— Não — respondeu Hades.

Perséfone ficou alguns instantes calada, sem entender.

— Não?

— Sua mãe não entra no Mundo Inferior — disse Hades. — Ela *odeia* isto aqui. Ela me odeia.

— É claro! — disse Perséfone, embora estivesse um pouco decepcionada. Estava contando que a mãe iria salvá-la. Não era possível que Deméter não fosse buscá-la, odiando ou não o Mundo Inferior. — Mas... Não entendi. O que você estava dizendo sobre mortais morrendo?

Hades fez uma careta.

— Sua mãe está tentando obrigar Zeus a levar você de volta. Está fazendo o mundo todo passar fome, deixando milhares de pessoas morrerem até que você volte para ela.

Perséfone quase caiu no chão. Sua mãe estava fazendo *o quê?*

Deméter sempre fora tão bondosa. Perséfone não conseguia imaginar a mãe deixando um pé de milho morrer, muito menos milhares de pessoas. Mas alguma coisa lhe dizia que Hades não estava mentindo.

Perséfone sentia os olhos arderem. Ela não sabia se estava triste, zangada ou só enjoada. Milhares de mortais estavam morrendo por causa *dela?*

— Você precisa me deixar ir — disse ela. — Agora mesmo.

Hades trincou o maxilar. Pela primeira vez ele não pareceu inerte ou fraco. Ele a encarou. Seus olhos escuros emanavam um fogo roxo.

— Você é minha vida agora — disse Hades. — É mais preciosa para mim do que as pedras preciosas debaixo da terra. Lamento por você não me amar, mas serei um bom marido. Farei tudo o que puder para fazê-la feliz. *Não* vou deixá-la ir. Se for preciso, vou responder ao ataque da sua mãe. Abrirei os portões do Mundo Inferior e deixarei que os mortos voltem para o mundo, mas não a deixarei ir!

Perséfone não sabia o que fazer com aquela informação. Seu

coração estava tão apertado que parecia uma pedrinha preciosa, tão brilhante e dura quanto um diamante.

Ela se virou e fugiu. Seguiu por um corredor que nunca tinha explorado antes, abriu uma porta e foi dar em um... jardim.

Perséfone ficou sem fôlego. Era o lugar mais incrível que já tinha visto. Luzes quentes fantasmagóricas flutuavam acima — seriam as almas de pessoas mortas alegres? Ela não sabia, mas o jardim era mais quente e mais iluminado que qualquer outro lugar do Mundo Inferior. Belas flores subterrâneas brilhavam no escuro. Árvores cuidadosamente podadas ofereciam flores de aroma doce e frutas que brilhavam como neon.

Os caminhos eram esculpidos com rubis e topázios. Bétulas brancas erguiam-se como fantasmas congelados. Um riacho cruzava o jardim. Sobre uma mesa próxima havia uma bandeja de prata com uma jarra de vidro cheia de néctar, assim como os biscoitos e frutas preferidos de Perséfone.

Ela não conseguia entender o que estava vendo. Todas as flores e árvores que ela mais amava no mundo superior estavam ali naquele jardim, de alguma forma desabrochando e florescendo na escuridão.

— O que...? — Ela não conseguia formar uma frase. — Como...?

— Gostou? — perguntou Hades, surgindo bem atrás dela.

Ele a seguira até ali, e pela primeira vez sua voz não a fez se encolher de medo.

Quando se virou, Perséfone viu um sorrisinho no rosto dele. Até que Hades não ficava tão horrendo quando sorria.

— Você... Você fez isso para mim?

Ele deu de ombros.

— Lamento por não ter ficado pronto antes. Chamei os melhores jardineiros do Mundo Inferior. Ascálafo! Cadê você?

Um jovem magro surgiu do meio dos arbustos, com uma tesoura de jardinagem na mão. Era um dos mortos, a julgar pela pele cor de papel e pelo brilho amarelado dos olhos, mas ele conseguiu abrir um sorriso. Parecia, por alguma razão, mais alerta do que os outros

zumbis que Perséfone conhecera.

— Estou só aparando as rosas, meu senhor — disse Ascálafo. — Minha senhora, é um prazer conhecê-la.

Perséfone sabia que deveria dizer alguma coisa, tipo um *oi*, mas estava perplexa demais.

Nessa hora, uma gárgula alada apareceu voando no jardim e sussurrou alguma coisa no ouvido de Hades. O deus assumiu uma expressão séria.

— Um visitante — disse ele. — Com licença, minha querida.

Quando ele se foi, Ascálafo indicou a mesa.

— Minha senhora, deseja comer alguma coisa?

— Não — disse Perséfone automaticamente.

Apesar de tudo, ela sabia que não deveria aceitar nada de um deus que a tinha sequestrado.

— Como quiser — disse o jardineiro. — Mas acabei de colher estas romãs. Estão deliciosas.

Ele tirou uma do bolso do macacão e a colocou na mesa, depois, com uma faca, cortou a fruta em três partes. Centenas de suculentas sementes roxo-avermelhadas brilhavam lá dentro.

Pessoalmente, não sou muito fã de romãs, mas Perséfone era. A fruta a fez lembrar-se dos momentos felizes que costumava viver lá em cima, passeando pelas campinas com suas amigas ninfas.

Ela olhou para a fruta suculenta e seu estômago roncou em protesto. Fazia dias que não comia nada. Ela era imortal, então não tinha como morrer; mas a *sensação* era a de que estava morrendo de fome.

Um pouquinho não vai fazer mal, disse a si mesma.

Ela se sentou e colocou uma semente na boca. Estava incrivelmente deliciosa. Antes de perceber, já tinha comido um terço da fruta. E provavelmente teria comido mais se Hades não tivesse voltado. Ele trazia o visitante: o deus Hermes.

— Meu amor! — chamou Hades, com uma voz de quem tinha acabado de chorar.

Perséfone se levantou de um pulo e levou as mãos às costas para esconder os dedos roxos, torcendo para não ter sumo da fruta escorrendo pelo queixo.

— Hummm? — murmurou ela, ajeitando na boca algumas sementes parcialmente comidas.

— Este é Hermes. — Hades parecia arrasado, desesperado. — Ele... ele veio para levar você de volta.

Perséfone engoliu o resto das sementes.

— Mas... você disse...

— Zeus mandou. — Hades estava tão triste que Perséfone esqueceu que a notícia era boa. — Por você eu lutaria com prazer contra qualquer deus, mas nem eu conseguiria enfrentar todo o conselho do Olimpo. Então sou... sou obrigado a abrir mão de você.

Perséfone deveria estar gritando de alegria. Era isso que ela queria! Então por que se sentia tão mal? Ela não conseguia suportar ver a infelicidade no rosto de Hades. Ele havia feito aquele jardim só para ela e a tinha tratado bem... Quer dizer, tirando a parte do sequestro, que, aliás, tinha sido ideia *de Zeus*. Hades estava disposto a abrir os portões dos mortos por ela.

Hermes não parecia incomodado com nada daquilo.

— Ah, excelente! — Ele sorriu para Perséfone. — Pronta para ir? Só preciso lhe fazer algumas perguntas antes de atravessarmos a fronteira. Sabe como é, procedimento-padrão. Você entrou em contato com algum animal vivo?

Perséfone franziu a testa.

— Não.

— Visitou alguma fazenda? — perguntou Hermes. — Está transportando mais de dez mil dracmas em moeda estrangeira?

— Hã... não.

— Última pergunta: você comeu algum alimento do Mundo Inferior? — E acrescentou, levantando as mãos como quem pede desculpas: — Sei que é uma pergunta idiota. É claro que você não faria isso. Afinal, se comesse qualquer alimento do Mundo Inferior,

teria que ficar aqui para sempre!

Perséfone limpou a garganta.

— Hã...

Não sei se ela teria mentido ou não, mas, antes que pudesse responder, o jardineiro Ascálafo disse:

— Mostre-lhes suas mãos, minha senhora.

Perséfone corou. Ela esticou as mãos, que estavam manchadas de roxo.

— Um terço de romã — disse ela. — Só isso.

— Ah — disse Hermes. — Ops.

— Ela pode ficar! — Hades começou a dançar, girando e com um sorriso de orelha a orelha, até perceber que não era uma reação muito nobre. — Bem, quer dizer, ela vai *ter* que ficar. Eu... eu lamento, minha querida, se isso a deixa triste. Mas não posso fingir que não estou feliz da vida. É uma notícia maravilhosa.

As emoções de Perséfone estavam uma confusão tão grande que ela não sabia *o que* sentir.

Hermes coçou a cabeça.

— Isso complica as coisas. Preciso informar meu chefe para receber novas ordens. Volto logo.

E, dizendo isso, ele voou até o Monte Olimpo para dar a notícia aos outros deuses.

Quando Deméter soube, ficou furiosa e, não sei como, conseguiu enviar uma maldição poderosa pelo chão até aquele jardim na mansão de Hades, no Mundo Inferior. O jardineiro Ascálafo foi transformado em uma lagartixa, por ter delatado Perséfone.

Por que lagartixa? Não faço ideia. Acho que ali, na pressa, a pior maldição em que ela conseguiu pensar foi transformá-lo em uma lagartixa zumbi.

Deméter ameaçou deixar o mundo continuar a passar fome se não lhe devolvessem a filha. Hades mandou uma nova mensagem por Hermes avisando que os mortos subiriam em um apocalipse zumbi se Perséfone não ficasse com ele. Zeus estava ficando com

uma dor de cabeça lancinante, imaginando seu belo mundo sendo destruído, quando Héstia, a deusa da lareira, surgiu com uma solução:

— Deixem que Perséfone divida o tempo dela. Ela comeu um terço da romã. Que passe um terço do ano com Hades e dois terços com Deméter.

Incrivelmente, todos os deuses concordaram. Hades ficou feliz em ter sua esposa, mesmo que por um terço do ano. Deméter ficou feliz da vida, embora nunca tenha superado a raiva de Hades: durante o tempo que Perséfone passava no Mundo Inferior, Deméter ficava fria e zangada, e não deixava as plantas crescerem.

De acordo com as antigas histórias, é por isso que há três estações do ano distintas na Grécia e que, durante os meses mais frios do outono, as plantas não crescem.

Para Perséfone, a experiência toda a obrigou a crescer. Ela se apaixonou por Hades e acabou se adaptando ao Mundo Inferior, embora ainda gostasse de passar um tempo no mundo mortal, com a mãe e as antigas amigas. A titã da magia, Hécate, que tinha ajudado Deméter na busca pela filha, foi para o Mundo Inferior como uma espécie de dama de companhia de Perséfone. Para Hécate, foi ótimo. O Mundo Inferior era muito mais escuro e um lugar bem melhor para se fazer magia do que uma caverna úmida.

Deméter até se lembrou da promessa que fizera a Triptólemo, o príncipe de Elêusis. Ela lhe deu sua carruagem com rodas de serpente e fez dele o deus das fazendas. Disse-lhe para viajar pelo mundo ensinando técnicas de agricultura às pessoas. Não parece um trabalho muito interessante, mas Triptólemo preferiu isso a ser jogado no meio do fogo.

Depois disso, Deméter *realmente* sossegou. Não deu mais nenhum chilique, o que foi bom, porque depois foi a vez de sua irmã Hera — e a fúria de Hera faria a raiva de Deméter parecer *brincadeira de criança*.

HERA FICA MEIO DOIDA



VAMOS COMEÇAR COM a parte boa: Hera era uma gata. Tipo, de parar o trânsito.

Ela tinha cabelo preto comprido e brilhoso. Seu rosto era nobre e intocavelmente lindo, como o de uma modelo na passarela. Os gregos descreviam seus olhos como “olhos de boi”. Podem acreditar, era um elogio. Significava que ela tinha olhos grandes, suaves e castanhos, nos quais dava para se perder. Acho que os gregos passavam muito tempo olhando para bois.

Enfim, nos primórdios do Monte Olimpo, todos os deuses e titãs acabavam invariavelmente ficando loucos por Hera. O que nos leva à parte ruim. Hera tinha pouca paciência e personalidade difícil. Sempre que um homem se aproximava, ela o arrasava tão rápido (comentando os defeitos dele, insultando-o sem a menor compaixão) que o sujeito ia embora às lágrimas e nunca mais tentava conquistá-la.

Mãe Reia decidiu que seria bom para Hera estudar em um colégio interno só para garotas, onde ela poderia amadurecer um pouco e aprender a ser menos ácida. Infelizmente, porém, ninguém tinha inventado o colégio interno ainda.

Como plano B, Reia mandou Hera ir morar com o tio Oceano e a tia Tétis no fundo do mar mais distante.

Por um tempo, Hera ficou incomunicável. Passou alguns anos felizes com Oceano e Tétis, que tinham um casamento bem sólido em comparação com os outros imortais, e decidiu que queria um casamento como aquele. Ela esperaria pelo homem certo. Não se casaria com o primeiro deus que lhe aparecesse, a não ser que ele provasse que seria um marido bom e fiel.

Ela sabia dos problemas da irmã Deméter. Poseidon, Zeus e Hades eram uns idiotas. Héstitia é que era esperta de decidir ficar solteira.

Mas Hera não pretendia ficar solteira para sempre. Ela queria marido, filhos, casa própria... o pacote completo. Só teria que tomar cuidado com o marido que iria escolher.

Depois de alguns anos, ela voltou para o Monte Olimpo e ganhou aposentos próprios no palácio. Seu temperamento estava mais controlado, mas os deuses ainda tinham dificuldade em flertar com ela. Se fossem muito ousados, ela os repelia sem nem pensar duas vezes.

Beijar Hera? Nada disso, bobinho. A não ser que lhe oferecesse uma aliança de casamento e um extrato bancário provando que tinha condições de sustentar uma família.

Depois de um tempo, a maioria dos deuses e titãs achou que Hera dava muito trabalho, apesar de ser a deusa mais bonita da criação. (Bem, até o momento, pelo menos.)

Mas um deus em especial a via como um desafio.

Zeus não gostava de ouvir um não como resposta. Vocês devem ter reparado nisso.

Ele se sentava ao lado de Hera à mesa de jantar e ficava

contando as melhores piadas de seu repertório. Cantava para ela junto à lareira. Quando a avistava vindo pelo corredor, começava, do nada, a fazer a dança dos curetes só para arrancar um sorriso da moça.

No fundo, Hera gostava de receber essa atenção de Zeus. Ele era divertido quando queria. Era bonito, com seu cabelo escuro e seus olhos azuis, e gostava de andar sem camisa, contraindo os músculos casualmente e exibindo o abdômen. O cara estava em boa forma, não havia dúvida. E, sim, era o rei do universo; logo, a maioria das mulheres o consideraria um bom partido.

Mas não Hera. Ela sabia muito bem como Zeus era mulherengo. Ele já tinha sido casado *pelo menos* duas vezes. Tinha uma filha com Deméter. Havia boatos de muitos outros casos com deusas, titânides e até mortais.

Hera *não* seria mais uma conquista. Afinal, ela não era um troféu. Ela sabia que, se abrisse a guarda para Zeus, ele perderia o interesse imediatamente, deixaria de ser tão encantador e começaria a dar em cima de outras mulheres na mesma hora. Hera não conseguia suportar essa ideia.

Uma noite, depois do jantar, ele contou uma piada especialmente engraçada — alguma coisa sobre um burro, um deus e um ciclope entrando em um templo —, e Hera não conseguiu sufocar a gargalhada. Ela ficou arfante e com lágrimas nos olhos.

À mesa, os olhares dos dois se cruzaram, e ela o fitou demoradamente, até pigarrear e olhar para o outro lado. Mas Zeus já tinha vislumbrado seus sentimentos.

— Você gosta de mim — disse ele. — Sei que gosta.

— É claro que *não* — disse ela. — Você é bobo, mulherengo, desprezível e mentiroso!

— Exatamente! — disse Zeus. — São as minhas melhores qualidades!

Ela se esforçou para não rir. Nunca tinha conhecido um homem tão imune a seus insultos. Zeus era quase tão teimoso quanto ela.

— Quando você vai desistir? — perguntou ela. — *Não* estou interessada.

— Eu nunca vou desistir. E você *está* interessada. Você e eu... rei e rainha do cosmos. Imagine! Seríamos um casal imbatível. Obviamente, você é a deusa mais bela da criação. E eu, é claro, sou diabolicamente lindo.

Ele contraiu os músculos. Era um exibido ridículo, mas Hera precisava admitir que era bonito.

Ela balançou a cabeça.

— Como posso fazer você entender que está perdendo seu tempo?

— Não pode. Eu amo você.

Ela riu com deboche.

— Você ama qualquer coisa que use saia.

— É diferente. Você é a deusa certa para mim. Sei disso. E você sabe também. É só dizer que me ama. Você consegue. E vai se sentir melhor se for sincera.

— Nunca — disse ela. — Eu nunca vou dizer isso para você. *Nunquinha*.

— Ah, isso parece um desafio! — Zeus sorriu. — Se eu conseguir fazê-la admitir que me ama, você se casa comigo?

Hera revirou os olhos.

— É claro, Zeus. Como isso nunca vai acontecer, posso dizer com segurança que, se eu algum dia admitisse... você sabe, o que você disse... então, claro, eu me casaria com você. E só faço essa promessa porque **NUNCA VAI ACONTECER!**

— Desafio aceito — disse Zeus, com uma piscadela.

Ele se levantou da mesa de jantar, e Hera começou a se questionar se tinha cometido um erro.

* * *

Algumas noites depois, Hera já tinha quase esquecido a conversa.

Estranhamente, Zeus não voltara a falar no assunto. Na verdade, não prestara muita atenção nela depois daquela noite, o que deveria tê-la enchido de alívio, mas que por algum motivo a estava frustrando.

Esqueça-o, disse Hera a si mesma. *Ele finalmente entendeu que não vai rolar. Já deve estar se insinuando para alguma outra pobre deusa.*

Ela tentou se convencer de que aquilo era algo bom. De que não estava com ciúmes. Isso seria ridículo.

À noite, uma tempestade violenta caiu sobre o Monte Olimpo. Hera deveria ter ficado desconfiada, já que Zeus era o deus dos céus e tudo o mais, mas ela estava ocupada demais fechando todas as janelas para não entrar chuva.

Ela correu para o quarto e estava fechando a última janela quando um pequeno pássaro entrou e caiu, exausto, no chão.

— Caramba! — Hera deu um passo para trás, assustada. — Como você entrou aqui, bichinho?

O pássaro bateu as asas inutilmente no piso de mármore. Seu peito arfou, seu corpo todo tremeu de frio. Hera se ajoelhou e viu que era um cuco.

Vocês já viram um cuco *de verdade* (não os de madeira que saem dos relógios)? Eu não. Tive que pesquisar. É um sujeitinho muito estranho. Ele tem uma espécie de moicano de penas no alto da cabeça que não combina com suas asas estreitas em tons de marrom e branco, nem com sua cauda comprida. Basicamente, parece que caiu alguma coisa em sua cabeça.

Bem, mas então Hera se abaixou para pegar o pássaro. Ela sentia o coração da pequena ave batendo na palma de sua mão. Uma das asas estava virada em um ângulo estranho. Hera não entendia como um pássaro tão pequeno podia ter voado tão alto, até o Monte Olimpo. Em geral, só águias alcançavam alturas tão grandes, pois o espaço aéreo ao redor do Olimpo era restrito.

Por outro lado, Hera sabia que as tempestades provocavam

ventos fortes. Era provável que o pobre pássaro tivesse sido levado até ali pelo vento.

— É um milagre você estar vivo — disse Hera ao pássaro. — Não se preocupe, rapazinho. Vou cuidar de você.

Ela fez um ninho de cobertores ao pé da cama e colocou o pássaro lá dentro, com cuidado, depois secou as asas dele e lhe deu algumas gotas de néctar. Pareceu fazer efeito. O cuco inflou as penas, fechou os olhos e começou a fazer ruídos assobiados e roncados, como suaves notas de flauta. Hera achou o som agradável.

Vou ficar com ele só esta noite, disse a si mesma (convencida de que era um macho). *Se ele estiver melhor amanhã de manhã, vou soltá-lo e deixar que siga seu caminho.*

De manhã, o cuco não tentou sair voando. Ficou pousado alegremente no dedo de Hera, comendo pedacinhos de sementes e nozes da mão dela. Hera nunca havia tido um bicho de estimação; ele a fazia sorrir.

— Você é um bom amigo, sabia? — murmurou ela para o pássaro.

— Piu — respondeu o cuco.

O coração de Hera se aqueceu quando ela olhou naqueles sinceros olhinhos alaranjados.

— Será que devo ficar com você?

— Piu.

O cuco esfregou o bico no dedo dela, demonstrando clara afeição. Hera riu, encantada.

— Tudo bem, então. Também amo você.

Na mesma hora, o cuco pulou para o chão e começou a crescer. A princípio, Hera ficou com medo de ter lhe dado néctar demais. Será que o pássaro ia explodir? Seria perturbador ver uma coisa dessas, e faria uma tremenda sujeira. Mas o pássaro tomou a forma de um deus. De repente, ali estava Zeus, com sua túnica branca reluzente e sua coroa dourada brilhando em seu cabelo preto, que ainda estava com o penteado do cuco.

— Doces palavras, minha dama — disse Zeus. — *Também amo você.* Ora, fizemos um acordo, não?

Hera ficou tão perplexa que não conseguiu responder. A raiva tomou conta dela. Mas ela também sentiu uma admiração crescente pelo canalha incrivelmente trapaceiro que era Zeus. Ela não sabia se batia nele, se ria ou se apenas o beijava. Ele era incrivelmente *encantador*.

— Com uma condição — disse ela, com firmeza.

— Diga.

— Se eu aceitar me casar, você será um marido bom e *fiel*. Chega de farra. Chega de namoricos e de ir atrás de belas mortais. Não vou permitir que me torne um alvo de piadas.

Zeus contou nos dedos.

— Isso me parece mais de uma condição. Mas não importa! Eu aceito!

Hera deveria tê-lo feito prometer pelo Rio Estige, que é o juramento mais sério entre os deuses. Mas ela não fez isso. E aceitou se casar com ele.

Depois disso, o cuco se tornou um dos animais sagrados de Hera. Vocês normalmente verão imagens dela segurando um cajado com um cuco ou uma flor de lótus no alto, que é sua planta sagrada. Caso estejam curiosos, o outro bicho sagrado dela é a vaca, por ser um animal tão maternal. Pessoalmente, se alguém me dissesse “Uau, gata, que bela novilha você é”, eu não encararia como elogio; mas pelo visto Hera não se incomodava. Cada um sabe o que faz o sininho em seu pescoço tocar.

Zeus e Hera anunciaram as boas-novas, e os deuses começaram a preparar o maior casamento da história dos casamentos.

* * *

Temos que ser solidários a Hermes, o deus mensageiro, que teve que entregar os convites do casamento. Todos os deuses, titãs,

mortais, ninfas, sátiros e animais do mundo foram convidados para a festa. Espero que as lesmas tenham recebido o convite com antecedência; devem ter levado uma eternidade para chegar lá.

Quanto ao local da cerimônia, cada um conta uma história diferente. Vou ficar com a versão de que foi na Ilha de Creta, porque faz sentido. Foi lá que Zeus ficou escondido — no Monte Ida — quando era bebê, então o lugar tinha um carma bom.

Mas ainda estou tentando entender a logística da coisa... Um coelho selvagem que mora na Itália é convidado para uma festa na Ilha de Creta. O que esperam que ele faça, que vá nadando? O pobrezinho ficaria com o smoking encharcado.

Bom, o que importa é que todos os convidados compareceram, exceto uma ninfa muito burra chamada Quelone. Ela morava em Arcádia, na Grécia, em uma cabana perto do rio. A garota simplesmente jogou fora o convite.

— Ah. Que casamento idiota. Prefiro ficar em casa.

Quando Hermes descobriu que ela não compareceria, ficou furioso. (Devia ser mais uma das funções dele: confirmar presença com os convidados.) Hermes voou até a casa de Quelone e a encontrou tomando banho no rio.

— Qual é o problema? — perguntou ele. — Você não está nem pronta. O casamento já vai começar!

— Hã... Eu, hã... sou meio lenta. Mas eu vou!

— É mesmo? É essa a desculpa que você vai dar?

— Tudo bem — admitiu ela. — Eu só queria ficar em casa.

Hermes assumiu uma expressão sombria.

— Tudo bem, então.

Ele foi até a cabana de Quelone e pegou a construção inteira. Tipo o Super-Homem.

— Quer ficar em casa, é? Pois que fique *para sempre*.

Ele jogou a casa bem em cima dela, mas, em vez de morrer, Quelone mudou de forma. A casa encolheu nas costas dela, virando um casco, e assim Quelone se tornou a primeira tartaruga do

mundo, um animal que é sempre lento e carrega a casa nas costas. É por isso que *chelone* significa *tartaruga* em grego. Ei, nunca se sabe. Um dia vocês podem precisar dessa informação para completar uma palavra-cruzada.

O restante do mundo não foi bobo nem nada: compareceu à festa. Os noivos entraram no bosque sagrado em uma carruagem dourada guiada por Éos, a titã do amanhecer. Uma luz rosada se espalhou pela multidão à medida que Zeus e Hera se aproximavam, sinalizando o amanhecer de um novo dia. Quem realizou a cerimônia foram as três Parcas. Eu teria ficado nervoso, já que aquelas senhora assustadoras tinham a capacidade de controlar o futuro e cortar sua linha da vida; os votos matrimoniais teriam que ser levados muito a sério.

Zeus e Hera se tornaram marido e mulher, rei e rainha do universo.

Todos deram presentes incríveis, mas o último foi o que mais agradou Hera. A terra tremeu e uma muda brotou do chão: uma jovem macieira carregada de frutas de ouro maciço. Não vinha acompanhada de cartão, mas Hera sabia que era o presente de sua avó, Gaia, que, mesmo em seu sono, devia ter sentido que uma festa estava acontecendo.

Hera mandou que a macieira fosse levada para o canto mais ocidental da Terra, onde foi replantada em um belo jardim bem aos pés do titã Atlas, que ainda segurava o céu. Ela mandou um dragão imortal, chamado Ládon, proteger a árvore, junto com algumas filhas de Atlas chamadas Hespérides, as ninfas do céu noturno.

Não sei por que Hera plantou a macieira lá longe, em vez de ficar com o presente no Monte Olimpo. Talvez ela só quisesse dificultar as coisas para os heróis quando eles tentassem roubar suas maçãs no futuro. Se foi isso, a estratégia deu certo... quase perfeitamente.

Zeus e Hera tiveram um casamento feliz por trezentos anos, o que não é muito tempo para os deuses, mas é melhor do que a média dos casamentos de Hollywood. Tiveram três filhos: um

menino, Ares, que foi o que podemos chamar de criança-problema; uma menina, Hebe, que se tornou a deusa da juventude eterna; e outra menina, Ilítia, que se tornou a deusa do parto. Meio burrice ter a deusa do parto *por último*, depois de dois filhos. É quase como se Hera tivesse pensado: *Caramba, que negócio é esse de ter filhos? Como dói! Precisamos de uma deusa para isso.*

Depois que nasceu a terceira filha do casal, Zeus começou a ter a crise dos quatrocentos anos. Ele se lembrou dos velhos tempos em que era solteiro e encurralava deusas em buracos de cobra e outras coisas divertidas. Começou a olhar para as outras mulheres e a jogar seu charme novamente.



Ele tinha prometido ser um bom marido, e foi *mesmo...* por um tempo. Mas, quando se é imortal, a promessa de “até que a morte os separe” assume um significado totalmente diferente.

Quanto mais ele se engraçava para outras mulheres, mais chateada e desconfiada Hera ficava.

O que ela mais odiava eram os filhos que Zeus tinha com suas amantes. Os malditos brotavam como erva daninha. Zeus alegava que eram todos frutos de relacionamentos anteriores; desculpa esfarrapada, pois algumas das crianças eram mortais e definitivamente não pareciam ter mais de trezentos anos. Cada vez que surgia um novo bastardo, Hera imaginava todos os outros deuses rindo pelas costas dela, comentando entre si sobre como ela tinha sido boba de confiar em Zeus.

Um dia, Hera finalmente explodiu:

— Você fica tendo filhos por aí! Acha que é engraçado? Acha que é legal você ter quebrado sua promessa?

Zeus franziu a testa.

— Essa pergunta é uma pegadinha?

— Vamos ver se você vai gostar! — gritou Hera. — Vou ter um filho que não vai ser seu nem de homem *nenhum!* Vou ter um bebê sozinha!

Zeus coçou a cabeça.

— Bem, querida, acho que não funciona assim.

— Rá!

E Hera saiu do salão do trono batendo pé.

Não sei como ela fez. Após se casar com Zeus, Hera havia se tornado a deusa do casamento e da maternidade, então imagino que tivesse certos poderes. De qualquer modo, por pura força de vontade, com alguns exercícios de respiração muito eficazes, quem sabe meditação oriental e uma alimentação equilibrada, Hera

engravidou por um passe de mágica, sem ajuda nenhuma.

Essa foi a parte boa.

A parte ruim? Quando o bebê chegou, parecia que não tinha se dado muito bem com aquela ideia de produção independente. Ele tinha a cabeça deformada; o corpo todo coberto por chumaços de pelo preto encaracolado; tinha peito largo e braços grandes, mas suas pernas eram murchas e tortas, uma um pouco maior que a outra. Em vez de chorar, ele grunhiu como se estivesse desesperado para ir ao banheiro.

Era a criança mais feia que Hera já tinha visto. Apesar de ser seu filho, ela não sentiu nenhuma conexão maternal; nenhum amor, só vergonha.

Não me surpreende que o projeto de Hera tenha dado tão errado. Afinal, ter um filho por vingança? É uma motivação bem deturpada, embora a criança não tivesse culpa disso.

Hera disse a si mesma: *Não posso deixar que os outros deuses vejam este bebê. Vou ser ridicularizada.* Então ela foi até a janela do quarto e observou a lateral do Monte Olimpo. Era uma descida e tanto.

Ninguém nunca saberia se a criança desaparecesse, certo? Ela poderia alegar que não tinha engravidado. Alarme falso.

Antes que pudesse reconsiderar essa ideia terrível, ela jogou o bebê pela janela.

Eu sei. É *muita* frieza. Como se uma criança fosse um objeto, que se pode jogar fora. Mas a perturbação de Hera chegava a esse nível. Um dia, ela era a mãe perfeita; no dia seguinte, jogava bebês pela janela.

Ah, mas ela não se viu livre da criança. Seu nome era Hefesto, e mais à frente vamos ver o que aconteceu com ele.

Por enquanto, Hera tinha outros problemas para resolver.

* * *

A primeira vez que um herói mortal visitou o Monte Olimpo foi um grande acontecimento. Seu nome era Ixíon, e aparentemente ele foi o primeiro humano a perceber que era possível matar outros humanos em batalha. *Parabéns! Você foi premiado!*

Os deuses ficaram tão impressionados por ele ter aprendido a lutar com os outros humanos com uma espada, em vez de apenas ficar jogando pedras e grunhindo, que o convidaram para um banquete no Monte Olimpo.

Era de se imaginar que esse cara se comportaria da melhor maneira possível. Mas não.

O sujeito comeu e bebeu demais. Aqueles elogios todos lhe subiram à cabeça. Ele começou a achar que os deuses eram seus amigos, seus colegas, seus camaradas. Grande erro. Por melhor que os deuses tratem uma pessoa, eles *nunca* a veem como igual. Lembrem-se de que, para eles, somos porquinhos-da-índia que têm fogo, baratas que sabem usar armas. Somos uma forma de entretenimento. De vez em quando somos úteis — quando os deuses precisam matar coisas pequenas na terra —, mas melhores amigos? Nem pensar.

Ixíon passou a noite inteira de olho em Hera, que era a mulher mais bonita à mesa. Zeus estava ocupado demais comemorando para reparar, muito menos se importar. Até que Hera ficou incomodada demais e pediu licença.

Ixíon achou que era a deixa para segui-la. O cara tinha aprendido a matar gente, mas parecia que ainda tinha muito a aprender sobre deusas. Depois que ela saiu, Ixíon esperou alguns minutos à mesa, depois anunciou aos deuses:

— Hum, acho que essa bebida toda não bateu bem. Onde fica o banheiro? Quer dizer... deuses usam banheiros?

— No final do corredor — disse Zeus. — Primeira porta à direita. Estão separados entre *mortais* e *deuses*. Preste atenção para não entrar no errado.

Ixíon seguiu na direção em que Hera tinha ido. Encontrou-a de pé

em uma sacada, contemplando as nuvens.

— Oi, linda — disse ele.

Hera levou um susto. Provavelmente o teria transformado em algum tipo de lesma (ou alguma outra coisa asquerosa), mas ficou perplexa demais por aquele mortal ter ousado falar com ela.

Ixíon interpretou o silêncio dela como timidez.

— É, eu reparei nos seus olhares para mim. Também achei você incrível. Que tal um beijinho?

Ele passou o braço pelos ombros dela e tentou beijá-la. Hera ficou em um estado tal de pânico que só conseguiu empurrá-lo e sair correndo. Ela o despistou pelos corredores do palácio, se trancou no quarto e esperou até seu coração voltar a bater no ritmo normal.

Por que Hera não o incinerou? Ou pelo menos não o transformou em caracol?

Ela ficou chocada demais. Além disso, estava um pouco confusa com a paquera. Fazia séculos que não praticava esse tipo de coisa. O casamento a fizera esquecer completamente a existência de outros homens.

Hera podia ter mil defeitos, mas *não* era uma adúltera. Não tinha uma única célula infiel no corpo. Ela acreditava verdadeira e honestamente que o casamento era para sempre, por bem ou por mal, e era por isso que as pequenas aventuras de Zeus a deixavam tão furiosa.

Depois que se acalmou, Hera começou a planejar sua vingança. Ela mesma podia punir Ixíon, claro. Mas por que não contar a Zeus? Que *ele* ficasse com ciúmes, para variar. Se tivesse que defendê-la, talvez ele começasse a levar os votos do casamento mais a sério.

Hera se recompôs e voltou para a mesa de jantar. Ixíon estava ali sentado, conversando, como se nada tivesse acontecido, o pilantra. Hera abriu um sorriso para ele, só para mostrar que não estava abalada. Em seguida, aproximou-se do marido e sussurrou:

— Meu senhor, posso falar-lhe em particular?

Zeus franziu a testa.

— Fiz alguma besteira?

— Não desta vez — disse ela, com doçura.

Ela o levou pelo corredor e explicou o que acontecera.

Zeus fechou a cara e coçou a barba, pensativo.

Hera esperava que ele voltasse à sala de jantar e reduzisse Ixíon a cinzas. Mas ele não fez isso.

— Você me *ouviu*? — perguntou Hera. — Por que não está zangado?

— Ah, sim, ouvi. — Zeus limpou a garganta. — É que... bem, ele é convidado na minha casa. Comeu da nossa comida. Não posso incinerá-lo sem um bom motivo.

— *SEM UM BOM MOTIVO?* — gritou ela. — Ele cantou a sua *esposa*!

— Sim, sim. E isso é muito grave. Mas, mesmo assim, preciso de provas inquestionáveis.

— Minha palavra não basta?

Hera estava prestes a jogar Zeus da sacada e cuidar pessoalmente de Ixíon, mas Zeus levantou a mão, indicando que deveria se acalmar.

— Eu tenho um plano — disse ele. — Vamos ver se Ixíon realmente pretendia desonrar você ou se apenas cometeu um erro idiota de bêbado. Quando tivermos provas, nenhum outro deus vai tentar me impedir de punir esse mortal, mesmo ele sendo meu convidado. Confie em mim. Se ele for culpado, a punição será espetacular.

Hera cerrou os punhos.

— Faça o que for necessário.

Zeus se inclinou por cima da balastrada da sacada e chamou uma nuvem, que se condensou e rodou até virar um minifuracão branco, assumindo uma forma humanoide. Por fim, a nuvem virou uma réplica exata de Hera, só que pálida e fria.

Retiro o que disse. Era uma réplica exata de Hera.

A Hera Falsa olhou para a Hera Real.

— Oi.

— Isso é bizarro — disse a Hera Real.

— Espere aqui — disse Zeus à Hera Real.

E levou a Hera Falsa para o jantar.

Ixíon recomeçou a paquera, mas agora com a Hera Falsa. Para sua alegria, a Hera Falsa correspondeu. Com um gesto, ela lhe indicou que a seguisse pelo corredor. Uma coisa levou a outra.

Pela manhã, os deuses entravam sonolentos no salão para tomar o café da manhã, quando ficaram surpresos de ver que Ixíon tinha passado a noite lá. Quando perguntaram o motivo, ele respondeu que a rainha dos céus o convidara para dormir nos aposentos dela. E deu três piscadelas.



— Ela gamou em mim — gabou-se ele. — Disse que eu era *muito* mais bonito que Zeus. Vai me tornar imortal só para poder ficar comigo para sempre.

Ele continuou se vangloriando, ostentando suas qualidades e dizendo que Hera queria largar Zeus para se casar com ele. Foi então que o próprio Zeus surgiu no salão. Em silêncio, ele se aproximou de Ixíon por trás.

Depois de um tempo, Ixíon enfim percebeu que todos os deuses à mesa tinham ficado em silêncio.

Ele hesitou.

— Ele está bem atrás de mim, não é?

— Ah, estou! — disse Zeus, com alegria. — E se você vai roubar a mulher de um cara, não deveria se gabar disso dentro da casa dele. Além do mais, era melhor ter certeza de que foi *realmente* a mulher desse cara que cedeu às suas investidas, não uma boneca de nuvem.

Ixíon engoliu em seco.

— Acho que me ferrei.

— Só um pouquinho! — concordou Zeus.

Quando Zeus demonstrou sua intenção de punir o convidado, ninguém se opôs. Zeus pediu uma roda de carruagem extra e prendeu Ixíon aos raios, esticando seus braços e pernas a ponto de quase fazê-los se soltar do corpo. Em seguida, colocou fogo na roda e jogou-a para o alto como se fosse um frisbee. Ixíon se tornou imortal mesmo, mas só para poder sofrer agonia eterna. Ele ainda está lá no alto, em órbita, girando, pegando fogo e gritando:

— Hera! Achei que você tivesse gostado de mim!

Sabe o que é mais estranho nessa história? A Hera Falsa engravidou. Como pode uma nuvem engravidar? Não faço ideia, mas ela deu à luz um sujeito chamado Centauro, que aparentemente se

apaixonou por um cavalo — mais uma vez, não faço ideia. Os filhos dele se tornaram a raça de centauros, que são metade humanos, metade cavalos.

Como falei no começo, eu não seria capaz de inventar histórias tão malucas.

* * *

Hera tinha a esperança de que Zeus passasse a ser um marido mais atencioso depois do incidente com Ixíon, mas se decepcionou. Na verdade, Zeus parecia achar que, depois de defender a honra de Hera, merecia se divertir.

Se eu fosse contar para vocês todas as vezes que Hera se vingou das amantes de Zeus, ficaríamos aqui por um século. Virou tipo o emprego dela, que consumia a maior parte de seu tempo.

Mas teve uma garota mortal que *realmente* a irritou. Foi Sêmele, princesa da cidade grega de Tebas. Embora ninguém ousasse dizer em voz alta, todo mundo sabia que ela era a mortal mais bonita de sua geração — tão bonita quanto uma deusa, talvez até mais do que a própria Hera.

Zeus ia muito a Tebas, para “fazer compras”. Hera ficou desconfiada, claro, mas Zeus era esperto. Hera nunca conseguia pegar os dois juntos. Um dia, ela estava flutuando sobre Tebas como uma nuvem dourada quando por acaso viu o marido (disfarçado de mortal, mas ainda assim ela o reconheceu) saindo de uma casa na área mais nobre da cidade.

Logo depois, Sêmele apareceu na porta e acenou para ele. Ela ficou ali por apenas um segundo, mas foi o suficiente para deixar claro: Sêmele estava *imensa* de grávida.

Hera rosnou e xingou baixinho, mas não podia simplesmente matar a garota. Apesar de Zeus ser um cretino desprezível, era um cretino desprezível muito *poderoso*. Se ele descobrisse que Hera tinha matado uma de suas amantes, seria capaz de lhe infligir todo

tipo de dor e sofrimento. Ela teria que usar de sua sagacidade.

Ainda como uma nuvem dourada, Hera desceu até Tebas, onde assumiu a forma de uma idosa. Então bateu na porta de Sêmele. Sua ideia era se passar por mendiga ou talvez por mercadora viajante.

Quando abriu a porta, Sêmele levou um susto.

— Béroe, é você?

Hera não fazia ideia de quem era Béroe, mas decidiu entrar no papel.

— Ah, sim, minha querida! Sou eu, Béroe, sua, hã...

— Minha antiga babá!

— Exatamente!

— Ah, você envelheceu tanto!

— Obrigada — murmurou Hera.

— Mas eu a reconheceria em qualquer lugar. Por favor, entre!

Sêmele lhe mostrou a casa. Hera ficou revoltada de ver que era tão boa quanto seus aposentos no Monte Olimpo, se não melhor.

Hera perguntou inocentemente como Sêmele tinha conseguido uma mansão tão incrível, que parecia sofisticada até para uma princesa.

— Ah, é meu namorado — explicou Sêmele, sorrindo com orgulho. — Ele é tão incrível, me dá *tudo* que eu quero. Veja só este colar que ele acabou de me trazer.

Ela mostrou a Hera um pingente de jade, ouro e rubi que era muito mais bonito do que qualquer outro presente que Zeus já tinha dado a Hera.

— Que lindo. — Hera resistiu à vontade de dar um soco nos dentes perfeitos da princesa. — Mas quem é esse sujeito? É daqui?

— Ah... não posso dizer.

— Mas eu sou sua antiga babá, Beryl!

— Béroe — corrigiu Sêmele.

— Foi o que eu quis dizer! É claro que você pode me contar.

Sêmele estava explodindo de empolgação. Estava morrendo de

vontade de contar para alguém, então não foi tão difícil convencê-la.

— Bem... é Zeus — confessou ela. — O senhor do céu. O rei da criação.

Hera ficou olhando para ela, fingindo não acreditar. Em seguida, suspirou em solidariedade.

— Ah, pobre menina. Coitadinha.

Sêmele ficou sem entender. Não era essa a reação que ela esperava.

— Mas... eu estou namorando o rei do universo!

Hera deu uma risada debochada.

— É o que ele diz. *Quantos* caras já não usaram essa cantada antes? Todos, sem exceção! Como você sabe que ele é *realmente* um deus, não só um cretino rico *fingindo* ser um deus?

Sêmele ficou vermelha.

— Mas ele *disse* que era Zeus. E ele tem um jeito tão... divino.

— Ele fez alguma coisa que provasse isso?

— Bem... não.

Hera fingiu refletir sobre o problema.

— Ele é o pai do seu filho. É melhor ter certeza. Você disse que ele faria qualquer coisa por você, não foi?

— Sim! Ele prometeu!

— Faça-o jurar — aconselhou Hera. — Depois peça a ele que apareça para você do mesmo jeito que ele aparece para a esposa, Hera: em sua verdadeira forma divina. É o único jeito de ter certeza.

Sêmele considerou a sugestão.

— Parece perigoso.

— Não se ele a amar de verdade! Você não é tão boa quanto Hera?

— É claro que sou.

— E tão bonita quanto?

— Mais ainda. Zeus me disse.

Hera contraiu o maxilar com tanta força que quebrou um dente imortal.

— Então pronto. Se Hera consegue encarar Zeus na forma de deus, é claro que você também consegue! Espero que ele realmente seja Zeus, minha querida. De verdade! Mas você precisa ter certeza. O futuro do seu filho está em jogo. Quando ele volta?

— Já deve estar voltando, na verdade.

— Ah, como a hora passa! Foi ótimo colocar os assuntos em dia, mas preciso ir. Tenho coisas a fazer... coisas de velhinhas.

Hera foi embora. Uma hora depois, Zeus voltou à casa de Sêmele.

— Oi, meu bem — disse ele ao entrar.

Ele reparou na mesma hora que havia alguma coisa errada. Sêmele não correu para abraçá-lo e beijá-lo, como sempre fazia. Estava de cara amarrada no sofá, com os braços cruzados por cima da barriga de grávida.

— Hã... o que foi? — perguntou Zeus.

Sêmele fez beicinho.

— Você disse que faria tudo por mim.

— E faço mesmo! Quer mais um colar?

— Não — disse ela. — Tenho um pedido diferente. Só uma coisa vai me fazer feliz.

Zeus riu. Talvez Sêmele quisesse um vestido dessa vez, ou um par daquele acessório novo que os humanos tinham acabado de inventar... Como se chamava? Sapato?

— Qualquer coisa que você quiser — disse Zeus.

— Promete?

Ele abriu os braços de forma magnânima.

— Juro pelo Rio Estige. Peça qualquer coisa, e ela será sua.

— Ótimo. — Ela se permitiu um sorrisinho. — Quero que você apareça para mim em sua verdadeira forma divina, da mesma forma que aparece para Hera.

Zeus ficou sem fala.

— Ah... péssima ideia, benzinho. Peça outra coisa.

— Não! — Sêmele se levantou, com dificuldade por causa da gravidez. — Você disse *qualquer coisa*. Quero uma prova de que

você é realmente um deus. Sou tão boa quanto Hera! Quero vê-lo como *ela* o vê.

— Mas a forma verdadeira de um deus... não é para mortais olharem. Muito menos mortais grávidas. Menos ainda mortais grávidas que gostariam de viver mais do que uns poucos segundos.

— Eu consigo — disse ela. — *Sei* que consigo.

Zeus não tinha tanta certeza disso. Ele nunca tinha tentado aparecer para um mortal em sua pura forma divina, mas imaginava que, para o mortal, seria como olhar para o Sol sem óculos escuros; ou olhar para o rosto de um ator logo pela manhã, sem maquiagem. *Perigoso.*

No entanto, Zeus tinha jurado pelo Rio Estige e agora não podia voltar atrás. Além do mais, Sêmele era uma garota durona. Era filha do famoso herói Cadmo. Se ela achava que era capaz de ver um deus em sua verdadeira forma, talvez pudesse mesmo.

— Tudo bem. Pronta?

— Pronta.

O disfarce mortal de Zeus sumiu. Ele apareceu em toda a sua glória ali bem no meio da sala de Sêmele, como um pilar rodopiante de fogo e raios, uma supernova. A mobília pegou fogo. A porta explodiu das dobradiças. A janela estourou.

Foi demais para Sêmele. A jovem evaporou. O que restou dela foi apenas uma vaga marca de queimado, no formato de seu corpo, na parede da sala. No entanto, o bebê que crescia em sua barriga sobreviveu, provavelmente por ser parcialmente deus. O pobrezinho de repente estava flutuando no ar, no lugar onde antes estava o agradável abrigo que era sua mãe. Zeus assumiu forma física bem a tempo de segurá-lo.

É claro que Zeus ficou em choque pela morte de Sêmele, mas percebeu que o mais importante no momento era o bebê, que ainda nem estava completamente crescido; ainda precisava de alguns meses para se desenvolver até estar pronto para nascer.

Zeus teve que pensar rápido. Com seu raio, fez uma incisão na

própria coxa direita. Deve ter doído à beça, mas Zeus enfiou o bebê na coxa como se o estivesse colocando no bolso de uma calça cargo. Em seguida, costurou a pele.

Rapazes... não tentem isso em casa. Não vai dar certo.

Mas acho que com os deuses é diferente. Sabe-se lá como, a criança sobreviveu lá dentro e continuou a crescer até estar pronta para nascer.

Nenhum relato conta se por acaso os outros deuses disseram: “Ei, Zeus, por que a sua coxa direita está tão grande, cara? Melhor ir no médico ver isso.”

Rapazes... não tentem isso em casa. Não vai dar certo.

Quando o bebê estava totalmente formado, Zeus o tirou de lá. Assim nasceu o deus Dioniso. Vamos contar a história dele mais para a frente. Essa parte do nascimento é o que tem de *menos* estranho na trajetória do sujeito.

Portanto, Hera conseguiu sua vingança contra Sêmele, e eu até gostaria de dizer que foi a pior coisa que ela já fez.

Infelizmente, isso foi só um ensaio.

* * *

Outra amante de Zeus foi uma moça chamada Egina. Ela devia ter ouvido a história de Sêmele, porque não estava nem um pouco ansiosa para ter uma amizade colorida com Zeus, apesar de ele dar em cima da garota insistentemente e enchê-la de presentes. Até que Zeus enfim a convenceu a voar com ele para uma ilha secreta.

— Ninguém nunca vai saber — prometeu ele.

— E quanto a Hera? — perguntou Egina.

— Muito menos ela.

Zeus virou uma águia gigante e levou-a para a ilha que hoje em dia tem o nome dessa moça: Egina.

Ele *quase* conseguiu manter segredo. Hera só descobriu o caso anos depois, quando Egina já tinha morrido. Quando ela soube, o filho que Zeus tivera com a moça já era o rei daquela ilha. Não sei como Hera descobriu, mas, quando isso aconteceu, ela ficou furiosa por não poder punir Egina.

— Como ela *ousa* morrer para eu não poder matá-la! — rosnou Hera. — Bem, vou ter que descontar minha raiva no filho dela.

O tal filho era o rei Éaco (acho que ele precisa de mais algumas vogais no nome). Por acaso, Éaco estava prestes a entrar em guerra. Estava reunindo os exércitos da ilha para defender seu reino.

Hera atraiu uma enorme cobra venenosa e a colocou na nascente do único rio da ilha. O veneno da serpente contaminou todo o fornecimento de água, de forma que em pouco tempo a maioria da população da ilha tinha morrido.

Muito justo, não acham? Zeus dorme com uma mortal, aí Hera vai lá, encontra o filho da mulher e mata todo mundo do reino dele. Não, nem um pouco psicótico.

Como vocês podem imaginar, Éaco entrou em pânico. Ele foi até o jardim do palácio, de onde podia ver o céu azul, caiu de joelhos e clamou a Zeus.

— Ei, pai, estou prestes a sofrer uma invasão aqui, e a sua esposa matou praticamente todos os homens do meu exército e a maioria dos civis.

A voz de Zeus soou como um estrondo no céu:

— Caramba. Como posso ajudar?

Éaco pensou no assunto. Ele olhou para os canteiros de flores e viu formigas marchando, milhares de bichinhos incansáveis e organizados como... como um exército.

— Sabe o que seria legal? — disse Éaco. — Se você pudesse transformar estas formigas em um exército para mim.

— Pronto! — trovejou Zeus.

Imediatamente, toda a colônia de formigas cresceu e se transformou em homens, milhares de guerreiros fortes com reluzentes armaduras em vermelho e preto, todos já treinados para marchar em fila e lutar com perfeita disciplina. Eles não temiam inimigo algum. Eram incrivelmente fortes e bravos. Foram chamados de mirmidões e se tornaram a unidade de elite de guerra mais famosa da Grécia. Mais tarde, eles teriam um comandante famoso, chamado Aquiles. Vocês já devem ter ouvido falar dele, ou pelo menos de seu calcanhar.

* * *

Só mais uma coisa sobre Hera (e esta eu realmente não entendo): ela conseguia passar rapidamente de inimiga a amiga de alguém, e vice-versa. Veja Poseidon, por exemplo.

No começo, os dois não se davam. Na verdade, estavam de olho no mesmo reino grego, chamado Argos. Sabem, era uma coisa importante naquela época ser o patrono de uma cidade ou de outra. Por exemplo, seria uma grande honra se você pudesse alegar ser o deus de Nova York. Se você fosse o deus de Scranton, na Pensilvânia... nem tanto. (Tudo bem, me desculpe, pessoal de Scranton. Mas vocês entenderam.)

Acho que Argos era um lugar legal, porque tanto Hera quanto Poseidon queriam ser o patrono de lá. O rei decidiu escolher Hera. Provavelmente não queria que a população inteira morresse por veneno de cobra.

Hera ficou feliz da vida. Poseidon não. Ele inundou o reino todo, e, quando Hera reclamou, Poseidon disse:

— Tudo bem. Eu retiro a água. Vou tirar a água *todinha*.

Então o mar recuou, e todos os córregos e rios da área secaram.

Hera reclamou de novo. Os dois estavam prestes a sair no tapa (em proporções épicas) quando Poseidon cedeu e deixou parte da

água voltar. Ainda hoje, porém, Argos é um lugar muito seco. Muitos dos seus rios não têm água, a não ser que chova. Hera se tornou a patrona de Argos, o que depois ajudou um sujeito chamado Jasão, que liderou um grupo de heróis chamados argonautas. Mas essa é outra história.

O que interessa aqui é que Hera mudou de uma hora para outra. Poseidon e ela se sentaram para conversar e concluíram que Zeus estava perdendo o controle como líder. E assim os dois planejaram a primeira rebelião olimpiana.

Mas vamos tratar desse assunto quando falarmos de Poseidon.

Agora temos que visitar o Mundo Inferior e ver como vão as coisas com nosso querido deus da morte e *stalker* de jovens donzelas, Hades.

HADES DÁ UMA AJEITADA NA CASA



TENHO PENA DO sujeito.

É sério.

Hades podia ser assustador, mas não há dúvida de que se deu mal na partilha do universo. E, embora fosse o mais velho entre os irmãos, era sempre considerado o mais novo, pois os filhos de Reia passaram a ser vistos segundo a ordem em que foram vomitados por Cronos.

Como se isso já não fosse o bastante, Hades foi quem ficou com o Mundo Inferior, a parte que ninguém queria, quando os deuses irmãos jogaram os dados para decidir quem ficava com qual parte do mundo.

É claro que Hades sempre foi um cara meio sombrio, então vocês podem alegar que ele estava destinado a ficar lá embaixo. Só vivia deprimido e só usava preto. Seu cabelo cobria os olhos como um daqueles garotos emos que vemos em mangás japoneses. Quando se tornou senhor do Mundo Inferior, sua pele perdeu totalmente a

cor, porque ele estava deixando o mundo mortal para trás.

Mesmo se os outros deuses *quisessem* manter contato com ele (e não queriam), o Mundo Inferior tinha um péssimo serviço de telefonia e nenhuma rede wi-fi. Quando estava lá embaixo, Hades não fazia ideia do que estava acontecendo no mundo na superfície. Só recebia notícias pelos espíritos de quem tinha acabado de morrer, que lhe contavam as últimas fofocas.

Na verdade, nos tempos da Grécia Antiga, sempre que o nome de Hades era invocado, a pessoa tinha que dar um soquinho no chão, porque era a única forma de chamar a atenção dele. Meio como quem diz: *Ei, estou falando com você!*

Por que alguém iria *querer* chamar a atenção de Hades? Não sei.

Depois de um tempo, o Mundo Inferior passaria a se chamar *Hades* em homenagem ao deus Hades, o que acabou confundindo as coisas; mas o Mundo Inferior já existia muito antes do deus, com o nome original de Érebo. Quando Hades assumiu o lugar, encontrou-o em péssimo estado.

Vamos começar pelo encanamento. Cinco rios diferentes corriam até o Mundo Inferior, mas nenhum deles parecia muito adequado para tomar banho ou escovar os dentes. O *menos* perigoso era o Cócito, o Rio das Lamentações, que parecia bem calmo, suas águas azul-escuras seguindo pacificamente pelas planícies do Érebo. Ao longo de suas margens havia vários pontos que pareciam agradáveis para se fazer um piquenique, mas, chegando perto, dava para ouvir os gritos das almas torturadas vibrando na correnteza.

É que o Cócito era alimentado pelas lágrimas dos condenados. Só de se aproximar de suas águas vocês já entrariam em depressão. E se *tocassem* na água... Bem, podem acreditar, vocês não iriam querer fazer isso. Nem trezentos vídeos de cachorros fofinhos conseguiriam alegrar seu espírito depois.

O segundo rio era o Flegetonte, o Rio de Fogo, que rugia pelas cavernas do Mundo Inferior como uma torrente de gasolina queimando, abrindo canais pela pedra negra vulcânica, deixando

tudo vermelho-sangue e enchendo o ar de fumaça e fedor até finalmente despencar como uma cachoeira de fogo no abismo profundo do Tártaro, que era como o porão do porão.

Então, vejam que droga... quando Hades abria a água quente do chuveiro, levava o Flegetonte na cara. Não me admira que o sujeito estivesse sempre de mau humor.

O estranho era que o Flegetonte não era letal, nem para humanos. Claro, queimava como pimentas malaguetas radioativas salteadas em ácido e fazia você *querer* morrer, mas esse rio tinha sido feito para manter as vítimas vivas, para que pudessem sofrer para sempre... Que delícia! Muitas almas condenadas tiveram que passar a eternidade nadando no Flegetonte, ou com água quente até o pescoço.

Segundo algumas lendas, o Flegetonte podia por fim queimar os pecados e libertar quem estivesse lá dentro — desde que você lamentasse muito, mas muito mesmo, as besteiras que havia feito. Se quiserem comprovar essa teoria, vão em frente e pulem. Eu prefiro não experimentar.

O terceiro rio, o Aqueronte, era o Rio da Dor. Se vocês adivinharam que era doloroso, ganharam um bombom! O Aqueronte começava no mundo mortal, perto de um templo dos mortos em Épiro. Talvez por isso os fantasmas fossem atraídos por ele e enchessem o rio com sua dor e sofrimento. O Aqueronte serpenteava até cair no subterrâneo e despencar no Érebo, onde se alargava e virava uma área escura e fumegante de pântano que provocava dor em qualquer pessoa que tivesse a infelicidade de tocar nas águas ou mesmo *ouvir* a correnteza. Depois de um trecho, o Aqueronte se bifurcava em dois rios menores, o Cócito e o Estige, que fluíam em direções opostas até caírem no Tártaro.



O quarto rio era, para mim, o mais desagradável: Lete, o Rio do Esquecimento. (Já tive algumas experiências ruins com amnésia. É uma longa história.) Bem, o Lete parecia inofensivo. Na maioria dos lugares que cruzava, era um tranquilo curso de água branca leitosa que corria em um leito raso de pedras, gorgolejando tão suavemente que fazia você sentir os olhos pesados. Vocês provavelmente pensariam que não tinha problema entrar na água. Meu conselho? Não façam isso.

Uma única gota de água do Lete e pode dar adeus à sua memória recente. Você não se lembraria de nada do que acontecera na semana anterior. E se bebesse um copo inteiro da água do rio ou mergulhasse para um banho, sua mente seria completamente apagada. Não conseguiriam lembrar o próprio nome, nem onde nasceram, nem mesmo que os New York Yankees são *obviamente* melhores que o Boston Red Sox. Eu sei; apavorante, não é?

Mas, para alguns dos espíritos dos mortos, o Lete era na verdade uma bênção. Multidões de fantasmas sempre se reuniam às margens do rio para beber da água e esquecer suas vidas até o momento, porque não temos como sentir saudade do que não lembramos. Ocasionalmente, os espíritos tinham até permissão para reencarnar: renascer no mundo mortal para viver outra vida. Quem optasse por isso *tinha* que primeiro beber a água do Lete, para não se lembrar da vida anterior. Afinal, pense bem: quem iria querer passar de novo pela chatice dos doze anos de escola sabendo que já tinha feito tudo aquilo?

Papoulas cresciam às margens do Lete, e é por isso que o sumo da papoula tem como efeito a sonolência e o alívio da dor. (Chamamos isso de *ópio*, crianças. E não usem drogas porque DROGAS FAZEM MAL. Pronto. Eu tinha que colocar isso aqui.) Em determinado ponto, o Lete fazia uma curva em torno da entrada de

uma caverna escura onde morava Hipnos, o deus do sono. Como era lá dentro? Ninguém nunca descreveu o interior dessa caverna, provavelmente porque todos os que fizeram a burrice de entrar ali caíram no sono e nunca mais viram a luz do dia.

O quinto rio do Mundo Inferior era o Estige, o Rio do Ódio. Era com certeza o rio mais famoso, mas o nome por si só já afastava qualquer intenção de turismo. “Ei, crianças, este feriado vamos conhecer o Rio do Ódio!” “Oba!”

O Estige corria pelas áreas mais profundas e escuras do Mundo Inferior. Algumas lendas diziam que tinha sido criado pela titânide da água, Tétis, e que era alimentado pelas fontes salgadas do fundo do oceano.

O Estige circundava o Érebo como o fosso de um castelo, então não tinha outro jeito: para chegar ao Mundo Inferior, era *necessário* atravessá-lo. (Algumas histórias dizem que o Aqueronte era o rio a atravessar, mas como o Estige era um afluente do Aqueronte, acho que as duas versões estão corretas.)

A correnteza era escura e pesada, sempre coberta de uma névoa malcheirosa, e a água era corrosiva quando em contato com carne humana. Misture ácido sulfúrico com esgoto e um toque de ódio líquido e você tem o Estige.

* * *

Vocês devem estar se perguntando: por que alguém iria *querer* ir para o Mundo Inferior? Não sei. Mas o sistema funcionava desde que os humanos foram criados: sempre que morriam, suas almas flutuavam meio que instintivamente para o Érebo, como lemingues pulando de um precipício ou turistas indo à Times Square — por mais que lhes dissessem que era uma ideia idiota, eles continuavam indo.

O problema era que não havia uma forma segura de se atravessar o Estige. Algumas almas conseguiam nadar. Outras tentavam, mas

acabavam dissolvidas na água. Muitas apenas vagavam pelo lado mortal do rio, chorando e apontando para o outro lado, como se dizendo: *Quero ir para lá!*

Finalmente, um *daímon* empreendedor chamado Caronte decidiu entrar em ação. O que é um *daímon*? Não é um demônio do mal com tridente, rabo e pele vermelha. *Daímōns* são espíritos imortais, uma espécie de deuses menores. Alguns pareciam monstros ou mortais. Alguns eram bons, outros eram maus. E alguns apenas viviam por aí.

Esse sujeito, Caronte, era filho de Nix, a deusa da noite. Caronte era capaz de assumir diferentes formas, mas na maior parte do tempo aparecia como um idoso feio com roupas esfarrapadas, barba ensebada e chapéu cônico. Se eu tivesse a capacidade de mudar de forma, andaria por aí parecendo o Brad Pitt; mas acho que Caronte não estava preocupado em impressionar os fantasmas.

Bem, um dia Caronte percebeu que todas aquelas almas mortais estavam clamando para chegar ao Érebo, então construiu ele mesmo um barco e começou a levá-las para o outro lado.

Não de graça, claro. Ele aceitava ouro, prata e a maioria dos cartões de crédito. Como o Mundo Inferior não tinha regulamento próprio para a prestação de serviços, Caronte cobrava o que bem entendesse. Se gostasse de você, talvez lhe permitisse atravessar em troca de apenas algumas moedas. Se não gostasse, pediria uma fortuna. Se você tivesse sido enterrado sem dinheiro... Azar o seu! Teria que passar a eternidade andando pela margem mortal do Estige. Alguns dos mortos até voltavam para o mundo mortal para assombrar os vivos.

E, mesmo que você conseguisse atravessar o Estige, encontraria o Érebo em um caos total. *Teoricamente*, os fantasmas se dividiam em grupos diferentes, de acordo com o comportamento que haviam tido em vida. Se tivessem sido muito cruéis e cretinos, iam para os Campos da Punição, para apreciar torturas especiais pela eternidade. Se tivessem sido bons, iam para os Campos Elísios, que era como

uma mistura de Las Vegas com a Disneylândia e o paraíso, tudo em um lugar só. Se os espíritos não tivessem sido nem muito bons nem muito maus, ou seja, se tivessem apenas existido (o que era o caso da maioria das pessoas), eram obrigados a vagar para sempre nos Campos de Asfódelos, que não era um lugar horrível, só absurdamente sem graça.

Em tese, os espíritos eram separados assim, mas, infelizmente, ninguém tomava conta do Mundo Inferior antes de Hades assumir. Era meio que como um dia na escola em que todos os professores ficam doentes e só tem substitutos que não sabem as regras, e naturalmente os alunos se aproveitam da situação. Almas condenadas aos Campos da Punição fugiam para Asfódelos sem que ninguém as impedisse. Os espíritos de Asfódelos invadiam as festas nos Campos Elísios. E alguns espíritos muito burros porém nobres, destinados aos Campos Elísios, pegavam o caminho errado, acabavam na Punição e não conseguiam sair, ou eram bons demais para reclamar.

Para piorar as coisas, mesmo os espíritos que iam para onde tinham que ir nem sempre mereciam estar lá, porque, antes de Hades assumir, você era julgado quando ainda estava vivo.

Como esse sistema funcionava? Não faço ideia. Aparentemente, uma comissão de três juízes vivos entrevistava o mortal logo antes de morrer e decidia se ele merecia os Campos da Punição, os Elísios ou os Asfódelos. Não me perguntem como os juízes sabiam quem estava prestes a morrer. Talvez fosse um palpite. Talvez os deuses contassem a eles. Talvez os juízes simplesmente gritassem para pessoas aleatórias: "Ei, você! Venha aqui! É sua vez de bater as botas!"

De todo modo, os juízes ouviam o testemunho da pessoa e decidiam seu destino eterno. Adivinhem o que acontecia? As pessoas mentiam; subornavam os juízes; apareciam em suas melhores roupas, sorriam, elogiavam e agiam com muita educação para os juízes acharem que elas *eram* boas. E levavam testemunhas que

diziam: “Ah, sim. Esse cara teve uma vida *incrível*. Quase nunca torturou ninguém.” Coisas do tipo.

Muitas pessoas más conseguiram dar um jeitinho de ir parar nos Campos Elísios, e muitas pessoas boas que não puxaram o saco dos juízes acabaram nos Campos da Punição.

Deu para ter uma noção, não? O Mundo Inferior era uma confusão. Quando Hades assumiu o controle, ele olhou ao redor e disse:

— Xiii... Isso não vai dar certo.

Então ele foi ao Olimpo e explicou a situação para Zeus. Ter que obter a aprovação de Zeus para o que planejava fazer irritava Hades, mas ele sabia que precisaria da aprovação do mandachuva para qualquer grande mudança na vida eterna, principalmente porque essa mudança envolvia os humanos. Os deuses consideravam os humanos propriedade compartilhada.

Zeus escutou e franziu a testa, pensativo.

— O que você propõe, então?

— Bem — disse Hades —, poderíamos manter a comissão de três juízes, mas...

— E se a plateia também votasse? — sugeriu Zeus. — No final de cada temporada, o mortal vencedor poderia ser coroado Ídolo dos Elísios!

— Hã... não. Na verdade, eu pensei que os juízes poderiam ser os espíritos, e não pessoas vivas. E cada alma mortal só seria julgada quando entrasse no Mundo Inferior.

— Então... não seria uma competição? Hum, que pena.

Hades tentou manter a calma.

— Sabe, se os juízes são espíritos sob meu controle, será impossível influenciá-los. As almas que aparecerem perante a corte estarão despidas de tudo, exceto de sua essência. Elas não poderão tirar proveito da boa aparência nem de roupas bonitas. Não poderão subornar os juízes nem chamar alguém que testemunhe favoravelmente sobre seu caráter. Todos os feitos bons e ruins serão

expostos, porque os juízes conseguirão ver através deles, literalmente. Vai ser impossível mentir.

— Gostei — disse Zeus. — Quem você vai escolher como juízes?

— Provavelmente três mortais que foram reis no mundo aqui de cima — disse Hades. — Reis estão acostumados a julgar.

— Ótimo. Desde que os reis sejam todos *meus* filhos. Combinado?

Hades trincou os dentes. Ele não gostava de seu irmão se envolvendo em tudo, mas, como quase todos os reis gregos eram filhos de Zeus, ainda haveria muitos dentre os quais escolher.

— Combinado.

Zeus assentiu.

— Como você vai garantir que a decisão dos julgamentos seja cumprida e que as almas sigam para onde devem ir?

Hades abriu um sorriso frio.

— Ah, não se preocupe. Já cuidei disso.

* * *

Quando voltou ao Érebo, Hades escolheu três antigos reis, todos semideuses filhos de Zeus, como mortos-juízes: Minos, Éaco e Radamanto.

Depois, ele chamou as três Fúrias, aqueles espíritos da vingança que tinham sido formados pelo sangue de Urano muito tempo antes. Hades as contratou como fiscais — uma boa ideia, porque ninguém em sã consciência iria querer irritar uma avó demoníaca com mau hálito e chicote em mãos.

Assim como a maioria dos *daímōns*, as Fúrias podiam assumir formas diferentes, mas geralmente apareciam como idosas feias de cabelo comprido e desganhado, em roupas pretas esfarrapadas e com enormes asas de morcego. Os ferozes chicotes que elas empunhavam causavam uma dor excruciante tanto nos vivos quanto nos mortos, e elas eram capazes de voar sem serem vistas, de

forma que ninguém sabia quando partiriam para cima.

Hades as usava para manter os mortos na linha. Às vezes ele deixava as Fúrias enlouquecerem e inventarem novas torturas para as piores das almas condenadas; às vezes as mandava irem atrás de pessoas vivas que tivessem cometido crimes terríveis — como matar alguém da própria família, profanar um templo ou cantar músicas românticas no karaokê.

Depois disso, o que Hades fez como melhoria no Mundo Inferior foi facilitar as coisas para que os espíritos dos mortos encontrassem o caminho do Érebo. Ele convenceu Hermes, o deus mensageiro, a ficar de olho no lado mortal do Estige para quando surgisse alguma alma perdida. Se Hermes visse algum fantasma com cara de desorientado, enviava-o na direção certa e oferecia um mapa em quatro cores bastante útil, com as boas-vindas da Câmara de Comércio do Mundo Inferior.

Quando as almas dos mortos chegavam ao Rio Estige, o *daímon* Caronte as levava para o outro lado pela quantia-padrão de uma moeda de prata. Hades o convenceu (leia-se *ameaçou*) a cobrar de todo mundo o mesmo preço.

Hades também providenciou para que os mortais lá em cima fossem avisados de que era melhor levarem os ritos fúnebres a sério; senão, seriam barrados no Mundo Inferior. Quando alguém morria, a família tinha que fazer oferendas aos deuses, além de arranjar um lugar decente para o corpo ser enterrado e colocar uma moeda debaixo da língua do cadáver, para que a alma pudesse pagar Caronte. Sem a moeda, o fantasma acabaria assombrando o mundo mortal para sempre, o que era uma atividade sem sentido e enfadonha.

Como Hades transmitiu esse aviso aos mortais? Ele tinha um exército de horripilantes criaturas de asas negras chamadas *ôneiros*, ou *daímions* dos sonhos, que visitavam os mortais adormecidos, espalhando visões ou pesadelos.

Vocês já tiveram um daqueles sonhos que fazem a gente acordar

assustado, com a sensação de que estava caindo? São os ôneiros pregando uma peça em vocês. Eles provavelmente pegaram vocês e largaram, só de crueldade. Na próxima vez que acontecer, batam no chão e gritem:

— Hades, mande seus *daímons* idiotas pararem!

* * *

Outra melhoria que Hades fez: aumentou a segurança nos portões do Érebo. Ele foi até a Sociedade Tartareense de Proteção aos Animais e adotou o maior cachorro que encontrou, o que tinha a cara mais brava que se pode imaginar. Era um monstro chamado Cérbero, que parecia uma espécie de mamute peludo e raivoso misturado com pit bull e rottweiler. Cérbero tinha três cabeças, ou seja, se você fosse um mortal tentando entrar escondido no reino de Hades ou um morto tentando sair, tinha três vezes mais chances de ser visto e devorado. Além de dentes e unhas afiados como lâminas, Cérbero supostamente tinha uma juba feita de cobras e uma serpente como cauda. Não posso garantir isso. Só vi Cérbero uma vez. Estava escuro, e eu estava concentrado em não chorar e não molhar a calça.

Vocês já tiveram um sonho em que parecia que estavam caindo? São os ôneiros pregando uma peça em vocês.

Enfim, quando os espíritos desencarnados cruzavam os portões, eram separados pelos três juízes finados e levados para os lugares apropriados. Como já expliquei, a maioria das pessoas nunca havia

feito muita coisa na vida, nem boa nem ruim, então quase todas acabavam nos Campos de Asfódelos. Lá, elas existiam como sombras etéreas que só podiam tremer como morcegos e flutuar de um lado para outro sem destino, tentando lembrar quem eram em vida e o que faziam — quase como professores no primeiro tempo de aula, quando ainda não tomaram café suficiente.

Se você tivesse sido bom em vida, ia para os Campos Elísios, que era basicamente o melhor que se podia conseguir no sombrio Mundo Inferior. Você tinha mansão própria, comida e bebida de graça e serviço cinco estrelas para tudo de que precisasse. Podia ficar conversando e passeando com as outras pessoas boas e passar a eternidade relaxando. Se ficasse entediado dos Elísios, podia escolher beber do Rio Lete e renascer em uma nova vida mortal.

Algumas almas eram *tão* boas que conseguiam viver três vidas virtuosas seguidas. Se fosse esse o seu caso, você podia se aposentar nas Ilhas dos Abençoados, que eram ilhas particulares parecidas com o Caribe em um lago no meio dos Elísios. Pouquíssimas pessoas tinham tanta sorte ou eram tão virtuosas, era meio como ganhar na Loteria das Pessoas Boas.

Se tivesse levado uma vida de maldades, recebia um tratamento cruel especial: banhar-se em óleo fervente para sempre, ter a pele arrancada, ser caçado por demônios famintos em um campo coberto de cacos de vidro ou deslizar em uma lâmina enorme até cair em uma piscina de suco de limão. Sabe como é, o de sempre. A maioria das punições não era muito criativa, mas para aqueles que conseguiam *realmente* irritar Hades, ele sempre dava um jeito de bolar novas e interessantes formas de torturar sua alma imortal.

Alguns exemplos?

Tântalo. Que cara *doidão*. Era um rei grego, filho de Zeus (que surpresa), que foi convidado para comer ambrosia e tomar néctar no Monte Olimpo com os deuses. Grande honra, certo? Mas o olho de Tântalo cresceu.

— Uau — disse ele depois do jantar, batendo na barriga. —

Quanta coisa boa! Posso levar um pouco para os meus amigos lá da cidade?

— Santo eu! — exclamou Zeus. — É claro que não! Essa ambrosia e esse néctar são alimentos raros e mágicos. Você não pode sair dando para qualquer um.

— Ah... — Tântalo forçou um sorriso. — É claro. Eu entendo. Bem... da próxima vez, o jantar é lá em casa, hein?

Tântalo deveria ter esquecido isso. Deveria ter se lembrado do que acontecera a Prometeu quando ele tentara pegar algo dos deuses para compartilhar com os mortais. Mas Tântalo ficou com raiva. Sentiu-se ofendido. Os deuses não confiavam nele. Não queriam que ele se tornasse famoso como o mortal que levou ambrosia para a terra.

Quanto mais ele pensava no assunto, com mais raiva ficava. Então, Tântalo convidou os deuses para um banquete no palácio *dele*, mas, para se vingar, decidiu que serviria a refeição mais ofensiva em que conseguisse pensar. Só não sabia *o quê*.

Ele estava na cozinha, olhando para as panelas vazias, quando seu filho Pélops entrou.

— O que tem para o jantar, pai? — perguntou Pélops.

Tântalo não gostava do filho. Não sei por quê. Talvez soubesse que o garoto viria a tomar seu reino um dia. Grandes reis viviam paranoicos com esse tipo de coisa. Como resposta, Tântalo abriu um sorriso cruel e pegou uma faca de carne.

— Boa pergunta.



Naquela noite, quando os deuses se reuniram no palácio de Tântalo para jantar, a comida servida foi um delicioso ensopado.

— Que carne é essa? — perguntou Deméter, dando a primeira colherada. — Tem gosto de frango.

Tântalo queria esperar até que todos os deuses tivessem comido, mas não conseguiu conter as risadinhas maníacas.

— Ah... é só uma receita de família.

Zeus franziu a testa e repousou a colher na mesa.

— Tântalo... o que você fez?

Hera afastou o prato.

— E onde está seu filho Pélops?

— Na verdade — disse Tântalo —, é ele o ensopado. Surpresa, seus idiotas! Ha, ha, ha, ha, ha!

Sinceramente, não sei o que ele esperava. Será que achou que os deuses iam rir e lhe dar tapinhas nas costas? *Ah, Tântalo, sempre tão brincalhão. Essa foi boa!*

Os olímpianos ficaram horrorizados. Afinal, eles ainda sofriam de estresse pós-traumático por terem sido engolidos pelo pai, Cronos. Zeus puxou seu raio, explodiu Tântalo em cinzas e entregou sua alma a Hades, dizendo:

— Crie uma punição especial para esse aí. Alguma coisa envolvendo comida, por favor.

Hades obedeceu alegremente. Ele afundou Tântalo até a cintura em uma piscina de água fresca, com os pés presos no fundo do rio, como se em cimento. Por cima da cabeça de Tântalo havia os galhos de uma árvore mágica que dava todo tipo de frutas cheirosas e deliciosas.

A punição de Tântalo foi ficar ali para sempre.

Bem, pensou Tântalo, até que isso não é tão ruim.

Mas aí ele ficou com fome. E, quando tentou pegar uma maçã, não alcançou os galhos. Tentou uma manga. Não deu. Tentou pular,

mas seus pés estavam presos. Tentou fingir que estava dormindo para poder fazer um ataque-surpresa aos pêssegos. Mais uma vez, não conseguiu. A cada tentativa, Tântalo tinha *certeza* de que conseguiria pegar uma fruta, mas nunca conseguia.

Quando ele ficou com sede, uniu as mãos em concha e pegou um pouco de água, mas quando a levou à boca, a água tinha magicamente evaporado; suas mãos estavam completamente secas. Ele se abaixou um pouco, na esperança de beber diretamente do lago, mas a superfície toda da água se afastou dele. Por mais que tentasse, ele não conseguia pegar uma única gota. E assim ele foi ficando cada vez com mais fome e sede, apesar de haver comida e bebida tão perto — uma proximidade *tantalizante*, palavra que deriva do nome dele. Da próxima vez que quiser muito pegar alguma coisa que por pouco não esteja ao seu alcance, saiba que está sendo tantalizado.

Qual é a moral da história? Talvez *Não pique seu filho e dê para os convidados comerem*. Parece meio óbvio, mas sei lá.

* * *

Outro sujeito que ganhou uma punição especial foi Sísifo. Embora não tenha feito um ensopado dos próprios filhos, Sísifo tinha o sério problema de não querer morrer.

Sei como é. Todos os dias ao acordar, eu penso: *Sabe o que seria bom hoje? Não morrer*.

Mas Sísifo foi longe demais com isso. Um dia, a Morte apareceu na casa dele. E quando digo Morte, estou me referindo a Tânatos, o deus da morte, o Ceifador, que era um dos principais tenentes de Hades.

Quando Sísifo abriu a porta, encontrou, flutuando ali na sua frente, um cara enorme com asas de penas pretas.

— Boa tarde. — Tânatos consultou seu bloquinho. — Tenho uma encomenda para Sísifo: uma morte dolorosa. Preciso que assinem o

recibo de entrega. Sísifo é você?

Sísifo tentou esconder o pânico.

— Hã... Ah, sim, sou eu! Entre! Vou só pegar uma caneta.

Quando Tânatos se curvou para passar pela porta baixa, Sísifo pegou o objeto pesado mais próximo (um pilão de pedra que ele usava para moer farinha) e bateu na cabeça do deus da morte.

Tânatos desmaiou. Sísifo o amarrou, o amordaçou e o enfiou embaixo da cama. Quando a sra. Sísifo chegou em casa, perguntou:

— Por que tem uma asa preta gigante saindo de debaixo da cama?

Sísifo explicou o que havia acontecido. A mulher não ficou feliz.

— Isso vai dar problema para nós dois — disse ela. — Você deveria simplesmente ter morrido.

— Também amo você — murmurou Sísifo. — Vai ficar tudo bem. Você vai ver.

Não ficou tudo bem. Sem Tânatos executando seu trabalho, as pessoas pararam de morrer. No começo, ninguém reclamou. Se você tinha que morrer mas não morria, por que reclamaria?

Mas então aconteceu uma grande batalha entre duas cidades gregas, e Ares, o deus da guerra, ficou desconfiado. Ele pairou sobre o campo de batalha como sempre fazia, pronto para um empolgante dia de carnificina. Quando os dois exércitos bateram de frente, nenhum soldado caiu. Eles ficaram se atacando, deixando uns aos outros em pedacinhos. As coisas ficaram feias, com muito sangue e sujeira, mas ninguém morreu.

— Cadê a Morte? — gritou Ares. — Isso não tem graça sem a Morte!

Ele saiu voando do campo de batalha e foi perguntando mundo afora:

— Com licença, você viu a Morte? Um cara enorme com asas pretas? Que gosta de levar almas?

Finalmente, alguém mencionou ter visto um cara que se encaixava nessa descrição indo na direção da casa do velho Sísifo.

Ares arrombou a porta de Sísifo, empurrou o coroa para sair de seu caminho e viu a asa esquerda de Tânatos saindo de debaixo da cama. Ares puxou o rei da morte, tirou a poeira de cima dele e cortou as cordas que o prendiam. Então os dois deuses olharam com raiva para o dono da casa.

Sísifo recuou para um canto.

— Hã... Olha, pessoal, eu posso explicar...

BUM!

Ares e Tânatos o fizeram evaporar com um raio duplo de ira divina.

Quando sua alma chegou ao Mundo Inferior, Sísifo, sei lá como, conseguiu uma audiência com o próprio Hades.

Sísifo fez uma reverência em frente ao trono.

— Sr. Hades, sei que cometi um erro. Estou pronto para enfrentar minha punição. Mas minha esposa... ela não fez os ritos fúnebres apropriados! Como posso apreciar a danação eterna sabendo que minha esposa não honrou os deuses com os sacrifícios, conforme o senhor ordenou? Por favor, permita apenas que eu volte ao mundo por tempo suficiente para dar uma bronca na minha mulher. Volto imediatamente.

Hades franziu a testa. É claro que ficou desconfiado, mas tinha a impressão de que os espíritos não eram capazes de mentir. (Ele estava enganado.) Além disso, a história de Sísifo o encheu de ira. Hades odiava quando as pessoas não levavam os ritos fúnebres a sério. E os sacrifícios aos deuses? Eram ainda *mais* importantes!

— Tudo bem — disse Hades. — Vá dar uma bronca na sua esposa, mas não demore. Quando voltar, terei uma punição especial pronta para você.

— Mal posso esperar! — exclamou Sísifo.

Assim, seu espírito voltou ao mundo e encontrou seus restos mortais. Sabe-se lá como, mas ele conseguiu transformá-los em um corpo normal. Imaginem só a surpresa da esposa de Sísifo quando ele surgiu na porta de casa, vivo da silva.

— Querida, cheguei!

Depois que a mulher despertou do desmaio, Sísifo lhe contou como tinha sido esperto e conseguido escapar de novo da morte.

A esposa não achou nada divertido.

— Você não pode enganar Hades para sempre — avisou ela. — Está pedindo para ter problemas.

— Eu já fui condenado aos Campos da Punição — retrucou Sísifo. — O que mais tenho a perder? Além disso, Hades é um cara ocupado, vê milhares de almas todos os dias. Nem vai perceber que fui embora.

Durante anos, o plano de Sísifo realmente deu certo. Ele foi discreto. Passava a maior parte do tempo em casa e, quando precisava sair, usava uma barba falsa como disfarce. Hades *era* ocupado, então esqueceu Sísifo completamente. Até que, um dia, Tântalo por acaso perguntou:

— Ei, o que você fez com aquele imbecil que me enfiou embaixo da cama?

— Eu... — Hades franziu a testa. — Ops.

Dessa vez, Hades mandou o deus mensageiro, Hermes, ir atrás de Sísifo. Hermes usava um elmo, tornando-o menos vulnerável a levar um golpe na cabeça. Ele arrastou Sísifo de volta para o Mundo Inferior e jogou-o aos pés do trono de Hades.

Hades abriu um sorriso frio.

— Mentindo para *mim*? Sério? Ah, eu tenho algo *muito* especial para você!

Hades levou Sísifo para o meio dos Campos da Punição, para uma colina árida de cento e cinquenta metros de altura e aclive de quarenta e cinco graus, perfeita para andar de skate. No pé da colina havia uma pedra enorme e redonda do tamanho de um carro.

— Pronto — disse Hades. — É só empurrar esta pedra até o alto da colina. Depois, pode ir embora. Sua punição vai acabar.

Sísifo suspirou de alívio. Ele estava esperando algo bem pior. Claro, a pedra parecia pesada. Empurrá-la colina acima seria

horrível, mas pelo menos não seria impossível.

— Obrigado, sr. Hades — disse Sísifo. — O senhor é piedoso.

— Aham. — Os olhos de Hades brilharam. — Piedoso.

O deus desapareceu em uma nuvem escura, e Sísifo se pôs ao trabalho.

Infelizmente, ele logo descobriu que a tarefa *era* impossível. Para empurrar a pedra, era necessário usar toda a sua força, e, quando estava quase no alto da colina, Sísifo perdia o controle. Por mais que tentasse, a pedra rolava colina abaixo. Ou o atropelava e *depois* rolava colina abaixo.

Se Sísifo parasse para descansar, uma das Fúrias aparecia e o chicoteava até vê-lo novamente em ação. Sísifo estava condenado a rolar a pedra colina acima por toda a eternidade, sem nunca chegar ao alto.

Mais um final feliz! Ares, o deus da guerra, voltou a ver gente morrer. A sra. Sísifo teve paz e tranquilidade, e Tânatos, o deus da morte, decidiu não tocar mais a campainha nem exigir assinatura de ninguém. Dali em diante, passou a chegar sorrateiramente, invisível, e levar a alma das vítimas sem avisar. Ou seja, se vocês estavam planejando amarrar o deus da morte e enfiá-lo debaixo da cama para poderem viver para sempre, podem esquecer.

* * *

E foi assim que Hades organizou o Mundo Inferior. Ele construiu seu palácio escuro à beira dos Campos de Asfódelos, e, depois de se casar com Perséfone, acabou sossegando e foi o mais feliz que um deus do Mundo Inferior poderia ser.

Hades começou a criar gado negro, para poder ter carne fresca e leite, e escolheu um *daímon* chamado Menoites para cuidar das vacas. Também plantou um pomar de romãzeiras mágicas, em homenagem à esposa.

Se vocês estavam planejando enfiar o deus da morte debaixo da cama para poderem viver para sempre, podem esquecer.

Os deuses olímpianos raramente o visitavam — exceto Hermes, que tinha que entregar mensagens e almas —, mas, se você por acaso estivesse no salão do trono de Hades em um dia qualquer, talvez encontrasse Tânatos por lá, ou as Fúrias, ou os três juízes mortos. Os melhores artistas e músicos mortos dos Campos Elísios volta e meia eram chamados ao palácio para entreter o rei.

Perséfone e Hades eram um casal feliz? É difícil dizer. As antigas histórias não deixam claro nem se eles tiveram filhos. Supostamente, Perséfone teve uma menina chamada Melinoe, que era o *daímon* encarregado de fantasmas e pesadelos, mas não é certo que Hades fosse o pai. Algumas histórias dizem que o pai era na verdade Zeus *disfarçado* de Hades, o que nos leva a um novo nível de repugnância.

Alguns poemas mencionam Macária, filha de Hades e Perséfone. Era a deusa das mortes abençoadas e tranquilas, o contrário das mortes dolorosas, terríveis e apavorantes, mas não há histórias sobre elas.

De qualquer modo, Hades não foi fiel a Perséfone. Afinal, ele era um deus. O que vocês esperavam?

Uma vez, Hades foi visitar o titã Oceano no fundo do mar. O que ele foi fazer lá? Não faço ideia. Talvez tenha ido verificar as nascentes salgadas que alimentavam o Rio Estige. Hades estava andando por lá quando por acaso encontrou uma bela ninfa chamada Leuce, filha de Oceano. Ela era alta, pálida e linda, e pelo visto causou uma impressão e tanto. Ao fim da visita, Hades a

sequestrou e a levou para o Mundo Inferior.

Era só um caso, uma loucura momentânea, mas é possível imaginar como Perséfone reagiu quando descobriu que o marido tinha levado para casa, de souvenir, uma garota.

— Ou ela, ou eu — disse Perséfone, com irritação. — E não a mande de volta para o oceano simplesmente. Ela roubou meu marido! Precisa morrer!

— Hã... tudo bem — disse Hades. — Quer dizer, sim! É claro, querida! Onde eu estava com a cabeça?

Hades saiu correndo para os Campos de Asfódelos, onde Leuce o esperava.

— E aí? — perguntou Leuce. — Você me sequestrou e me trouxe para cá. O que planeja fazer comigo?

— Na verdade, isso não vai dar certo — disse Hades. — Minha mulher não aprovou a ideia.

— Que surpresa — murmurou Leuce. — Tudo bem. Leve-me para casa!

— Não posso — disse Hades. — Perséfone quer você morta.

Leuce ficou ainda mais pálida.

— Isso... Isso não está certo! Você me *raptou*!

— Está tudo bem — tranquilizou-a Hades. — Eu tenho uma ideia. Em vez de matar você, vou transformá-la em alguma coisa... Tipo uma planta. Aí você vive eternamente, e eu vou poder me lembrar de você para sempre.

— É uma péssima ideia!

— Talvez uma árvore — considerou Hades.

— Não!

— Uma árvore alta, pálida e branca — decidiu Hades. — Uma árvore tão bonita quanto você.

— Eu...

PUF.

E assim Leuce se tornou o primeiro choupo-branco do mundo. Hades abraçou o tronco.

— Que bom que você entende. Sempre vou me lembrar de você.

O choupo-branco se multiplicou rapidamente, até os Campos de Asfódelos estarem cobertos deles; era um pouco de beleza naquelas tristes paisagens. O choupo-branco se tornou uma das árvores sagradas de Hades e costumava crescer em profusão nas margens dos rios do Mundo Inferior. Talvez, por se lembrar de que viera do mar, Leuce estivesse tentando traçar seu caminho de volta até lá. Boa sorte aí na empreitada, Leuce.

* * *

Depois do romance fracassado com a garota-choupo, Hades ficou deprimido. Um dia, decidiu fazer uma longa caminhada pela margem do Rio Cócito, o Rio das Lamentações, que é uma escolha estranha de lugar pelo qual se andar quando você está tentando se sentir mais alegre.

Hades acabou vendo uma linda jovem de vestido verde-claro sentada perto da água. Seu aroma o alcançou, levado pela brisa subterrânea: um perfume doce e suave, diferente de todos os cheiros que ele já sentira.

Hades foi até lá e olhou para ela, impressionado. Ele geralmente assustava as pessoas, por ser tão dark e furtivo e tal; então, quando a garota finalmente notou que ele estava ali, encolheu-se, alarmada.

— O que você quer? — perguntou ela.

— Hã... — Hades mal conseguia pensar direito. Os olhos da jovem eram verde-claros como seu vestido. — Eu sou Hades. Você tem um cheiro bom. Quem é você?

A garota torceu o nariz.

— Sou Minta, claro. Filha do Rio Cócito.

Hades franziu a testa.

— Os rios do Mundo Inferior têm náiades? Eu não sabia disso.

— Bem, talvez não seja motivo de orgulho para a gente — murmurou Minta. — Não é fácil ser o espírito da natureza de um rio

das lamentações, sabe? Eu preferia estar no mundo da superfície, onde poderia aproveitar a luz do Sol e a brisa fresca.

— Eu levo você — disse Hades, sem pensar direito. — É só me dar um beijo que eu a levo para o mundo superior.

Minta fez cara de desconfiada.

— Por que você faria isso?

— Porque eu amo você — disse Hades tolamente.

Sabe como é, ele não conhecia muitas mulheres bonitas. Além do mais, era primavera. Perséfone tinha ido visitar a mãe no mundo mortal, e Hades estava se sentindo solitário.

Minta se levantou. Ela não sabia o que pensar daquele deus sombrio, mas uma viagem ao mundo superior parecia uma boa ideia. Então ela disse:

— Tudo bem.

E o beijou. Hades passou os braços em torno do corpo dela, e juntos eles se dissolveram nas sombras.

Os dois foram aparecer na subida de uma colina perto da cidade grega de Pilos. Minta suspirou ao ver o céu azul, o sol e as colinas verdes que se estendiam infinitamente pelo horizonte.

Ela sorriu e abraçou Hades, e por uns vinte segundos eles ficaram ali na maior paixão. A fragrância de Minta era deliciosa.

Até que alguma coisa mudou. Hades ficou tenso. Talvez o ar fresco tivesse clareado seus pensamentos.

— O que estou fazendo? — disse ele, e a empurrou para o lado. — É primavera. Minha mulher deve estar por aqui, fazendo as plantas crescerem e não sei mais o quê. Ela vai nos encontrar!

— E daí? — perguntou Minta. — Você disse que me amava.

— Eu... Eu... — Hades engoliu em seco.

Os olhos verdes de Minta eram lindos. Ela era bonita e tinha um cheiro bom, mas Hades agora percebia que o amor deles não tinha futuro. Ele se lembrou da expressão assassina nos olhos de Perséfone quando soubera de Leuce.

— Tenho que voltar para o Érebo — disse Hades. — Divirta-se no

mundo superior.

— Você vai voltar, não vai? — perguntou Minta.

— Hã...

Hades se acovardou e se dissolveu nas sombras.

Minta deveria tê-lo perdoado. Ela tinha conseguido ir para o mundo mortal! Poderia ter encontrado um novo rio ao qual dedicar sua força vital. Poderia ter vivido para sempre nas belas florestas e colinas da Grécia.

Mas não. Por que facilitar se podemos complicar?

Levar um fora na colina deixou-a furiosa. Ela se deu conta de que tivera o deus Hades comendo na sua mão sem precisar se esforçar. Ela devia *mesmo* ser bonita. E tinha mesmo um cheiro bom. Ela merecia ser rainha.

— Hades *me* ama! — gritou ela ao vento. — Ele vai voltar, me buscar e *me* tornar rainha do Mundo Inferior! Sou mais bonita até do que Perséfone, e mais maravilhosa, e tenho um cheiro melhor, e...

A colina estremeceu. Gramas e flores giraram em um redemoinho gigantesco de pétalas. A deusa Perséfone apareceu como um colosso de quinze metros de altura.

Nessa hora, Minta percebeu que tinha cometido um erro.

— VOCÊ, MAIS BONITA DO QUE EU? — explodiu Perséfone. — AH, CLARO! MAS TUDO BEM, CHEIRO BOM VOCÊ TEM MESMO. TALVEZ TENHA ALGUMA UTILIDADE PARA AS PLANTAS!

Então Perséfone levantou seu gigantesco pé, calçado em sua sandália grega, e esmagou Minta. Quando esfregou o pé na lateral da colina, pequenas plantinhas verdes surgiram. As folhas exalavam um cheiro maravilhoso quando eram esmagadas. Perséfone decidiu chamá-las de *menta*, e a colina perto de Pilos onde elas cresceram pela primeira vez ainda hoje se chama Monte Menta.

Portanto, da próxima vez que escovarem os dentes e ficarem com hálito refrescante, podem agradecer a Perséfone, embora seja meio nojento esfregar na boca uma pasta feita de ninfa esmagada.

Depois disso, Hades não teve muitos casos. Ficava mais no palácio, cuidando da vida.

Mas os heróis mortais nem sempre o deixavam em paz. Viviam aparecendo por lá para exigir coisas. Um queria seu cachorro, Cérbero. Outro queria que Hades devolvesse sua amada à vida. Outro herói até tentou sequestrar Perséfone. Posso até contar essas histórias em outro momento, mas esse Mundo Inferior está me deixando com claustrofobia; muito sombrio.

Preciso de um pouco de ar fresco do mar. Vamos até o Mediterrâneo, e eu apresento a vocês meu pai: o primeiro e único Poseidon.

POSEIDON MERGULHA NA FÚRIA



SOU MEIO SUSPEITO para falar.

Mas, se for para ser filho de um deus grego, que seja de Poseidon. Claro, tivemos os nossos problemas. Ele não é o pai mais atencioso do mundo. Mas, poxa, nenhum deus grego é.

Pelo menos Poseidon tem poderes incríveis e é um cara tranquilo (em geral).

Ele é incrivelmente legal, considerando as dificuldades por que passou quando jovem. Sendo o filho do meio, Poseidon era sempre comparado aos irmãos, tipo: *Uau, você é quase tão bonito quanto Zeus! É quase tão poderoso quanto Zeus!* Ou, às vezes: *Você nem é tão fracassado quanto Hades!*

Isso pode ser bem irritante depois de alguns séculos.

Na época em que Zeus, Poseidon e Hades jogaram os dados para dividir o mundo, Poseidon tirou o *segundo* melhor número. Ele teve que aceitar que Zeus se tornasse senhor do universo e teve que passar a eternidade ouvindo as ordens do irmão. Mas Poseidon não

reclamou. Ele tinha ganhado o mar. Para ele, estava bom. Ele gostava de praia. Gostava de nadar. Gostava de frutos do mar.

É verdade, Poseidon não era tão exibido nem tão poderoso quanto Zeus. Não tinha os raios, que eram como o arsenal nuclear do Monte Olimpo. Mas Poseidon tinha o tridente mágico. Tinha o poder de causar furacões, provocar maremotos e preparar vitaminas de fruta deliciosas. E, como os mares cobrem toda a Terra, Poseidon também conseguia causar terremotos. Quando estava de mau humor, podia inundar cidades inteiras ou fazer ilhas afundarem sob as ondas.

Os gregos o chamavam de senhor dos terremotos, e tinham um trabalhão para mantê-lo feliz, porque, estivesse você na terra ou no mar, *não* iria querer provocar a raiva de Poseidon.

Felizmente, Poseidon era calmo. Seu humor era refletido no Mar Mediterrâneo, onde ele morava, que na maior parte do tempo é tranquilo de velejar. Poseidon deixava os navios viajarem para onde quisessem. Abençoava os pescadores com muitos peixes. Ficava relaxando na praia, tomando um drinque em uma casca de coco enfeitada com um pequeno guarda-sol, sem esquentar com nada.

Em dias bonitos, andava sobre as ondas em sua carruagem dourada puxada por hipocampos brancos, que eram cavalos com crinas douradas, cascos de bronze e rabos de peixe. Aonde quer que ele fosse, as criaturas do mar iam brincar ao redor de sua carruagem; tubarões, baleias assassinas e lulas gigantes eram vistos brincando juntos, gorgolejando "Viva, Poseidon chegou!" ou coisas do tipo.

Só que às vezes o mar ficava zangado, consequência de o próprio Poseidon estar zangado. Quando isso acontecia, ele se tornava um sujeito completamente diferente.

Se você fosse o capitão de um navio e se esquecesse de fazer um sacrifício para Poseidon antes de zarpar, era um grande idiota. Poseidon gostava de pelo menos um touro sacrificado em sua honra por navio. Não me pergunte por quê.

Quem se esquecia de fazer o sacrifício corria o sério risco de seu navio se chocar contra as pedras, ser comido por um monstro marinho ou ser capturado por piratas que comiam de boca aberta.

E mesmo que você nunca viajasse pelo mar, não necessariamente estava a salvo. Caso sua cidade ofendesse Poseidon... bem, diga oi para o sr. Furacão.

Mesmo assim, Poseidon se mantinha calmo quase todo o tempo. Tentava seguir as ordens de Zeus, embora toda hora se irritasse com o irmão. Sempre que os dois começavam a brigar, os outros deuses apertavam os cintos de segurança, porque uma briga entre o céu e o mar era capaz de destruir o mundo.

Mãe Reia deve ter sentido a tensão desde cedo, porque, pouco depois de os deuses tomarem o mundo sob seu controle, ela sugeriu que Poseidon saísse do Olimpo e fosse explorar seu novo domínio. Reia o mandou morar no fundo do oceano, com uma tribo de seres aquáticos bem esquisitos, os telquines.

Foi uma sugestão estranha, pois os telquines eram sujeitinhos danados de estranhos. Já tinham habitado a terra, até que Zeus, irritado com alguma coisa que eles tinham feito, jogou os piores no Tártaro e isolou o restante no fundo do mar.

O que eles fizeram? Não sei direito; mas os telquines eram conhecidos por feitiçaria e por criarem coisas perigosas. Eles conseguiam fazer gear, chover e até nevar (o que não acontece muito na Grécia), além de provocar uma chuva sulfurosa que destruía plantas e queimava a pele — poder legal; um legal nojento e fedido.

Algumas histórias contam que os telquines inventaram o trabalho com metais e até forjaram a foice de Cronos, a pedido de Gaia. Pode ser. Eles eram gananciosos e fariam qualquer coisa se fossem bem-pagos.

Depois que Zeus os jogou no oceano, eles mudaram de forma: assumiram uma aparência que era como um cruzamento de cachorro, foca e humano, com rosto canino, perninhas atrofiadas e

mãos que pareciam um pouco com barbatanas. Essas mãos eram muito ágeis, o que lhes permitia trabalhar com metais, e também serviam como ótimas raquetes de pingue-pongue.

Quando Poseidon foi morar com os telquines, eles lhe mostraram o lugar e lhe ensinaram como funcionavam as coisas ali no oceano: *Aquilo ali são peixes! Aquilo é um coral!* Uma coisa importante que eles lhe ensinaram foi como usar o tridente como alavanca. Poseidon aprendeu a apoiar as pontas do tridente na base de uma ilha e empurrar de um jeito que a área toda desaparecia no mar. Em combate, ele podia fazer isso com montanhas em terreno seco. Algumas vezes, ele virou montanhas bem em cima dos inimigos, esmagando-os. Viram? Eu falei que ele era demais.

Depois de um tempo, Poseidon acabou se cansando dos telquines e decidiu construir seu próprio palácio. (*Sábia decisão, pai.*)

Ele foi até o fundo do Mar Egeu, onde usou seus poderes de fazer tremer a terra e provocar ondas para erguer uma grande mansão feita de pérolas, cascalho marinho e conchas de abalone. Os jardins eram cheios de plantas exóticas, com águas-vivas reluzentes pairando na água como pisca-piscas. Grandes tubarões-brancos atuavam como cães de guarda, e os criados eram sereios; e as portas da mansão eram enormes, porque baleias e monstros do mar entravam lá de tempos em tempos para prestar suas homenagens.

Na minha opinião, a casa de Poseidon era *muito* mais legal do que a de Hades ou a de Zeus, e, quando Poseidon estava sentado em seu trono de coral polido, ele se sentia muito bem. O mar inteiro estava sob seu controle. Os peixes o adoravam. Todos os marinheiros do Mediterrâneo faziam oferendas a ele e rezavam por uma travessia segura. Todos o amavam.

Então Poseidon pensou: *Acho que vou dar um pulinho lá em cima e me oferecer para ser patrono de uma das cidades mortais!*

Como já mencionei, essa história de patrono era importante para os deuses. Quanto mais mortais rezassem para eles, mais fortes os deuses ficavam. Se um deus conseguisse que uma cidade inteira

fosse dedicada a ele — com estátuas, templos e camisetas com sua foto em todas as lojinhas turísticas —, tinha todo o direito de se gabar, e não havia nada que fosse mais maravilhoso.

Poseidon decidiu tentar uma das maiores e mais importantes cidades da Grécia: a capital da Ática, na parte continental. Nada de pensar pequeno, certo?

Ele apareceu na acrópole da cidade, que era a fortaleza principal no alto da maior colina. A terra tremeu. Poseidon apareceu em uma espiral de sal e névoa. Bateu o tridente na pedra mais próxima, quebrando-a e assim fazendo jorrar um gêiser de água salgada.

— Atenção! — gritou ele para as multidões. — Eu sou Poseidon e vim para me tornar o patrono desta cidade!

Foi uma aparição grandiosa. Infelizmente, porém, a deusa da sabedoria tinha aparecido apenas alguns segundos antes com a mesma proposta. Atena estava ali perto, com sua túnica cinza e o elmo de batalha debaixo do braço, negociando com os anciãos da cidade.

— Ah — murmurou Poseidon. — Isso é bem constrangedor.

Os anciãos olharam boquiabertos para o deus do mar, ali parado com seu tridente reluzente, e para o enorme gêiser de água salgada que agora jorrava do alto da colina.

— Sr. Poseidon! — cumprimentou um dos anciãos. — Ah... Hã...

Os pobres mortais olharam de um deus para o outro. Não posso culpá-los por terem ficado nervosos. Ninguém quer ser obrigado a escolher entre deuses. Não importa qual você escolha, o outro provavelmente vai esmagar você como quem esmaga uma barata.

Poseidon também não sabia o que fazer. Como podia Atena, aquela deusa novata, aquela olimpiana de segunda geração, ter tido a ousadia de roubar sua ideia? A vontade que ele tinha era de correr atrás dela com o tridente, mas, antes que pudesse fazer isso, Atena gritou:

— Já sei como podemos resolver isso pacificamente!

Não importa qual deus você escolha, o outro provavelmente vai esmagar você como quem esmaga uma barata.

Típico. Atena *sempre* tinha uma ideia traiçoeira. Poseidon não estava interessado em paz naquele momento, mas todos os mortais ali presentes pareciam bem aliviados, e ele não queria se comportar mal na frente de seus futuros seguidores.

— Sei — resmungou ele. — E qual é o plano?

— Uma competição — disse Atena. — Cada um de nós dois vai criar um presente para a cidade. Os anciãos vão julgar entre os dois. O deus que der à cidade o presente mais *valioso* será o patrono. O outro deus aceitará a decisão dos anciãos e irá embora em paz. Combinado?

Milhares de olhos mortais se viraram para Poseidon. Ele ainda estava com vontade de jogar Atena no mar, mas ela o tinha deixado em uma saia justa. Não dava para dizer não.

— Certo — resmungou ele. — Tudo bem.

— Primeiro os cavalheiros — disse Atena, com um gesto cortês.

Poseidon franziu a testa. O que seria um presente valioso para aqueles mortais? Uma caixa de pérolas? Uma água-viva de estimação? Talvez um estábulo de baleias treinadas que eles pudessem montar? Se bem que... estacionar as baleias no centro poderia ser um problema.

Talvez outra forma de animal... uma criatura forte e rápida, mas adaptada a humanos terrestres?

Poseidon olhou para as ondas quebrando na praia abaixo. Ao ver a espuma, ele teve uma ideia. E sorriu.

— Vejam isto — disse ele.

Ele apontou o tridente, e as ondas começaram a tomar forma. Quando chegaram à margem, tornaram-se animais majestosos com quatro pernas compridas e crinas sedosas. Eles puseram-se a correr pela praia, relinchando e pavoneando-se.

— Apresento-lhes os *cavalos*! — gritou Poseidon. — São animais rápidos e fortes. Vocês podem cavalgá-los para ir a qualquer lugar. Eles levam cargas pesadas, puxam arados e carroças. Vocês podem até usá-los nas guerras, para pisotear seus inimigos. Além do mais, eles são lindos.

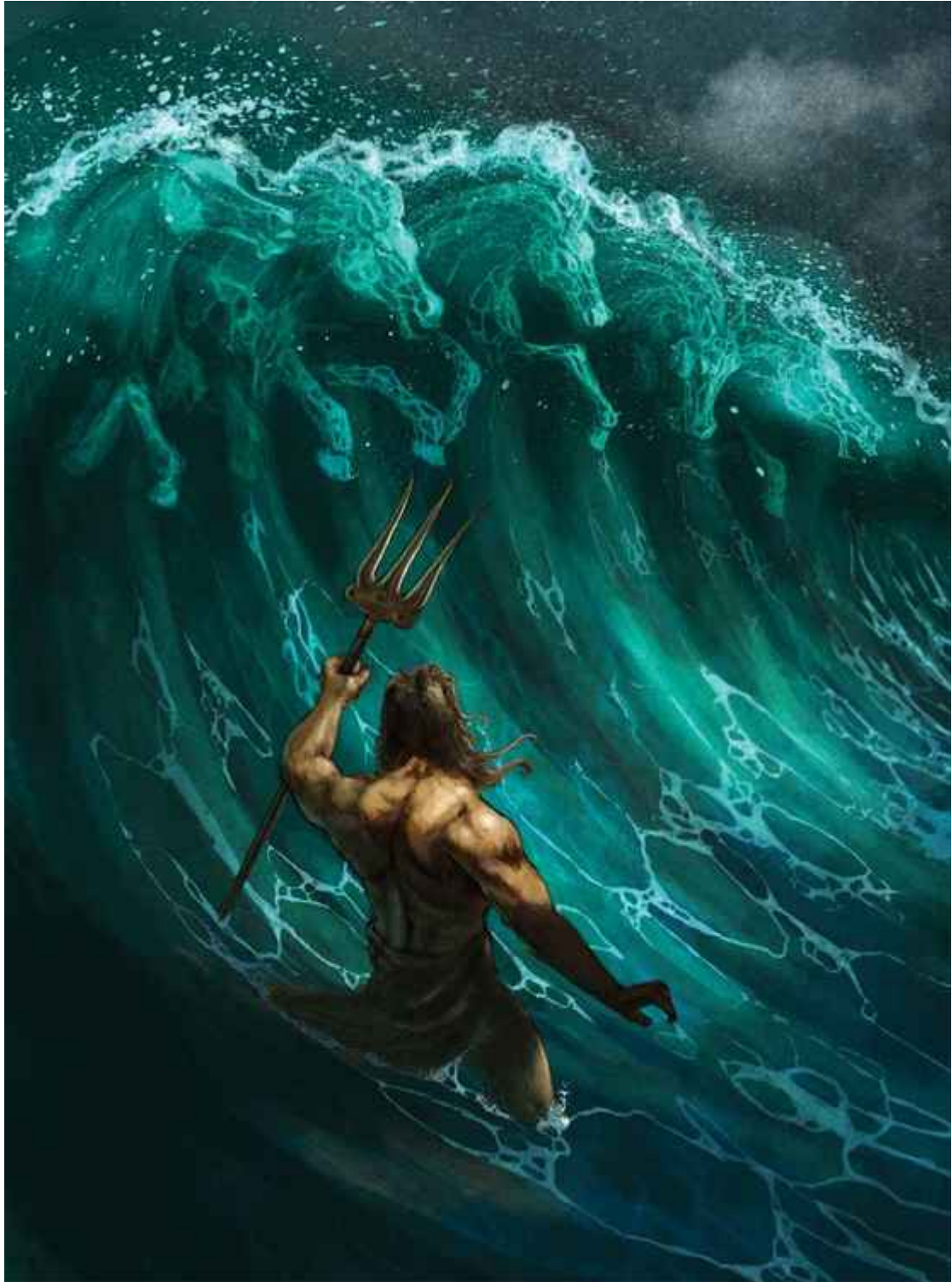
Houve um burburinho de admiração, e os mortais bateram palmas educadamente. Cavalos eram um presente valioso, mas alguns habitantes da cidade pareciam decepcionados, como se estivessem torcendo por águas-vivas de estimação.

Todos se viraram para Atena.

A deusa levantou a mão. Uma planta de aparência esquisita surgiu entre as pedras mais próximas. Tinha folhas cinza-esverdeadas e frutinhas redondas e verdes do tamanho de verrugas.

Poseidon não conseguiu conter uma gargalhada.

— Que porcaria é essa?



— É uma oliveira — explicou Atena.

Os mortais ficaram inquietos, sentindo-se desconfortáveis. A oliveira não era muito impressionante, mas ninguém queria dizer isso a Atena.

— Tudo bem, valeu a tentativa — disse Poseidon, rindo. — Bem, acho que sabemos *quem* ganhou esta competição!

— Ei, vá com calma — disse Atena. — A oliveira pode não parecer grande coisa, mas é uma árvore que exige pouquíssimo esforço para ser cultivada, e que se espalhará por todo o país até as azeitonas se tornarem o alimento mais importante da Grécia.

— Essas bolinhas pretas? — protestou Poseidon. — São mínimas!

— Mas vão crescer aos milhares — disse Atena. — E ficam deliciosas na pizza! Os mortais desta cidade exportarão azeitonas para todo o mundo e ficarão ricos! O azeite, que vem da azeitona, pode ser usado para cozinhar e acender lampiões. E é possível até mesmo acrescentar perfume ao óleo e usá-lo para o banho, para hidratação ou para limpar aquelas manchas difíceis da bancada da cozinha.

Ela se virou para o grupo de mortais.

— Quanto vocês pagariam pela oliveira agora? Não respondam ainda! É meu presente para vocês, de graça. E, se encomendarem hoje, ganham a mim como patrona da cidade, o que significa levar de brinde infinita sabedoria, conselhos sobre guerra e diversas outras utilidades. Esta será a cidade mais rica e mais importante da Grécia! Tudo que peço é que a batizem em minha homenagem e construam um templo para mim, o que pode ser feito em três parcelas sem juros.

A confiança de Poseidon sentiu o primeiro abalo.

— Mas, mas... Espere... Meus cavalos...

Os mortais não estavam mais ouvindo. Estavam mais interessados

em ganhar dinheiro, e, apesar de a área ao redor da cidade ser ótima para plantar oliveiras, era montanhosa e pedregosa demais para o bom uso de cavalos.

Um tanto irônico: o povo daquela cidade acabaria se destacando pelo mercado marítimo, exportando azeite de oliva, mas eles recusaram o deus Poseidon como patrono. Talvez meu pai tivesse se saído melhor se tivesse oferecido baleias treinadas.

Assim, Atena ganhou a competição, e é por isso que a cidade se chama Atenas, em homenagem a ela, quando poderia ter um nome bem mais legal — tipo Poseidonópolis.

Poseidon foi embora furioso e, ignorando a promessa de não se vingar, quase destruiu a parte baixa da cidade com uma terrível inundação, que só terminou quando os atenienses concordaram em construir um templo na Acrópole em homenagem a Atena e a Poseidon.

Esse templo ainda está lá. Se vocês visitarem Atenas, poderão ver as marcas deixadas pelo tridente de Poseidon quando ele bateu na pedra para fazer a água salgada jorrar. E ainda deve haver oliveiras por ali. Mas duvido que você veja algum cavalo.

* * *

Depois disso, Poseidon ficou meio obcecado em achar uma cidade que o elegesse como patrono, mas não teve sorte. Ele disputou com Hera a cidade de Argos; Hera venceu. Disputou com Zeus a ilha Egina; Zeus venceu. Disputou com Hélio a cidade de Corinto; quase venceu, mas Zeus disse:

— Não, vocês vão dividir. Hélio, você pode ficar com a cidade principal e a acrópole. Poseidon... está vendo aquela tirinha de terra ao lado da cidade? Fica para você.

Poseidon só levava rasteira. E a cada nova disputa que perdia, mais mal-humorado ficava.

Isso era ruim, porque, quando Poseidon ficava sensível,

aumentava o risco de ele punir quem achasse que o estava insultando.

Por exemplo, Poseidon tinha muito orgulho das tais nereidas, aqueles cinquenta espíritos femininos do mar cuja beleza era famosa por todo o globo. Elas tinham cabelo comprido e esvoaçante, escuro como a meia-noite, e olhos verde-piscina; usavam um vestido branco e fino que se espalhava ao redor delas na água. Todo mundo sabia que elas eram de parar o trânsito, e Poseidon adorava tê-las em seu domínio — meio que como quem mora na cidade-sede de um time de futebol que é campeão nacional.

Bom, uma rainha mortal chamada Cassiopeia, do norte da África, começou a se gabar de ser *muito* mais bonita que as nereidas.

Poseidon não teve paciência: convocou uma serpente carnívora e sanguinária de uns trezentos metros de comprimento, com uma boca capaz de engolir uma montanha, e a mandou aterrorizar a costa da África. O monstro percorreu a costa devorando navios, fazendo ondas que inundaram cidades e gritando tão alto que ninguém conseguia dormir.

Finalmente, para que os ataques parassem, Cassiopeia concordou em sacrificar a própria filha, Andrômeda, para o monstro marinho. Tipo, *Ah, foi mal. Não foi legal eu ter me gabado. Tome aqui, pode matar minha inocente filha!*

Caso vocês estejam preocupados, saibam que meu pai não deixou isso acontecer. Ele permitiu que um herói salvasse Andrômeda e matasse o monstro marinho (mais uma vez, esta é outra história), mas, mesmo depois de Cassiopeia morrer, Poseidon nunca esqueceu o insulto. Ele a colocou no céu noturno como uma constelação, e, como ela havia mentido, alegando ser mais bela que as nereidas, ela sempre parecia estar girando para trás.

É uma constelação de aparência idiota mesmo.

* * *

Depois disso, as nereidas ficaram gratas a Poseidon por tê-las defendido. Talvez esse fosse o plano dele o tempo todo; afinal, nada supera ter cinquenta mulheres lindas achando que você é demais.

A maioria das nereidas adoraria se casar com Poseidon, mas uma delas o evitava, porque era tímida e não queria se envolver em relacionamentos. Naturalmente, foi *ela* quem chamou a atenção de Poseidon.

O nome dela era Anfitrite, e sua ideia de paraíso era viver uma vida tranquila no fundo do oceano, sem nenhum deus a convidando para sair nem lhe passando cantadas baratas no shopping submarino.

Mas, infelizmente, Anfitrite era linda. Quanto mais ela tentava evitar os deuses, mais eles corriam atrás dela. Seu cabelo preto estava sempre preso em uma rede de pérolas e seda; seus olhos eram escuros como café. Ela tinha um sorriso doce e uma risada gostosa de se ouvir. Costumava usar um vestido branco simples e, como único adorno, uma coroa de garras de caranguejo polidas ao redor da cabeça — o que não me parece muito atraente, mas acho que fazia sucesso entre as nereidas.

Poseidon tentou de tudo para conquistar o coração dela: caramelos de água salgada, uma serenata de músicas de baleia, um buquê de pepinos-do-mar, um navio de guerra português decorado com lindos laços vermelhos. Anfitrite não cedeu a nenhuma das investidas. Sempre que ele se aproximava demais, ela corava e saía nadando.

Chegou a um ponto em que ela ficou com tanto medo que fugiu de vez. Poseidon procurou-a por toda parte, mas, sem obter sucesso, começou a achar que jamais a veria de novo. Seu coração estava mais apertado que sardinha em lata. Ele vagava pelo palácio chorando como uma jubarte, confundindo todos os mamíferos do mar e provocando enxaquecas nas lulas gigantes.

Depois de um tempo, as criaturas do mar convocaram um deus chamado Delfim para ir falar com Poseidon e ver o que havia de

errado. Delfim era o rei imortal dos golfinhos e amigo próximo do deus do mar. Como era Delfim fisicamente? Um golfinho. Dã.

Delfim nadou até o salão do trono e foi direto ao assunto, em golfinhês:

— O quê que tá pegando, meu querido P.? Por que essa cara?

— Ah, é Anfitrite — respondeu Poseidon, com um suspiro. — Eu a amo, mas ela fugiu!

— Hum. — Delfim pensou que era um motivo bem idiota para alguém ficar tão infeliz. — Você sabe que existem quarenta e nove outras nereidas, não sabe?

— Não importa! — soluçou Poseidon. — Eu quero Anfitrite!

— É, que saco isso, hein. Olhe, você está atrapalhando o sonar de todo mundo com essa história de tanto gemer e choramingar. Só hoje cedo duas baleias-azuis colidiram de cabeça, causando quilômetros de retenção na pista principal do Egeu. Que tal se eu encontrar essa tal de Anfitrite e convencê-la a se casar com você?

As lágrimas de Poseidon secaram imediatamente, o que foi impressionante, considerando que ele estava debaixo d'água.

— Você faria isso por mim?

— Sou um golfinho — disse Delfim, prontamente. — Tenho um cérebro enorme. Já volto.

Delfim demorou um pouco, mas finalmente encontrou Anfitrite, na extremidade ocidental do Mediterrâneo, perto de onde o titã Atlas segurava o céu.

Anfitrite estava sentada em um recife vendo o pôr do sol se infiltrar nas profundezas da água e gerar manchas rosadas nas florestas de algas. Um robalo repousava em sua mão, feliz da vida, porque Anfitrite tinha mesmo jeito com peixes. Não sou de achar robalos fofos, mas eles a *amavam*.

Naquele momento, Delfim entendeu por que Poseidon gostava dela. Anfitrite irradiava uma espécie de doçura e suavidade que não se vê em muitos imortais. Em se tratando de deuses, em geral quanto mais viviam, mais agiam como crianças mimadas. Delfim não

sabia direito por quê, mas aquela história de que o envelhecimento traz sabedoria... isso não acontecia muito entre eles.

Delfim nadou até Anfitrite.

— E aí, mocinha, como vai?

Anfitrite não tentou fugir. Ela nunca se sentia ameaçada por Delfim, talvez por causa do sorriso de golfinho dele.

— Ah, Poseidon continua me perseguindo. — Ela suspirou. — Quer que me case com ele.

O robalo nadou ao redor da mão de Anfitrite em um círculo preguiçoso, depois voltou a se instalar onde estava antes. Delfim teve que se controlar para não comê-lo. Robalos eram gostosos.

— Poseidon não é um mau tipo — disse Delfim. — Você poderia ter encontrado algo bem pior.

— Mas eu não quero me casar com ninguém! — protestou Anfitrite. — Dá trabalho demais e é assustador. Já ouvi histórias sobre os deuses, sobre como eles tratam as mulheres...

— Quase todos os deuses são idiotas — concordou Delfim. — E eles têm muitas namoradas mesmo depois que se casam...

— Rá. Não seria com *isso* que eu me importaria. Não sou ciumenta. Só não quero ser maltratada. Quero ser eu mesma, fazer minhas coisas, sem um *homem* mandando em mim!

— Ah, só isso? — Delfim suspirou de alívio. — Porque Poseidon é tranquilo. Não posso prometer que ele vá ser fiel a você para sempre, mas ele a trataria bem e deixaria você fazer o que bem entendesse. Posso conversar com ele, fazer com que prometa. Se ele quebrar a promessa, vai ter que se ver com o sr. Golfinho aqui.

Delfim flexionou as nadadeiras, pois achava que isso o fazia parecer um cara intimidador.

— Você faria isso por mim? — perguntou Anfitrite.

— É claro! E o melhor: se você se casasse com Poseidon, nenhum dos *outros* deuses poderia assediar você nem incomodá-la. Eles se veriam obrigados a deixá-la em paz, porque Poseidon é muito poderoso. E vocês poderiam ter filhos. Crianças são uma delícia.

Melhores até que robalos.

— É mesmo? — Anfitrite ficou olhando para o robalo nadando ao redor de sua mão, como se tivesse dificuldade de acreditar que alguma coisa pudesse ser melhor do que aquele ser. — Bem... acho que, se você falasse com Poseidon primeiro e ele promettesse...

— Deixa comigo — disse Delfim. — O deus golfinho vai dar um jeito nisso!

Então Delfim foi explicar o acordo a Poseidon, que ficou todo feliz; concordou na mesma hora. Seu casamento com Anfitrite foi a maior festa já vista no oceano. Deuses, monstros marinhos, todas as quarenta e nove irmãs nereidas de Anfitrite... todos foram convidados. Baleias nadavam lá no alto da água, cuspidando nuvens cintilantes de krill que compunham as palavras PARABÉNS e POSEIDON & ANFITRITE, o que não foi tarefa fácil, porque baleias não são muito boas em ortografia. Os golfinhos fizeram um show acrobático; as águas-vivas brilhavam acima do pátio do palácio, enquanto ninfas do mar e o povo sereio dançavam noite adentro.

Poseidon e Anfitrite formaram um bom casal. Foram felizes juntos e tiveram três filhos divinos. O primeiro foi Tritão, que parecia um sereio mas que tinha duas caudas de peixe no lugar de uma. Atuava como arauto do pai. Sempre que Poseidon ia a algum lugar, Tritão ia na frente, abrindo caminho com o som de sua corneta de concha, como se dissesse: *O chefe está vindo! Finjam que estão trabalhando!*

Depois de Tritão nasceu Rode, uma ninfa do mar que se tornou a deusa patrona da Ilha de Rodes (batizada em homenagem a ela, claro). Rode acabou se casando com o titã Hélio.

O terceiro filho foi uma menina chamada Cimopoleia. Grande, desajeitada e barulhenta, ela nunca recebeu o mesmo amor que era destinado aos irmãos. Sempre senti pena dela. Seu nome significa *Patrulheira das Ondas*, o que nos faz imaginá-la como um veículo utilitário esportivo, mas ela parecia mais uma picape monstro. Mas um dia ela acabou encontrando a felicidade: tornou-se a deusa das

fortes tempestades marítimas e se casou com Briareu, um dos centímanos, que também era grande e barulhento e não se importava de ter uma picape monstro como esposa.

Com o passar dos anos, Anfitrite descobriu que a previsão de Delfim tinha sido acertada: ela *realmente* amava mais os filhos do que aos robalos, e na maior parte do tempo Poseidon era um bom marido. Ele tinha muitos casos extraconjugais com ninfas e mortais e tal, mas, estranhamente, isso não incomodava muito Anfitrite. Desde que Poseidon não tentasse ser *dono* dela e lhe dizer o que fazer e desde que fosse um bom pai para os três filhos, Anfitrite não se importava.

Ela até era boa com os filhos semideuses de Poseidon, ao contrário de outras deusas que eu poderia mencionar (cá entre nós: Hera). Uma vez, o herói Teseu foi visitá-la, e Anfitrite o tratou como convidado de honra. Até deu uma capa roxa para ele usar, o que era sinal de majestade.

Ela é bem legal comigo também. Não dá ataques histéricos quando deixo minhas roupas sujas no quarto de hóspedes. Faz biscoitos para mim. Nunca tentou me matar, que eu saiba. É basicamente tudo que se pode desejar de uma madrasta imortal.

Quanto a Poseidon, que bom que ele tem uma esposa tranquila, porque foram tantas amantes e filhos de relacionamentos ilícitos... Vocês acham que Zeus era frenético? Pois saibam que Poseidon detém o recorde de mais filhos semideuses.

Se eu fosse enumerar todas as moças que ele namorou, este livro precisaria de mais trezentas páginas, além de um índice onomástico e um sumário exclusivo. Seria *O livro negro de Poseidon*. Mas seria estranho demais eu falar sobre *todas* as namoradas do meu pai, então vou me concentrar nas mais importantes.

* * *

A primeira foi uma princesa grega chamada Corônis, uma jovem de

cabelo preto emplumado e que sempre usava vestidos escuros como se estivesse pronta para ir a um enterro. Não sei por quê, mas Poseidon a achava muito gata. Um dia, ele a estava seguindo pela praia, tentando iniciar sua investida, quando ela ficou com medo e saiu correndo. Poseidon não queria que ela fizesse como Anfitrite e desaparecesse do mapa, então saiu correndo atrás dela.

— Ei, volte aqui! Só quero um beijinho! Não vou matar você!

Não é o tipo de coisa recomendada a se dizer quando você está tentando conquistar uma garota.

Corônis entrou em pânico.

— Socorro! Alguém me ajude! — gritou ela, e correu na direção do portão da cidade.

Mas ela ainda estava muito longe e sabia que não conseguiria chegar lá a tempo de se salvar. Então, olhando em volta em busca de uma saída, ela avistou no horizonte o telhado reluzente do templo de Atena.

Como Atena foi a primeira olimpiana que lhe veio à cabeça, Corônis gritou:

— Atena, me salve! Qualquer ajuda serve!

O que também não é algo muito inteligente de se dizer.

Lá do alto do Monte Olimpo, Atena ouviu Corônis gritando seu nome. Deuses têm audição *incrivelmente* boa quando se trata de ouvir o próprio nome. Quando viu aquela pobre garota indefesa sendo perseguida por Poseidon, Atena ficou zangada.

— Pode tirar seu cavalinho da chuva, seu barba de crustáceo — murmurou ela.

Então ela estalou os dedos, e, na mesma hora, lá na praia, Corônis virou um pássaro com penas mais pretas que a noite: o primeiro corvo. E é por isso que *koronis* significa *corvo* em grego. Ela saiu voando, deixando Poseidon desconsolado e solitário na praia, com uma pena preta presa no cabelo.

É claro que Poseidon percebeu que Atena era a responsável por Corônis ter virado um corvo. E, se ele já tinha ressentimento da

deusa por causa daquela disputa pela patronagem de Atenas, agora estava começando a odiá-la.

A partir daquele momento, ele decidiu procurar qualquer oportunidade de insultar Atena. E não demorou muito. Em pouco tempo ele ficou obcecado por outra garota bonita: Medusa.

Ao contrário de Corônis, Medusa se sentiu lisonjeada por ser cortejada pelo deus do mar.

Os dois jantaram juntos à luz de velas e caminharam na praia. Finalmente, Poseidon disse:

— Ei, por que não vamos para um lugar mais reservado?

Medusa corou.

— Ah... não sei. Minhas irmãs me avisaram para tomar cuidado com deuses do mar como você!

— Ah, o que é isso! — exclamou Poseidon. — Conheço um lugar tranquilo que você vai adorar.

Medusa deveria ter se recusado, mas Poseidon sabia ser bem persuasivo quando queria.

Então ele a levou para a cidade, direto para o templo de Atena. Ficava fechado durante a noite, mas Poseidon abriu a porta com facilidade.

— Tem certeza de que é uma boa ideia? — sussurrou Medusa.

— Claro. Temos o lugar só para nós dois.

Veja bem, não vou ficar arranjando justificativas para o comportamento de Poseidon. Ele sabia muito bem que Atena ficaria zangada. Estava usando Medusa para se vingar. Nem lhe ocorreu que, *Ei, talvez Atena vá descontar a raiva nesta pobre mortal...*

Poseidon e Medusa ficaram à vontade e o clima foi esquentando ao pé da estátua de Atena, o que era um grande insulto à deusa. Era meio como se alguém deixasse um saco de cocô fresquinho na porta da sua casa, tocasse a campainha e saísse correndo. Não que eu já tenha feito isso, claro.

Quando Atena olhou lá de cima do Olimpo e viu o que estava acontecendo, teve vontade de vomitar.

— É a coisa mais nojenta que eu já vi — resmungou ela. — Acho que vou mostrar a Poseidon uma coisa ainda *mais* nojenta.

Então ela conjurou a maldição mais horrível e mais criativa em que conseguiu pensar. E olha que Atena sabia ser muito criativa.

Medusa viu crescer no próprio corpo asas metálicas de morcego e garras metálicas, e seu cabelo virou um ninho de cobras venenosas. Seu rosto se transformou em algo tão repugnante que bastaria alguém olhar para ela uma única vez para virar pedra.

Poseidon estava de olhos fechados, fazendo biquinho para mais um beijo, quando ouviu um estranho sibilar.

— Gata, você fez xixi nas calças? — brincou ele.

Foi quando abriu os olhos. Ele deu um pulo para trás mais rápido que uma baleia saltando.

— Misericórdia! Mas o que... PELOS DEUSES! Eu beijei essa *coisa*... AHHH! UM ENXAGUANTE BUCAL, RÁPIDO!

Como era imortal, ele não virou pedra, mas gritou um monte de outras coisas que não posso reproduzir aqui e saiu de lá rapidinho, sem nem pedir desculpas à pobre Medusa.

Medusa logo se deu conta do desastre e foi embora cobrindo a cabeça com o xale. A pobre moça acabou indo morar em uma caverna longe da civilização, tendo como única companhia as duas irmãs. As três eram chamadas de Górgonas. Ao longo dos anos, só de ficarem perto de Medusa, suas irmãs se transformaram em monstros tão feios quanto ela. Não uma feiura capaz de transformar gente em pedra, mas os deuses decidiram torná-las imortais (talvez por pena, talvez por maldição), para que pudessem cuidar de Medusa para sempre sem virarem pedra. As Górgonas provocaram todo tipo de sofrimento a heróis ao longo dos anos, mas aí já é outra história. O rosto de Medusa acabou virando um dos símbolos de Atena, como que para dizer: É ISSO O QUE ACONTECE COM QUEM SE METE COMIGO.

* * *

Nem todos os relacionamentos de Poseidon deram tão errado. Ele namorou uma garota muito legal chamada Eurínome, apesar do nome esquisito. Com ela, teve um filho chamado Belerofonte, que se tornou um grande herói. Outra amante de Poseidon, Etra, deu à luz um herói ainda maior, chamado Teseu. Portanto, não vá pensando que todos os heróis importantes eram filhos de Zeus. Isso é obra do departamento de marketing de Zeus.

Sabem o que Poseidon tinha de mais legal? Ele dava o poder de mudar de forma àqueles de quem realmente gostasse. Foi o que fez com uma de suas amantes, Mestra, que podia virar o animal que quisesse. Ele também deu esse poder a um de seus netos semideuses, Periclimeno, que podia lutar como cobra, urso ou até como um enxame de abelhas.

Eu não. Eu não mudo de forma. *Valeu, hein, pai.*

Por outro lado, alguns dos filhos de Poseidon não deram muito certo. Talvez ele estivesse de mau humor no dia em que os gerou, ou talvez tenha sido o que ele comeu no jantar, mas o fato é que algumas vezes Poseidon gerou verdadeiros monstros. Um de seus filhos foi um ciclope comedor de humanos chamado Polifemo. Outro foi um gigante feioso chamado Anteu, que gostava de partir as pessoas ao meio. E vocês aí achando que tinham irmãos insuportáveis...

Em outra ocasião, Poseidon se apaixonou por Teofane, uma princesa tão linda que todos os caras do reino queriam se casar com ela. Simplesmente não a deixavam em paz: seguiam-na pela rua, invadiam o palácio exigindo vê-la; chegavam a tentar segui-la quando ela ia ao banheiro. A garota era como uma celebridade cercada de paparazzi. Não tinha descanso nem privacidade, *nunca*.

**E vocês aí achando que tinham
irmãos insuportáveis...**

Em determinado momento, as coisas ficaram tão insustentáveis que ela rezou para Poseidon, que também estava tentando sair com ela:

— Se você conseguir afastar os meus outros pretendentes, serei sua namorada. Só quero que me tire daqui!

A terra tremeu. Uma voz grave disse:

— TRANQUILO. HOJE À NOITE, VÁ AO CURRAL DOS CARNEIROS.



Não parecia propriamente um bom plano, mas, quando a escuridão caiu, Teofane colocou um véu sobre o rosto e tentou se esgueirar para fora do palácio. Imediatamente a viram. Sessenta homens a rodearam com buquês de flores, gritando “Case comigo! Case comigo!”.

Teofane correu para o curral dos carneiros, desviando de uma multidão de caras armados com caixas de bombons e, depois, de doze outros caras com violão a postos para uma serenata.

Quando chegou ao curral dos carneiros, havia mais de cem pretendentes em seu encalço. Teofane estava tão desesperada que mergulhou direto no curral.

PUF!

Imediatamente ela virou uma ovelha, e se perdeu no meio do rebanho.

A multidão de homens apaixonados parou e olhou ao redor, perplexa. Eles procuraram nos currais, mas não conseguiram achar Teofane em lugar algum, então acabaram desistindo e voltando para sua vigília na porta do palácio, pois concluíram que ela voltaria por ali mais cedo ou mais tarde.

— Graças aos deuses — baliu Teofane.

— De nada — disse um carneiro grande bem ao lado dela.

Teofane engoliu em seco. (Ovelhas engolem em seco?)

— Poseidon?

O carneiro deu uma piscadela.

— Gostou da minha *nova* capa de lã? Porque eu gosto mais da *vêlha*. Entendeu? Da *vêlha*?

Teofane fez cara de nojo.

— Acho que agora eu tenho que namorar você, não é?

— Acordo é acordo.

Os dois tiveram bons momentos juntos como carneiro e ovelha,

mas vou pular essa parte, para não correr o risco de vomitar. Alguns meses depois, a ovelha Teofane deu à luz um carneiro mágico chamado Crisómalo, que, por algum motivo, tinha lã de ouro.

Crisómalo acabaria sendo tosado por causa da lã, que se tornou conhecida como Velocino de Ouro, o que significa que eu sou parente de um tapete de pele de carneiro.

É por isso que vocês não devem pensar muito sobre seus parentes nos mitos gregos. Vocês podem acabar ficando malucos.

* * *

Vamos agora à última história de Poseidon, e é de partir o coração: como ele quase tomou o universo e acabou como um pedreiro ganhando salário mínimo.

Aconteceu assim: Hera botou na cabeça que os deuses deveriam fazer uma rebelião contra Zeus.

Totalmente compreensível. Zeus era um chato de galocha às vezes. Ela concluiu que o universo ficaria bem melhor se fosse governado por um conselho olímpiano, como uma democracia. Assim, ela reuniu alguns dos outros deuses (Poseidon, Atena e Apolo, o deus do arco e flecha) e contou a eles seu plano:

— Vamos amarrar Zeus.

Poseidon ficou olhando para ela.

— É esse o seu plano?

— Ei, eu durmo no mesmo quarto que ele — disse Hera. — Quando ele estiver em sono profundo, roncando bem alto, eu chamo vocês. E aí a gente o amarra bem. Depois, o obrigamos a abrir mão do trono, para podermos governar o cosmos juntos, como um conselho de iguais.

Os outros hesitaram, mas todos tinham motivos para não gostar de Zeus. Ele era instável e se irritava fácil, e sua fraqueza por mulheres bonitas causava problemas para todos eles.

Além do mais, no fundo todos os deuses estavam pensando: *Ei,*

eu governaria o universo melhor do que Zeus. Quando ele estiver fora da jogada, vou poder ficar no seu lugar!

Poseidon ficou muito tentado. Por que não? Com Zeus amarrado, ele seria o deus mais forte do mundo.

— Um conselho de iguais — repetiu Poseidon. — Claro. Gosto disso.

— Certo... — Atena olhou com desconfiança para Poseidon. — Um conselho.

— Ótimo — disse Hera. — Peguem cordas fortes, que se ajustem sozinhas por magia.

— Onde se compra isso? — perguntou Apolo. — Em lojas de material de construção?

— Eu tenho — disse Atena.

— É claro que tem... — murmurou Poseidon.

— Chega! — explodiu Hera. — Hoje à noite, vocês três vão se esconder no corredor e ficar esperando meu sinal. Quando Zeus estiver dormindo, vou dar um piado de cuco.

Poseidon não sabia como era um piado de cuco, mas concluiu que o identificaria quando ouvisse.

Naquela noite, Hera cuidou para que Zeus jantasse bem e só tomasse néctar descafeinado. Quando ele caiu em sono profundo, ela chamou os outros, que entraram correndo e amarraram o rei dos deuses.

— Humpf? — resmungou Zeus — O q-que é isto?

Ele começou a se agitar e se debater. Tentou pegar seus raios, mas seus braços estavam fortemente amarrados. Os raios estavam sobre a cômoda, do outro lado do quarto.

— TRAIÇÃO! — rugiu ele. — ME SOLTEM!

Ele se debateu e tentou mudar de forma para se livrar da corda, mas a corda se fechava a cada vez que ele tentava se transformar. Ele gritou com os outros deuses e os chamou de todos os tipos de nomes nada elogiosos.

— O QUE VOCÊS QUEREM? — bradou.

Mesmo completamente amarrado, Zeus era assustador. Os deuses se afastaram da cama.

Finalmente, Poseidon tomou coragem:

— Zeus, você é um péssimo líder. Queremos que abdique, para podermos todos governar o cosmos como um conselho de iguais.

— O quê?! — gritou Zeus. — NUNCA!

Hera suspirou, exasperada.

— Tudo bem! Não precisamos de você! Vamos nós mesmos convocar o conselho e deixar você aqui apodrecendo.

— Seus traidores de uma...

— Vamos — disse Hera aos outros. — Daqui a alguns dias voltamos para ver se ele recuperou a razão.

Poseidon não sabia se era uma boa ideia deixar Zeus sozinho, mas também não queria ficar no quarto com um deus dos raios aos brados.

Os deuses se reuniram no salão do trono e fizeram sua primeira (e última) reunião da República Popular do Olimpo.

Eles logo descobriram que dava muita confusão fazer votação para tudo. Demorava horrores. Só escolher um desenho para a nova bandeira olimpiana levou horas!

Enquanto isso, uma nereida chamada Tétis caminhava pelo corredor perto do quarto de Zeus. O que uma ninfa do mar estava fazendo no Olimpo? Talvez tivesse ido até ali só para passar a noite ou visitar uns amigos.

Ela não fazia a menor ideia de que estava havendo uma rebelião. Quando ouviu Zeus clamando por ajuda, Tétis entrou no quarto e se deparou com um deus amarrado.

— Hã... acho que não cheguei em boa hora — disse ela.

— Tétis! Graças às Moiras! — gritou Zeus. — Tire-me daqui!

Ele lhe contou rapidamente o que os outros deuses haviam feito.

— Por favor. Você é uma ninfa sensata. Solte-me e vou ficar lhe devendo uma.

Tétis engoliu em seco. Se Poseidon estava tendo parte na

rebelião... Bem, ele era o senhor do mar e, portanto, chefe dela. Mas Zeus era senhor de *tudo*. Qualquer coisa que ela fizesse, arrumaria um inimigo poderoso.

— Se eu soltá-lo, você promete ser piedoso com os outros deuses? — perguntou Tétis.

— PIEDOSO?

— É só não jogá-los no Tártaro nem fazê-los em pedacinhos, que tal?

Zeus ficou furioso, mas prometeu, com relutância, ser *piedoso*.

Tétis pegou uma tesoura de sobre a cômoda e tentou cortar as cordas, mas não conseguiu. As amarras mágicas eram fortes demais.

— Use meu raio para explodi-las! — orientou Zeus. — Espere... Eu estou preso *com* as cordas. Pensando bem, não exploda nada.

— Espere. Eu conheço alguém que talvez possa ajudar.

Ela se transformou em uma nuvem de vapor de água salgada e foi para o mar, onde encontrou Briareu, o centímico. Briareu tinha uma dívida com Zeus, por tê-lo tirado do Tártaro, portanto ficou feliz em ajudar. De alguma forma Tétis conseguiu levar aquele sujeito enorme para o Olimpo sem os deuses repararem, e, com suas cem mãos ágeis, Briareu desamarrou rapidamente as cordas mágicas.

Zeus se levantou da cama de um pulo, pegou seus raios e seguiu tempestuosamente para o salão do trono, onde os outros deuses ainda tentavam escolher a nova bandeira.

BUM!

Zeus acabou com a discussão e com todos os outros deuses.

Quando terminou de explodir coisas e de usar os olímpicos como alvo de treino, ele puniu os rebeldes pela traição.

Ele manteve a promessa a Tétis: não picou os deuses em pedacinhos nem os jogou no Tártaro. Mas amarrou Hera com uma corda e a pendurou acima do abismo do Caos, para que dali ela pudesse contemplar como seria cair no nada e ser dissolvida. Todos os dias, Zeus ia visitá-la com o raio na mão, dizendo:

— É, hoje pode ser um bom dia para queimar essa corda e ver

você cair!

Era esse o tipo de relacionamento amoroso que eles tinham.

Hera acabou se soltando, mas vamos chegar lá mais tarde.

Já Atena escapou impune. Muito injusto, não acham? É que Atena era boa de papo. Deve ter convencido Zeus de que não tinha nada a ver com o plano e que estava só esperando a hora certa para soltá-lo. Como um grande idiota, Zeus acreditou nela.

Apolo e Poseidon foram os que mais se ferraram: ficaram temporariamente desprovidos de seus poderes imortais.

Eu nem sabia que Zeus tinha poder para fazer uma coisa dessas, mas, pelo visto, o cara tinha. Para dar uma lição nos dois ex-deuses, Zeus os fez trabalhar como operários para o rei de Troia, um sujeito chamado Laomedonte. Apolo se tornou pastor, responsável por cuidar dos rebanhos reais. Poseidon teve que construir sozinho os muros novos ao redor da cidade.

— Está de brincadeira? — protestou Poseidon. — Isso vai levar anos!

O rei Laomedonte sorriu.

— Sim, bem... Prometo uma recompensa por seu trabalho, mas é melhor você começar logo!

Na verdade, Laomedonte não tinha intenção de pagar Poseidon, pois não gostava do deus do mar. Só queria explorá-lo o máximo possível, pelo máximo de tempo possível.

Como não tinha escolha, Poseidon pôs-se a trabalhar.

Mesmo sem seus poderes divinos, Poseidon era impressionante, mais forte do que qualquer mortal. Conseguia carregar cinco ou seis blocos enormes de pedra de uma só vez. O projeto levou anos, mas ele finalmente construiu o muro mais resistente que uma cidade mortal já teve, deixando Troia quase invencível.

Por fim, cansado, dolorido e irritado, Poseidon foi resoluto ao salão do trono do rei Laomedonte.

— Terminei — anunciou o deus.

— Terminou o quê? — Laomedonte ergueu o olhar do livro que

estava lendo. Fazia tantos anos que ele tinha até esquecido Poseidon. — Ah, sim, o muro! Ficou ótimo. Pode ir agora.

Poseidon ficou ali parado, sem entender.

— Mas... minha recompensa...

— *Esta* é sua recompensa. Pode ir agora. Vou avisar a Zeus que você cumpriu sua promessa, e ele vai torná-lo deus de novo. Que recompensa melhor poderia haver?

Poseidon ficou revoltado.

— Eu fiz da sua cidade a mais forte da Terra. Construí muros que resistirão a qualquer exército. Você me prometeu uma compensação, e agora não quer pagar?

— O que está fazendo aí ainda? — perguntou Laomedonte.

Poseidon saiu furioso dali.

Zeus o fez deus de novo, mas Poseidon nunca esqueceu o insulto que sofreu de Laomedonte. Ele não podia simplesmente destruir Troia, pois Zeus o proibira, *mas* mandou um monstro do mar à cidade, para aterrorizar os troianos. Além disso, fazia questão de afundar os navios troianos sempre que tinha oportunidade. E quando um pequeno evento chamado Guerra de Troia aconteceu... Bem, Poseidon *não* ficou do lado de Troia.

E esse é o meu pai, pessoal: um sujeito geralmente calmo e tranquilo. Mas, se você o irritar, saiba que ele tem uma excelente memória.

O único deus que guardava ressentimentos por mais tempo era... Isso aí, vocês adivinharam. O velho Homem Raio. Acho que estou adiando a parte dele há muito tempo. Está na hora de falar de Zeus.

ZEUS MATA TODO MUNDO



ESTÃO A FIM de ouvir uma coisa apavorante?

Imaginem só: Zeus era o deus da lei e da ordem. O cara que jogava raios aleatórios quando ficava com raiva e que não conseguia cumprir os votos de casamento; era esse o cara responsável por garantir que os reis agissem com sabedoria, que conselhos de anciãos fossem respeitados, que juramentos fossem cumpridos e que estranhos fossem recebidos com a devida hospitalidade.

Seria como eu me tornar o deus do dever de casa e das boas notas.

Acho que Zeus não era assim *tão* ruim. Às vezes ele aparecia nas casas de mortais disfarçado de viajante para ver se as pessoas o deixariam entrar e lhe ofereceriam comida. Se tratassem o visitante com gentileza, que bom! Era o dever do cidadão grego. Se batessem a porta na cara dele... Bem, Zeus voltaria mais tarde com seus raios.

Só de saber que qualquer viajante ou mendigo poderia ser Zeus disfarçado já mantinha os gregos na linha.

O mesmo acontecia com os reis. Zeus era o deus do poder real,

por isso observava os governantes mortais para que eles não abusassem de sua posição. É claro, muitos reis saíam impunes depois de atos horríveis (provavelmente porque Zeus estava ocupado correndo atrás de alguma mulher e não tinha reparado), mas sempre havia uma chance, se algum deles fizesse alguma coisa muito ruim ou muito idiota, de Zeus usar o raio e o trovão divinos para explodi-lo no trono.

Um exemplo? Salmoneu. Esse cara merecia ter ganhado o grande prêmio da imbecilidade. Ele tinha sete irmãos, todos príncipes de um reino grego chamado Tessália. Como havia muitos príncipes no palácio sem nada para fazer além de jogar video game e esperar o momento em que herdariam o reino, o pai deles, o rei, disse:

— Rapazes, saiam todos daqui! Vão fazer exercícios, uma vez na vida! Por que não fundam novos reinos? Parem de enrolar e arrumem um trabalho!

Os sete príncipes não estavam lá com muita vontade de fundar novos reinos. Dava muito trabalho. Mas o pai insistiu, assim como os guardas fortemente armados, então os príncipes pegaram um grupo de colonos e saíram para a área selvagem que era o sul da Grécia.

Arrogante como era, o príncipe Salmoneu batizou o novo reino de Salmonia. Ele mandou os colonos construírem a capital, mas ficou irritado porque as pessoas queriam construir templos para os deuses antes de começarem a fazer um palácio para *ele*.

— Vossa majestade — disseram eles —, nós *temos* que homenagear os deuses primeiro. Senão eles vão ficar zangados!

O novo rei resmungou. Ele não acreditava nos deuses. Tinha certeza de que aquelas histórias eram mentiras que os sacerdotes inventavam para manterem as pessoas sob seu controle.

Naquela noite, Salmoneu ficou sentado em seu palácio parcialmente construído vendo os cidadãos trabalharem até tarde, dando os toques finais no templo de Zeus, que tinha telhado dourado e piso de mármore. Ele sentia o cheiro de várias comidas deliciosas sendo assadas nas fogueiras cerimoniais.

— Eles não trazem comida gostosa para *mim* — murmurou Salmoneu para si. — Morrem de medo dos deuses, mas não têm medo do próprio rei? Não me tratariam assim se *eu* fosse um deus...

Salmoneu de repente teve uma ideia cruel. Lembrou-se das brincadeiras que fazia com os irmãos na Tessália, quando era criança: eles se fantasiavam e fingiam ser heróis e deuses. Salmoneu sempre era o melhor ator.

Ele então chamou seu conselheiro de confiança e lhe disse:

— Conselheiro de confiança, temos trabalho a fazer. Precisamos de adereços e fantasias.

O conselheiro franziu a testa.

— Vamos montar uma peça, Majestade?

Salmoneu sorriu.

— Mais ou menos...

Alguns dias depois, Salmoneu estava pronto. Ele vestiu a fantasia, subiu na carruagem recém-decorada e seguiu para as ruas da capital.

— Atenção! — gritou ele, a plenos pulmões. — Eu sou Zeus!

Um fazendeiro levou um susto tão grande que derrubou o cesto de azeitonas que levava. Uma mulher caiu de cima do burro. Muitos outros cidadãos gritaram e saíram correndo, com medo de serem pisoteados pelos cavalos do rei.

Salmoneu estava mesmo impressionante. Usava uma túnica branca com contornos dourados. Uma tiara dourada brilhava em sua cabeça. Como a águia era o pássaro sagrado de Zeus, Salmoneu tinha pintado águias nas laterais da carruagem. Atrás dele, debaixo de uma lona, havia dois tímpanos. Quando ele levantava as mãos, seu conselheiro (que estava escondido debaixo da lona, não muito à vontade) batia nos tambores, produzindo um som como o de um trovão abafado.

Salmoneu saiu pelas ruas gritando:

— Eu sou Zeus! Tragam-me comidas gostosas! — Ele acabou parando ao pé da escadaria do novo templo a Zeus e virando a

carruagem para a multidão reunida. — Idolatrem-me! — ordenou ele. — Pois sou um deus.

Um dos súditos mais corajosos gritou:

— Você parece Salmoneu.

— Sim! — concordou Salmoneu. — Mas também sou Zeus! Decidi habitar o corpo do seu rei. Vocês vão idolatrá-lo assim como me idolatram. Este templo será meu palácio. Vocês vão me trazer todas as suas oferendas. Mas não as queimem mais. É um desperdício. Eu vou comer.

Alguns dos súditos mais tímidos começaram a obedecer e colocar cestas de comida no chão, perto da carruagem.

Um homem gritou:

— Por que tem galinhas pintadas na sua carruagem?

— São águias! — berrou Salmoneu.

— Parecem galinhas — insistiu o homem.

— Silêncio, mortal!

Salmoneu chutou o conselheiro por baixo da lona. O conselheiro começou a bater nos tímpanos.

— Estão vendo? — disse Salmoneu. — Eu evoco trovões!

Uma mulher ao fundo disse:

— Quem está debaixo do pano atrás de você?

— Ninguém! — berrou Salmoneu, uma gota de suor escorrendo pelo seu pescoço.

Aquilo não estava indo tão bem quanto ele esperava, então decidiu usar os adereços de cena.

Ele tirou uma tocha do balde de tochas inflamáveis (99,99 dólares em qualquer loja de artigos para festa) e jogou uma na direção da mulher na multidão.

As pessoas gritaram e se afastaram da tocha, que caiu no chão sem provocar danos.

— Pronto! — rugiu Salmoneu. — Lancei um raio em vocês! Não me provoquem, senão destruo todos!

— Isso é uma tocha! — gritou alguém.

— Foi você que pediu, mortal!

Salmoneu começou a jogar tochas na multidão e a chutar o conselheiro debaixo da lona para que batesse os tambores; mas logo a novidade passou, e a multidão ficou irritada. Vaias começaram a soar.

— Impostor! — gritou alguém. — ZEUS de mentira!

— ZEUS verdadeiro! — gritou Salmoneu. — Eu sou ZEUS!

— VOCÊ NÃO É ZEUS! — gritou a multidão.

Era tanta gente gritando o nome *Zeus* que o próprio, lá do alto do Monte Olimpo, resolveu conferir o que estava havendo. Quando olhou para baixo, ele viu um rei mortal com uma fantasia tosca andando em uma carruagem com galinhas pintadas e jogando tochas que dizia serem raios.

O deus do céu não sabia se ria ou se ficava furioso.

Decidiu ficar furioso.

Nuvens de tempestade se reuniram sobre a nova cidade de Salmonia. Um trovão de verdade fez as casas tremerem. A voz do deus do céu soou lá do alto:

— *EU SOU ZEUS.*

Um reluzente raio em formato de zigue-zague cortou o céu e explodiu Salmoneu e seu pobre conselheiro, que viraram manchas de gordura. Quando a fumaça sumiu, não havia mais nada além de uma roda de carruagem queimada e um tambor meio derretido.

Os mortais de Salmonia comemoraram. Eles teriam feito uma festa em homenagem a Zeus por livrá-los do rei idiota, mas o deus não tinha terminado.

A voz dele soou estrondosa no céu:

— *ALGUNS DE VOCÊS DEDICARAM OFERENDAS A ELE. ALGUNS DE VOCÊS ACREDITARAM NAQUELE TOLO!*

— Não! — gritaram os mortais, prostrando-se, acovardados. — Por favor!

— *NÃO POSSO PERMITIR QUE ESTA CIDADE CONTINUE EXISTINDO* — gritou Zeus. — *FAREI DE VOCÊS UM EXEMPLO, PARA*

QUE ISSO NUNCA VOLTE A ACONTECER. RAIOS CHEGANDO EM CINCO, QUATRO, TRÊS...



A multidão se dispersou na mesma hora, com todos os mortais correndo cada um para um lado, mas Zeus não lhes deu muito tempo. Algumas pessoas fugiram de Salmonia com vida, mas, quando os raios começaram a cair, a maioria dos mortais foi feita em pedacinhos ou acabou soterrada por escombros.

Zeus apagou do mapa a cidade de Salmonia. Ninguém ousou repovoar a área por uma geração inteira, tudo por causa de um cara com uma fantasia malfeita de Zeus, uma carruagem de galinha e um balde de tochas.

Foi uma matança. Literalmente. Mas não foi a pior punição de Zeus. Teve uma vez que ele decidiu destruir toda a raça humana.

* * *

Nem sei por quê. Parece que os humanos estavam se comportando mal. Talvez não estivessem fazendo sacrifícios direito, não acreditassem nos deuses ou estivessem falando muitos palavrões e dirigindo acima do limite de velocidade.

Sei lá. Só sei que Zeus ficou zangado e decidiu destruir a raça humana por completo. *Sério*. Não é possível que os humanos estivessem fazendo tanta besteira assim. Tenho certeza de que não estavam fazendo nada que já não faziam antes. Mas Zeus decidiu que tudo tem um limite. Ele agiu como um daqueles professores que deixa você passar o ano todo sem estudar nada nem fazer dever algum para então, um dia, sem motivo aparente, ficar rigoroso. Tipo: "Muito bem, já chega! Todo mundo suspenso agora! A turma toda!"

Desnecessário, né? Há opções entre não fazer nada e perder a linha.

Enfim, Zeus reuniu os deuses para dar a notícia.

— Os humanos são nojentos! — disse ele. — Vou destruí-los.

O silêncio recaiu sobre o salão do trono. Finalmente, Deméter disse:

— Todos?

— Claro — confirmou Zeus.

— Como? — perguntou Ares. O deus da guerra tinha um brilho de ansiedade nos olhos. — Fogo? Raios? Poderíamos pegar um bando de serras elétricas e...

— Inseticida — disse Zeus. — É só usar algumas bombas, deixar o mundo por alguns dias e...

— Ninguém inventou o inseticida ainda — observou Hera.

— Ah, é. — Zeus franziu a testa. — Inundação, então. Vou abrir os céus e lançar uns dilúvios até todos os humanos se afogarem!

Poseidon resmungou:

— Inundações são o *meu* departamento.

— Você pode ajudar — propôs Zeus.

— Mas se não houver mais humanos — começou Héstitia, instalada junto à lareira —, quem vai adorá-lo, meu senhor? Quem vai construir templos e fazer sacrifícios?

— Vamos pensar em alguma coisa — disse Zeus. — Essa não é a *primeira* raça de humanos, afinal. Sempre podemos fazer mais.

De acordo com as antigas histórias, isso era tecnicamente verdade. Os humanos da época de Cronos tinham sido chamados de raça de ouro. Supostamente, todos morreram e foram substituídos pela raça de prata. Os dos primeiros tempos do Monte Olimpo eram chamados de raça de bronze. O que tornava aqueles humanos diferentes de nós? Há muitas explicações diferentes, mas a principal era: eles morreram, e nós não... ainda.

— Além do mais — prosseguiu Zeus —, uma inundação é uma boa ideia. Precisamos fazer uma lavagem na terra de vez em quando para tirar toda a sujeira das calçadas.

Mesmo com relutância, os deuses concordaram com o plano. No entanto, muitos deles tinham seus humanos preferidos, então

mandaram avisos secretos na forma de sonhos ou profecias. Por causa disso, algumas pessoas sobreviveram. As mais famosas foram o rei e a rainha da Tessália, no norte da Grécia, um rapaz chamado Deucalião e sua esposa, Pirra.

Deucalião era humano, mas seu pai era o titã Prometeu, o cara que deu o fogo aos homens e que desde então estava acorrentado em uma montanha bem distante, com o fígado sendo comido por uma águia.

Não sei como Prometeu conseguiu ter um filho mortal enquanto tantas outras coisas aconteciam com ele. Não dá para preencher um perfil em um site de namoro quando se está acorrentado a uma pedra e sendo torturado. De qualquer modo, Prometeu soube do plano de Zeus. Mas ele ainda tinha muito amor pela humanidade e não queria que Deucalião em especial se afogasse, porque seu filho era um homem bom. Era sempre respeitoso para com os deuses e tratava bem os súditos.

Assim, Prometeu avisou a ele, em um sonho: *INUNDAÇÃO CHEGANDO! ARRANJE A MAIOR ARCA QUE CONSEGUIR ENCONTRAR E FAÇA ESTOQUE DE COMIDA! DEPRESSA!*

Deucalião acordou suando frio. Quando ele contou o sonho à esposa, ela se lembrou de uma enorme arca de carvalho que eles tinham guardada no sótão. Então ele pegou comida e água na cozinha e correu lá para cima. No caminho, foi avisando a todos os criados:

— Reúnam suas famílias. Vem uma inundação por aí! Procurem abrigo em terreno alto.

Deucalião e Pirra eram bons nesse nível. Mas, infelizmente, a maioria dos criados não deu atenção ao alerta. O rei e a rainha estavam ficando velhos, e os criados acharam que os dois já estavam senis.

Deucalião e Pirra tiraram da arca todas as roupas e objetos velhos, para abrir espaço para as provisões. A chuva começou a cair. Em questão de minutos o céu se tornou apenas camadas cinza de

água. Relâmpagos reluziam. Trovões faziam a terra tremer. Em menos de uma hora, todo o reino da Tessália foi engolido pela inundação. Deucalião e Pirra fecharam a arca cheia de suprimentos, amarraram-se sobre a tampa e lançaram-se pela janela do sótão.

Não foi um passeio agradável, subindo e descendo em ondas de doze metros enquanto a tempestade caía, com pedaços de escombros passando e o mundo todo se afogando. Toda hora entrava água salgada pelo nariz do rei e da rainha; tipo, um milhão de vezes. Mas a arca de madeira funcionou como boia, impedindo-os de se afogar.

Depois do que pareceu uma eternidade, a chuva parou. As nuvens se dissiparam e o sol apareceu. A água baixou lentamente, e Deucalião e Pirra foram parar, sobre a arca, na encosta do Monte Parnaso.

A essa altura, vocês devem estar pensando: *Ei, um cara escapa de um dilúvio e se salva flutuando em cima de uma arca enquanto o restante da vil raça humana se afoga. Não teve uma outra história assim? Com um cara chamado Noé?*

Ah, pois é, toda cultura antiga parece ter uma história de dilúvio. Imagino que fossem desastres gigantescos mesmo. Pessoas diferentes se lembravam de formas diferentes. Talvez Noé e Deucalião tenham se encontrado no mar e Deucalião tenha pensado: “Uma arca! Dois animais de cada tipo! Por que não pensamos nisso?”

E sua esposa Pirra talvez tenha dito algo do tipo: “Porque não caberia tanto bicho nesta arca, seu idiota!”

Mas estou só supondo.

As águas finalmente baixaram e a terra começou a secar.

Deucalião olhou para as colinas vazias da Grécia e disse:

— Que ótimo. O que fazemos agora?

— Primeiro — disse Pirra —, vamos fazer um sacrifício a Zeus para pedir que ele nunca mais faça isso.

Deucalião concordou que era uma boa ideia, porque outro dilúvio

seria mesmo um saco.

Eles sacrificaram toda a comida que restava, junto com a arca, em uma grande fogueira, e imploraram a Zeus que os poupasse de qualquer outro aguaceiro poderoso que viesse a ocorrer.

Lá no Olimpo, Zeus ficou satisfeito. Foi uma surpresa que alguém tivesse sobrevivido, mas, como a primeira coisa que Deucalião e Pirra fizeram após o desastre foi *homenageá-lo*, ele não se importou.

— *NÃO HAVERÁ MAIS DILÚVIOS* — soou a voz estrondosa vinda do céu. — *COMO VOCÊS SÃO PESSOAS DEVOTAS E EU GOSTEI DE VOCÊS, PODEM PEDIR QUALQUER FAVOR QUE EU O CONCEDEREI.*

Deucalião respondeu com humildade e submissão, como era adequado naquele momento.

— Obrigado, sr. Zeus! Nós lhe imploramos, diga-nos como repovoar a Terra! Minha esposa e eu somos velhos demais para termos filhos, e não queremos ser os últimos humanos a viver. Permita que os humanos voltem; dessa vez eles vão se comportar, prometo!

O céu rugiu.

— *VÃO AO ORÁCULO DE DELFOS. LÁ VOCÊS RECEBERÃO ORIENTAÇÃO.*

Era um longo caminho a percorrer até Delfos, mas Deucalião e Pirra assim o fizeram, a pé. Aconteceu que o povo de Delfos tinha sido avisado da inundação por um bando de lobos uivantes. Qual deus mandou os lobos, eu não sei; mas as pessoas subiram na montanha mais alta dos arredores de Delfos e assim sobreviveram à inundação. Já tinham até voltado ao trabalho de distribuir profecias e coisas do tipo.

Deucalião e Pirra entraram na caverna do Oráculo, onde havia uma senhora sentada em um banco de três pés, envolta em névoa verde.

— Oh, Oráculo — começou Deucalião —, por favor, diga-nos como podemos repovoar a Terra. E não estou falando de ter filhos, somos velhos demais para essas chatices!

A voz do Oráculo era como o sibilar de cobras:

— *Quando saírem daqui, cubram a cabeça e joguem os ossos de sua mãe para trás conforme andarem, e não olhem para trás.*

— Os ossos da minha mãe? — Deucalião ficou ofendido. — Ela está morta e enterrada. Não saio por aí carregando os ossos dela no bolso!

— *Eu só transmito as profecias* — murmurou o Oráculo. — *Não as explico. Agora, xô!*

Deucalião e Pirra não ficaram muito satisfeitos, mas foram embora.

— Como é que vamos jogar para trás os ossos da minha mãe e da sua? — perguntou Deucalião.

Pirra não sabia, mas cobriu a cabeça com um xale e deu um lenço ao marido para que ele fizesse o mesmo, como o Oráculo os tinha orientado. Quando estavam indo embora, de cabeça baixa, Pirra se deu conta de que, com o xale na cabeça, só conseguia ver o chão à frente, que estava coberto de pedras.

Ela parou.

— Marido, tenho uma ideia. *Os ossos de sua mãe.* E se a profecia não quiser dizer *literalmente* os ossos de nossas mães? Pode ser um... como é que se chama? Um eufemismo?

— Uma coisa horrível dessas ser um eufemismo? — retrucou Deucalião. — Você quer dizer metáfora?

— Sim! E se *os ossos de nossa mãe* for uma metáfora?

— Tudo bem. Mas metáfora para *quê?*

— A mãe de tudo... A *Mãe Terra*. E os ossos dela...

— Podem ser essas pedras! — gritou Deucalião. — Uau, como você é inteligente!

— Foi por isso que você se casou comigo.

Assim, Deucalião e Pirra começaram a pegar pedras e jogá-las para trás por sobre os ombros conforme andavam. Eles não olharam para trás, mas conseguiram ouvir as pedras se abrindo como ovos quando batiam no chão. Mais tarde, o rei e a rainha descobriram

que cada pedra tinha virado um humano. Quando Deucalião jogava uma, virava um homem. Quando Pirra jogava, virava uma mulher.

E assim Zeus permitiu que a raça humana voltasse a existir.

Não sei se isso quer dizer que ainda somos a raça de bronze ou a de pedra — talvez a raça de osso metafórico? Seja como for, Zeus ficou feliz de permitir que os humanos voltassem ao mundo, porque sem eles não teria belas mortais para assediar.

* * *

Não dava para ir a nenhum lugar da Grécia Antiga sem esbarrar em pelo menos uma das ex-amantes de Zeus. Já falamos de muitos romances dele, por isso acho que não precisamos contar tantos outros agora. Vou mencionar apenas que Zeus não tinha nenhuma vergonha na cara e era infinitamente criativo quando queria conquistar uma mulher. Ele sempre se transformava em alguma forma estranha para chamar a atenção das namoradas. Raramente aparecia do mesmo jeito duas vezes.

Não dava para ir a nenhum lugar da Grécia Antiga sem esbarrar em uma das ex-amantes de Zeus.

Uma vez ele se aproximou de uma garota na forma de um cisne. Outra vez, visitou a amante como um feixe de luz dourada. Outras mulheres, ele perseguiu nas formas de cobra, águia, sátiro e formiga. (Falando sério, como se persegue alguém quando se está na forma de uma formiga? E como você... Deixa pra lá.) Zeus até enganou algumas mulheres aparecendo na forma do marido de cada uma delas. Isso é muito baixo.

Um truque bem sujo de Zeus foi quando ele sequestrou uma moça chamada Europa. Era uma princesa, naturalmente — não são todas princesas? Ele a viu um dia na praia, passeando com amigas.

Zeus não queria aparecer para ela em sua verdadeira forma divina porque: a) Hera poderia flagrá-lo e ficar furiosa; b) quando os deuses apareciam, as garotas geralmente saíam correndo, por bons motivos; e c) ele queria muito falar com Europa sozinho. Não é um saco quando você quer conversar com uma garota sozinho e parece que ela só sabe andar em bandos, como lobos? É irritante.

Assim, Zeus se transformou em touro e saiu a todo galope pela praia. Mas ele não era um touro assustador; tinha calorosos olhos cinzentos e uma pelagem caramelo meio amarelada, com uma mancha branca na testa. Seus chifres eram brancos como pérola. Ele parou em uma colina gramada perto da praia e começou a pastar, como quem diz *Lá-lá-lá... Estou aqui na minha.*

Todas as garotas repararam nele. No começo, não sabiam bem o que pensar. Mas o touro não fez nada ameaçador. Parecia fofo e bonzinho, ou ao menos o mais fofo e bonzinho que um touro pode ser.

— Vamos até lá — disse Europa. — Ele é bonito!

As garotas se aproximaram do touro e começaram a acariciar as costas dele e a lhe dar grama na boca. O touro soltou uma simpática bufadela e olhou para Europa com olhos grandes e simpáticos, agindo de um jeito fofo.

— Oooowwwnnn — fizeram todas as garotas.

Europa reparou que o touro também cheirava muito bem, um misto de couro e perfume. Ela teve uma vontade absurda de adotá-lo e levá-lo para casa.

O touro Zeus passou o focinho pelo vestido dela e baixou a cabeça, dobrando as pernas da frente.

— Oh! — exclamou Europa. — Acho que ele quer me levar para passear!

Normalmente, princesas não deveriam cavalgar touros, mas

aquele parecia tão manso e domesticado que Europa logo montou nele.

— Venham, garotas! — chamou Europa. — Vamos todas passe... AAAAHHH!

Antes que ela pudesse ajudar as amigas a subirem, o touro saiu correndo para o mar. Europa se agarrou ao pescoço dele, morrendo de medo de cair. Ela estava muito assustada para saltar das costas do touro naquela velocidade.

O touro percorreu em tempo recorde mais de noventa metros no mar. As amigas de Europa gritavam desesperadamente, mas a praia ia ficando cada vez mais longe, e Europa não sabia nadar muito bem. Para onde o touro a estava levando? Ela não fazia ideia. Só lhe restava, portanto, ficar agarrada a ele e torcer para que nada de mau lhe acontecesse.

Zeus nadou até a Ilha de Creta, onde se transformou novamente em deus e disse:

— Enfim sós! E aí, como vai? Eu sou Zeus.

Bem, uma coisa levou a outra, e, como não podia voltar para casa, Europa acabou ficando em Creta, onde teve três filhos com Zeus. Como ninguém sabia para onde ela tinha ido, seu nome, com o tempo, passou a significar *as terras sobre as quais não sabemos muita coisa*. Os gregos começaram a chamar as terras do norte de *Europa*, e o nome acabou pegando.

Mas Zeus nem sempre conseguia o que queria com as mulheres.

Depois da pequena rebelião em que os deuses tentaram destroná-lo, ele passou um tempo flertando com a nereida Tétis, a moça que o tinha libertado das cordas mágicas. Até que Zeus ouviu uma profecia segundo a qual Tétis estava destinada a dar à luz um filho mais grandioso que o pai.

Isso o deixou bem apavorado.

— Um moleque mais grandioso do que *eu*? — murmurou ele para si mesmo. — Não mesmo!

Então ele parou de investir em Tétis, e o relacionamento deles

nunca deu em nada. Ela acabou se casando com um grande herói chamado Peleu, e os dois tiveram um filho que foi um herói ainda maior que o pai. Na verdade, ele acabou sendo o herói mais poderoso e mais famoso de toda a história da Grécia: Aquiles. De modo que devemos ser gratos a Zeus por não ter se casado com Tétis. Ninguém merece um superpoderoso Zeus Jr. correndo por aí.

* * *

Zeus já era poderoso o bastante para enfrentar qualquer coisa. Quer dizer, *quase* qualquer coisa.

A única vez em que ele levou uma lição, foi feito de bobo e ficou de cara no chão foi quando enfrentou um monstro chamado Tifão.

As histórias sobre ele são bem confusas. Não há consenso nem quanto a seu nome. Às vezes é Tifão; às vezes é Tífon; outras vezes, Tifão e Tífon são tratados como dois monstros diferentes. Para simplificar, vamos chamá-lo de Tifão.

Como ele era? É difícil dizer. Estava sempre envolto em nuvens de tempestade. Era grande, claro. Tão grande que sua cabeça parecia alcançar o céu. Sua forma era mais ou menos humanoide da cintura para cima, mas suas pernas eram como jiboias. Em cada mão ele tinha cem dedos com cabeças de serpentes nas pontas, com olhos flamejantes e bocas que cuspiam veneno. Assim, quando ficava com raiva, ele fazia chover veneno por toda parte. Desse jeito, era impossível o coitado conseguir ir à manicure. Ele tinha enormes asas de couro, cabelo comprido e sujo que cheirava a fumaça vulcânica e um rosto que mudava constantemente, o que dava a impressão de que ele tinha cem rostos diferentes, cada um mais feio que o outro. Ah, e ele cuspiu fogo. Eu não mencionei isso?

Tifão nasceu e cresceu no abismo do Tártaro. O espírito do abismo, o deus primordial Tártaro, era seu pai. Sua mãe era a Mãe Terra. Acho que isso explica por que Tifão era grande e mau. Seus pais deviam ter tanto orgulho do menino.

Tifão tinha uma esposa linda lá embaixo: Equidna. Tudo bem, ela não era propriamente linda. Era uma monstra fétida horrível, mas eles deviam se dar bem, porque tiveram muitos filhos. Na verdade, praticamente todos os monstros horrorosos que vocês imaginarem eram filhos de Tifão e Equidna.

Mesmo assim, um dia Tifão ficou inquieto e decidiu sair de seu confortável lar nas profundezas da danação eterna.

— Querida — disse ele a Equidna —, vou lá em cima destruir os deuses e virar o novo rei do universo. Acho que chego a tempo do jantar.

— Isso é ideia da sua mãe, não é? — reclamou Equidna. — Ela vive dizendo o que você tem que fazer! Era melhor você ficar em casa. A Hidra precisa do pai. A Esfinge precisa do pai!

Tifão tremeu. Era verdade que a Mãe Terra estava sempre mandando-o destruir os deuses. Gaia *odiava* os deuses desde que eles haviam derrotado os titãs. Mas aquela viagem era ideia de Tifão. Ele precisava tirar umas férias dos filhos monstruosos e da esposa monstra. Conquistar o universo parecia a coisa certa a fazer.

— Eu volto — prometeu ele. — Se eu demorar, não precisa me esperar acordada.

Assim, o gigante Tifão chegou ao mundo da superfície e começou a destruir tudo que via pelo caminho. Foi ridiculamente fácil. Ele arrancava uma montanha do chão e esmagava uma cidade; gerava um furacão e assim fazia uma ilha inteira afundar.

— É o melhor que vocês podem fazer? — gritou Tifão na direção do longínquo Monte Olimpo. — Cadê os deuses?

Os deuses, na verdade, estavam se reunindo para a guerra... até verem o tamanho de Tifão, que avançava em furor pela terra, esmagando nações, queimando florestas, transformando oceanos em veneno com seus dedos de cabeça de serpente.

— Hã... — Poseidon engoliu em seco. — O cara é enorme.

— Gigantesco — disse Atena, pela primeira vez concordando com o deus do mar. — Não estou gostando do desequilíbrio de forças.

— Pessoal! — protestou Zeus. — Nós somos doze, ele é um só! Nós derrotamos os titãs. Vamos conseguir derrotá-lo!

Na verdade, Zeus estava tremendo de medo. Ele também queria sair correndo, mas como rei dos deuses, tinha que dar o exemplo.

— Vamos — disse ele, pegando seu melhor raio. — Atacar!

Os deuses pularam para dentro de suas carruagens voadoras e seguiram seu líder para a batalha.

— Atacar! — ecoaram todos, mas estavam tão nervosos que soou mais como “Atacar?”.

Quando Tifão os viu se aproximando, sentiu algo que nunca tinha sentido antes: *euforia*. Os deuses eram ridiculamente pequenos! Seriam tão fáceis de destruir que ele ficou feliz da vida. Já até se imaginava assumindo o trono de Zeus no Monte Olimpo e governando o universo, embora provavelmente ele fosse precisar de um trono maior.

— **MORRAM, IMORTAIS!** — gritou ele. O que não era nada lógico, pois tecnicamente imortais *não morrem*. Mas acho que Tifão estava planejando transformá-los em montinhos de pó e lançar esse pó no abismo, o que é bem próximo de morrer.

O gigante da tempestade expeliu veneno, cuspiu fogo e se empertigou todo, de forma que sua cabeça alcançou o céu. Nuvens de escuridão giravam em torno dele. O chão derreteu e os mares ferveram ao redor de seus pés reptilianos.

Os deuses mudaram o grito de guerra para “CORRAM!”, “SOCORRO!” e “MÃÃÃE!”.

Todo mundo, menos Zeus, deu meia-volta e saiu correndo.

Não foi o momento mais digno deles. Algumas versões da história afirmam que os deuses viraram animais para se esconder da ira do gigante. Uma outra versão conta que eles se esconderam no Egito e que, enquanto estavam lá, na forma de animais, geraram todos aqueles mitos egípcios sobre deuses com cabeça de animais.

Não sei bem o que os egípcios diriam sobre isso, considerando

que os mitos deles são milhares de anos mais antigos que os gregos, mas essa é a história grega.

Seja qual for o caso, Zeus foi deixado sozinho para enfrentar Tifão.

O deus do céu gritou para seus colegas deuses fugitivos:

— É *sério*, isso? Voltem aqui, seus covardes!

Mas sua voz foi encoberta por uma gargalhada de Tifão.

— Pobrezinho do Zeus, ficou sozinho! É melhor fugir também, deus pequenino, antes que eu o esmague como a uma formiga!

Zeus já tinha se transformado em formiga uma vez, para se aproximar de uma garota de quem ele estava a fim, então tinha certo carinho por elas. Aquele gigante não podia insultá-las daquele jeito! A raiva lhe deu coragem para gritar:

— Você já era, grandalhão!

E nisso ele avançou para matar.

O primeiro raio que Zeus lançou atingiu o peito de Tifão como uma bomba de hidrogênio de cinquenta megatons. O gigante cambaleou para trás, mas não caiu.

Zeus atacou de novo, e de novo e de novo. As explosões fritaram o ar, evaporaram a água e queimaram a superfície da Terra, mas Tifão continuou investindo contra o deus.

Com um violento safanão, o gigante derrubou do ar a carruagem de Zeus. Tifão capturou o deus em plena queda, pegando-o com seus dedos-cobras, e começou a apertá-lo.

Zeus mudou de tamanho, crescendo o máximo que podia, mas ainda assim Tifão o fazia parecer minúsculo. Zeus lutou para se soltar, mas nem sua imensa força divina fazia frente à do gigante.

— Solte-me! — gritou Zeus.

— Claro — rosnou Tifão, cuspidando fogo tão perto do rosto de Zeus que a barba do deus foi devorada pelas chamas. — Mas você não pode causar confusão, então vou precisar de um cheque caução.

— Um o quê?

Os dedos-cobras de Tifão envolveram os braços e pernas de Zeus, e as cobras cravaram seus dentes venenosos nele e...

Muito bem. Prepare-se. Isto é nojento.

... arrancaram os tendões de Zeus.

O que isso quer dizer? Bem, os tendões prendem os músculos aos ossos, não é mesmo? Pelo menos foi isso o que meu treinador de basquete disse. São tiras de tecido conector extremamente fortes, como uma fita adesiva natural do corpo. E, sem fita adesiva, *nada* funciona.

Tifão arrancou os tendões imortais, que eram cintilantes e melequentos fios brancos de tecido conjuntivo divino (eu avisei que era nojento). Zeus ficou todo molenga, como uma boneca de pano; não conseguia mexer os braços nem as pernas, completamente impotente e com tanta dor que nem enxergava direito.

— Prontinho! — gritou Tifão. — Ah, e vou ficar com esses raios. Vão ser ótimos como palitos de dente.

O gigante pegou os raios pendurados no cinto de Zeus, depois se abaixou para pegar os que estavam na carruagem destruída; o veículo divino ardia em chamas em uma ilha ali perto.

— Assim está ótimo! Pode ir e se divertir me vendo destruir o Olimpo e dominar o mundo. Depois eu volto para esmagar você.

Tifão o jogou de lado como se ele fosse uma sujeira. O senhor do universo caiu de qualquer jeito na costa de uma montanha, choramingando:

— Ai.

Tifão seguiu rumo ao Olimpo, levando na bolsa (ou na pochete, ou no que fosse a moda entre os gigantes da tempestade malvades) os raios e os tendões nojentos de Zeus.

* * *

Bem, pessoal, nesse ponto as coisas não estavam muito favoráveis para os deuses. Nem para os humanos. Nem para nenhum ser vivo

na face do planeta. Zeus estava caído no pé de uma montanha, indefeso e em agonia, vendo Tifão se dirigir ao Olimpo com a pior das intenções.

Zeus pensou: *Por que eu quis ser rei mesmo? É só encrenca.*

Enquanto isso, os outros deuses estavam escondidos, e Tifão passou por toda a criação com fúria, quase sem enfrentar resistência. Um exército de monstros marinhos e baleias de Poseidon tentou impedi-lo, mas Tifão simplesmente os chutou para longe e envenenou a água. Alguns dos deuses do céu também tentaram detê-lo: os espíritos das estrelas e Selene, a titânide da Lua. Na verdade, os gregos acreditavam que as marcas e crateras na Lua fossem resquícios de quando Selene levou a carruagem da Lua para a batalha.

Nada funcionou. Os mares continuaram fervendo. Ilhas inteiras foram destruídas. O céu virou uma massa fervente em vermelho e preto. De tempos em tempos, Tifão pisava com força na terra, abrindo uma enorme fenda, onde enfiava a mão para puxar magma lá de baixo como se tirasse gema de um ovo. Então ele jogava bolas de lava flamejantes por toda parte, incinerando campos, derretendo cidades e escrevendo pichações ferventes nas costas das montanhas, coisas como ZEUS É UM MANÉ e TIFÃO +QD+.

Ele teria chegado ao Monte Olimpo sem problema, mas felizmente dois deuses decidiram voltar e ver o que tinha acontecido com Zeus.

Não eram os mais corajosos; apenas eram os mais sorrateiros. Um era Hermes, o mensageiro, que conseguia voar muito rápido e sabia ser discreto. O outro era um deus sátiro menor chamado Egipã, que tinha pernas peludas e patas de bode; ele parecia um sátiro normal, mas era imortal.

Egipã conseguira se esconder de Tifão virando um bode com rabo de peixe. (Por que um disfarce tão estranho? Talvez ele tenha entrado em pânico. Não sei.) Assim ele tinha mergulhado no mar e fugido.

Mas agora ele estava se sentindo mal pela covardia que

demonstrara, então pegou carona com Hermes, e os dois voaram até encontrarem Zeus caído todo contorcido e amarfanhado.

— Cruzes — disse Hermes quando eles pousaram. — O que houve com você?

Zeus teve vontade de dar uma bronca neles por fugirem e o deixarem lutando sozinho contra Tifão, mas estava com muita dor e realmente precisava de ajuda.

Ele mal tinha forças para falar direito, mas conseguiu contar sobre os raios roubados e sobre os tendões arrancados.

Egipã ficou meio verde, parecia prestes a vomitar.

— Então é o nosso fim. Acabou.

— Não podemos desistir — disse Zeus. — Preciso dos meus tendões e dos meus raios de volta. Se eu conseguir surpreendê-lo de alguma forma, atingi-lo à queima-roupa, acho que posso acabar com ele. Mas como recuperar minhas armas e meus tendões...?

Ele olhou para a flauta pendurada no pescoço de Egipã.

Levar um instrumento musical para uma batalha pode parecer besteira, mas Egipã sempre carregava sua flauta. Ele tinha a reputação de tocar muito bem.

De repente, Zeus teve uma ideia louca. Ele se lembrou de como tinha enganado Cronos de forma a fazê-lo vomitar os outros olímpianos, muito tempo antes, e de que naquela época, trabalhando como copeiro, ganhava muito elogios dos titãs cantando e dançando...

— Quando a força não funciona — disse Zeus —, podemos recorrer à trapaça.

— Eu gosto de trapaça — comentou Hermes.

Zeus contou seu plano a eles.

* * *

Felizmente, Hermes voava rápido. Ele pegou Egipã e o boneco de pano Zeus e seguiu em velocidade máxima pelo caminho de

destruição de Tifão. Os três pousaram em terreno grego, junto ao pé do Monte Olimpo, bem por onde o gigante da tempestade teria que passar.

Hermes deixou Zeus em uma caverna ali perto, onde o senhor do céu teria que esperar, como um saco de areia, para ver se o plano funcionaria ou não.

Hermes se escondeu no bosque mais próximo enquanto Egipã, o deus sátiro, se acomodou em uma campina vasta, onde seria impossível não ser visto, e começou a tocar flauta.



Em pouco tempo o céu escureceu. O chão tremeu. O ar ficou com cheiro de ácido e veneno, e as árvores começaram a arder. Egipã continuou tocando suas doces melodias.

A forma escura de Tifão apareceu no horizonte, como uma mistura de King Kong, Godzilla e um daqueles Transformers maus, tudo em um só. Ele deu um grito de vitória ao se aproximar do Monte Olimpo. A terra toda tremeu.

Egipã continuou tocando. Suas melodias eram como a luz do Sol na manhã, um córrego frio no meio do bosque e o cheiro do cabelo recém-lavado da sua namorada...

Ops, me distraí. O que eu estava dizendo?

Ah, sim... o deus sátiro. A música dele evocava tudo de bom e bonito que há no mundo. Quando Tifão se aproximou e ouviu a doce melodia no ar, parou, completamente confuso.

— Isso não parece um grito — murmurou o gigante. — Também não é uma explosão. *O que é?*

Era seguro dizer que não havia música no Tártaro, e, se houvesse, seria algo mais ao estilo de marchas fúnebres e *death metal*.

Tifão enfim viu o deus sátiro, saltitando pela campina e tocando flauta. Tifão poderia ter pisado nele, claro, mas Egipã parecia completamente despreocupado.

Perplexo, Tifão se ajoelhou para dar uma olhada melhor no sátiro. Por alguns momentos o mundo ficou em silêncio absoluto, exceto pelo rastro de destruição e chamas que o gigante deixara e pela doce música da flauta.

O gigante da tempestade nunca tinha ouvido nada tão bonito. Aquilo era muito melhor do que as reclamações de sua esposa monstro e o choro dos filhos monstrinhos.

Sem querer, Tifão deu um suspiro alegre, um suspiro tão intenso

que levantou o cabelo de Egipã e o atrapalhou em sua música.

O deus sátiro enfim olhou para cima. Mas não parecia assustado.

(Na verdade, Egipã *estava* apavorado, mas disfarçou bem, possivelmente por saber que Hermes estava ali perto, pronto para uma rápida evacuação se as coisas dessem errado.)

— Ah, oi — disse Egipã. — Não vi que você estava aí.

Tifão inclinou a cabeça enorme.

— Sou alto como o céu e envolto em escuridão e estou destruindo o mundo. Como você não me viu?

— Acho que eu estava ocupado tocando minha flauta.

Egipã continuou sua música. Imediatamente, Tifão sentiu no coração uma alegria que era quase melhor do que a sensação de presenciar a destruição dos deuses.

— Gostei da sua música — concluiu Tifão. — Talvez eu não mate você.

— Obrigado — disse Egipã, calmamente, e voltou a tocar.

— Quando eu destruir os deuses, vou tomar conta do Monte Olimpo. Você será meu músico da corte e tocará para mim.

Egipã nada disse, apenas continuou sua alegre música.

— Vou precisar de boa música — decidiu Tifão. — Você pode escrever uma balada grandiosa sobre mim, sobre como conquistei o mundo!

Então Egipã parou. Ele parecia ter ficado triste de repente.

— Hum... se ao menos... Não. Não, é impossível.

— O quê? — perguntou Tifão.

Era muito difícil para Egipã lembrar-se do plano e ficar calmo com um gigante enorme ao lado, as centenas de cabeças de cobra babando veneno e o encarando com olhos vermelhos.

Hermes está aqui perto, lembrou Egipã a si mesmo. *Eu vou conseguir.*

— Bem, eu adoraria escrever uma música sobre você — disse Egipã —, mas uma melodia tão majestosa não deve ser tocada em uma flauta. Eu precisaria de uma harpa.

— Você pode ter qualquer harpa do mundo — prometeu Tifão.

— É muita gentileza, meu senhor, mas essa harpa precisaria de cordas feitas de tendões incrivelmente fortes... *muito* mais fortes que tripas de cavalo ou de vaca. Senão, as cordas arrebentariam quando eu tentasse tocar uma música sobre seu enorme poder e sua majestade. Nenhum instrumento mortal suportaria a intensidade de tal música!

Isso fez todo o sentido para Tifão. Ele teve uma ideia.

— Já sei! — Tifão pousou sua bolsa no chão e pegou lá de dentro os tendões de Zeus. — Use isto para fazer a sua harpa.

— Ah, é perfeito! — exclamou Egipã, embora no fundo ele quisesse mesmo era gritar *Que nojo!*. — Assim que você conquistar o universo, farei uma harpa digna da sua música. — Egipã então pegou sua flauta e tocou mais algumas notas de uma canção de ninar bem suave e calma. — Mas deve dar um trabalho e tanto conquistar o mundo, mesmo para um ser tão incomparável como você.

Egipã tocou mais um pouco, criando uma aura de tarde preguiçosa, de sombra fresca à margem de um riacho, de um leve balanço em uma rede gostosa. Tifão começou a sentir os olhos pesados.

— Sim... cansativo — concordou Tifão. — Ninguém valoriza meu trabalho! — Ele se sentou, fazendo as montanhas tremerem com o impacto de seu peso. — Destruir cidades. Envenenar oceanos. Lutar contra a Lua. É exaustivo!

— Sim, meu senhor. Se quiser, posso ficar tocando enquanto você descansa um pouco, antes de empreender a cansativa subida para a vitória no Monte Olimpo.

— Hum. Música. — As pálpebras de Tifão foram se fechando. — Talvez só um pouco... Zzzzzzz.

Sua cabeça enorme pendeu, e o gigante começou a roncar. Egipã tocou seu doce acalanto para fazê-lo continuar sonhando alegremente.

Enquanto isso, Hermes se aproximou sorrateiramente e pegou os tendões de Zeus, depois revirou dentro da bolsa de Tifão até encontrar os raios. Com um aceno de cabeça para Egipã, como se dissesse *Continue tocando!*, ele saiu correndo para a caverna onde estava Zeus.

Foi um trabalho sujo colocar os tendões de volta nos braços e pernas do deus, usando cuidadosamente um raio para prender tudo no lugar. Vez ou outra, Hermes colocava os tendões ao contrário; quando Zeus tentava mexer o braço, batia na própria nuca. “*Desculpe!*”, dizia Hermes. “*Vou ajeitar isso!*”

Até que finalmente Zeus voltou ao normal. Por ser imortal, ele cicatrizava rápido; e, estando novamente de posse de seus raios, a raiva o inundou e o fez se sentir mais forte do que nunca.

— Hora da vingança — murmurou ele, sombriamente.

— O que posso fazer? — perguntou Hermes.

— Ficar fora do caminho — respondeu Zeus.

— Tranquilo.

Zeus saiu resolutamente da caverna e cresceu até estar quase com metade da altura de Tifão, o que era um tamanho *descomunal* para um deus. Assim que Hermes pegou Egipã e o levou para um lugar seguro, Zeus gritou:

— ACORDE!

Ele bateu na cara de Tifão com um raio, o que foi como uma estrela virar supernova bem debaixo das suas narinas.

Tifão caiu no chão, mas Zeus o atingiu de novo. O gigante cambaleou, tentando se levantar. Ainda estava meio sonolento, tonto e confuso, perguntando-se o que tinha acontecido com o simpático sátiro e sua música bonita. Zeus estava batendo nele com raios... Mas isso era impossível, não era?

BAM!

CABUM!

O gigante bateu em retirada. Relâmpagos explodiam ao redor dele e arrancavam as cobras de seus dedos, rasgando a nuvem de

escuridão e cegando-o.

Antes que pudesse se recuperar, Tifão caiu no mar, cambaleante que estava. Zeus arrancou uma montanha da terra e a levantou acima da cabeça.

— COMA ETNA! — gritou Zeus (porque esse era o nome da montanha).

Então ele esmagou Tifão sob o peso do Monte Etna, e o gigante está preso lá desde então, rugindo debaixo de megatons de pedra e ocasionalmente provocando explosões vulcânicas.

E foi assim que Zeus, com uma pequena ajuda de Hermes e Egipã, salvou o universo. Não sei se Hermes foi recompensado, mas Egipã, por sua coragem, ganhou uma constelação cujas estrelas formam o desenho de um bode com rabo de peixe, em referência à forma que ele assumiu quando fugiu de Tifão. Mais tarde, a constelação viria a se tornar o símbolo de um signo do zodíaco. A saber, capricórnio.

E finalmente — viva! — posso parar de falar de Zeus.

Mas tenho uma má notícia: está na hora de falar sobre uma deusa que detesta meu pai e que também não gosta muito de mim. Vou tentar ser imparcial, porque, afinal, ela é a mãe da minha namorada, Annabeth: a boa e velha Atena, sempre muito astuta e assustadoramente inteligente.

ATENA ADOTA UM LENÇO



UM MILHÃO DE páginas atrás eu mencionei a primeira esposa de Zeus, a titânide Métis. Lembram-se dela? Nem eu. Tive que voltar lá e ler de novo. São tantos nomes... Métis, Tétis, Têmis, tênis... Só de tentar escrever esses nomes sem errar já fico com dor de cabeça.

Bem, aí vai um resumo:

No último capítulo de *Os deuses do Olimpo em sua intimidade*, Métis estava grávida do filho de Zeus. Havia uma profecia de que o bebê seria menina, mas, se Métis e Zeus tivessem *outro* filho depois, seria um menino que, ao crescer, tomaria o lugar do pai. Ao ouvir isso, Zeus fez a coisa mais natural do mundo: entrou em pânico e engoliu a mulher grávida de uma só vez.

TAN!

O que aconteceu depois?

Bem, imortais não morrem, mesmo quando são ingeridos por outros imortais, então Métis deu à luz ali dentro mesmo da barriga de Zeus. (Fiquem à vontade para vomitar. Ou, se preferirem, podem

esperar. Vai piorar...)

Após um tempo, Métis acabou se desfazendo em puro pensamento, pois era mesmo a titânide dos pensamentos profundos, e se tornou apenas uma vozinha irritante no fundo da mente de Zeus.

Quanto à filha, ela cresceu dentro do corpo de Zeus, da mesma forma que os olímpianos cresceram dentro da barriga de Cronos. Quando a criança chegou à idade adulta (uma adulta pequena, supercomprimida e muito desconfortável), começou a procurar uma forma de fugir para o mundo lá fora. Nenhuma das opções parecia boa: se ela pulasse pela boca de Zeus, todos ririam dela e a chamariam de criança vomitada, o que era indigno; se seguisse o trato intestinal de Zeus no sentido contrário... Nããã! Mais nojento ainda. Ela era uma deusa jovem e forte, então talvez conseguisse explodir o peito de Zeus, mas aí todo mundo a veria como um dos monstros dos filmes *Alien*. Mais uma vez, esse não era o tipo de entrada triunfal que ela queria.

Até que ela teve uma ideia. Dissolveu-se em puro pensamento — um pequeno truque que sua mãe, Métis, lhe ensinara — e percorreu a espinha dorsal de Zeus até o cérebro, onde voltou a sua forma original e começou a chutar, bater e gritar no crânio de Zeus, fazendo o máximo de barulho que conseguia. (Devia ter bastante espaço para se mexer ali dentro, já que o cérebro de Zeus era bem pequeno. Não contem para ele que falei isso.)

Como vocês podem imaginar, ela provocou em Zeus uma dor de cabeça lancinante.

Ele não conseguiu pregar o olho a noite inteira, com a cabeça latejando. Pela manhã, à mesa do café, até tentou comer, mas não parava de fazer caretas, gritar e bater com o garfo na mesa, implorando:

— PARE! PARE!

Hera e Deméter trocaram olhares de preocupação.

— Hã... marido? — chamou Hera. — Está tudo... bem?

— Dor de cabeça! — gritou Zeus. — Muuuuuita dor de cabeça!

Como se para provar o que estava dizendo, o senhor do universo enfiou a cara nas panquecas, destruindo tanto a comida quanto o prato e ainda por cima rachando a mesa. E mesmo assim não obteve alívio algum da dor.

— Aspirina? — sugeriu Apolo (ele era o deus da cura).

— Uma boa xícara de chá? — sugeriu Héstia.

— Eu poderia abrir seu crânio — ofereceu Hefesto, o deus ferreiro.

— Hefesto! — gritou Hera. — Não fale assim com seu pai!

— Assim como? — perguntou Hefesto. — Está na cara que tem um problema ali dentro da cabeça dele. Eu poderia abrir e dar uma olhada. De repente dá uma aliviada na pressão. Além do mais, ele é imortal. Não vai morrer por causa disso.

— Não, obrigado... — respondeu Zeus, com uma careta. — Eu...

De repente, pontos vermelhos começaram a dançar diante dos olhos de Zeus. A dor se espalhou por seu corpo, e uma voz em sua cabeça gritou:

— *ME DEIXE SAIR! ME DEIXE SAIR!*

Zeus caiu da cadeira, se contorcendo de dor.

— Corte meu crânio! — gritou ele. — Tire isso de dentro de mim!

Os outros deuses ficaram lívidos de medo. Até Apolo ficou paralisado, e olha que ele tinha, tipo, mais de dez condecorações de escoteiro por primeiros socorros.

Hefesto se levantou.

— Tudo bem, vou pegar minha sovela. — (Que basicamente era um furador de gelo de tamanho industrial para abrir buracos em superfícies duras, como metal ou cabeças de deuses.) — E vocês coloquem Zeus no trono e segurem-no.

Os olímpianos se prepararam para a neurocirurgia de emergência. Arrastaram Zeus para o trono e o seguraram com firmeza enquanto Hefesto pegava as ferramentas necessárias. O deus ferreiro não perdeu tempo: foi até Zeus, posicionou a ponta da sovela no meio

de sua testa, levantou o martelo e *BAM!*

Depois disso, ele passou a ser chamado de Hefesto de Um Só Golpe.

Usando força suficiente apenas para fazer o instrumento penetrar no crânio sem transformar Zeus em um espetinho de deus, ele abriu uma fissura da ponta da sovela até o alto do nariz de Zeus. Foi o suficiente para Atena sair, se espremendo toda.

Foi só saltar de dentro da testa de Zeus que, diante dos olhos de todos, Atena assumiu o tamanho de uma deusa adulta totalmente formada, vestida em uma túnica cinza e em armadura de batalha, com um elmo de bronze na cabeça e uma lança e um escudo nas mãos.

Não sei onde ela conseguiu a roupa e tudo o mais. Talvez tenha criado tudo por meio de mágica, ou talvez Zeus tivesse comido roupas e armas no jantar do dia anterior. O que sei é que foi uma entrada e tanto.

— Oi, pessoal — disse ela calmamente. — Sou Atena, deusa da guerra e da sabedoria.

Deméter desmaiou. Hera ficou escandalizada, pois o marido tinha acabado de dar à luz uma filha pela testa, e Hera tinha certeza de que Atena não era filha *dela*.

Ares, o deus da guerra, disse:

— Você não pode estar encarregada da guerra! Esse é o meu trabalho!

— Eu falei guerra *e sabedoria* — explicou Atena. — Vou supervisionar os combates que exigem planejamento, engenhosidade e alto nível de inteligência. Você pode continuar encarregado dos aspectos idiotas, sangrentos e “masculinos” da guerra.

— Ah, tudo bem — disse Ares. Mas então ele franziu a testa. — Espere... *O quê?*

Hefesto costurou a fenda na testa de Zeus. Apesar dos receios dos outros deuses, Zeus insistiu para que eles recebessem bem sua

filha Atena. E foi assim que ela se tornou uma olimpiana.

Como vocês puderam ver, ela era a deusa da sabedoria, o que incluía dar bons conselhos e ter habilidades úteis. Atena deu aos gregos a oliveira, mas também os ensinou a calcular, tecer, usar bois para puxar o arado, escovar os dentes depois de toda refeição e um monte de outras coisas importantes.

Como deusa da guerra, ela se dedicava mais a desenvolver a defesa do que o ataque. Não *gostava* de combates, mas sabia que às vezes eles eram necessários. Sempre tentava ganhar por meio de boa estratégia e truques sorrateiros. E tentava reduzir o número de mortes, enquanto Ares adorava violência e não via nada melhor que um campo de batalha coberto de corpos mutilados (pois é, um doce de rapaz).

A planta sagrada de Atena era a oliveira, pois foi o grande presente dela para os atenienses. Seus animais sagrados eram a coruja e a cobra. A coruja, supostamente, era símbolo de sabedoria dos céus, e a cobra simbolizava a sabedoria da terra. Nunca entendi isso direito. Se corujas fossem tão espertas, por que passariam o tempo todo dizendo *Uuu-Uuu-Uuu*, como se não tivessem nenhum comentário útil a acrescentar à conversa? E cobras também nunca me pareceram muito inteligentes; mas, aparentemente, os gregos achavam que o sibilar das cobras indicava que elas estavam sussurrando segredos muito importantes. Aham; isso mesmo, sr. Grego. Aproxime a orelha dessa cascavel. Ela tem uma coisa para lhe contar.

Atena é fácil de identificar nas velhas estátuas e pinturas gregas. Está sempre com a mesma roupa. Seu elmo é decorado com carneiros, cavalos, grifos e esfinges, e no alto tem uma pluma grande, parecendo um moicano. Em geral carrega o escudo e a lança, e usa um vestido sem mangas de estilo espartano com um manto mágico chamado Aegis (ou Égide) por cima dos ombros. De acordo com as lendas, esse manto era forrado com pele de cobra e preso com a cabeça de bronze da Medusa, meio que como um

corpete. Às vezes vocês verão o Aegis descrito como o escudo da deusa, e não como manto. Na verdade, acho que ninguém olhou de muito perto para saber com certeza o que era, porque, afinal, com a cabeça da Medusa ali... Bem, a ideia era fazer você sair correndo e gritando.

Em muitas histórias, Atena dá o Aegis de presente a Zeus, então tecnicamente o manto é *dele*; mas ela o pega emprestado de tempos em tempos.

Tipo: *Ei, pai, posso usar a cabeça cortada da Medusa hoje? Vou sair com meus amigos.*

Tudo bem, querida, mas traga-a de volta até meia-noite e não deixe as pessoas virarem pedra por aí.

Um dos maiores mistérios que envolvem Atena é sobre o porquê de ela ser chamada de *Palas Atena*. Por um bom tempo, achei que as pessoas diziam “palácio Atena”, como se fosse um hotel em Las Vegas ou, quem sabe, o esconderijo secreto de Atena.

Nem os gregos conseguiam chegar a uma conclusão quanto ao motivo de a deusa favorita deles ter o apelido de *Palas*, mas vou contar a vocês o que *me* falaram.

Quando Atena era uma jovem deusa, recém-saída da testa de Zeus, o pai a mandou morar com as ninfas do Lago Tritonis, na Líbia, na costa norte da África.

— Você vai gostar delas — prometeu Zeus. — São mulheres guerreiras como você. Podem até lhe ensinar alguns truques de combate!

— Duvido — disse Atena. — Por que você está me mandando para longe?

Zeus tentou um sorriso, mas não foi fácil, porque sua testa ainda doía.

— Olhe, meu docinho de guerra...

— Não me chame assim!

— Você passou a vida inteira presa na minha barriga. Esta vai ser uma oportunidade para você aprender sobre o vasto mundo lá fora.

E vai dar aos outros olímpianos tempo para se acostumarem à ideia de você fazer parte do conselho dos deuses. Sinceramente, você é meio intimidante para eles. Afinal, é inteligente e poderosa.

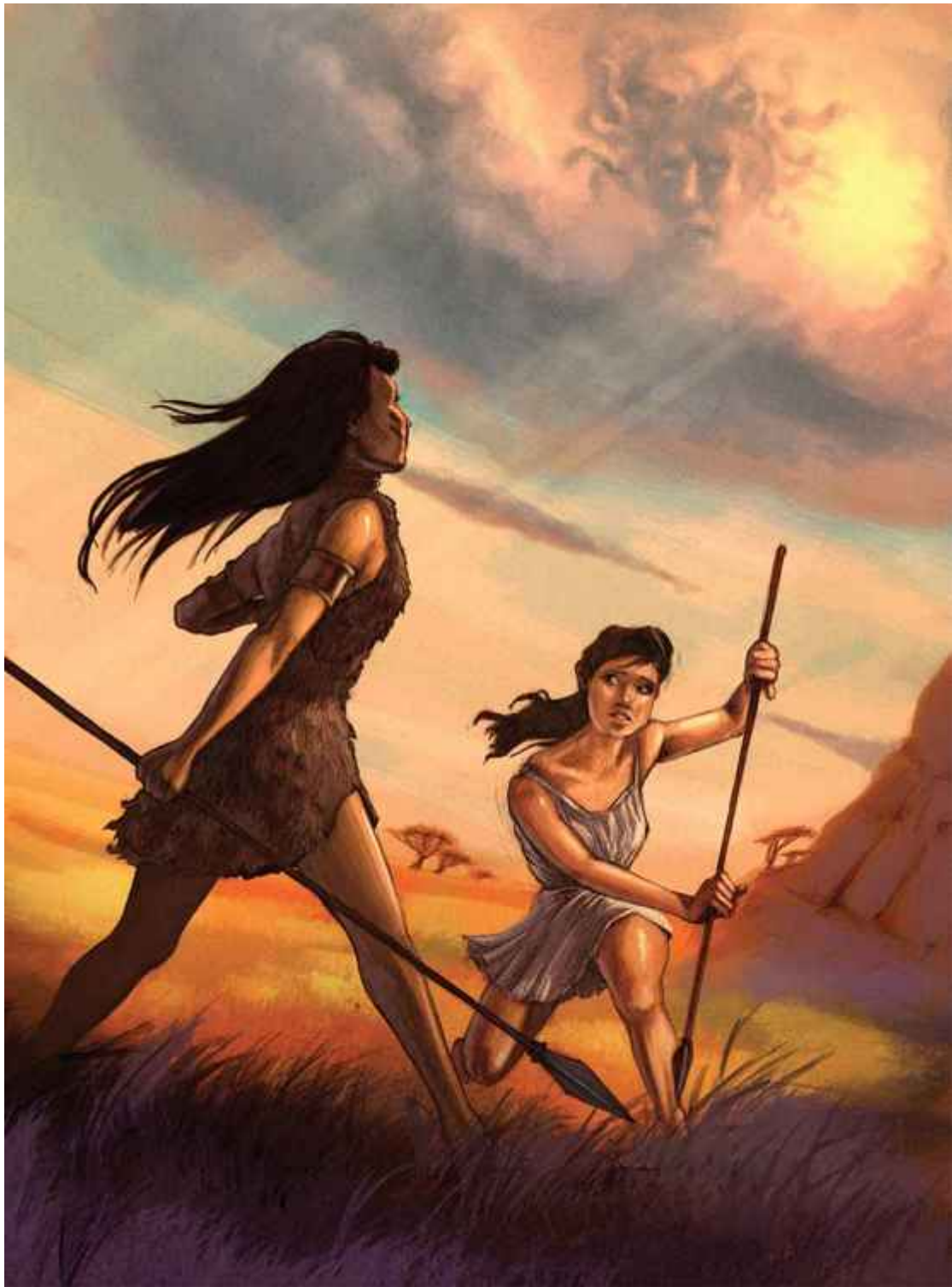
Lisonjeada por aquelas palavras, Atena concordou em passar um tempo na África.

Ela adorou o lugar, exatamente como Zeus previra. As ninfas do Lago Tritonis eram excelentes na luta e nos esportes, talvez por viverem em um ambiente tão difícil. Atena aprendeu todo tipo de técnicas de combate ninja-ninfa supersecretas. As ninfas achavam que Atena era a melhor coisa do mundo depois da ambrosia.

A ninfa mais próxima de Atena era Palas, a única que conseguia de vez em quando vencê-la no combate mano a mano. As duas compartilhavam o gosto por armaduras e armas. Tinham o mesmo senso de humor. Pensavam de forma tão parecida que conseguiam concluir as frases uma da outra. Em pouquíssimo tempo, tornaram-se amigas de infância.

Um dia, Atena e Palas estavam lutando perto do lago quando Zeus por acaso olhou lá do céu para ver como a filha estava se saindo.

Ele ficou chocado. Atena e Palas lutavam com tamanha velocidade e intensidade que ele nem acreditou que fosse apenas um treino. Parecia que Atena seria morta a qualquer momento! (É, eu sei que ela era imortal, mas Zeus era um pai superprotetor. No calor do momento, ele esqueceu esse pequeno detalhe.)



Então, quando Palas avançou com sua lança contra o peito de Atena, Zeus agiu movido pelo desespero: apareceu no céu bem atrás de Atena e ergueu o Aegis (estava com ele na época) de forma que Palas não teria como não ver.

O rosto de bronze da Medusa assustou a ninfa. Atena empurrou a arma da amiga e contra-atacou, enfiando-a na barriga de Palas.

Normalmente, Palas não teria dificuldade para desviar, de forma que Atena esperava que ela se mexesse.

Mas Palas foi lenta demais. A lança de Atena entrou na barriga da ninfa e saiu pelo outro lado. Palas desabou no chão.

As ninfas são criaturas mágicas. Podem viver muito tempo e aguentar muita coisa, talvez até o rosto da Medusa, mas não são imortais. Se uma ninfa for empalada com uma lança, ela morre.

Palas morreu.

Atena caiu de joelhos, chorando de choque e horror. Ela aninhou o corpo sem vida da pobre amiga e olhou com raiva para Zeus, que ainda flutuava no ar com o Aegis.

— PAI! — gritou Atena. — POR QUÊ?

Ao olhar nos olhos cinza-tempestade da filha, Zeus sentiu quase tanto medo quanto da vez que enfrentara o gigante Tifão.

— Eu pensei que... Não foi minha intenção... Ops.

Então ele desapareceu e voltou para o Olimpo.

Atena era só infelicidade e sofrimento. O corpo da amiga se dissolveu nas águas do Lago Tritonis, como acontece com as ninfas aquáticas, mas Atena decidiu honrar Palas com um monumento sagrado. A deusa construiu uma réplica de Palas em madeira e a pintou com tanta perfeição que parecia quase viva. Em seguida, Atena cortou uma pequena parte do Aegis (que, sendo do tamanho de um deus, era bem grande) e o colocou por cima dos ombros da réplica de Palas.

A estátua se tornou um artefato importante. Tempos depois, acabou indo parar na cidade de Troia, onde ficava em um santuário especial chamado Paládio, que significa *o lar de Palas*. As mulheres iam lá para pedir proteção a Atena. Ninguém teria permissão de machucá-las. Já os homens não podiam nem olhar para a estátua: se fizessem isso, seriam punidos com a morte.

A estátua de Palas era tão parecida com Atena que as pessoas começaram a chamá-la de Palas/Atena. Depois, ficaram todos confusos e começaram a chamar a *deusa* de Palas Atena.

Atena não se importou com isso. De certa forma, ao assumir esse nome, ela estava mantendo viva a memória de Palas.

Portanto, fique à vontade para chamá-la de Palas Atena, mas não vá perguntar a ela se pode reservar um quarto no *palácio* Atena. Posso dizer por experiência própria que ela não acha nada engraçado.

* * *

Pensando bem... em geral, Atena não tem muito senso de humor mesmo.

A forma como ela lidou com Aracne, por exemplo. *Tenso*.

Aracne começou a vida bem humildemente. Morava em um reino chamado Lídia, localizado na área que hoje é a Turquia. O lugar não era nada de mais, uma espécie de Dakota do Sul da Grécia Antiga (com todo o respeito, Dakota do Sul). Seus pais eram modestos tintureiros, ou seja, passavam o dia todo mexendo grandes extensões de lã imersa em uma gosma roxa fedida e fumegante — quase o equivalente a fritar hambúrgueres no McDonald's.

Eles morreram quando Aracne era muito jovem, deixando-a sem amigos, sem família e sem dinheiro. Mesmo assim, porém, Aracne se tornou a garota mais famosa do reino, graças a sua incrível habilidade: ela tecia como ninguém.

Eu sei, vocês estão pensando: *Uau. Uma tecelã. Dakota do Sul*

está começando a parecer um lugar animado.

Mas, sério, tentem *vocês* tecer alguma coisa. É difícil à beça! Já observaram de perto o tecido de uma camisa? Da próxima vez que estiverem em uma aula chata de química, deem uma olhada. O tecido é feito de milhões de fios, que vão para cima e para baixo, de um lado para o outro. Alguém teve que pegar a matéria-prima — lã, algodão ou sei lá o quê —, escová-la para que todas as fibras ficassem na mesma direção, depois trançá-la de maneira a formar esses fios. Depois, esse mesmo alguém teve que alinhar um trilhão de fios paralelos uns aos outros como cordas de violão, e tecer para cima e para baixo.

Claro, hoje em dia existem máquinas que fazem isso. Mas imaginem no passado, ter que tecer à mão. Cada centímetro quadrado de tecido levava horas e horas para ser feito. A maioria das pessoas só tinha dinheiro para uma camisa e uma calça, já que era tudo tão absurdamente difícil de produzir. Cortinas e lençóis? Esqueçam!

E isso se o tecido fosse só de uma cor; digamos, branco. Estampa? Aí o tecelão tinha que planejar quais fios tingir de qual cor e encaixar cada um no lugar exato, como um quebra-cabeça enorme. Eu, com meu transtorno do déficit de atenção com hiperatividade, jamais conseguiria fazer isso.

Se você quisesse roupas e afins, a única solução era recorrer à tecelagem. Portanto, a menos que quisesse correr por aí pelado o tempo todo, era melhor encontrar um bom tecelão.

Aracne fazia parecer fácil. Ela conseguia tecer uma camisa havaiana com imagens de flores, sapos e cocos em cinco minutos. Conseguia fazer cortinas com fios prateados e azuis de tal forma que, quando o tecido balançava, parecia que havia nuvens deslizando por um céu azul. O que ela gostava mesmo era de fazer tapeçaria, que é arte em pedaços enormes de tecido, para se pendurar na parede. Só servia para decorar, e a maioria dos tecelões achava tão difícil de fazer que apenas os reis e os mais famosos

jogadores de futebol tinham dinheiro para pagar. Mas Aracne fazia por prazer, e distribuía essas peças como se fossem brindes de festa.

E foi assim que ela se tornou popular e *muito* famosa.

Logo o pessoal da cidade passou a se reunir no casebre de Aracne todos os dias para vê-la trabalhar. Até as ninfas saíam dos bosques e dos rios para apreciá-la tecendo, porque suas tapeçarias eram mais bonitas do que a própria natureza.

As mãos de Aracne pareciam voar. Ela pegava tufo de lã, fiava até virarem linha, tingia-os da cor que queria e os passava na moldura do tear em menos de um segundo. Quando tinha uma fileira inteira de fios subindo e descendo, prendia o fio lateral em um pedaço comprido de madeira chamado lançadeira, que era meio que uma agulha de costura gigante. Ela deslizava a lançadeira para trás e para a frente tão rápido quanto uma bolinha em um jogo de tênis, tecendo os fios em um pedaço sólido de tecido, e, como planejava as cores com tanta perfeição, uma imagem aparecia no tecido como que por magia.

Lançadeira, lançadeira, lançadeira, lançadeira: *BAM!*

De repente você estava olhando para uma paisagem paradisíaca tecida em pano, mas tão realista que as ondas pareciam quebrar na praia. A água cintilava em fios metálicos azuis e verdes. As pessoas tecidas na margem eram tão bem-feitas que dava para ver as expressões no rosto delas. Se você aproximasse uma lente de aumento das dunas, conseguia ver cada grão de areia. Aracne basicamente inventou a tecelagem em alta definição.

Uma das ninfas exclamou, com admiração:

— Aracne, você é *incrível!*

— Obrigada.

Aracne se permitiu um sorriso arrogante ao se preparar para tecer sua obra de arte seguinte.

— A própria Atena deve ter ensinado você a tecer! — completou a ninfa.

Cara, isso era um elogio e tanto. Aracne deveria ter agradecido e

continuado sua tarefa tranquilamente.

Mas Aracne tinha orgulho demais de seu trabalho. Para ela, os deuses eram inúteis. O que já tinham feito por ela? Aracne fizera seu nome do *nada*. Seus pais tinham morrido e a deixado sem um tostão. Ela nunca tivera sorte alguma.

— Atena? — debochou Aracne. — Eu aprendi a tecer *sozinha*.

O desconforto recaiu sobre as pessoas ali na sala.

— Mas, naturalmente, você precisa agradecer por seu talento, pois foi Atena quem inventou a tecelagem. Sem ela... — argumentou um homem.

— Nada de tapeçaria para você! — retrucou Aracne, e bateu na cara do homem com um novelo de lã. — Tecelagem é a *minha* praia. Se Atena é tão boa assim, ela pode muito bem vir aqui e a gente vê quem se sai melhor. Vamos ver quem aprende com quem.

Vocês podem adivinhar o que aconteceu. Atena soube do desafio. E, quando se é uma deusa, não se pode deixar uma pessoa sair ilesa depois de confrontá-la assim.

No dia seguinte, Atena desceu à terra, mas, em vez de se aproximar com as lanças em riste, decidiu visitar Aracne disfarçada, para primeiro conhecer o terreno. Atena era cuidadosa. Gostava de entender os fatos e acreditava em segundas chances. Afinal, ela matara acidentalmente a melhor amiga, Palas; sabia que erros aconteciam.

Assumindo a forma de uma velhinha bem frágil, ela seguiu até a cabana de Aracne, juntando-se à multidão que ali se reunia para ver a tecelã fazer sua arte.

A mortal era boa. Não havia dúvida. Aracne tecia paisagens de montanhas e cachoeiras, cidades bruxuleando de leve sob o calor da tarde, animais andando pela floresta e monstros do mar tão apavorantes que pareciam prontos a pular do tecido e atacar. Aracne tecia em velocidade sobrenatural, jogando as tapeçarias para a multidão como se distribuísse bala, lançando-as para os espectadores, deixando-os felizes com brindes tão valiosos.

A garota não parecia gananciosa. Só queria compartilhar seu trabalho com o mundo.

Atena respeitava isso. Aquela mortal não vinha de família rica nem havia estudado em escola cara. Nada lhe facilitara o caminho, tudo que ela conquistara era fruto de seu próprio dom. Atena decidiu dar a Aracne o benefício da dúvida.

A deusa abriu caminho por entre a multidão e começou a falar com Aracne enquanto a jovem trabalhava:

— Sabe, querida, eu posso ser velha, mas a idade me trouxe sabedoria. Você aceitaria um conselho?

Aracne só resmungou. Estava ocupada com a tecelagem e não queria qualquer palavra de sabedoria, mas não disse nada.

— Você é muito talentosa — prosseguiu a Velhinha Atena. — Não há mal nenhum em ganhar elogios de outros mortais. É um feito seu! Mas espero que você tenha dado à deusa Atena o devido crédito por seu talento. Foi ela quem inventou a tecelagem, afinal, e ela é quem dá talento a mortais como você.

Aracne parou de tecer e olhou com irritação para a senhora.

— Ninguém me *deu* nada, vovó. Talvez a senhora tenha problema na vista, mas olhe bem esta tapeçaria. Fui *eu* que fiz isso. Não tenho a obrigação de agradecer a ninguém por meu esforço!

Atena tentou manter a calma.

— Você é orgulhosa. Estou vendo. E tem razão de ser. Mas está desonrando a deusa. Se eu fosse você, pediria o perdão dela agora mesmo. Tenho certeza de que ela lhe daria. Ela é misericordiosa com todos que...

— Saia daqui, vovó! — cortou Aracne. — Guarde seus conselhos para suas filhas e enteadas. Eu não preciso deles. Se a senhora ama tanto Atena, vá dizer a ela para vir me visitar, e aí veremos quem é que manda na arte de tecer!

Pronto.

O disfarce de Atena sumiu em uma explosão de luz, e a deusa surgiu diante da multidão, com seu escudo e sua lança brilhando.

— Atena veio — disse ela. — E aceita seu desafio.

Uma dica para você que é mortal: se uma deusa aparecer bem ao seu lado e você quiser sobreviver aos minutos seguintes, o certo a fazer é se jogar de cara no chão em prostração.

As pessoas ali fizeram exatamente isso, mas Aracne era corajosa. É claro que ela estava morrendo de medo por dentro: seu rosto ficou pálido, depois vermelho, e então voltou a ficar pálido. Mas ela conseguiu se manter de pé e encarar a deusa.

— Tudo bem. Vamos ver o que você sabe fazer, coroa!

— Oooooohhh — exclamaram as pessoas.

— O que *eu* sei fazer? — respondeu Atena. — A garotinha de Lídia quer me ensinar a tecer? Quando eu terminar, estas pessoas vão usar suas tapeçarias como papel higiênico!

— Iaaaaaaaaiiiiiiii! — disseram as pessoas.

— Ah, é? — desdenhou Aracne, com um risinho de escárnio. — Devia ser bem *escuro* dentro da cabeça do seu papai, se você acha que consegue tecer melhor do que eu. Zeus deve ter engolido sua mãe só para impedir que você nascesse e *passasse vergonha*.

— Queremos sangue! — disseram as pessoas.

— Ah, é? — rosnou Atena. — Pois a *sua* mãe... — A deusa respirou fundo. — Quer saber? Já chega de falação. É hora de tecer. Cada uma faz uma tapeçaria. A vencedora ganha o direito de se gabar.

— Ah, tá. — Aracne botou as mãos na cintura. — E quem decide a vencedora? *Você?*

— Sim — disse Atena simplesmente. — Pelo Rio Estige, prometo um julgamento justo. A não ser que você queira que esses mortais decidam.

Aracne olhou para os mortais apavorados e concluiu que estava em um beco sem saída. Era claro que os mortais escolheriam Atena, por melhor que fosse o trabalho de Aracne. Eles não iriam querer ser explodidos em cinzas ou transformados em javali por irritarem a deusa. Aracne não acreditou nem por um segundo que Atena seria

justa, mas talvez os deuses *realmente* tivessem que cumprir suas promessas se jurassem pelo Estige.

Não tendo escolha, era melhor se ferrar com estilo.

— Manda ver, Atena. Quer meu tear emprestado ou precisa de um especial, com rodinhas?

Atena trincou os dentes.

— Tenho meu próprio tear. Obrigada.

A um estalar de dedos da deusa, um tear cintilante apareceu bem ao lado do de Aracne. As duas então se sentaram e puseram-se a trabalhar furiosamente. A multidão começou a entoar "TEÇAM! TEÇAM!" e a dar soquinhos no ar.

Eu, se fosse o povo de Lídia, teria vendido espaço publicitário e arrumado uns patrocinadores, porque seria a batalha de tecelagem mais vista na história da televisão da Grécia Antiga.

Acabou que a falação de Atena e Aracne continuou, mas na linguagem das tapeçarias. Atena teceu uma cena de todos os deuses em sua glória, sentados no salão do conselho no Monte Olimpo, como se dizendo: *Mortais, resignem-se a sua insignificância*. Ela ilustrou os templos na Acrópole para mostrar como os humanos *deveriam* homenagear os deuses se fossem sábios.

Por garantia, Atena teceu pequenos avisos no tecido. Quem olhasse de perto veria todos os mortais famosos que ousaram se comparar aos deuses e foram transformados em animais ou morreram esmagados.

Enquanto isso, Aracne tecia uma história diferente, ilustrando tudo de mais ridículo e horrível que os deuses já tinham feito. Zeus virando touro para sequestrar a princesa Europa; o cavalo Poseidon perseguindo a égua branca Deméter, depois a pobre Medusa, uma garota inocente seduzida por ele e transformada em um monstro horrível por Atena. Ela fez os deuses parecerem burros, maus, infantis e nada legais com os mortais... E, lamento dizer, ela tinha muito material com que trabalhar.

Quando as peças ficaram prontas, a multidão mergulhou em total

silêncio, porque as duas eram incríveis. A de Atena era majestosa e de tirar o fôlego, fazia quem a observasse sentir o poder dos deuses olímpianos. A de Aracne era a mais mordaz crítica aos deuses; dava vontade de rir, chorar e ficar com raiva, tudo ao mesmo tempo, mas era bonita mesmo assim.

Atena olhou para uma tapeçaria e para a outra, tentando julgar qual era melhor.

Algumas versões alegam que Atena venceu a competição, mas isso não é verdade. O que aconteceu foi que Atena foi obrigada a admitir que as duas tapeçarias eram iguais em qualidade.

— Deu empate — disse ela, relutante. — Sua habilidade, sua técnica, o uso que você faz da cor... Por mais que eu queira, não consigo encontrar defeitos.

Aracne tentou se empertigar, mas o trabalho havia tirado alguma coisa dela. Suas mãos e costas doíam, e o esforço a deixara encurvada.

— E agora? Mais uma rodada? A não ser que você esteja com medo...

Atena finalmente perdeu a paciência. Ela pegou do tear a tal lançadeira, que era um pedaço de madeira parecido com um taco de beisebol.

— Agora eu dou uma surra em você por insultar os deuses!

PÁ! POW! PUM!

A deusa acertou Aracne enquanto a mortal corria, tentando se esconder. No começo as pessoas ficaram horrorizadas, mas depois fizeram o que os humanos costumam fazer quando estão com medo e nervosos e *outra* pessoa está apanhando... Começaram a gargalhar e a zombar de Aracne.

— Manda ver, Atena! — gritou um.

— É, quem é que manda agora, garotinha? — disse outro.

Os mesmos mortais que antes contemplavam maravilhados o trabalho de Aracne e passavam dias ao redor da casa dela, na esperança de ganhar tapeçarias de graça, agora se viravam contra a

pobre moça, xingando-a e comemorando quando Atena batia nela.

Cruel? Pode apostar. Mas, em minha humilde opinião, aquelas pessoas representaram uma imagem tão real e mordaz quanto a tapeçaria de Aracne representava os deuses.

Quando finalmente a raiva de Atena diminuiu, ela se virou e viu todos os mortais rindo e apontando para Aracne. Então percebeu que talvez tivesse ido longe demais com a punição.



— Chega! — gritou a deusa para a multidão. — Vocês se virariam contra um dos seus tão rápido? Pelo menos Aracne tem talento! O que torna *vocês* tão especiais?

Enquanto Atena estava ocupada dando bronca nas pessoas, Aracne, com muito esforço, conseguiu se levantar. Cada parte de seu corpo doía, mas o maior estrago foi em seu orgulho. Tecer era sua única alegria, e Atena lhe havia tirado isso. Aracne jamais conseguiria voltar a ter prazer em seu trabalho. E o povo da cidade, a quem se esforçara tanto para agradar, também havia se virado contra ela. Seus olhos ardiavam de vergonha, ódio e autocomiseração.

Ela correu até o tear e reuniu uma boa quantidade de fios, o bastante para formar uma corda improvisada, que amarrou em um nó de força. Aracne então colocou o nó no pescoço e passou a outra ponta da corda por uma viga do teto.

Quando Atena e as pessoas se deram conta, Aracne estava pendurada no teto, tentando se matar.

— Garota tola — disse Atena. Ela estava tomada por pena, mas também odiava suicídio. Era um ato covarde. — Não vou deixá-la morrer. Você vai continuar viva. E vai tecer para sempre.

E foi assim que Atena a transformou em uma aranha. Desde então, Aracne e seus filhos tecem teias sem descanso. Aranhas odeiam Atena, assim como Atena as odeia. Mas aranhas também odeiam humanos, porque Aracne nunca se esqueceu da vergonha e da raiva que sentiu ao ser ridicularizada.

E qual é a moral da história? Os mais tradicionais diriam: *Não se compare aos deuses, porque você não tem como ser tão bom.* Mas isso não é verdade.

Aracne *era* tão boa quanto Atena.

Talvez a lição seja: *Saiba quando se gabar e quando ficar de bico fechado.* Ou: *Às vezes a vida não é justa, nem mesmo para quem é*

tão talentoso quanto Atena. Ou talvez: Não fique distribuindo tapeçarias a torto e a direito por aí.

Vocês decidem.

Atena rasgou as tapeçarias produzidas na disputa, por mais bonitas que fossem. Porque, sinceramente, acho que aquilo não terminou bem para a imagem de nenhum dos envolvidos.

* * *

Vocês podem estar achando que Atena... Bem, como dizer de uma forma delicada? Ela podia até ser a deusa da sabedoria, mas nem sempre fazia as escolhas mais sábias.

Primeiro, porque era insegura. Por exemplo, a maneira como ela inventou a flauta. Um dia, ela estava andando em um bosque perto de Atenas quando ouviu um ninho de cobras sibilando, então pensou: *Hum, umas coisas compridas e tubulares que fazem barulho.* E foi assim que Atena teve a ideia para um novo instrumento musical. Ela pegou um caniço oco, fez alguns buracos, soprou em uma ponta, e saiu uma bela música.

No começo, sentiu muito orgulho de sua invenção. Mesmo não sendo a deusa da música, tinha inventado um som novo e legal. Ela levou a flauta para o Olimpo, ansiosa para mostrá-la aos outros deuses, mas, assim que começou a tocar, as deusas começaram a rir e a ficar cochichando entre si.

Atena parou no meio da música.

— O que é tão engraçado?

— Nada — disse Afrodite, a deusa do amor.

— A música é linda, minha querida — disse Hera, tentando não rir.

Sinceramente, as outras deusas ficavam intimidadas por Atena, por ela ser tão inteligente e forte. Com certeza falavam mal dela pelas costas e tentavam deixá-la de fora do grupo. E Atena não gostava das outras deusas. Achava a maioria delas boba e

superficial. Mas também queria se encaixar no grupo, por isso ficava louca quando a provocavam.

— Por que vocês estão rindo?

— Bem... — Deméter sufocou um sorriso. — É só que, quando você toca a flauta, seus olhos ficam vinhos, suas bochechas se inflam e sua boca fica com um formato engraçado.

— Assim... — Afrodite demonstrou, fazendo sua melhor imitação do rosto de Atena com a flauta, que parecia meio que a de um pato constipado.

Os deuses e deusas caíram na gargalhada. Atena saiu correndo, morta de humilhação. Era de se pensar que, sendo a deusa da sabedoria, ela teria a leveza para rir disso e não se deixar afetar, mas não: ela se sentiu tão ofendida que jogou a flauta fora, deixando-a cair aqui na terra.

Ela até elaborou uma maldição.

— Se alguém ousar tocar essa *coisa* de novo — murmurou ela para si mesma —, que seja acometido pelo *pior* destino!

A flauta seria recuperada em outro momento, mas isso é história para uma outra hora...

Depois disso, Atena ficou ainda mais insegura com relação à própria aparência. Como deusa da guerra, ela já tinha decidido que nunca se casaria. Não queria que nenhum homem se achasse dono dela e não tinha tempo para aquelas bobagens de amor que Afrodite vivia cochichando.

Por causa disso, Atena era muito sensível quanto a sua privacidade. Certa noite, decidiu ir nadar na região central da Grécia, só para relaxar. Estava se banhando nua na cachoeira, aproveitando a paz e o silêncio, quando ouviu um som engasgado de gemido.

Na margem do rio havia um mortal velho olhando para ela com o queixo caído e os olhos tão arregalados quanto moedas de dracmas.

Atena gritou.

O homem gritou.

Atena jogou água nos olhos dele e bradou:

— Cegueira!

Naquele mesmo instante, o homem perdeu a visão para sempre. Seus olhos ficaram de um branco puro. Ele cambaleou para trás, esbarrou em uma árvore e caiu sentado.

— S-s-senhora! — choramingou ele. — Eu... eu... sinto muito! Eu não...

— Quem é você? — perguntou Atena.

O pobre homem apresentou-se como Tirésias. Ele tinha acabado de sair para caminhar, vindo da cidade mais próxima, Tebas. Não fazia ideia de que Atena estava ali quando se aproximou, e sentia muito, muito mesmo.

A raiva de Atena diminuiu porque ficou óbvio que o homem estava sendo sincero e falando a verdade.

— Você deve continuar cego — disse ela —, porque nenhum homem pode me ver nua sem ser punido.

Tirésias engoliu em seco.

— Hã... tudo bem...

— No entanto — prosseguiu Atena —, como foi um acidente, vou compensá-lo pela cegueira lhe dando outros dons.

— Tipo... outro par de olhos?

Atena sorriu.

— Mais ou menos. De agora em diante, você vai conseguir entender a língua dos pássaros. Vou lhe dar um cajado, e, com a ajuda dos pássaros, você vai poder andar quase como se pudesse ver.

Não sei bem como aquilo funcionava. Eu teria medo de os pássaros pregarem peças em mim, dizendo coisas como “Mais um pouco. Para a esquerda. Agora corra!”, e me fizessem cair de um penhasco ou bater de cabeça em um muro. Mas aparentemente funcionou para Tirésias, e os pássaros cuidaram dele. Isso mostra também como Atena era capaz de se acalmar e não pegar tão pesado nas punições.

Mas a única coisa que Atena não suportava eram homens

flertando com ela. O que nos leva à história de Hefesto. Certo, respirem fundo, porque as coisas estão prestes a ficar *estranhas*.

* * *

Bom, Hefesto era o deus ferreiro aleijado. Mais sobre ele adiante.

Por enquanto, tudo que vocês precisam saber é que, desde que ajudou Atena a sair da testa de Zeus, Hefesto ficou gamado nela. Fazia sentido, porque os dois gostavam de artesanato e ferramentas; os dois costumavam ter pensamentos profundos e gostavam de solucionar problemas mecânicos.

O problema era que Atena odiava romance e nunca queria sequer segurar a mão de um homem, muito menos *se casar* com um. Mesmo se Hefesto fosse bonito, Atena o teria recusado. Mas Hefesto era sem dúvida muito feio: Feiura Extrema Hardcore com Bônus de Desfiguração.

Ele tentou, do jeito dele, flertar com ela: *Ei, gata, quer ver minha coleção de martelos?* Coisas assim.

Atena se afastou energicamente, mas Hefesto saiu mancando atrás dela. Atena não queria gritar nem sair correndo porque não era uma mortazinha indefesa, nem uma daquelas deusas “cor-de-rosa” idiotas que desmaiavam e se achavam princesas ou coisas assim. Ela era a deusa da guerra!

Ela ia andando e dizendo a ele, rispidamente, para deixá-la em paz. Chegou uma hora em que o pobre homem estava suando e ofegando loucamente, porque não era fácil se deslocar com pernas deficientes. Até que Hefesto se jogou em cima de Atena e a enlaçou pela cintura.

— Por favor — implorou ele. — Você é a mulher perfeita para mim!

Ele afundou o rosto na saia dela, chorando copiosamente e se lamuriando, de forma que seu suor e seu catarro divinos sujaram a perna de Atena pela abertura da saia.

— Que nojo! — exclamou Atena.

Ela chutou Hefesto para longe, pegou o primeiro pedaço de pano que conseguiu encontrar (um lenço ou um guardanapo, sei lá), limpou as gosmas divinas da perna e jogou o pedaço de pano nojento para longe do Olimpo, que saiu flutuando lentamente para a terra.

Aí ela saiu correndo.

Esse deveria ser o fim da história, mas uma coisa estranha aconteceu com aquele pedaço de pano, que continha a essência de Atena e de Hefesto. Sabe-se lá como, esse trapo, quando caiu na terra, virou um bebê mortal.

Lá do alto do Olimpo, Atena ouviu o bebê chorando. Ela tentou ignorá-lo, mas, para sua surpresa, o instinto materno falou mais alto: ela voou até a terra e pegou a criança. Atena entendeu como o bebê havia nascido e, mesmo ainda achando a coisa toda bem nojenta, não conseguiu culpar o garotinho.

— Acho que, tecnicamente, você é meu filho — concluiu ela —, apesar de eu ainda ser uma deusa virgem. Vou declarar você como meu e batizá-lo de Erictônio.

(Por que ela escolheu logo esse nome na primeira chance que teve de batizar alguém? Vai entender.)

— Se vou criar você — prosseguiu ela —, primeiro devo torná-lo imortal. Deixa comigo...

Ela pegou um baú de madeira e colocou o bebê dentro. Em seguida, criou uma serpente mágica e a colocou lá dentro também. (A propósito, isso é uma coisa que vocês não devem *mesmo* tentar fazer em casa.) O bebezinho Erictônio adormeceu feliz com a cobra enrolada em seu corpo.

— Pronto — disse Atena. — Alguns dias nesta caixa, e a serpente vai acentuar suas qualidades divinas. Você vai deixar de ser mortal e vai se tornar um deus!

Atena fechou o baú e o levou para a Acrópole em Atenas, que era, claro, o lugar mais sagrado da deusa, e o entregou aos

cuidados das filhas de Cécrope, o primeiro rei de Atenas.

— Não abram isto! — avisou ela às princesas. — O baú deve ficar fechado. Senão, vão acontecer coisas ruins.

As princesas prometeram não abrir, mas no dia seguinte já estavam curiosas, convencidas de que tinham ouvido um bebê fazendo barulhinhos e gorgolejos ali dentro. E tiveram medo de a criança não estar bem.

— Que tipo de deusa coloca um bebê dentro de um baú? — murmurou uma delas. — É melhor darmos uma olhada.

Então as princesas abriram a caixa e viram a cobra enrolada no bebê. Não sei por que elas ficaram tão apavoradas. Talvez tenham visto a luz divina lá dentro, mas o fato é que as garotas ficaram loucas, a ponto de largarem a caixa e saírem correndo direto para os penhascos que havia ao lado da Acrópole, e dali pularam para a morte.

O bebê estava bem, mas o feitiço foi quebrado antes de ele se tornar imortal. A cobra saiu do baú, e Atena foi ninar o bebê. Ela ficou furiosa, mas, como não podia dar bronca nas princesas — já que estavam mortas e tal —, resolveu se vingar do pai delas, o rei Cécrope. Quando Erictônio cresceu, expulsou Cécrope e virou rei de Atenas. Era por isso que os reis atenienses gostavam de dizer que descendiam de Hefesto e Atena, apesar de Atena ser eternamente virgem.

Portanto, não venha me dizer que não pode haver filhos de Atena por aí, porque tem essa história que diz o contrário. Além do mais, estou namorando uma das filhas de Atena, e tenho certeza de que ela não surgiu de um lenço sujo.

Hum. Na verdade, nunca perguntei.

Ah, deixa pra lá. Melhor não saber.

NÃO TEM COMO NÃO AMAR AFRODITE



NÃO, SÉRIO. É impossível mesmo. Sabe, Afrodite tinha um cinto mágico que fazia as pessoas se apaixonarem por ela só de vê-la. Se você a visse e ela quisesse que a amasse, você a amaria.

Tenho sorte. Eu a vi, mas acho que ela não estava interessada em minha atenção, sei lá. Então ainda a odeio.

Vocês devem estar pensando: *Como assim??! Mas ela é tão linda! Por que você a odeia?*

Obviamente, vocês não conhecem a moça.

* * *

Afrodite não era flor que se cheirasse desde o momento em que foi concebida no mar. Mas, calma, não é isso que vocês estão pensando.

Afrodite não tinha pais. Lá atrás, quando Cronos jogou os

pedacinhos de Urano no mar, o sangue do deus dos céus se misturou à água salgada e formou uma área espumosa que se solidificou em uma deusa.

Em outras palavras, Afrodite nasceu dos restos do primeiro assassinato, o que já é um forte indício da verdadeira natureza dela.

Depois de vagar pelo Mediterrâneo por um tempo em busca de um bom lugar para vir a terra, ela finalmente escolheu a Ilha de Chipre.

Foi um alívio para os golfinhos e os peixes, porque eles estavam começando a ficar apavorados com aquela deusa nua flutuando por ali com sua aura brilhante.

Afrodite saiu do mar e pôs-se a andar pela praia. Flores desabrochavam a seus pés; pássaros se juntavam em galhos próximos para entoar belas canções; coelhinhos, esquilos, furões e outros bichinhos brincavam ao redor dela. Parecia um desenho da Disney.

Descrever Afrodite é difícil, porque ela era a mulher mais bonita da criação, o que geralmente evoca imagens diferentes para pessoas diferentes. Loura, morena ou ruiva? Pele clara ou escura? Olhos azuis, verdes ou castanhos? Fica a critério de vocês. Apenas imaginem a mulher mais atraente que conseguirem, e pronto: ela era assim. A aparência de Afrodite mudava de acordo com o gosto de quem olhasse para ela.

Naquele dia, as três Horas, as deusas das estações, por acaso estavam no Chipre — talvez uma reunião para decidir quais frutas seriam oferecidas nos restaurantes como “frutas da estação”; não sei direito.

Quando viram Afrodite indo na direção delas, esqueceram-se completamente de todo o resto.

— Minha nossa, como você é linda! — exclamou Verão.

— Você acha? — perguntou Afrodite, embora soubesse que era linda. Ela só queria ouvi-las dizer.

— Estonteante! — disse Primavera. — Deveríamos levar você para

conhecer os deuses do Olimpo.

— Existem outros deuses? — Afrodite estava surpresa. — Sou a deusa do amor e da beleza. Que necessidade haveria de outros deuses?

Outono e Primavera trocaram um olhar de “Hã?”.

— Bem... para um monte de coisas... — disse Outono. — Mas você precisa se vestir antes de ir para o Olimpo. Não está com frio?

— Não — respondeu Afrodite. — Por que eu me cobriria?

Outono quis gritar: *Porque você é linda de morrer e está fazendo a gente se sentir uma porcaria!*

Mas o que ela disse foi:

— Se você aparecer assim, vai deixar os deuses loucos de desejo. Tipo... eles vão *literalmente* enlouquecer.

— Ah. — Afrodite fez beicinho. — Mas eu não trouxe nada para vestir.

As Horas cuidaram disso: criaram roupas mágicas e fizeram um desfile. Primavera ofereceu a Afrodite uma fantasia de coelho da Páscoa, mas Outono achou que Afrodite ficaria bem como bruxa de Halloween. Ambas as ideias foram vetadas. Finalmente, Verão veio com um belo vestido branco diáfano. As Horas colocaram uma delicada coroa de ouro na cabeça de Afrodite, brincos de ouro em suas orelhas e um colar também de ouro em seu pescoço.

Afrodite ficou ainda *mais* linda com as roupas. Outono achou isso irritante, mas conseguiu dar um sorriso forçado.

— Perfeito! Agora vamos levá-la para o Olimpo.

A essa altura, vocês conhecem bem os deuses olímpicos para imaginar o que aconteceu quando Afrodite apareceu.

As mulheres pensaram na mesma hora: *Odeio essa garota.*

Os homens ficaram alucinados, todos babando e com cara de idiotas.

— Seria uma honra me casar com você — disse Apolo, deus da poesia e do arco e flecha.

— Não, a honra seria *minha* — disse Ares, o deus da guerra.

— Minha! — gritou Poseidon.

— Você já é casado — cortou Zeus. — Seria uma honra para *mim*.

— *Você já é casado!* — protestou Hera. — Comigo!

— Maldição — disse Zeus. — Quer dizer, *é claro*, querida.

Os deuses começaram a discutir e empurrar uns aos outros e oferecer a Afrodite vários presentes em troca de sua mão em casamento. Poseidon convenientemente esqueceu sua esposa, Anfitrite, e prometeu à deusa do amor todos os frutos do mar que ela conseguisse comer, mais alguns cavalos e um tridente com o nome dele escrito.

Apolo criou um péssimo haicai em homenagem a ela e prometeu lhe dar aulas gratuitas de arco e flecha.

Ares ofereceu levá-la em sua carruagem para um passeio romântico pelos corpos esmagados e sem vida de seus inimigos.

As deusas, enojadas, começaram a gritar para os homens crescerem e pararem de agir como bobos.

Todo o conselho olímpiano ficou à beira de uma guerra. Enquanto isso, Afrodite ficou ali enrolando uma mecha de cabelo, como se dissesse: *Toda essa confusão só por minha causa?* Mas, por dentro, ela estava adorando.

Finalmente, Hera recuou, respirou fundo e percebeu que sua família divina estava prestes a desmoronar. Como deusa da vida familiar, não podia permitir isso, por mais que passasse metade do tempo com vontade de estrangular os outros deuses.

No canto mais distante do salão do trono, ela viu que um único deus *não* estava participando da discussão. Estava sentado nas sombras, quieto e rejeitado, sabendo que não tinha chance de competir por Afrodite.

Hera sorriu. Ela teve uma ideia, e posso dizer por experiência própria que, quando Hera tem uma ideia, é bom dar o fora enquanto há tempo.

Ela levantou os braços e gritou:

— SILÊNCIO!

Os deuses levaram um susto tão grande que pararam de brigar.

— Tenho uma solução — disse Hera. — Como deusa do casamento, sou responsável por escolher o melhor marido para nossa querida nova amiga, Afrodite. Tenho certeza de que meu marido, o sr. Zeus, vai endossar minha decisão... com uso de força, se necessário.

— Vou? — disse Zeus. — Quer dizer... sim, querida. É claro que vou!

— E então? — perguntou Ares. — Aliás, mãe, já disse que você está linda hoje? Quem vai se casar com Afrodite?

— Meu filho... — começou Hera.

Ares abriu um largo sorriso de felicidade.

Mas então Hera apontou para o lado oposto da sala.

— ... Hefesto, o deus ferreiro.

Hefesto ficou tão surpreso que caiu do trono, suas muletas batendo no chão com estardalhaço.

Enquanto ele tentava se levantar, Ares explodiu:

— O quê?! Como *aquilo* pode se casar com *isso*?

Ele apontou para a radiante Afrodite, que olhava horrorizada para o deus ferreiro de pernas tortas, rosto deformado e macacão manchado, sua barba cheia de restos de comida.

— Eles são perfeitos um para o outro — disse Hera. — Uma bela mulher precisa de um marido esforçado, franco e objetivo para atuar como seu contrapeso!

Isso é que eu chamo de contrapeso...

— Além do mais — prosseguiu Hera —, Afrodite tem que se casar logo, senão a briga por ela não vai terminar nunca. Não podemos permitir que o conselho dos deuses fique um caos por causa de uma mulher, podemos, sr. Zeus?

— Hã? — Zeus estava distraído admirando os braços torneados de Afrodite. — Ah! Não mesmo, minha querida. Você está totalmente certa.

Atena se levantou, um brilho de cruel diversão nos olhos, e disse:

— Acho uma ideia brilhante. E olhem que eu sou a deusa da sabedoria.

— Sim! — ecoou Deméter. — Afrodite *merece* um bom marido como Hefesto.

Os deuses pararam de resmungar. Todos queriam se casar com Afrodite, mas tinham que admitir que Hera tinha razão. Se algum deus minimamente *interessante* se casasse com ela, os outros nunca parariam de brigar por isso e se sentiriam ofendidos para sempre. Mas se Afrodite se casasse com Hefesto... Bem, ele era uma piada. Não dava para ter ciúme *dele*.

Além do mais, enfiar Afrodite em um casamento infeliz abriria todo tipo de possibilidades para eles se tornarem amantes dela.

— Está decidido então — disse Zeus. — Hefesto, venha aqui!

O deus ferreiro foi mancando até lá. Seu rosto estava da cor de um tomate.

— Hefesto, você aceita esta mulher etc. e tal? — perguntou Zeus. Hefesto limpou a garganta.

— Minha senhora Afrodite, sei que não sou, hã, muito bonito...

Afrodite não respondeu. Estava ocupada demais tentando parecer linda e revoltada ao mesmo tempo, o que não era fácil.

— Não sou um grande dançarino. — A órtese na perna de Hefesto estalou. — Não sou divertido nem charmoso. E não cheiro lá muito bem. Mas prometo ser um marido amoroso. Sou bom em consertar coisas em casa, e se você precisar de uma chave de roda ou de uma lixadeira...

— Urgh — disse Afrodite, engolindo a náusea que sentia.

— Bem, por mim está ótimo! — disse Zeus. — Eu agora os declaro marido e mulher!

E foi assim que Afrodite se casou com Hefesto e o célebre casal dominou todas as revistas de fofoca olímpianas por uns mil anos.

Se eles viveram felizes para sempre?

HAHAHAHAHA. Não.

Afrodite ficava longe do marido o máximo de tempo que podia.

Eles não tiveram filhos. Afrodite teve vários... mas não com Hefesto. Imediatamente depois de se casar, ela teve um caso com Ares, o deus da guerra, que se tornou o segredo mais malguardado do Monte Olimpo.

Quando não estava ocupada tendo romances à revelia do marido, Afrodite passava o tempo trazendo infelicidade a todos os outros deuses e mortais... Hã, quer dizer, ajudando-os a descobrir as alegrias do amor!

* * *

Afrodite assumiu seu lugar entre os olímpianos como a deusa da beleza, do prazer, do elogio, das telenovelas, dos romances quentes e (é claro) do amor. Quando precisava viajar, utilizava uma carruagem dourada puxada por um bando de pombas brancas, embora, às vezes, quando os deuses iam para a guerra, ela andasse com seu amante Ares na carruagem dele e até segurasse as rédeas quando ele estava ocupado matando pessoas.

Ela tinha um grupo de servos chamados *erotes*, minideuses alados do amor. O líder era Eros, filho dela, deus da atração física e atirador de Afrodite. Sempre que queria que alguém se apaixonasse loucamente, ela mandava Eros disparar uma flecha mágica no pobre coitado. Mais tarde, Eros passou a ser conhecido como Cupido. Ele ainda aparece nas vitrines bregas de Dia dos Namorados. Ele pode parecer bobo, mas, se Afrodite o mandar atrás de você, não pense que vai ser moleza: ele pode fazer você se apaixonar por *qualquer um*.

Se for com a sua cara, Afrodite pode fazer você se apaixonar por alguém bonito e legal, mas se estiver zangada, pode fazer você se apaixonar pela pessoa mais repulsiva do seu círculo social, ou por um poodle, ou por um poste de luz.

O truque preferido de Afrodite era fazer uma pessoa se apaixonar por outra que não correspondesse a esse amor. Ela achava isso a

maior diversão. Se você já ficou a fim de alguém que nem reparava na sua existência, foi por culpa de Afrodite. Ela devia achar que assim mais gente rezaria para ela, tipo: *Ah, por favor, faça com que ele/ela repare em mim! Vou sacrificar uma linda caixa de bombons para você, prometo!*

Na verdade, não existia chocolate na Grécia Antiga, mas Afrodite gostava de maçãs. Era a fruta sagrada dela, talvez por ser bonita e doce como ela. (Inserir aqui um barulho de vômito.)

Afrodite tinha dezenas de outras plantas, animais e objetos sagrados. Alguns faziam sentido, outros, não. A rosa era uma de suas flores, e é por isso que ainda a usamos como presente romântico. Ela também gostava de narcisos e... vejam só vocês... alface. Pois é. Essa verdura incrivelmente romântica era considerada o ingrediente sagrado da salada de Afrodite. Existe um motivo para isso, já vamos chegar lá. Mas se algum dia vocês estiverem preparando uma salada Caesar e começarem a ficar sentimentais enquanto picam as folhas, agora já sabem por quê.

A pedra sagrada de Afrodite era a pérola, pois vem do mar, assim como ela.

Seus animais preferidos eram o coelho (porque eles geram muitos e muitos e muitos coelhinhos!) e o ganso, por isso vocês às vezes verão imagens de Afrodite montada em um ganso.

Por que um ganso? Sei lá. Devia ser um ganso *enorme*.

Se estiver zangada, Afrodite pode fazer você se apaixonar por um poodle, ou por um poste de luz.

Só sei que, se algum dia eu visse Afrodite montada em um bicho desses, cairia na gargalhada. Aí ela provavelmente me amaldiçoaria,

e eu acabaria noivo de um Impala 1972 ou algo do tipo.

* * *

Afrodite era uma deusa popular, porque todo mundo queria amor. Mas ela nem sempre se dava bem com os mortais ou mesmo com os deuses.

Por exemplo, uma vez ela teve ciúmes de Atena porque todo mundo estava elogiando seu talento como tecelã.

Afrodite não gostava quando os holofotes a deixavam de lado.

— Ah, tecer não é nada — disse Afrodite. — *Eu* também faria isso se quisesse.

— É mesmo? — Atena sorriu. — Quer me desafiar?

Nunca ouviram falar da grande competição de tecelagem entre Atena e Afrodite? É porque não foi tão grande. Foi um desastre.

A deusa do amor não sabia nada sobre tecelagem. Ela não era Atena nem Aracne. Nunca tinha feito nada com as próprias mãos além de provocar confusão.

Enquanto Atena produzia uma bela tapeçaria, Afrodite conseguiu se enrolar toda no fio, o pé amarrado no carretel e a cabeça enfiada no tear.

— Nunca gostei mesmo de tecer! — bufou ela, fingindo desdém, enquanto o marido Hefesto a soltava.

Dali em diante, Afrodite tentou não criticar mais as outras deusas. Na verdade, ela até as *ajudou* algumas vezes.

Já mencionei o cinto mágico? Tem quem chame de cinta, porque ela usava por baixo do vestido, para os homens não perceberem que estavam sendo enfeitiçados. Mas não era uma cinta como aquelas coisas feias de tecido que espremem a gordura. O cinto de Afrodite era uma faixa delicada com bordados retratando cenas de cortejo e romance e belas pessoas fazendo belas coisas. (Obviamente, não foi Afrodite quem bordou, senão pareceria trabalhinho de jardim de infância.)

Bom, uma vez Hera pediu esse cinto emprestado. Foi preciso coragem para isso, considerando que elas não se davam muito bem.

— Ah, querida Afrodite — disse Hera —, você me faria um enorme favor?

Afrodite abriu um lindo sorriso.

— É claro, minha sogra maravilhosa! Depois de tudo o que você fez por mim, como eu poderia lhe dizer não?

Hera começou a ter um tremelique em um dos olhos.

— Ótimo. Eu queria seu cinto mágico emprestado.

Afrodite chegou mais perto dela para perguntar:

— Está interessada em algum belo mortal?

— Não! — Hera ficou roxa. Ela era a deusa do casamento, nunca traía! Por fim, conseguiu se acalmar. — Quer dizer... não, claro que não. Zeus e eu tivemos uma briga. Ele está *impossível*, se recusa a falar comigo ou mesmo a ficar no mesmo aposento que eu. Mas se eu colocasse o seu cinto...

— Ficaria irresistível! — completou Afrodite. — Ah, querida sogra, estou *tão* feliz por você ter me procurado. Estou querendo lhe dar umas dicas de beleza já tem um tempo, mas não sabia se você se incomodaria. Deve ser difícil ser uma deusa tão madura sem um visual... *maduro*.

Hera trincou os dentes.

— É, é... Mas e o cinto, hein?

Afrodite emprestou o cinto mágico do amor para Hera, que, com isso, não teve dificuldade em fazer Zeus esquecer a briga. Como bem sintetizou o poeta Homero, Hera "encantou o cérebro dele". Pessoalmente, não gosto que encantem meu cérebro. Mas, caso você esteja com pena de Zeus, não se preocupe com isso.

Houve uma ocasião em que até *e/e* pediu a ajuda de Afrodite, e nem foi para algo bonito ou motivado pelo amor.

* * *

Lembram-se dos tempos primordiais dos mortais, quando o titã Prometeu deu a eles o fogo? Bem, mesmo depois de Zeus punir Prometeu acorrentando-o a pedras e dando-lhe como companhia uma águia comedora de fígado, o senhor do céu continuou com raiva.

Ele olhou ao redor em busca de outras pessoas para punir e decidiu:

— Quer saber? Vou punir todo mundo. *Todos* os mortais vão sofrer por terem aceitado o fogo como presente. E vou encontrar uma forma sorrateira de fazer isso, para que não me culpem pelos problemas deles. Vou fazer com que culpem a família de Prometeu... Assim minha vingança será ainda mais doce!

Prometeu tinha um irmão mais novo, Epimeteu, que não era exatamente o cérebro mais brilhante da família.

Logo antes de Zeus mandar Prometeu para a Terra da Tortura, Prometeu alertou o irmão:

— Epimeteu, fique de olho. Zeus provavelmente vai tentar punir você só por ser meu parente. Não aceite nenhum presente dos deuses!

— Presente? — disse Epimeteu. — Eu gosto de presentes.

— Você é um caso perdido mesmo — resmungou o irmão. — Bem, tome cuidado! Eu tenho que ir. Tenho que resolver um lance aí com uma pedra e uma águia...

Zeus decidiu mandar para Epimeteu um presente-armadilha. Se ele conseguisse fazê-lo abrir o embrulho, um bando de espíritos do mal escaparia e provocaria todo tipo de encrenca com os mortais. Quando os mortais procurassem o Oráculo em busca de respostas, como sempre faziam, o Oráculo diria: "Ah, isso é culpa de Epimeteu." E Zeus se acabaria de tanto rir.

O problema era que Zeus não conseguia fazer sua vítima aceitar presente algum. Lembrando-se do aviso do irmão, Epimeteu se recusava a receber pacotes de estranhos ou de deuses. Zeus mandou Hermes à casa dele levando uma caixa-surpresa; não

funcionou. Hefesto se vestiu de promotor de vendas e ofereceu a Epimeteu serviço gratuito de HDTV com todos os canais premium de esportes; Epimeteu o mandou embora.

Zeus ficou tão exasperado que reclamou com os outros deuses:

— É esse cara, Epimeteu. Eu só quero que ele aceite um presente idiota, que abra o embrulho para espalhar infelicidade e morte sobre toda a raça humana! É pedir demais? Mas ele é tão teimoso! Alguma ideia?

Os deuses se entreolharam, constrangidos. Finalmente, Afrodite disse:

— Sr. Zeus, talvez fosse bom tentar uma abordagem diferente... alguma coisa que *nenhum* homem possa recusar.

— Já tentei TV a cabo de graça! Com canais especiais de esportes!

— Não, meu senhor — insistiu Afrodite, jogando o cabelo para o lado. — Estou falando de *amor*. Talvez Epimeteu precise de uma mulher. Se você conseguisse colocar uma esposa na casa dele, *ela* poderia aceitar o presente que você quer mandar. Se tudo for feito direitinho...

— Adorei essa ideia!

Na verdade, Zeus não tinha ouvido nada do que ela dissera. Estava ocupado demais admirando sua beleza e pensando: *Uau, como ela é linda*. Mas todos os deuses estavam assentindo, então Zeus achou que o plano devia ser bom.

Com a orientação de Afrodite, os deuses criaram a mulher perfeita a partir do nada. Hefesto forneceu a argila e o conhecimento técnico para construir o corpo; Atena deu-lhe inteligência e curiosidade; e Afrodite deu o mais importante: beleza e charme que a tornavam irresistível.

Eles a batizaram de Pandora, que significa, em uma tradução livre, *todos os presentes* ou *o pacote todo*. Algumas histórias dizem que Pandora foi a primeiríssima mulher que existiu e que, antes de ela surgir, todos os humanos eram homens. Não sei, não. Isso me

parece meio ruim e chato. De qualquer modo, ela era nota dez. Afrodite se empenhou. Pandora seria a maior arma dos deuses para causarem o mal.

Os deuses levaram Pandora até a porta de Epimeteu, tocaram a campainha e saíram correndo, aos risinhos. Quando Epimeteu abriu a porta, viu aquela linda mulher sorrindo para ele.

— Oi, meu nome é Pandora e eu amo você. Posso entrar?

— Pode.

Ele se esqueceu completamente do aviso de Prometeu. Não era possível que aquela mulher linda fosse parte de alguma enganação!

Epimeteu e Pandora ficaram noivos mais rápido do que se pode dizer “casamento em Vegas”.

Os deuses não foram convidados para a cerimônia, mas Afrodite deixou um presente. Como estava endereçado a Pandora, Epimeteu não pôde recusar.

Era um *pithos* grande de cerâmica, um grande jarro que servia para armazenamento, com uma rolha em cima e um laço de seda branco amarrado na alça.

— Ah, querido, olhe! — disse Pandora. — É perfeito para guardar nosso azeite!

Epimeteu resmungou, ainda desconfiado.

— Eu não abriria isso.

— Seu marido tem razão — disse Afrodite, assentindo com gravidade. — Não, Pandora... O jarro é para ser apenas admirado. *Jamais* o abra. Você não vai querer saber o que tem dentro.

Depois que Afrodite foi embora, a curiosidade começou a consumir Pandora. Coitada, é que ela tinha sido *criada* para ser curiosa. Só conseguia pensar em abrir o jarro.

Pandora conseguiu se segurar por vários dias, mas certa manhã, quando o marido estava no jardim, ela se sentou em frente à jarra e ficou olhando, tentando imaginar o que tinha ali dentro. Por que os deuses mandariam um presente e diriam a ela para jamais abrir? Não fazia sentido!

— Preciso ver o que tem dentro — murmurou ela. — Ah, isso vai ser sensacional!

Ela puxou a rolha.

Não foi sensacional.

Zeus tinha enchido o jarro com trilhões de espíritos do mal. Esses espíritos se espalharam pelo mundo, distribuindo infelicidade, doença, pé de atleta, fome, mau hálito e morte pela raça humana. De repente, ser da raça humana ficou mil vezes pior do que antes, e olhe que *nunca* tinha sido fácil. Os humanos provavelmente teriam se matado todos de desespero — pulando de penhascos como princesas atenienses loucas —, não fosse por um espírito *bom* que havia no jarro, talvez porque Zeus tinha um pouco de vergonha na cara. Elpis, o espírito da esperança, ficou com os humanos para que eles não desistissem completamente. Eles sempre poderiam acreditar que as coisas iriam melhorar.

Se vocês já se perguntaram por que os humanos sofrem tanto, é por causa daquele jarro idiota. E é agora que temos que dizer: “Muito bem, Pandora! Valeu mesmo!”

Antigamente, os escritores (que eram todos homens) diriam: “Viram? Essa história mostra que as mulheres só sabem causar problemas! É tudo culpa delas!”



Epimeteu e Pandora. Adão e Eva. O jogo de empurra da culpa existe há muito tempo.

Mas não sei por que estamos criticando Pandora por ser bisbilhoteira, por não seguir ordens, sei lá. Ela foi *feita* para abrir o jarro; feita pelos *deuses*.

Minha verdadeira pergunta é: onde é que Afrodite estava com a cabeça? Se ela sabia que essa história toda daria às mulheres uma reputação ruim por toda a eternidade, por que resolveu fazer isso? Meu palpite é de que ela simplesmente não se importava com as consequências. Ela queria fazer Pandora bonita; queria provar que o amor conseguiria aquilo que os outros deuses não tinham conseguido. Mesmo que isso causasse um desastre global.

Muito bem, Afrodite. Valeu mesmo!

* * *

Para ser justo, as criações dela nem sempre resultavam em tragédias.

Uma vez, Afrodite sentiu pena de um escultor chamado Pigmalião, que morava no Chipre, a ilha preferida dela. O sujeito não se interessava pelas mulheres da região porque todas lhe pareciam brutas e rudes. Saíam com qualquer um que tivesse dinheiro e uma bela carruagem. Não acreditavam em amor verdadeiro. Muitas delas nem acreditavam que Afrodite *existisse*, o que o irritava. Ele tinha orgulho da deusa "de sua cidade", apesar de ainda não ter encontrado sua alma gêmea. Pigmalião acreditava que todo mundo tinha uma cara-metade esperando ser encontrada.

Em seu tempo livre, Pigmalião esculpiu uma estátua de marfim de Afrodite, em tamanho real, porque ela era seu ideal de mulher.

A estátua ficou tão linda que ele chegou a ficar com lágrimas nos

olhos. Na opinião de Pigmalião, todas as outras mulheres eram feias em comparação à deusa.

Ah, por que não encontro uma mulher assim?, pensou ele. Ela seria carinhosa, gentil, amorosa e incrível, assim como Afrodite!

Acho que ele não conhecia a verdadeira personalidade de Afrodite.

Quando chegou a época do Festival de Afrodite de sua região, Pigmalião foi até o templo da deusa e ofereceu um grande sacrifício de rosas e pérolas (e provavelmente alface).

Ele tinha muita vergonha de admitir seu *verdadeiro* desejo: casar-se com sua garota de marfim. Mas ele sabia que isso era idiotice. Não se pode casar com uma estátua! Então, ele rezou:

— Ah, Afrodite, permita que eu encontre uma mulher tão maravilhosa quanto você, tão bonita quanto a estátua de marfim que tenho em meu ateliê!

Lá do Monte Olimpo, Afrodite ouviu a oração dele.

— Ah, que *fofo*! — exclamou ela, com um demorado suspiro.

Quando Pigmalião chegou em casa, ficou olhando para a estátua de marfim por um bom tempo. Aos poucos, foi crescendo dentro dele uma vontade incontrolável de beijá-la.

— Que besteira — reprimiu-se ele. — É só uma estátua.

Mas ele não conseguiu se controlar. Olhou em volta para ter certeza de que ninguém estava olhando, aproximou-se da garota de marfim e lhe tascou um beijo na boca.

Para sua surpresa, os lábios da estátua estavam quentes. Ele a beijou de novo. E, quando deu um passo para trás, a garota de marfim não era mais de marfim. Era uma mulher, que respirava, tão linda que fez o coração de Pigmalião doer.

— Eu amo você! — disse ela.

Depois que se recuperou do choque, Pigmalião pediu sua mulher perfeita em casamento. Eles se casaram, tiveram filhos e viveram felizes para sempre.

Mas sabe o que é estranho? As histórias não dizem qual era o

nome da garota de marfim. Provavelmente, Afrodite diria: “Ah, isso não importa! Ela se parecia *comigo*. É tudo que você precisa saber!”
Então tá, né.

* * *

Afrodite era uma daquelas olimpianas do tipo “ruim com ela, pior sem ela”. Ela ajudava os deuses e os mortais de tempos em tempos, mas também provocava um monte de confusão.

Em determinado momento, Zeus ficou cansado das intromissões da deusa do amor. Ele a culpava por todos os casos que tivera com mortais, o que era bem mais fácil do que culpar a si mesmo.

Zeus ficava no trono resmungando:

— Deusa do amor idiota, me encrencando com minha mulher de novo! Afrodite está sempre fazendo as *outras* pessoas se apaixonarem quando não é conveniente. Eu deveria fazer com que *ela* se apaixonasse por um mortal inferior para ver se *ela* ia gostar.

A ideia o fez se sentir bem melhor. Ele fez um feitiço para Afrodite. Não sei como; talvez tenha colocado alguma coisa no néctar dela, ou tentado terapia de choque com o raio. Seja lá o que tenha sido, ele fez Afrodite ficar de quatro por um mortal chamado Anquises.

Mesmo sendo bonito, Anquises era apenas um pastor, e Afrodite era areia demais para o caminhãozinho dele. Mesmo assim, porém, um dia ela estava lá no Olimpo quando olhou para baixo e viu o sujeito deitado na grama, relaxando e cuidando dos carneiros. A deusa ficou completamente apaixonada.

— Ah, minha nossa! — exclamou ela. — Pastores são *tão* lindos! Como não reparei nisso antes? Preciso seduzir aquele pastor, tipo, *agora mesmo*.

Ela pensou em usar o filho Eros como mensageiro. Talvez ele pudesse levar um bilhete para Anquises com a mensagem: VOCÊ GOSTA DE AFRODITE? ___ SIM ___ NÃO.

Mas achou melhor não fazer isso. Anquises poderia ficar com medo de namorar a deusa do amor. Pior ainda: se ela aparecesse para ele em sua verdadeira forma, poderia apavorá-lo ou acabar matando-o acidentalmente. Seu pobre coração poderia parar, ou ele poderia explodir em chamas. Seria péssimo para um primeiro encontro.

Então ela decidiu se disfarçar de jovem mortal.

Afrodite tomou um bom banho quente, colocou um vestido sedoso, passou um perfume floral e desceu à terra. Foi até Anquises dando uma de *Lá-lá-lá, estou passeando aqui casualmente por este pasto com minha melhor roupa.*

Os olhos de Anquises saltaram quando ele a viu.

— Uau. Você *só pode* ser uma deusa. Quem é você? Atena? Ártemis? Talvez até Afrodite!

A deusa corou. Ficou feliz de ser reconhecida, mas não ousava admitir quem era.

— Não, seu bobo. Sou só uma jovem mortal incrivelmente linda. Por acaso eu estava passando por aqui e... Uau! Você é Anquises? Ouvi falar tanto de você!

Anquises a olhou sem entender.

— Sério?

— Claro! Sou sua fã. Deveríamos nos casar!

Anquises deveria ter percebido que havia alguma coisa errada. Não era normal aparecerem garotas maravilhosas que pediam sua mão em casamento. Mas o rapaz se sentia solitário, e seus pais viviam falando que ele tinha que se casar. Imaginem como ficariam orgulhosos se ele levasse aquela moça para casa!

— Sim, claro! — respondeu ele. — Vou apresentar você aos meus pais. Eles moram logo ali.

E assim a coisa toda se desenrolou. Anquises se casou com a moça mortal misteriosa e o casal teve uma lua de mel incrível.

Até que, certa manhã, ao acordar, Afrodite viu que o feitiço de Zeus tinha se esgotado. Ao perceber o que havia feito, a deusa ficou

incrivelmente constrangida. Ela não deveria se deixar enganar e ser levada a casar com mortais inferiores! Isso era o que ela fazia com os *outros* deuses!

Afrodite se vestiu rapidamente, mas Anquises acordou enquanto ela amarrava as sandálias. Ele reparou que sua recém-esposa estava brilhando.

— Hã... querida? — perguntou ele. — Tem certeza de que você não é uma deusa?

— Ah, Anquises! — exclamou Afrodite. — Me desculpe! Devo ter sido enfeitiçada. Senão eu nunca teria me apaixonado por alguém como você.

— Nossa... obrigado.

— O problema não é você. Sou eu! Não posso me casar com um mortal. Você tem que entender. Mas não se preocupe. Quando nosso filho nascer...

— Nosso *filho*?

— Ah, sim — disse a deusa. — Sou extremamente fértil. Tenho certeza de que estou grávida. E é menino. Vou criá-lo até ele completar cinco anos, depois vou trazê-lo para você. Ele vai se tornar um grande príncipe entre seu povo e será motivo de grande orgulho para você. Mas prometa que nunca vai contar para ninguém a verdadeira identidade da mãe dele!

Anquises prometeu. Mesmo chateado por ter sido largado e por ter que se divorciar, ele guardou o segredo de Afrodite. Cinco anos depois, o filho do casal chegou do Olimpo. Eneias, o nome dele. O rapaz realmente se tornou um grande príncipe da cidade de Troia. Mais tarde, após a queda da cidade, ele navegou até a Itália e ali se tornou o primeiro líder de um novo povo — os chamados romanos.

Quanto a Anquises, um dia, já mais velho e não tão cuidadoso, ele estava bebendo com os amigos quando sem querer soltou que a mãe de Eneias era na verdade Afrodite.

O boato se espalhou. Envergonhada, a deusa do amor foi se queixar para Zeus:

— Aliás, isso é tudo culpa sua!

Para dar um jeito na situação, Zeus disparou um raio que aniquilou Anquises, transformando-o em cinzas por ter quebrado a promessa.

Mais um final feliz!

* * *

Acham que Afrodite ficou longe dos mortais depois disso?

Se disseram *não*, estão aprendendo.

Uma última história sobre Afrodite. Para mostrar como suas maldições podiam acabar se voltando contra ela.

Havia uma princesa grega chamada Esmirna que se recusava a adorá-la. Furiosa, Afrodite a amaldiçoou com... Quer saber? É horrível e nojento demais, não consigo contar.

Acham que Afrodite ficou longe dos mortais depois disso? Se disseram *não*, estão aprendendo.

Vamos dizer apenas que Esmirna engravidou e que sua situação era bem ruim. *Tão* ruim que o pai dela (o rei), quando descobriu, saiu correndo atrás da garota pelo bosque com uma espada na mão, berrando:

— Vou matar você! Vou matar você!

Esmirna clamou aos deuses:

— Por favor! Não é minha culpa! Salvem-me! Tornem-me invisível!

Mas não: transformaram-na em uma árvore de mirra. Tenho certeza de que Esmirna ficou muito agradecida.

Nove meses depois, a árvore se abriu e um bebê caiu lá de dentro. Quando Afrodite ouviu o menino chorando no bosque, sentiu um pouco de culpa, então desceu para pegá-lo. Ele era tão lindo que a deusa decidiu levá-lo e criá-lo em segredo.

Por que em segredo? Afrodite era ciumenta. O garoto era muito fofo. Ela não queria compartilhar o amor dele com mais ninguém. Mas, como bebês dão muito trabalho e Afrodite tinha uma vida social movimentada, ela logo percebeu que não podia ficar com o bebê *o tempo todo*.

Tinha que confiar em alguém para ser babá dele. Então ela escolheu Perséfone, deusa do Mundo Inferior. Pode parecer uma escolha estranha, mas é que Perséfone morava lá no Érebo, ou seja, ninguém no Olimpo precisaria saber sobre o bebê. Perséfone se sentia muito solitária, de forma que ficou feliz por ter um bebê fofo para alegrá-la. Além do mais, Afrodite concluiu que Perséfone não representava nenhuma ameaça. Afinal, sério... Já viu o cabelo dela? As roupas? Afrodite não tinha motivo para sentir ciúme.

Ela batizou o bebê de Adônis e o guardou em uma caixa, que serviu de incubadora. (Mais uma história de um bebê em uma caixa. Não sei que fascínio é esse, mas vale repetir: NÃO tentem cultivar bebês em caixas. Não dá certo.) As duas deusas compartilhavam a guarda, e o bebê ia do lar secreto de Afrodite, no Chipre, para o palácio de Perséfone, no Mundo Inferior. E assim, durante a infância, Adônis vivia esquecendo onde tinha deixado os livros da escola e em que casa estavam suas chuteiras.

Ele cresceu e acabou virando um lindo jovem.

Não, isso é pouco. Adônis cresceu e virou o sujeito mais lindo que já existiu. Como ele era exatamente? Não sei. Não presto atenção em outros garotos, me desculpem. Mas pensem na celebridade mais bacana, mais estilosa, mais incrível e mais VIP que vocês conseguirem imaginar — Adônis era ainda mais lindo.

Em determinado momento (tipo, simultaneamente), Perséfone e Afrodite perceberam que Adônis não era mais criança. Era um

namorado em potencial. Foi quando a briga começou.

— Ele é meu — disse Perséfone. — Eu o criei a maior parte do tempo.

— De jeito nenhum! — retrucou Afrodite. — *Eu* o encontrei naquela árvore! Além do mais, é *óbvio* que ele gosta mais de mim. Não é mesmo, docinho?

Adônis engoliu em seco.

— Hã...

Não havia resposta certa. Quem *vocês* escolheriam? Afrodite era a deusa mais linda do mundo, mas, bem... era Afrodite. Todo mundo a queria, e, se você fosse namorado dela, todos os outros homens do mundo o odiariam. Além disso, Afrodite não era famosa pela fidelidade.

Perséfone tinha seu próprio estilo de beleza, principalmente na primavera, quando podia transitar pelo mundo superior, mas seus anos no Mundo Inferior a haviam deixado fria, pálida e meio assustadora. Ela raramente se apaixonava por mortais. Não havia dúvida de que amava Adônis, mas ele não sabia se queria namorá-la caso isso significasse ficar naquele palácio escuro do Érebo, cercado de fantasmas e mordomos zumbis. Sem contar que ele tinha certeza de que Hades não iria gostar nada daquilo.

— Eu... Eu não consigo decidir — disse Adônis. — Vocês duas são incríveis.

Assim, as duas deusas levaram Adônis para o Monte Olimpo e pediram a Zeus que resolvesse o problema.

Os olhos de Zeus brilharam.

— Você é um cara de sorte, Adônis.

Adônis não tinha tanta certeza. Estava se sentindo o último pedaço de bolo em uma festa de aniversário com um monte de crianças famintas. Mesmo assim, assentiu com nervosismo.

— Sim, senhor.

— A solução é simples — disse Zeus. — Guarda compartilhada!

Afrodite franziu a testa, achando meio esquisita a proposta.

— Dá para fazer isso com um namorado?

— É claro! — disse Zeus. — Adônís vai passar um terço do ano com você, um terço do ano com Perséfone e um terço sozinho, para fazer o que quiser da vida. — Zeus deu um tapinha no ombro do rapaz. — Um homem precisa relaxar um pouco, longe das mulheres. Não é não, parceiro?

— É... Acho que sim... parceiro.

A expressão de Zeus se fechou.

— Não chame o senhor do universo de *parceiro*. Fora isso, está decidido!

O plano funcionou por um tempo, mas a parte do ano que caberia a Perséfone foi por acaso o inverno, ou seja, ela foi quem se deu mal no acordo. E Adônís não gostava do Mundo Inferior; ele tinha que passar a maior parte do tempo escondido em armários ou se jogando para debaixo da cama de Perséfone sempre que Hades batia na porta, pois o deus não desconfiava de nada.

Chegou um ponto em que Afrodite ganhou Adônís com sua conversa doce e seu charme, convencendo-o a passar também seu tempo livre com ela. Assim, ela ficou com *dois* terços do ano e passou a olhar para Perséfone com arrogância, sabendo que era a melhor deusa. Por um tempo, Afrodite e Adônís formaram um casal feliz. Até tiveram uma filha juntos, uma garota chamada Béroe.

Como o relacionamento terminou? Mal, é claro.

Um dia, Adônís estava caçando na floresta, coisa que gostava de fazer nos momentos em que não estava com Afrodite, quando seus cachorros sentiram o cheiro de um animal e saíram correndo. Adônís foi atrás com sua lança. Quando os alcançou, estava cansado e sem fôlego.

Infelizmente, seus cachorros tinham encurralado um javali selvagem, que era o pior e mais traiçoeiro animal que se podia encontrar. Algumas histórias dizem que o javali foi colocado ali pelo deus da guerra, Ares. Faz sentido, pois o javali é o animal sagrado dele, e Ares era o namorado divino de Afrodite. Outras versões

dizem que foi Ártemis, a deusa da caça, quem colocou o javali no caminho de Adônis. Ou talvez tenha sido Perséfone, que se sentia rejeitada e enciumada. Pode ter sido praticamente qualquer deus, porque, como falei, namorar Afrodite era ter que lidar com todo mundo odiando você.

Mas enfim: o javali correu na direção de Adônis e cravou as presas bem no lugar mais doloroso que vocês puderem imaginar, o que poderia ter sido engraçado se Adônis não tivesse sangrado até a morte.

Pouco tempo depois, Afrodite chegou, em sua carruagem puxada por pombas. Quando viu o corpo inerte de Adônis, ela correu para junto de seu amado.

— Não! — exclamou ela, já aos prantos. — Ah, meu pobre homem lindo! Mesmo na morte você é maravilhoso.

Ela deitou o corpo dele em um leito de alface, que por isso virou sua planta sagrada. Os gregos chamavam essa verdura de “comida de morto”. Eles achavam que, se você comesse alface demais, ficaria apático e incapaz de amar, assim como o Adônis morto.

Enfim, Afrodite borrifou néctar divino sobre o corpo de Adônis, o que o fez se dissolver em flores vermelho-sangue. Essas flores foram chamadas de anêmonas, por causa da palavra grega *anemoi*, que significa *os ventos*. Sempre que uma brisa batia, as pétalas vermelhas saíam voando, exalando um cheiro doce que lembrava a Afrodite a fragrância de Adônis.

Afrodite passou quase um dia inteiro triste com a morte dele. Depois, voltou para Ares, seu namorado divino — um dos possíveis responsáveis pela morte de Adônis.

Se Afrodite ficou com raiva dele? Não. Era só o jeito de Ares mesmo.

Se vocês quiserem conhecer o cara, o próximo capítulo é sobre ele. Mas providenciem coletes à prova de bala e um fuzil. Ares não faz prisioneiros.

ARES, O MACHO DOS MACHOS



ARES É AQUELE tipo de cara.

Que rouba seu lanche no recreio, implica com você na educação física e puxa sua cueca no vestiário. Aquele cara que quebra os ossos dos outros garotos nos campeonatos de futebol intercolegial e tira nota baixa em todas as matérias, mas que é popular mesmo assim porque é muito engraçado quando levanta os garotos magrelos pelos pés e mergulha a cabeça deles na privada.

Se os valentões, gângsteres e toda gente do mal rezassem para algum deus, esse deus seria Ares.

Assim que ele nasceu, seus pais souberam que o menino não era boa coisa. Hera e Zeus queriam amá-lo, afinal, era o primeiro filho deles, mas, em vez de ser daquelas crianças fofas que dizem *gugu dadá* e gritam pela mãe, ele já saiu da barriga de Hera berrando furiosamente e sacudindo os punhos minúsculos.

Hera mal conseguiu segurá-lo quando foi erguê-lo para mostrá-lo a Zeus.

— Meu senhor — disse ela —, seu filho recém-nascido.

Quando Zeus esticou a mão para fazer carinho no queixo do bebê, Ares agarrou o dedo do pai com as duas mãos e girou. *CREC!* O bebê bateu no peitinho e soltou um grito selvagem.

Zeus examinou seu dedo imortal, agora pendurado em um ângulo estranho.

— Sabe... talvez seja melhor você arrumar uma babá para o bebê.

— Boa ideia — concordou Hera.

— Uma babá grande e forte. Com muita paciência... e um bom plano de saúde.

Eles contrataram uma moça chamada Tero, que devia ser uma espécie de ninfa das montanhas, pois era durona e forte. Nada a abalava. Ela levou Ares para a região da Trácia, um lugar de terreno pedregoso e árido ao norte da Grécia, cheio de neve, montanhas irregulares e tribos guerreiras; o lugar perfeito para um bebê-deus do combate.

Durante a infância, Ares nunca chorava pedindo mamadeira ou ursinho de pelúcia. Ele rugia por sangue. Logo cedo aprendeu a jogar pedras em pássaros para derrubá-los do céu. Puxava as asas de insetos para treinar a coordenação motora fina. Ria e ria enquanto aprendia a andar — pisando em flores e esmagando pequenos animais. Enquanto isso, Tero ficava sentada em uma pedra ali por perto, lendo revistas de fofoca olímpicas e gritando:

— Vamos parar com a gritaria, seu pequeno delinquente!

Sim, foram dias felizes.

Tempos depois, já crescido, Ares voltou para o Monte Olimpo, a fim de assumir seu lugar de direito no conselho. Ele se tornou, é claro, o deus da guerra (aliás, conselho de amigo: se você lhe perguntar se ele é o cara do jogo *God of War*, Ares vai arrancar seu braço e usá-lo para bater na sua cabeça.). Ele se tornou também o deus da violência, da sede de sangue, das armas, dos bandidos, da pilhagem, do saque a cidades e da boa e velha diversão em família.

Sem contar que ele era o deus da força e da coragem máscula, o que era um tanto engraçado, porque, nas poucas vezes que ele entrou em combate direto com outro deus, saiu correndo como um covarde. Acho que isso é típico de valentões. Ares foi o primeiro a fugir quando o gigante Tifão apareceu. Em outra ocasião, durante a Guerra de Troia, foi perfurado na barriga pela lança de um mortal grego. O deus urrou; urrou tão alto que pareciam dez mil homens gritando. E correu aos prantos para o Monte Olimpo, lamuriando-se para Zeus:

— Não é justo! Não é justo!

Zeus o mandou calar a boca.

— Se você não fosse meu filho — resmungou o deus do céu —, eu teria arrancado sua divindade e o jogado na sarjeta anos atrás. Você só me dá problema!

É lindo como as famílias olimpianas se relacionavam bem.

Apesar da covardia ocasional de Ares, não era uma boa ideia irritá-lo. Quando ele ia para a batalha, usava uma armadura dourada que irradiava uma luz intensa. Seus olhos eram cheios de chamas, e, com o elmo de guerra na cabeça, ele era assustador demais para a maioria dos mortais olharem, e mais ainda para enfrentarem. Sua arma preferida era a lança de bronze. Seu escudo estava sempre com sangue e gosma pingando, porque ele era mesmo um sujeito muito tranqüilão.

Quando estava com preguiça de se locomover a pé, Ares usava uma carruagem de guerra puxada por quatro cavalos que cuspiam fogo. Tinha como cocheiros seus filhos gêmeos — Fobos e Deimos (Medo e Pânico) —, que, rédeas em mãos, divertiam-se vendo quantas pessoas conseguiam atropelar: *Cinquenta pontos se você esmagar aqueles arqueiros! Cem pontos se acertar aquele coroa!*

Daí você entende por que o animal sagrado de Ares era o javali selvagem: um bicho que ataca qualquer coisa, é quase impossível de matar e tem comportamento *difícil*.

Um de seus pássaros sagrados era o abutre, ave que se refestela

em comer cadáveres depois das batalhas. Seu réptil preferido era a cobra venenosa, que vocês verão em muitas imagens, seja nas mãos de Ares ou pintada no escudo dele.

Ares não tinha flor sagrada. Por que será?

Além de seus aposentos no Olimpo, onde gostava de ficar com a namorada, Afrodite, Ares tinha um segundo lar nas montanhas da Trácia: uma fortaleza na primeira e maior caverna do mundo humano.

O castelo era todo de ferro, com paredes pretas de metal, portões de metal, torres escuras, torreões pontudos e, no centro, uma grande torre com grades em todas as janelas. A luz do Sol mal conseguia penetrar ali, como se tivesse medo.

Os saguões e corredores viviam lotados de pilhagem de várias guerras; alguns troféus que Ares mesmo tinha tomado, outros que haviam sido sacrificados a ele por guerreiros mortais. O cara tinha umas dez mil espadas e escudos, armaduras em quantidade suficiente para equipar toda a população da Índia, um monte de carruagens quebradas e equipamento de cerco, além de bandeiras velhas, lanças e aljavas. A fortaleza de Ares seria perfeita para aparecer naqueles programas de TV sobre acumuladores.

Ele tinha muitos itens valiosos lá. Só sua coleção de armas devia valer milhões. Mas a fortaleza era guardada por dezenas de deuses guerreiros menores, como Maldade, Raiva, Ameaça, Fúria no Trânsito e Gestos Grosseiros. Ares também tinha uma placa na porta de entrada da fortaleza que dizia: CÃO DE GUARDA QUE NADA! CUIDADO É COM O DONO!

Os gregos não idolatravam muito Ares. Tinham a mesma impressão de Zeus sobre ele. Ares era parte da família olimpiana; eles tinham que tolerá-lo. Às vezes, tinham medo dele. Mas ele era reclamão e irritante e sempre acabava fazendo pessoas morrerem.

Claro, havia exceções. A cidade de Esparta? Os moradores *amavam* Ares. Claro, eles eram os homens másculos da Grécia, que comiam pregos e tomavam esteroides no café da manhã, então até

que faz sentido.

No centro de Esparta havia uma estátua de Ares todo acorrentado, segundo a teoria de que, se ele fosse mantido preso, não poderia abandoná-los, e assim os espartanos sempre teriam coragem e alcançariam a vitória.

Mas... acorrentar o deus da guerra? *Puxado.*

Os espartanos também faziam sacrifícios humanos em homenagem a Ares, então por aí você já entende por que se davam tão bem com ele (embora esses sacrifícios tenham prejudicado o turismo na cidade).

Lá em Trácia, as terras do norte em que Ares foi criado, os mortais o adoravam na forma de uma espada. Talvez tenham pintado uma carinha feliz na lâmina e a chamado de sr. Ares, vai saber. Mas, na hora de sacrificar ovelhas, vacas ou pessoas, eles afiavam a espada sagrada e mandavam ver.

Sabe outro fã-clube de Ares? O reino das amazonas. Na cultura delas, as mulheres é que comandavam, e aquelas garotas sabiam lutar. As primeiras foram filhas semideusas de Ares. Ele inclusive deu à rainha amazona original um cinto mágico que proporcionava habilidades superincríveis de combate. Esse cinto foi passado de geração em geração entre as rainhas amazonas.

Ares sempre protegia as amazonas durante as batalhas. Elas gostavam tanto de seu Papai Deus da Guerra que construíram um templo em homenagem a ele. Ficava em uma ilha próxima delas e era protegido por alguns dos pássaros sagrados de Ares. Imaginem um bando de aves composto por seis milhões de corvos, cada um cheio de penas que eram como dardos afiados. Dependendo da força com que eram disparadas, essas penas eram capazes de perfurar o casco de um navio. Pois é... a ilha era bem-protegida.

Como se isso já não bastasse como demonstração de amor pelo deus da guerra, Ares tinha também dois bosques sagrados: um na Grécia Central e um em uma terra chamada Cólquida, bem a leste, nas margens do Mar Negro. Eram duas sombrias florestas de

carvalhos, aonde as pessoas iam rezar para alcançar vitórias em batalhas. Mas era preciso coragem para entrar ali, porque cada bosque era protegido por um dragão.

As duas monstruosas criaturas eram filhas de Ares. Quem era a mãe? E como podia um deus ter filhos dragões? Não sei, mas os dragões sem dúvida tinham a personalidade cativante do pai. Eles atacavam qualquer coisa em movimento e adoravam se alimentar de carne humana. Se você conseguisse pegar alguns dentes dessas criaturas — caíam o tempo todo, tal qual os dos tubarões —, podia plantá-los no chão para obter alguns *spartoi*, ou guerreiros-esqueletos.

Mas boa sorte para pegar esses dentes. Os dragões nunca dormiam, viviam cuspidando veneno e tinham excelente audição. E odiavam quando mortais se aproximavam, sempre querendo lembrancinhas e sem nem gastar dinheiro na lojinha do Bosque Sagrado.

Mas acabou que os dois dragões foram mortos, o que foi triste para... Bem, para ninguém exceto Ares.

* * *

O da Grécia Central foi o primeiro a ser abatido. Um sujeito chamado Cadmo estava andando por lá, levando um grupo de colonos para fundar uma nova cidade; o Oráculo de Delfos tinha dito a ele para seguir uma determinada vaca, e quando essa vaca caísse de exaustão, eles saberiam que ali era o melhor lugar para construir sua cidade.

Sei lá. Vocês seguiriam um sujeito que está seguindo uma vaca? Bom, pelo visto os colegas de Cadmo não se importaram. Eles ficaram com Cadmo até a vaca especial cair, e todo mundo comemorou.

— É aqui! — exclamou Cadmo. — Vamos começar a construir! Ah, e que tal a gente matar a vaca e sacrificá-la aos deuses?

Naquele momento, provavelmente a vaca deve ter se arrependido de não ter continuado em frente, mas aí já era tarde demais!

Os colonos começaram a trabalhar. Depois de algumas horas, Cadmo e os operários estavam com calor e com sede.

— Preciso beber alguma coisa! — disse um dos homens. — Você trouxe algum isopor com água, por acaso?

Cadmo franziu a testa. Ele *sabia* que deveria ter levado consigo um isopor com bebidas. E eles não tinham visto uma única lanchonete em quilômetros. Cadmo então olhou em volta, e viu um denso bosque de carvalhos ao longe.

Sei lá. Vocês seguiriam um sujeito que está seguindo uma vaca?

— Árvores precisam de muita água — disse ele. — Deve haver um rio ou um córrego ali. — Ele apontou para alguns homens. — Vocês cinco vão até lá com uns baldes e trazem água. E, se virem um KFC ou qualquer coisa do tipo, é uma boa opção também.

Como vocês devem ter deduzido, ali era o bosque sagrado de Ares.

Havia um córrego, sim. Desembocava dentro de uma caverna bem no meio do bosque, alimentando uma deliciosa piscina de água doce que por acaso era a fonte de onde o dragão bebia.

Os cinco homens entraram no bosque carregando os baldes.

Encontraram a caverna.

— O que são essas coisinhas brancas pontudas no chão? — perguntou um deles.

— Pontas de flechas? — supôs um outro.

— Não, parecem dentes de dragão — opinou terceiro.

Todos riram com nervosismo. Dragões não existiam, certo?

Aí o dragão apareceu na caverna e comeu os homens.

Só que um deles escapou, provavelmente porque o dragão estava empanturrado demais para persegui-lo.

O homem correu de volta ao local do assentamento, gritando horrorizado:

— DRAGÃO! GRANDE! QUE COME GENTE!

Quando os colonos se reuniram, Cadmo conseguiu acalmar um pouco o sobrevivente, que então contou a eles a história toda. Cadmo pegou sua lança da sorte.

— Nenhum dragão vai comer os *meus* homens.

Um sacerdote que estava mais atrás limpou a garganta.

— Hã... senhor? Essa caverna parece o lugar sagrado de Ares. Se o senhor matar o dragão do deus da guerra...

— Eu tenho que matá-lo! A vaca me disse para construir uma cidade aqui, e não posso ter um dragão como vizinho! Você negaria a sabedoria da vaca morta, homem?

— Ah... não. Não, senhor.

O sacerdote decidiu calar a boca.

Cadmo entrou no bosque com sua lança e, como era um cara durão, foi direto até o dragão (que estava era cheio demais para conseguir lutar direito) e enfiou a lança na cabeça dele.

Imediatamente, uma luz intensa brilhou ao lado de Cadmo. Era Atena.

— Muito bem, Cadmo! — disse a deusa. — Você matou o dragão de Ares!

Cadmo olhou para ela sem entender.

— Então... eu não vou me ferrar por causa disso?

— Ah, sim, você vai se ferrar muito! — disse Atena, alegremente.

— Um dia, Ares vai se vingar. Mas por enquanto você está sob a minha proteção. Preciso que você funde uma grande cidade chamada Tebas.

— No lugar em que a vaca caiu? Porque o Oráculo foi bem específico.

— Sim, sim, tudo bem. Mas uma coisa de cada vez. Você vai

precisar de bons guerreiros para defender a nova cidade. Pegue os dentes desse dragão e os lance na terra como se fossem sementes. Depois, regue-os com um pouco de sangue e veja o que acontece!

Atena desapareceu.

Cadmo não estava muito confortável com a ideia de deixar a arcada dentária do dragão desfalcada, ainda mais agora que já estava na lista negra de Ares, mas fez o que Atena mandou. Quando terminou sua lavoura dental, um bando de guerreiros-esqueletos de elite surgiu do chão. Foram eles os primeiros soldados do recém-formado exército de Tebas.

Cadmo construiu sua cidade, e por um tempo tudo correu às mil maravilhas. Os deuses até lhe concederam uma deusa menor como esposa: Harmonia, que era filha de Afrodite e Ares. Harmonia se tornou mortal para viver com Cadmo, o que era uma grande honra.

Ares não estava nem um pouco satisfeito com essa história. Primeiro, aquele tal de Cadmo mata o dragão dele. Depois, os outros deuses ficam falando *Ah, não, você não pode matá-lo! Cadmo está destinado a fundar uma cidade importante!* Como se Tebas fosse importante. Ah, por favor! Que tipo de nome é *Tebas*? Não é legal como Esparta. Além do mais, já existia uma cidade chamada Tebas. Ficava no Egito. Tendo outra na Grécia, as pessoas iam se confundir!

Para completar, vêm os outros deuses e decretam que o idiota matador de dragões vai se casar com a filha dele. Que piada de mau gosto.

Pelo bem da filha, Ares tentou manter a calma, mas *odiava* o genro. Até que um dia ele viu Cadmo caminhando pelo bosque sagrado, olhando para o local onde, anos antes, tinha matado o dragão.

Sabe-se lá por quê, Ares ficou fora de si ao ver essa cena.

E lá foi ele aparecer bem na frente de Cadmo.

— O que você está olhando, imbecil? O lugar onde matou meu dragão? Você odeia répteis, não é? Pois veja só: você é um!

BAM! Ares transformou Cadmo em cobra.

Infelizmente, nessa hora a rainha Harmonia estava chegando para se encontrar com o marido. Quando viu o que tinha acontecido, ela deu um grito.

— Pai! O que foi que você fez?

— Ele mereceu! — rosnou Ares.

— Mas eu o amo! Transforme-o de volta em homem!

— Ah, então você o prefere a mim? É isso mesmo? Talvez você queira se juntar a ele!

E *BAM!* Ele transformou a própria filha em cobra, e o rei e a rainha de Tebas foram embora dali deslizando.

Foi assim que Ares se vingou. Mas, quando as cobras Cadmo e Harmonia morreram, Zeus mandou as almas deles para os Campos Elísios, para que pudessem viver juntos em eterna paz e felicidade. (Mas não contem isso a Ares. É bem capaz de ele descer lá e transformá-los de novo.)

* * *

No outro bosque sagrado de Ares, o que ficava na Cólquida, as coisas aconteceram de forma um pouco diferente. O rei era um tal de Eetes. (Imagino que se pronuncie “ETs” ou algo parecido.) Seus quinze minutos de fama se devem ao fato de o Velocino de Ouro — aquela pele de carneiro que é minha parenta — ter ido parar no reino dele, deixando o lugar imune a doenças, invasões, quedas da bolsa de valores, visitas do Justin Bieber e basicamente qualquer outro desastre natural.

Eetes não era filho de Ares, mas era um grande admirador dele. Fazia o que podia para iniciar guerras e matar o máximo de pessoas possível só para ganhar mais pontos no Programa de Recompensas de Ares. Em pouco tempo já tinha ganhado todos os brindes.

Ares mandou seu segundo filho dragão para proteger o Velocino de Ouro, que ficava pendurado em um carvalho no bosque sagrado de Eetes. O dragão era gentil apenas com Eetes e o deixava recolher

seus dentes. Sempre que precisava de guerreiros-esqueletos, Eetes ia ao campo especial de Ares e plantava os dentes para obter uma colheita fresquinha. Mas ele não tinha um trator qualquer; Ares tinha dado ao rei um arado especial, puxado por touros de metal que cuspiam fogo. E, para evitar que Eetes se queimasse nessa brincadeira, o deus lhe dera uma armadura à prova de fogo, à prova de bala, à prova de tudo que Ares tinha ganhado durante a guerra com os gigantes. (Essa é outra história.)

Como se os touros de metal, os guerreiros-esqueletos e o dragão não fossem o suficiente para garantir a segurança do bosque, Eetes também construiu um muro ao redor da área, para que ninguém pudesse se aproximar. Considerando que o reino da Cólquida era no final do mundo conhecido, as chances de alguém querer roubar o Velocino de Ouro eram bem poucas.

É claro que alguém foi roubar o Velocino de Ouro. O nome do sujeito? Jasão. Mas essa também é uma história comprida, que vou deixar para outra hora. Por enquanto, vamos deixar Eetes na Cólquida, todo arrogante e confiante, adorando Ares e pensando *Ah, sou demais*.

* * *

Mas nem o deus da guerra conseguia sair ileso de matar gente *o tempo todo*. Às vezes, Ares tinha que se explicar aos outros deuses. Na verdade, ele foi o réu no primeiro e único julgamento divino de assassinato — o episódio piloto de *Law & Order: Olimpo*.



Aconteceu assim: havia um filho semideus de Poseidon chamado Halirrôtio, um idiota que me recuso a aceitar como irmão. Só o nome dele já deveria deixar claro que não era flor que se cheirasse. Parece nome de infecção de garganta. Acho que vou chamá-lo só de Hal.

Hal morava em Atenas. Ele se apaixonou por uma bela princesa de sua cidade, uma moça chamada Alcipe, que por acaso era filha de Ares. Mas Alcipe não quis nada com ele. Filho de Poseidon? Credo!

Só que Hal não se deu por vencido. Ele seguia Alcipe para todo lado, fuxicava o Facebook dela, sabotava seus encontros e basicamente agia como um cretino.

Uma noite, Hal encurralou Alcipe em um beco. Quando ela tentou fugir, ele a derrubou no chão. Ela começou a gritar, chutar e pedir ajuda:

— Socorro!

Finalmente, ocorreu à jovem dizer:

— Pai! Ares!

Funcionou.

Ares apareceu em um piscar de olhos e afastou o jovem de Alcipe.

— VAI SE METER COM A MINHA FILHA, É? — gritou Ares, tão alto que fez as bochechas do garoto tremerem.

— Desculpe, senhor! — disse Hal. — Eu desisto! Não me machuque!

— Ah, não vou machucar você — prometeu Ares. — VOU MATÁ-LO!

O deus então puxou uma faca e transformou Hal em queijo suíço semideus. Em seguida, jogou o garoto no chão e chutou o corpo sem vida algumas vezes, só para garantir.

A cena foi tão abominável que passou no noticiário durante semanas. Todos os comentaristas mortais levantavam a questão: “Violência divina contra mortais: será que foi longe demais?” E faziam uma publicidade tremendamente ruim para o Monte Olimpo.

Poseidon exigiu que Ares fosse julgado por assassinato, pois Hal era filho dele.

Ares explodiu.

— Foi legítima defesa!

Poseidon riu.

— Legítima defesa? O garoto se rendeu, e mesmo assim você o esfaqueou seiscentas vezes e pisou na cara dele. Como é que *isso* pode ser legítima defesa?

— Eu estava defendendo minha filha, seu barba de crustáceo! Seu filho marginal estava tentando violentá-la!

Poseidon e Ares enrolaram as mangas da camisa, prontos para a briga. Teria sido demais, porque meu pai iria acabar com aquele idiota, mas Zeus os deteve:

— Chega! Vamos fazer um julgamento, como solicitado. Eu serei o juiz. Os outros deuses serão o júri.

Então Ares foi julgado, em uma colina de Atenas. Zeus fez questão de chamar testemunhas e ouvir seus relatos. Não sei o que teria acontecido se Ares fosse considerado culpado. Talvez Zeus o tivesse jogado no Tártaro, ou o sentenciado a mil anos de serviço comunitário, catando o lixo que jogam na beira das estradas. Mas, no final, os deuses o consideraram inocente. Claro, ele tinha exagerado um pouco ao mutilar o corpo de Hal daquela maneira, mas o sujeito estava agredindo a filha dele. Isso não era legal. Só os deuses mesmo para se safar desse tipo de ato!

A colina onde transcorreu o julgamento ainda está lá. Se vocês algum dia forem a Atenas, deem uma olhada. Chama-se Areópago, a colina de Ares. Nos tempos antigos, os atenienses construíram um tribunal bem no alto dessa colina para ali conduzirem todos os julgamentos de assassinato. Devem ter pensado que, se aquele

palácio era bom o bastante para o julgamento de Ares, era bom para os mortais doidos e os assassinos da machadinha e tal.

Tudo bem que Ares tinha o direito de defender a filha, concordo com essa parte, mas ainda acho que Poseidon deveria ter quebrado a cara dele, só porque teria sido uma cena incrível.

* * *

Mais uma história sobre o deus da guerra, porque quero terminar com algo que o deixe parecendo um grande fracassado. (O que, sinceramente, nem é tão difícil.)

Uma vez, dois irmãos gêmeos gigantes chamados Oto e Efiates decidiram que iam destruir os deuses. Por quê? É provável que a Mãe Terra Gaia os tenha induzido a isso, ou talvez eles estivessem apenas entediados. Os gêmeos eram chamados de *Aloadas*, o que significa *Esmagadores*. Não sei se eles usavam roupas de luta iguais ou qualquer coisa do tipo.

Como a maioria dos gigantes, eles eram... bem, gigantescos. Começaram arrancando montanhas e empilhando-as, para tentar fazer uma torre de assalto a partir da qual pudessem destruir o Monte Olimpo com pedras, da mesma forma que Zeus destruíra o Monte Otris.

Quando os deuses, lá do palácio, viram dois gigantes enormes empilhando montanhas e chegando cada vez mais perto, Zeus disse:

— É melhor alguém ir lá para detê-los.

— Sim — concordou Hera.

Ninguém se ofereceu. Isso foi pouco depois do fiasco com o gigante Tifão, portanto todos os deuses ainda estavam um pouco traumatizados. A ideia de lutar contra *dois* gigantes enormes não era muito atraente.

Finalmente, Hera disse:

— Ares, você é o deus da guerra. Deveria ir lá enfrentá-los.

— Eu? — disse Ares, em uma voz aguda. — Quer dizer... claro, eu

poderia destruí-los se quisesse. Mas por que *eu*? Atena também é deusa da guerra. Por que não a convoca?

— Ah, mas eu sou *sábia* — retrucou Atena. — Tão sábia que vou fazer *você* ir.

Ares soltou um palavrão, mas não tinha como argumentar com a lógica de Atena. Então ele colocou a armadura, pulou para dentro da carruagem e desceu correndo a encosta do Monte Olimpo, gritando e balançando a lança.

Os gigantes não ficaram impressionados. Esperavam um ataque. Na verdade, haviam feito correntes superfortes para aquela ocasião e preparado uma armadilha, colocando-as no chão bem no caminho da carruagem e cobrindo-as com galhos, cascalho e coisas assim.

Quando Ares atacou, os gigantes pularam um de cada lado, puxaram as pontas da corrente e criaram uma linha de obstáculo que os cavalos não conseguiram saltar.

BAM!

Cavalos saíram voando. A carruagem explodiu em mil pedaços. Como Ares não usava cinto de segurança, voou por mais de noventa metros até bater no chão, e teria quebrado o pescoço se fosse mortal. Aproveitando enquanto ele ainda estava atordoado, os gigantes o amarraram com suas correntes enormes e o levaram para longe.

— Ah, droga — comentou Atena, que assistia a tudo lá do Monte Olimpo. — Estão sequestrando Ares.

— Puxa, que pena — comentou Poseidon, com um bocejo.

— Deveríamos ir lá ajudá-lo — disse Hera, mas até ela parecia desanimada.

Antes que algum deus decidisse o que fazer, os Aloadas desapareceram nas montanhas. Levaram Ares para uma caverna distante e o enfiaram em um grande jarro de bronze, onde ele ficou sufocando e suando por treze meses.

Ares tentou quebrar as correntes que o prendiam, mas eram fortes demais para ele. Gritou, esbravejou e fez ameaças, mas,

conforme foi ficando mais fraco, sem néctar para beber nem ambrosia para comer, acabou se resignando a ficar choramingando ali dentro do jarro e implorando para ser libertado.

Zeus não se deu ao trabalho de mandar uma missão de resgate.

Enquanto isso, os Aloadas mandavam mais e mais exigências para libertá-lo:

— Abram seus portões ou vamos acabar com seu filho! Não, é sério! Estamos falando sério! Tudo bem, então que tal um milhão de dracmas em ouro? Não estamos brincando, vamos machucá-lo! Vamos lá, pessoal! Estamos com seu filho em um jarro! Vocês não o *querem* de volta?

Os gigantes não receberam resposta do Monte Olimpo. Ares poderia ter murchado até desaparecer — o que teria sido ótimo, na minha opinião —, mas os gigantes gêmeos tinham uma madrasta chamada Eribeia, que era gente boa e ficou com pena de Ares. Ou talvez tenha só se cansado de ouvi-lo choramingando no jarro.

Uma noite, ela se esgueirou para fora da caverna e procurou o deus mensageiro Hermes.

— Ei — disse ela —, posso lhe mostrar onde Ares está preso. E aí você pode ir até lá e salvá-lo.

Hermes torceu o nariz.

— Eu preciso mesmo fazer isso?

— Bem... se você não for, meus enteados vão se cansar de pedir resgate, vão terminar a gigantesca torre de assalto e destruir o Olimpo.

Hermes suspirou.

— Ah, tudo bem.

Assim, Hermes foi até a caverna e salvou Ares. Eles voaram de volta para o Monte Olimpo, onde a visão do corpo pálido, doente e murcho de Ares deixou os outros deuses zangados e envergonhados. Eles o odiavam, mas ninguém podia tratar um olimpiano daquele jeito.

Os deuses então se uniram e acabaram conseguindo destruir os

gêmeos Aloadas.

Quanto a Ares, ele recuperou seu peso de luta e fingiu que o incidente nunca tinha acontecido; mas, depois disso, passou a ter pena de prisioneiros de guerra. Se alguém tratava mal seus reféns, Ares encontrava o malfeitor e acertava as contas com ele.

Além disso, Ares desenvolveu um grande medo de jarros.

Acho que vou dar um bem bonito para ele no Natal.

HEFESTO FAZ UMA LHAMA DE OURO (NÃO DE VERDADE, MAS DEVERIA)



SE QUISEREM VER as fotos de Hefesto quando bebê, podem desistir.

Ele nasceu tão feio que sua querida mãe, Hera, o jogou do Monte Olimpo como quem joga um saco de lixo. Se alguém *tivesse* tirado uma foto do bebê Hefesto, seria um retrato do pequeno deus caindo pelas nuvens com uma expressão de surpresa no rosto, como que dizendo: *MAMÃE, POR QUÊ?*

O que aconteceu depois disso? Bem, Hera torceu para nunca mais ver o menino.

Mas Hefesto acabou voltando, como um bumerangue, e bateu bem na cabeça dela. Adoro esse cara.

* * *

Quando o bebê Hefesto caiu no mar, foi salvo pela líder das

cinquenta nereidas, os espíritos do mar: Tétis. É a mesma garota que mais tarde libertaria Zeus quando os deuses o amarraram.

Bem, então Tétis sentiu pena do pobre bebezinho e decidiu criá-lo em uma caverna secreta no fundo do mar.

Tétis não se importava com a feiura dele. Afinal, ela vivia com águas-vivas, enguias e tamboris, por isso Hefesto nem era tão feio aos olhos dela. Claro, as pernas dele eram malformadas e finas demais para aguentar seu peso, exigindo o uso de muletas ou órteses; ele tinha tanto pelo que era obrigado a fazer a barba cinco vezes por dia, mesmo quando bebê; seu rosto era vermelho e cheio de caroços, como se ele tivesse dormido em uma colmeia de abelhas africanas assassinas. Mas seu tronco era forte e saudável. E ele tinha mãos hábeis e inteligência afiada. Conforme o jovem deus foi crescendo, desenvolveu um talento para construir e criar, assim como os ciclopes da primeira geração. Era só dar ao garoto um balde de Lego e, passada uma hora, ele já havia feito um míssil de longo alcance de verdade.

Que bom que Tétis não tinha a pretensão de dominar o mundo. Só queria joias. Ela botou Hefesto para fazer colares de ouro cheios de detalhes, elegantes pulseiras de pérola e coral e coroas de neon que se iluminavam e exibiam mensagens variadas como FELIZ ANO-NOVO e ANUNCIE AQUI. Assim, ela sempre tinha o acessório mais lindo quando ia a festas.

Hefesto passou nove anos no fundo do mar como ferreiro pessoal de Tétis. Ele gostava do trabalho e amava a mãe adotiva, mas lá no fundo sempre nutriu o desejo de se vingar de Hera.

Em seu tempo livre, ele trabalhava em uma peça especial — um presente perigoso para sua mãe perigosa — e sonhava com o dia em que poderia voltar para o Olimpo.

Finalmente, ele terminou o projeto. Foi se despedir de Tétis.

— Amada mãe adotiva. — Hefesto se ajoelhou aos pés dela, o que não era fácil, pois suas pernas eram tortas e murchas e estavam envoltas em órteses de ouro. — Preciso voltar para casa e assumir

meu lugar entre os deuses.

Tétis sempre desconfiara de que esse dia chegaria, mas caiu no choro mesmo assim.

— Eles não vão gostar de você — avisou ela. — Vão julgá-lo pela sua aparência.

— Então são todos tolos. Não ligo para o que as pessoas pensam. Minha mãe me jogou fora. Ela tem que pagar por esse ultraje.

Tétis não tinha como discutir. Ela desejou boa sorte a Hefesto, e o deus embarcou em sua viagem para o Olimpo. Subiu a montanha montado em um burro, porque gostava de burros. Eram animais feios e teimosos, cômicos, porém fortes e vigorosos. Hefesto se identificava com essas características. E se alguém subestimasse ou tratasse mal um burro, corria o grande risco de levar um coice nos dentes.

Atrás de Hefesto seguia uma caravana inteira de mulas, carregadas de presentes especiais para os deuses.

Hefesto foi direto para o salão do trono do Olimpo, e os outros deuses ficaram em silêncio, impressionados.

— Quem é *esse*? — perguntou Ares.

Hera emitiu um som engasgado no fundo da garganta.

— Não pode ser.

— Mãe! — exclamou Hefesto, com um largo sorriso. — Sou eu, Hefesto!

Zeus engasgou com o néctar que bebia.

— Ele chamou você de *mãe*?

Hefesto desceu do burro, suas órteses estalando.

— Ah, ela não lhe contou sobre mim, pai?

(Na verdade, Zeus não era pai dele, pois Hera havia gerado o bebê sozinha; mas Hefesto decidira não se prender a detalhes técnicos.)

— Ela deve ter esquecido. — Hefesto abriu um sorriso grotesco. — É que Hera me jogou do Monte Olimpo quando eu era bebê. Mas fique tranquilo. Como vocês podem ver, queridos pais, eu sobrevivi!

— Ah — disse Hera. — Que... bom.

Então Hefesto contou sua história, relatando como crescera no fundo do mar.

— E eu trouxe presentes! — Ele pôs-se a tirar os grandes pacotes que o burro carregava. — Tronos novos para todo mundo!

— Tronos! — exclamou Ares, pulando e dançando, todo empolgado.

Os outros deuses foram um pouco mais contidos, um tanto receosos, mas ficaram enlouquecidos quando viram o imenso talento de Hefesto.

Zeus ganhou um trono de ouro maciço com descanso para copos nos braços, apoio lombar e um suporte embutido para seus raios. O trono de Deméter tinha pés de milho em ouro e prata. Poseidon ganhou uma cadeira de capitão de navio com lugar para colocar seu tridente e a vara de pescar. O trono de ferro de Ares era estofado com couro e tinha muitas pontas desconfortáveis e arame farpado nos braços.

— Adorei — disse Ares. — Isso é couro coríntio?

— É pele humana, na verdade — disse Hefesto.

Surgiram lágrimas nos olhos de Ares.

— É o melhor presente que... N-nem consigo...

Todos os tronos novos dos deuses eram totalmente ajustáveis e equipados com rodinhas. Em pouco tempo os olímpianos estavam se empurrando uns aos outros pelo palácio e girando nos assentos.

— Foi você que fez? — Apolo passou a mão pelas costas da cadeira dele, que tinha a forma de uma harpa gigantesca. — Esses tronos são incríveis!

— Fui eu, sim — disse Hefesto. — Sou o deus dos ferreiros e artesãos. Consigo fazer praticamente qualquer coisa. — Ele deu um sorriso para Hera. — Mãe, não vai experimentar o seu?

Hera estava ao lado de seu novo trono, que era feito de adamantino, um metal superforte que emanava um brilho branco translúcido, parecendo uma mistura de prata e diamante. Era a peça

mais bonita que Hera já tinha visto, mas ela estava com medo de ocupá-lo. Não conseguia acreditar que Hefesto estivesse sendo tão legal com ela.

Entretanto, todos os outros deuses estavam girando pela sala, se divertindo. Ela então acabou cedendo.

— Tudo bem, meu... hã... meu filho. É mesmo lindo.

Ela se sentou. Imediatamente, cabos invisíveis a prenderam com tanta força que ela não conseguia respirar.

— Agghhh — ofegou ela.

Ela tentou mudar de forma. Não conseguiu. Quanto mais resistia, mais os cabos apertavam. Ela tentou relaxar. Os cabos invisíveis a apertaram até seu rosto ficar branco, seus olhos saltarem e todo o icor de seu corpo ir parar nas mãos e nos pés.

— Mãe? — perguntou Ares. — Por que você está tão parada? E por que seus pés e mãos estão inchando e ficando dourados?

Hera só conseguiu soltar um:

— *Socorro.*

Os deuses se viraram para Hefesto.

— Muito bem — resmungou Zeus. — O que você fez?

Hefesto ergueu as sobrancelhas peludas.

— Ora, pai, achei que você fosse gostar. Sua esposa vai ficar bem mais tranquila a partir de agora. Na verdade, ela nunca mais vai sair daquela cadeira.

Hera deu um gritinho de pânico.

— Você me jogou fora — lembrou Hefesto. — Eu era feio e defeituoso, então você me jogou montanha abaixo. Quero que você sofra por isso, mãe querida. Pense em todas as coisas que eu poderia ter feito por você se tivesse me tratado bem. Talvez assim você entenda que jogou fora algo valioso. Nunca julgue um deus pela *aparência*.

Com isso, Hefesto foi cambaleando até seu burro e preparou a sela para partir.

Nenhum dos outros deuses tentou impedi-lo. Talvez estivessem

com medo de seus tronos explodirem, ou de surgirem hélices de liquidificador nos assentos.

Hefesto voltou ao mundo mortal e abriu uma loja em uma cidade grega, onde ele produzia ferraduras, pregos e outras peças simples que não exigiam muita concentração. Ele havia criado a expectativa de que a vingança iria fazê-lo se sentir melhor, mas não foi isso o que aconteceu. Sentia-se mais vazio e com mais raiva ainda do que antes.

Enquanto isso, no Olimpo, os outros deuses ficaram cansados de ouvir Hera choramingando. Tentaram de tudo para libertá-la: alicates, raios, gordura de bacon, lubrificante de máquinas. Nada funcionou.

Finalmente, Zeus disse:

— Já chega. Ares, vá procurar seu irmão Hefesto e convença-o a vir soltar sua mãe.

Ares abriu um sorriso cruel.

— Ah, vou convencê-lo, sim, ah se vou.

Ares preparou sua carruagem de guerra, vestiu sua armadura de ouro flamejante, pegou a lança sangrenta e o escudo que pingava gosma. Seus filhos Fobos e Deimos prepararam os cavalos que cuspiam fogo, e lá foram eles.

Os três percorreram a cidade de mortais provocando pânico, pisoteando todo mundo que encontravam pelo caminho, até aparecerem de supetão no pátio da ferraria de Hefesto, onde o deus aleijado consertava uma chaleira.

Os cavalos empinaram e cuspiram fogo. Fobos e Deimos soltaram ondas de puro terror que provocaram sessenta e cinco ataques cardíacos nas redondezas.

Ares apontou a lança para Hefesto.

— VOCÊ VAI LIBERTAR HERA!

Hefesto ergueu o rosto por um momento.

— Vá embora, Ares.

E voltou a martelar a chaleira.

Fobos e Deimos trocaram olhares confusos.

A lança de Ares vacilou. Ele estava esperando uma reação diferente.

Tentou novamente:

— LIBERTE HERA OU ENFRENTA MINHA IRA!

Os cavalos sopraram fogo em Hefesto, mas as chamas só lhe fizeram cócegas.

O deus ferreiro suspirou.

— Ares, primeiro de tudo, eu não reajo bem a ameaças. Segundo, você acha que é forte porque briga muito? Experimente trabalhar em uma forja o dia todo. Se me ameaçar de novo, vou lhe mostrar o que é força.

E, dizendo isso, Hefesto flexionou os braços e o peito, exibindo os músculos saltados.

— Terceiro — prosseguiu ele —, eu sou o deus do *fogo*. Tenho que ser, já que meu trabalho é derreter metal. Já forjei armas de ferro e bronze no coração de vulcões submarinos, então não tente me assustar com seus pôneis.

Hefesto fez um gesto na direção de Ares como se estivesse afastando uma mosca, e um muro de fogo emergiu do chão e tomou conta da carruagem do deus da guerra. Quando as chamas se apagaram, as crinas dos cavalos estavam queimadas. As rodas da carruagem tinham ficado ovais. Os elmos de Fobos e Deimos pareciam ovo frito na cabeça deles, todos derretidos, e uma fina camada de carvão revestia a pele de ambos.

A armadura de Ares fumegava. A bela plumagem que decorava seu elmo de guerra queimava lentamente.

— Última chance — disse Hefesto. — *Vá embora*.

Ares se virou e fugiu, a carruagem bamboleando nas rodas tortas, deixando um cheiro de deus da guerra queimado no ar.

Os olímpianos tentaram táticas diferentes para convencer Hefesto a libertar a mãe. Mandaram vários representantes.

Mas Hefesto não se deixou convencer.

No Olimpo, Zeus abriu os braços em um gesto de impotência e suspirou.

— Bem, acho que Hera vai ter que ficar no trono amaldiçoado para sempre.

— Mrpphh! — fez Hera, o rosto ficando dourado de icor.

Foi quando o herói mais improvável deu um passo à frente: Dioniso, o deus do vinho.

— Não se preocupem — disse ele. — Posso cuidar de Hefesto.

Os outros deuses olharam para ele.

— Você? — perguntou Ares. — O que *você* vai fazer? Ameaçar Hefesto com um delicioso Chardonnay?

Dioniso sorriu.

— Você vai ver.

Dioniso voou para a terra e começou a frequentar a oficina do ferreiro. Não fez exigência alguma a Hefesto. Não ameaçou nem tentou fazê-lo se sentir culpado. Só conversou, contou histórias engraçadas e foi simpático o tempo todo.

A *minha* experiência com o sr. D. foi bem diferente, mas parece que ele conseguia ser bem encantador quando queria. Como já havia sido mortal e tinha virado deus fazia pouco tempo, não era arrogante e cheio de si como alguns olímpianos. Não se importava de conviver com humanos e ferreiros feios. Dava-se muito bem com Hefesto.

Depois de semanas se fazendo de amiguinho do deus, Dioniso disse:

— Cara, você tem trabalhado demais. Precisa de um descanso!

— Eu gosto de trabalhar — murmurou Hefesto.

A verdade era que forjar o distraía da dor que sentia. Apesar de ter conseguido se vingar da mãe, Hefesto não conseguia se livrar da raiva e da amargura. Ele continuava sendo um deus pária, e não estava mais feliz do que antes.



— Vou levar você para sair hoje à noite — disse Dioniso. — Vamos a umas tavernas. Vou lhe apresentar uma coisa que criei. Chama-se vinho.

Hefesto fez cara de má vontade.

— É uma máquina?

Os olhos de Dioniso cintilaram.

— Bem... tem seus usos. Você vai ver.

Agora, crianças... vinho é *álcool*. É bebida para adultos.

Poxa, sr. Percy Jackson, vocês me dirão, quer dizer que não podemos tomar um golinho?

Não, não, não, crianças. Vinho é perigoso. Não quero nenhum de vocês bebendo álcool antes de completar pelo menos trinta e cinco anos. E mesmo quando chegarem lá, têm que ter receita de um médico e permissão dos seus pais, além de beber com responsabilidade (tipo um gole por mês) e nunca operar máquinas pesadas quando estiverem sob o efeito do álcool!

Pronto... acho que isso já me resguarda legalmente. Vamos voltar para a história.

Naquela noite, Dioniso levou Hefesto para beber. Em pouco tempo Hefesto estava chorando sobre o copo e contando a vida toda a Dioniso.

— Eu... eu te considero muito, cara — disse Hefesto, aos prantos.

— Mais ninguém me entende. Quer dizer... tirando esses caras. — Hefesto apontou para a tigela de amendoins. — Eles me entendem. E... e mais ninguém.

— Hum. — Dioniso assentiu em solidariedade. — Deve ter sido difícil morar no fundo do mar depois de ser rejeitado pela própria mãe.

— Você nem faz ideia. Foi... — Hefesto fungou enquanto procurava a palavra certa. — Foi *dureza*.

— Exatamente — disse Dioniso. — Sabe o que faria você se sentir melhor?

— Mais vinho?

— É, talvez. Mas perdoar também.

— *O quê? Agora?*

— Hera às vezes é uma vaca mesmo — disse Dioniso. — Pode acreditar, eu sei. Mas nós, deuses, somos uma família. Temos que ficar unidos.

Hefesto concentrou o olhar vesgo no copo.

— Ela me jogou fora como se eu fosse uma vela de ignição estragada.

— Nem sei o que é isso — disse Dioniso. — Mas, mesmo assim, você não pode se ressentir para sempre. Se ficar guardando, bem... até o melhor vinho acaba virando vinagre. Sua vingança fez você se sentir melhor?

— Na verdade, não. — Hefesto franziu o cenho, refletindo. — Preciso de mais vinho.

— Não — disse Dioniso, com firmeza. E olhem que isso não era típico dele, negar bebida a alguém. — Você precisa voltar ao Olimpo comigo agora e soltar Hera. Seja um cara do bem. Mostre a todo mundo que você é superior a ela.

Hefesto resmungou, murmurou alguma coisa e xingou a tigela de amendoins, mas concluiu que Dioniso tinha razão.

Então ele voltou ao Monte Olimpo, montado no burro — o que foi muito arriscado, porque ele podia ter sido parado em uma blitz por montar embriagado.

Felizmente, o cara chegou lá são e salvo, Dioniso a seu lado, a pé mesmo. Hefesto se aproximou de Hera. Os outros deuses se reuniram ao redor dos dois.

— Mãe, eu perdoo você — disse Hefesto. — Vou soltá-la, mas você precisa prometer que nunca mais vai jogar bebês fora. *Todo mundo* tem qualidades, não importa a aparência. Promete?

— Mrph — disse Hera.

Hefesto apertou o botão secreto de desativação na parte de trás do trono e Hera ficou livre.

De acordo com algumas histórias, Hefesto exigiu um preço por soltar Hera. Supostamente, Poseidon (que odiava Atena) sugeriu que ele pedisse a Zeus a mão da deusa da sabedoria em casamento, e foi por isso que Hefesto saiu atrás dela naquele famoso incidente do lenço.

Não posso confirmar isso. Acho que Hefesto só se cansou de guardar rancor da mãe. Depois, ele e Dioniso permaneceram bons amigos, e Hefesto e Hera deixaram o ressentimento de lado.

Na verdade, a vez seguinte que Hefesto arrumou confusão foi justamente por *ajudar* a mãe.

* * *

Vamos adiantar a história para a rebelião dos deuses. Como vocês bem se lembram (ou talvez não), depois que foi libertado, Zeus puniu a escória rebelde. Apolo e Poseidon perderam a imortalidade por um tempo. Hera foi amarrada e pendurada no alto do abismo.

Durante tudo isso, Hefesto não tinha tomado partido. Ele achava que a rebelião era uma ideia idiota, mas ninguém havia perguntado a opinião dele. Como resultado, Zeus não o puniu. Mas, mesmo assim, o deus ferreiro não gostou de ver a mãe ser amarrada e pendurada no abismo como isca viva.

Hefesto a ouvia gritando dia e noite. Era irritante ver que ninguém protestava quando Zeus amarrava Hera, mas que, quando *Hefesto* a amarrava, todos agiam como se ele fosse um vilão terrível. E talvez, só talvez, Hefesto estivesse começando a amar a mãe só um pouquinho, ao menos o bastante para não querer vê-la pendurada na garganta do Caos.

Uma noite, ele resolveu dar um basta naquilo. Saiu da cama, pegou sua maleta de ferramentas e foi salvar a mãe. Com a ajuda de alguns ganchos de escalada, um cinturão de segurança, um

podador de árvore, um pedaço de corda e, é claro, fita adesiva, ele conseguiu tirá-la dali e puxá-la para um lugar seguro.

Hera ficou incrivelmente grata. Chorou e abraçou Hefesto e prometeu nunca mais chamá-lo de feio nem de nojento.

Zeus não gostou nada dessa história. Quando descobriu o que tinha acontecido, entrou no quarto de Hefesto todo coberto de estática de eletricidade e o rosto escuro como uma nuvem carregada.

— SEM MINHA PERMISSÃO?! — gritou Zeus. — Você vai aprender a respeitar minha autoridade!

A maioria dos pais só gritaria muito com o filho desobediente, ou o colocaria de castigo, ou o deixaria sem jogar Xbox. Zeus pegou Hefesto pelo tornozelo, derrubou-o e o arrastou até a janela mais próxima.

Hefesto era forte, mas suas pernas eram fracas. Depois que perdia o equilíbrio, ele não conseguia se defender muito bem.

Além do mais, Zeus era *fortíssimo*. Fazia umas seis horas de musculação por semana só para a parte superior do corpo.

Zeus gritou:

— *Sayonara*, Sujeito das Ferramentas!

E jogou Hefesto do alto da montanha... de novo.

Hefesto levou um dia inteiro para cair, ou seja, tempo suficiente para refletir sobre por que tinha pais tão horríveis. Até que finalmente atingiu o chão aqui na terra, na Ilha de Lemnos, com um exagerado *cablam!*. O impacto só fez piorar seu corpo já deformado, suas pernas defeituosas e seu rosto feio. Ele quebrou todos os ossos do corpo imortal e ficou ali estatelado por um bom tempo, incapaz de fazer nada além de sentir uma dor cegante, ardente e incapacitante.

Depois de muito tempo, ele acabou sendo descoberto por uma tribo dos chamados sítios, um pessoal de raízes não gregas que ganhava a vida como pirata na costa do Egeu. Eles tinham má reputação entre os gregos, mas foram bacanas com Hefesto.

Carregaram-no para o vilarejo deles e cuidaram dele da melhor forma que puderam. Por conta disso, Hefesto se tornou o patrono desse povo. Ele montou em Lemnos uma nova oficina, que se tornou seu quartel-general. Por séculos, os gregos visitaram Lemnos para ver o local onde Hefesto caiu na terra pela segunda vez. Eles acreditavam que o solo do local tinha incríveis propriedades de cura, talvez por causa de todo o ícor divino que penetrou no chão. Bastava um pouco de lama de Lemnos na pele que qualquer hematoma sumia. Os ferimentos cicatrizavam. O solo supostamente curava até o pior dos venenos de cobra.

Assim, da próxima vez que vocês forem mordidos por uma cascavel, não se preocupem! É só comprar uma passagem para Lemnos e ir lá comer terra. Tudo se resolve.

* * *

Hefesto se curou. E acabou voltando para o Olimpo. Depois disso, Zeus e ele ficaram se estranhando, mas os dois fingiam que o incidente do *Sayonara, Sujeito das Ferramentas* não tinha acontecido. Imagino que Zeus estivesse arrependido da forma exagerada como tinha reagido e que Hefesto não quisesse abusar da sorte. Afinal, estava cansado de ser jogado da montanha.

Hefesto passava a maior parte do tempo nas várias oficinas que abria em Lemnos, no fundo do oceano ou em outras ilhas espalhadas pelo Mediterrâneo. Sempre que alguém via um vulcão borbulhando, soltando fumaça e cuspidando lava, havia uma boa chance de ser Hefesto aquecendo as forjas.

Como usava vulcões como fonte de calor em suas oficinas, Hefesto era o deus dos vulcões. Na verdade, a palavra *vulcão* vem de seu nome romano, *Vulcanus*, ou Vulcano. E, não, ele não é um daqueles caras de orelhas pontudas de *Guerra nas Estrelas*. Ou seria de *Jornada nas Estrelas*? Nunca lembro.

O animal sagrado dele era o burro, claro, mas ele também

gostava de cachorros. Seu pássaro favorito era o grou, provavelmente por causa das pernas estranhas e magras que não combinam com o restante do corpo — parecido com certo ferreiro que conhecemos.

Em geral, Hefesto era conhecido pela habilidade artesanal. Se vocês lerem aqueles escritores gregos antigos, vão ver que eles se estendem por páginas e páginas sobre cada escudo ou peça de armadura que Hefesto fez, descrevem cada cor e cada desenho, o tamanho de cada aro que ele usou, quantos pregos e zzzz.

Opa, me desculpem. Peguei no sono só de pensar.

Vou contar apenas o básico, mas Hefesto fazia *mesmo* um ótimo trabalho. Ele produziu tronos para todos os deuses, e a maioria nem tinha armadilhas! Fez uma frota de trípodés mágicos, que eram mesas de três pés com rodinhas que corriam pelo Monte Olimpo levando bebidas e aperitivos para todos. Se vocês estivessem no Monte Olimpo e dissessem: “Onde será que coloquei meu iPhone?”, em pouco tempo um dos trípodés apareceria para você, abriria a própria gaveta, e lá estaria o celular. Eram artefatos bem úteis.

Hefesto também fazia as melhores armaduras e armas. Claro, os ciclopes da primeira geração e os telquines eram bons artesãos, mas ninguém chegava perto do deus ferreiro. Hércules, Aquiles, todos os grandes heróis? Eles *só* usavam equipamento da marca Hefesto. E acho que nem era propaganda patrocinada.

As carruagens que ele fez para os olímpianos tinham um mecanismo de suspensão melhor, tração nas quatro rodas, lâminas giratórias nas rodas e todo tipo de opcionais. Ele projetava e desenhava de tudo, de joias a palácios. Para o rei de Quios, Hefesto chegou a fazer uma mansão subterrânea inteira, uma espécie de bunker.

Mas a especialidade de Hefesto eram autômatos: criaturas mecânicas que basicamente foram os primeiros robôs. A própria oficina de Hefesto contava com um grupo de assistentes mecânicas feitas de ouro. E ele fez mais quatro delas para o templo de Apolo,

para que elas pudessem cantar as belezas do deus em um quarteto harmônico. Para o rei Alcínoo, Hefesto fez um par de cães de guarda de metal, um de ouro e um de prata, que eram mais inteligentes e mais cruéis que cachorros de verdade. Para o rei Laomedonte, fez uma vinha de ouro que crescia de verdade. Para o rei Minos, fez um soldado de metal gigante chamado Talos, que patrulhava as fronteiras do palácio dia e noite. Cavalos de metal, touros de metal, gente de metal. O que vocês imaginarem. Se um dia eu me tornar rei, vou pedir um exército de lhamas de ouro gigantes que cuscam ácido.

Opa, me desculpem. Perdi o foco de novo.

Agora eu preciso contar como Hefesto reagiu quando descobriu que a esposa, Afrodite, o estava traindo. É uma história meio triste e não envolve lhamas, mas Afrodite e Ares são *muito* humilhados, o que é sempre bom.

* * *

Afrodite nunca quis se casar com Hefesto. A deusa do amor só pensava em beleza, coisa que Hefesto definitivamente não tinha.

Ele tentou ser um bom marido. Mas não adiantou: assim que eles se casaram, Afrodite começou a ter um caso com o deus da guerra, Ares. Pelo que dizem, Hefesto era o único que não sabia.

Como ele nem desconfiou? Não sei. Talvez quisesse acreditar que Afrodite podia amá-lo. Talvez achasse que, se fizesse tudo certo, ela o amaria. Claro, ele reparou que todos os outros deuses estavam cochichando e rindo pelas costas dele, mas o coitado estava acostumado a isso.

Vou pedir um exército de lhamas de ouro gigantes que cuscam ácido.

Ele começou a suspeitar de alguma coisa quando Afrodite teve o primeiro filho. Hefesto esperava que o bebê fosse aleijado como ele, ou que pelo menos tivesse alguns de seus traços: a cabeça deformada, a cara cheia de verrugas, talvez já nascesse com barba.

Mas o bebê, Eros, era perfeito: bonito e bem-formado. E incrivelmente parecido com Ares.

Hum, pensou Hefesto. Estranho.

O segundo filho de Afrodite foi uma menina chamada Harmonia, que também não se parecia em nada com Hefesto. Ele começou a ficar um pouco desconfortável. Toda vez que se referia a Harmonia como “minha filha”, os outros deuses pareciam segurar o riso. E por que Afrodite e Ares ficavam olhando um para o outro de forma conspiratória?

Finalmente, o titã do Sol, Hélio, ficou com pena de Hefesto. Como Hélio, lá do céu, via tudo em sua carruagem ímã de gatinhas — até o que não *queria* ver —, é claro que tinha testemunhado Afrodite e Ares sendo *bem* mais do que “apenas amigos”.

Uma noite, ele chamou Hefesto de lado e disse:

— Cara, não tem um jeito fácil de dizer isso. Sua mulher está traindo você.

Hefesto sentiu como se tivesse levado um golpe na cara com um martelo de um quilo, um daqueles bem legais com cabo de fibra de vidro e cabeça dupla de aço forjado.

— Traindo? Impossível!

— Possível — retrucou Hélio, em tom sombrio. — Eu mesmo os vi. Não que eu estivesse procurando alguma coisa! Mas é que, bem, foi meio difícil não ver.

O titã do Sol explicou que Afrodite e Ares iam escondidos aos aposentos de Hefesto quando ele estava trabalhando nas forjas. Lá, no quarto do casal, os amantes faziam coisas *muito* erradas.

O coração de Hefesto parecia estar sendo forjado novamente. Ele derreteu de infelicidade. Superaqueceu de raiva. E esfriou e endureceu até virar uma coisa mais forte e mais intensa.

— Valeu pela dica — disse ele a Hélio.

— Posso fazer alguma coisa por você? Quer que eu provoque uma insolação neles?

— Não, não. Pode deixar.

Hefesto voltou para as forjas, onde produziu uma rede muito especial. Criou filamentos de ouro finos como teias de aranha mas fortes como cabos de sustentação de pontes e lançou um feitiço: os fios grudariam em qualquer coisa que fosse capturada na rede, endureceriam mais rapidamente do que cimento e assim imobilizariam a presa.

Ele então seguiu claudicante até o quarto e passou a teia pelas quatro hastes da cama, para que ficasse pendurada como um dossel invisível. Em seguida, preparou sobre o lençol um disparo ativado por pressão.

Voltando à sala, ele encontrou Afrodite lendo o mais novo romance erótico.

— Querida, estou indo a Lemnos! — anunciou Hefesto. — Devo ficar lá alguns dias.

— Ah, é? — disse Afrodite, erguendo o olhar do livro. — Alguns dias, você disse?

— É. Vou sentir saudade. Tchau!

Afrodite sorriu.

— Tudo bem. Divirta-se.

Hefesto pegou sua caixa de ferramentas, selou o burro e saiu. Enquanto isso, Ares via tudo de uma sacada próxima. Quando teve certeza de que Hefesto estava mesmo partindo para Lemnos, correu para os aposentos do ferreiro, onde Afrodite já o esperava.

— Oi, gata — disse Ares. — Sentiu minha falta?

Eles foram para o quarto, mas não tiveram tempo de fazer nenhuma safadeza. Assim que tiraram a roupa e pularam na cama, a armadilha foi acionada.

A rede de ouro caiu sobre eles e grudou como papel pega-mosca. Os dois deuses ficaram se debatendo e dando gritinhos histéricos.

Sério, o grito de Ares era mais agudo que o de Afrodite. Mas os dois estavam grudados na cama, impossibilitados de se mover e de mudar de forma.

Hefesto, que tinha voltado, entrou no quarto com um machado nas mãos.

— Papai chegou — anunciou ele, furioso.

Ele considerou bancar o Cronos e transformar o quarto em uma cena de filme de terror, mas achou melhor não. Para Hefesto, não havia nada mais chocante e constrangedor do que deixar os amantes como estavam, presos no ato da traição. Afrodite com a maquiagem manchada e o cabelo desganhado, braços e pernas abertos em posições estranhas, como se tivesse se chocado contra o para-brisa de um carro. Ares gritava e choramingava ao lado dela, só de meias vermelhas e uma cueca boxer com estampa dos G.I. Joe.

Dali, Hefesto seguiu resolutamente para o salão do trono do Olimpo, onde os deuses se reuniam para o almoço.

— Não comam ainda — disse ele a todos. — Tenho uma coisa para mostrar, e acho que vocês vão ter ânsia de vômito.

Intrigados, os deuses o acompanharam até o quarto, onde ficaram olhando embasbacados para a nova instalação artística que Hefesto havia criado.

— Estão vendo? É isso que eu ganho por tentar ser um bom marido. Assim que eu saio, esses dois começam a farrá. Minha própria mulher me odeia porque sou aleijado e feio, então vai se divertir pelas minhas costas com... com esse idiota. Isso me dá nojo, me dá vontade de vomitar. Não é a coisa mais repulsiva que vocês já viram?

Os outros deuses ficaram em silêncio. Hermes começou a tremer, tentando se controlar.

Zeus repetia para si mesmo: *Não vou rir. Não vou rir.*

Mas, nessa hora, ele olhou para Deméter, e pronto.

— HAHHAHAHAHA!

Ele se dobrou para a frente de tanto que gargalhava. Achou que

iria quebrar as costelas. Todos os outros deuses começaram a rir também.

— Cueca dos G.I. Joe! — gritou Apolo. — AH... Ah, eu não consigo nem... HAHHAHAHA!

— Afrodite — disse Atena, com uma risadinha —, você está simplesmente *uma graça*.

Os deuses não conseguiam parar de rir. Logo estavam rolando pelo chão, com lágrimas nos olhos, tirando fotos com os celulares para postar no Tumblr.

No começo, Hefesto ficou furioso. Queria gritar para que levassem aquilo a sério. Ele estava sofrendo. Tinha sido humilhado!

Mas respirou fundo e percebeu: não, *Afrodite e Ares* é que foram humilhados. Os outros deuses contariam aquela história por séculos. Toda vez que os dois amantes entrassem no salão do trono, os olímpianos dariam risadinhas e tentariam não gargalhar ao se lembrarem do cabelo desgrenhado de Afrodite e da cueca idiota e das meias vermelhas de Ares. Toda vez que as pessoas contassem histórias constrangedoras em reuniões familiares, aquela seria a História Constrangedora Número Um.

Depois de muito tempo, os deuses conseguiram se recompor.

— Tudo bem — disse Poseidon, enxugando os olhos. — Isso foi hilário. Mas você tem que soltá-los agora, Hefesto.

— Não — resmungou Hefesto. — Por que não deixá-los aqui em exibição permanente?

Zeus limpou a garganta.

— Hefesto, pensei que tivéssemos concordado em não amarrar mais uns aos outros. Você conseguiu sua vingança. Agora solte-os.

Hefesto olhou com raiva para o pai.

— Tudo bem. Afrodite pode ir... assim que você me pagar por *todos* os presentes que dei como dote dela. Não a quero mais no mesmo quarto que eu. Não a quero na minha vida. Ela não *merece* ser minha esposa.

Zeus ficou pálido. Naquela época, se alguém quisesse se casar

com uma mulher, tinha que dar à família um monte de presentes; era o chamado dote. Como Afrodite tecnicamente não tinha pai, foi Zeus quem concedeu sua mão em casamento, ou seja: ele ganhou todos os presentes legais que Hefesto havia feito. Se Hefesto exigia o dote de volta, significava que o casamento tinha acabado. E também que Zeus teria que devolver a torradeira de bronze, o conjunto de tacos de golfe, a televisão de plasma e várias outras bugigangas divertidas.

— Hã... bem — disse Zeus —, acho que Afrodite pode ficar presa na rede.

— Zeus! — ralhou Hera.

Ela não gostava de Afrodite, mas também não aprovava o aprisionamento de deusas.

— Tudo bem, tudo bem. Hefesto pode pegar o dote de volta. Afrodite está oficialmente expulsa da vida de Hefesto.

— Como se algum dia ela *tivesse* feito parte da minha vida — murmurou Hefesto.

Poseidon ainda parecia perturbado. Apesar das desavenças que tivera com Ares, naquela época os dois se davam bem. Ele se sentiu na obrigação de ir em auxílio do deus da guerra, já que ninguém mais faria isso, então disse:

— Você tem que soltar Ares também. É o certo a se fazer.

— *Certo?* — gritou Hefesto. — Ele me fez de idiota no meu *próprio* quarto e você vem querer falar sobre *certo*?

— Olhe, eu entendo — argumentou Poseidon. — Mas diga seu preço para este acerto de contas. Falo em nome de Ares. Ele vai pagar, qualquer que seja o valor.

Ares deu um choramingo, mas não ousou objetar. A rede de ouro estava começando a irritar sua pele delicada.

— Tudo bem — disse Hefesto. — Se Poseidon garante o acordo, por mim tudo bem. Quero cem carregamentos das melhores armaduras, armas e espólios de guerra da fortaleza de Ares, e *eu* escolho o que vou levar.

Era um preço muito alto, pois Ares amava seus espólios de guerra, mas ele concordou.

Hefesto soltou os dois amantes. Como ele esperava, a história foi contada e recontada à mesa de jantar dos olímpianos por séculos, com Ares e Afrodite servindo como alvo de piada para todo mundo. Afrodite e Hefesto nunca mais moraram juntos. Se estavam tecnicamente divorciados? Não sei. Mas o casamento dos deuses não precisava mesmo de papel.

Depois, Hefesto sentiu-se livre para se relacionar com outras mulheres. Teve filhos com muitas delas. No mais, dali em diante passou a odiar os filhos que Afrodite teve com Ares, por mais que eles não merecessem...

* * *

Vamos avaliar o caso de Harmonia. Já a mencionei antes, ela era a deusa menor que se tornou mortal e se casou com aquele rei, Cadmo, e depois os dois foram transformados em cobras.

Como se isso não fosse azar suficiente para toda uma vida, Harmonia ganhou de Hefesto um presente de casamento amaldiçoado. O deus ferreiro a odiava, porque ela era um lembrete constante do caso que Afrodite tivera com Ares. Não que fosse culpa de Harmonia, mas, ei, até os deuses legais como Hefesto podem ser cretinos.

Quando Harmonia se casou com Cadmo, Hefesto fez um colar de ouro para dar a ela. Era a joia mais linda que vocês podem imaginar, cheia de pedras preciosas revestidas com ouro delicado, mas também carregava um feitiço pesado. Mesmo tendo trazido azar para Harmonia (o que é meio óbvio, pois ela foi transformada em cobra), a joia foi passada para os descendentes dela, de modo que, ao longo de gerações, todo mundo que usava aquele colar sofria uma tragédia horrível. Não vamos entrar em detalhes, mas isso mostra que Hefesto tinha um lado sombrio. Se algum dia vocês

encontrarem um dos colares dele, não deixem de prestar atenção no que tem gravado. Se estiver escrito *Parabéns, Harmonia!*, jogue fora na mesma hora.

Depois de Afrodite, o primeiro relacionamento de Hefesto foi com uma deusa chamada Aglaia. Ela era uma das Graças. E quando digo Graça, não estou falando de piadas nem de filmes de comédia. As Graças eram três irmãs divinas encarregadas das graças e do prazer. Eram acompanhantes de Afrodite, que deve ter ficado muito irritada quando Hefesto começou a namorar uma delas.

Tipo, *É, eu larguei você e estou saindo com a sua acompanhante. Lide com isso.*

Enfim, Hefesto e Aglaia tiveram várias filhas divinas.

Depois, Hefesto namorou um monte de princesas mortais e teve uma série de filhos semideuses que viraram reis dessa ou daquela cidade grega.

Ele até teve um rolo com uma ninfa chamada Etna, que era a deusa do Monte Etna, na Sicília. Se vocês estiverem prestando atenção, vão lembrar que é a montanha que Zeus usou para esmagar Tifão, o gigante da tempestade. Não sei por que Hefesto quis namorar uma ninfa de uma montanha semiesmagada, mas eles tiveram alguns filhos juntos, os chamados *Pálicos*, que eram os espíritos das fontes de águas quentes e dos gêiseres. Se você algum dia for ao parque Yellowstone para ver o gêiser Old Faithful em ação, não deixe de gritar: "Hefesto manda lembranças! Ligue mais vezes para seu pai, seu preguiçoso!"

Os filhos mais interessantes de Hefesto foram os gêmeos que ele teve com uma ninfa do mar chamada Cabiró. Eles foram chamados de *Cábiros*, em homenagem à mãe, mas seus verdadeiros nomes eram Álcon e Eurimêdon. (E não, isso não vai cair na prova. Se o professor de vocês disser o contrário, NÃO ACREDITEM.)

Os Cábiros eram muito parecidos com Hefesto, ou seja, eram bons em trabalhar com metal e incrivelmente feios. Às vezes são descritos como anões, embora talvez apenas parecessem pequenos

perto do pai. Eles o ajudavam nas forjas em Lemnos e até iam à guerra em nome dele. Uma vez, viajaram para o leste com Dioniso, quando ele marchou para a Índia. Eles se meteram em confusão, e Hefesto teve que ir lá salvá-los.

Vocês não sabiam que o deus do vinho já declarou guerra à Índia? Vamos chegar lá daqui a pouco, mas agora estou com vontade de ouvir um pouco de poesia.

Você não?

Ah, QUE PENA. Apolo está ficando impaciente. Está doido para que eu escreva logo o capítulo dele, e, como ele é o deus olimpiano mais descolado (por mais que esse título tenha sido dado por ele mesmo), não dá para adiar muito mais a vez do Garoto Dourado.

APOLO CANTA E DANÇA E ATIRA FLECHAS EM TODO MUNDO



NÃO DÁ PARA não sentir pena da mãe de Apolo.

Estar grávida já é bem difícil. (Não que eu saiba por experiência própria, mas minha mãe me disse isso um milhão de vezes.) A mãe de Apolo, a titânide Leto, ficou grávida de *gêmeos* e não pôde ir ao hospital quando entrou em trabalho de parto. Teve que ficar pulando de ilha em ilha para salvar a própria vida, já que estava sendo perseguida por uma deusa sedenta de vingança e uma cobra gigante.

Seria muita surpresa se eu dissesse que a coisa toda foi por culpa de Zeus?

O velho sr. Relâmpago se apaixonou por Leto e a convenceu de que não haveria problema eles terem filhos juntos.

— Hera nunca vai descobrir! — disse ele.

Zeus contou essa mentira para tantas mulheres diferentes que ele

mesmo já devia estar acreditando.

É claro que Hera descobriu. Lá do Monte Olimpo, ela lançou um olhar maligno para a linda e grávida Leto, que estava sentada em uma campina vendendo saúde e fazendo carinho no barrigão enquanto cantava para seus bebês ainda não nascidos.

Hera resmungou consigo mesma:

— Como ela *ousa* estar feliz? Vamos ver se vai continuar feliz sentindo *dor eterna!*

A rainha do céu então abriu os braços e bradou, dirigindo-se a toda a Terra:

— Escutai-me, mundo! Escutai-me, Mãe Gaia! Eu proíbo que qualquer pedaço de terra com raízes sob o Olimpo receba Leto quando chegar sua hora de dar à luz. Se alguma terra ousar me contrariar, amaldiçoá-la-ei por toda a eternidade! Leto não terá cama onde se deitar nem lugar para repousar! Será obrigada a vagar pelo mundo sem ter onde dar à luz, grávida e em trabalho de parto para sempre, sofrendo pelo crime de roubar meu marido! HA, HA, HA!

Pois é, naquele dia Hera sem dúvida estava dando vazão à Bruxa Má do Oeste que vivia dentro dela. O chão tremeu. Todos os espíritos da natureza em todas as terras com raízes do mundo prometeram recusar ajuda a Leto. Vocês devem estar se perguntando por que Leto não comprou um barco e deu à luz no mar. Por que não foi para o fundo do mar, ou para o Érebo, ou alugou um helicóptero e deu à luz a trezentos metros de altura, em pleno ar.

Pelo que posso concluir, Hera incluiu tudo isso na maldição. Ela criou uma situação impossível, na qual Leto só poderia dar à luz em terra, mas toda terra estava proibida de acolhê-la. Hera era astuta.

Aos sete meses de gravidez, Leto entrou em trabalho de parto prematuro.

— Ah, que ótimo — resmungou ela. — Essas crianças não vão esperar!

Quando ela tentou se deitar, a terra tremeu. Árvores começaram

a pegar fogo. Fissuras se abriram no chão, e Leto teve que correr para se salvar. Aonde quer que ela fosse, não conseguia encontrar um lugar para descansar. Ela pegou um barco para uma outra ilha, mas aconteceu a mesma coisa. Tentou uma dezena de lugares diferentes na Grécia e além. Em todos os lugares, as ninfas se recusavam a ajudá-la.

— Desculpe — diziam. — Hera vai nos amaldiçoar por toda a eternidade se deixarmos você desembarcar. Você não pode dar à luz em nenhum lugar com raízes na terra.

— Mas isso quer dizer *todas* as terras! — protestou Leto.

— É, a ideia é essa.

Leto vagou de um lugar a outro, o corpo tomado de dor, os bebês cada vez mais impacientes para nascer. Ela sentia como se tivesse engolido uma bola de praia e dois gatos selvagens.

Em desespero, foi a Delfos — que já tinha sido o lugar sagrado de sua mãe, Febe —, na esperança de que o Oráculo a abrigasse.

Mas, infelizmente, o Oráculo tinha sido tomado por uma cobra gigante chamada Píton. De onde ela veio? Vocês vão adorar isso. A palavra *píton* vem do grego *pytho*, que significa *apodrecimento*. O monstro Píton nasceu do lodo infectado e podre deixado pelo dilúvio provocado por Zeus para inundar o mundo. Que agradável!

Bom, Píton tinha ido morar na região e pensou com seus botões: *Caverna legal, essa. Cheia de mortais suculentos para comer!* Em seguida, engoliu os sacerdotes, profetas e os peregrinos que iam pedir ajuda. E se enroscou toda para um cochilo.

Quando Leto apareceu, ficou chocada de encontrar uma cobra de trinta metros e da largura de uma van no local sagrado preferido da mãe dela.

— Quem é você? — perguntou Leto.

— Sou Píton — respondeu Píton. — E você deve ser o meu café da manhã.

A cobra deu o bote. Leto correu, mas parecia tão apetitosa por estar rechonchuda, grávida e lenta que Píton a perseguiu por

quilômetros. Por vezes, quase a pegou. Por pouco Leto não conseguiu voltar ao barco.

Onde Zeus estava o tempo todo? Escondido. Com a esposa em fúria majestosa, ele não queria ser alvo de sua ira, então deixou que Leto aguentasse o chumbo grosso. Cara bacana.

Leto continuou vagando por aí de barco até que finalmente teve uma ideia louca: pediu ao capitão do barco que seguisse para a Ilha de Delos.

— Mas, minha senhora — disse o capitão —, Delos é uma ilha flutuante! Não tem como saber onde está, pois a cada dia muda de lugar.

— ENCONTRE-A! — gritou Leto.

A dor do trabalho de parto fez cintilar nos olhos dela um soturno brilho de agonia.

O capitão engoliu em seco.

— Saindo uma Delos fresquinha para viagem!

Vários enervantes dias depois, eles encontraram o lugar. Parecia uma ilha normal (praias, colinas, árvores), com a diferença de que Delos não era presa à terra. Flutuava nas ondas como uma boia gigantesca, vagando pelo Mediterrâneo, esbarrando de vez em quando em outras ilhas ou atropelando baleias distraídas.

Quando o barco se aproximou, Leto, com muito esforço, ficou de pé na proa. Ela estava com tanta dor que nem conseguia pensar direito, mas chamou o principal espírito da natureza da ilha:

— Ah, grande Delos, só você pode me ajudar! Por favor, deixe-me desembarcar em sua terra e dar à luz na ilha!

A ilha estremeceu. Uma voz ecoou das colinas:

— Hera vai ficar completamente louca se eu fizer isso.

— Ela não pode fazer nada contra você! — gritou Leto. — A maldição especificava as terras com raízes. Você não tem raízes! Além do mais, depois que meus filhos nascerem, eles vão proteger você. *Dois* deuses olímpianos do seu lado. Pense nisso. Delos vai ser o lugar sagrado deles. Você vai ter templos maravilhosos. Vai poder

finalmente parar em um lugar. Só com turismo vai ganhar milhões!

Delos pensou a respeito. A ilha estava cansada de vagar por aí. As ninfas da floresta ficavam enjoadas com o constante balanço das ondas.

— Tudo bem — disse a voz. — Pode vir.

Assim que Leto encontrou um lugar para deitar, o mundo tremeu de expectativa. Não é todo dia que nascem dois novos deuses olímpianos. Todas as deusas (exceto, claro, Hera) correram para junto de Leto a fim de ajudar no parto.

Leto teve dois bebês lindos: um menino chamado Apolo e uma menina chamada Ártemis. Eles nasceram no sétimo dia do sétimo mês, quando Leto estava com sete meses de gravidez, então o número sagrado deles era o treze. (*Brincadeira. Era o sete.*)

Vamos falar sobre Ártemis daqui a pouco, mas Apolo não perdeu tempo e foi logo atraindo todas as atenções. Assim que experimentou o néctar na mamadeira, pulou dos braços da mãe, ficou de pé e sorriu.

— Beleza, pessoal? Meu nome é Apolo e preciso de arco e flechas agora mesmo! Um instrumento musical também seria ótimo. Alguém já inventou a lira?

As deusas se entreolharam, confusas. Nem os olímpianos estavam acostumados com bebês sorridentes que falavam frases completas e pediam armas.

— Hã, nunca ouvi falar em lira — admitiu Deméter.

Na verdade, a lira seria inventada mais tarde, mas isso é outra história.

— Tudo bem — disse Apolo, dando de ombros. — Um violão serve. Ou um uquelele. Só não me tragam um banjo, por favor. Não curto banjo.

As deusas foram correndo providenciar o que o garoto queria. Hefesto fez um arco dourado lindo e uma aljava com flechas mágicas. Quanto ao instrumento musical, o melhor que conseguiram arranjar foi um *keras*, um negócio que parece um trompete.

Quando as deusas voltaram para Delos, Apolo tinha crescido tanto que parecia ter cinco anos, apesar de não ter nem um dia de vida. Ele tinha cabelo dourado bem comprido, um bronzado bacana e olhos que brilhavam como o Sol. Somando-se tudo isso à túnica grega tecida em ouro que ele tinha arranjado para vestir, o cara era tão ofuscante que ficava até difícil de olhar.

Colocando o arco e a aljava nos ombros, Apolo pegou o *keras* e tocou uma bela melodia, cantando *a capella*:

— *Ah, eu sou Apolo e sou demais! Lá-lá-lá, qualquer coisa que rime com demais!*

Na verdade, não faço ideia do que ele cantou, mas ele anunciou que seria o deus do arco e flecha, da música e da poesia. Também anunciou que se tornaria o deus da profecia e interpretaria a vontade de Zeus e as palavras do Oráculo para todos os pobres e pequenos mortais.

Quando a música terminou, as deusas bateram palmas educadamente, apesar de ainda acharem a cena toda meio estranha. A Ilha de Delos adorou ter um novo patrono. Delos firmou raízes e se ancorou no mar, para não mais se mover. A ilha se cobriu de flores douradas em homenagem ao deus dourado Apolo. Se vocês visitarem Delos hoje, ainda verão esses campos de flores selvagens entre as ruínas, embora, felizmente, Apolo já não toque o trompete com tanta frequência.

* * *

Apolo cresceu a uma velocidade absurda. Em cerca de uma semana já tinha se tornado um deus adulto, ou seja, o cara escapou da escola, tirou um diploma honorário e parou de envelhecer quando tinha a aparência de vinte e um anos. E ficou assim para sempre. Nada mau, se querem saber minha opinião.

A primeira providência dele foi vingar a mãe pela dor e pelo sofrimento que ela padecera durante a busca por algum lugar em

que pudesse dar à luz. Infelizmente, ele não podia destruir Hera, que, afinal, era a rainha do céu e tal, mas, quando ouviu sobre Píton, a cobra que perseguira Leto em Delfos, Apolo ficou enfurecido.

— Já volto — avisou ele à mãe.

Apolo voou até Delfos (sim, ele voava) e chamou Píton:

— Ei, cobra!

Píton abriu os olhos.

— O que você quer?

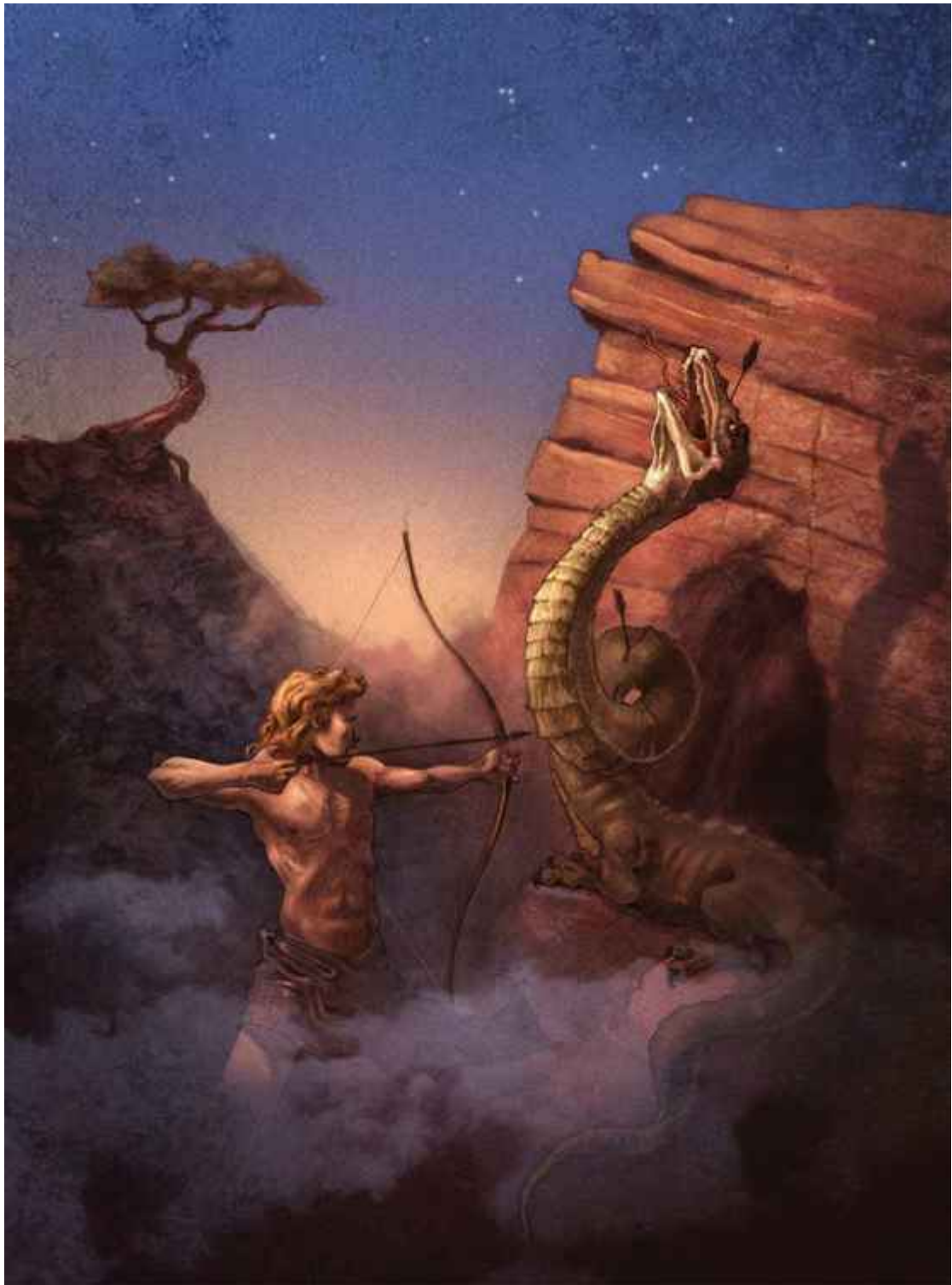
— Cantar uma música sobre como sou incrível!

— Ah, por favor. Melhor me matar.

— Tudo bem!

Então Apolo pegou o arco e disparou uma flecha entre os olhos da cobra. *Depois* cantou uma música sobre como era incrível. Ele jogou o corpo da cobra em uma fissura abaixo da caverna, onde o bicho apodreceu eternamente, liberando todo tipo de odor agradável.

Foi assim que Apolo assumiu o Oráculo de Delfos, e recebeu de volta os sacerdotes e peregrinos. Como o Oráculo já tinha pertencido a sua avó, Febe, ele às vezes era chamado de Febo Apolo. A sacerdotisa principal que previa o futuro passou a ser conhecida como *Pítia*, por causa da cobra Píton. Ela recebia as profecias direto do deus Apolo e as transmitia sempre em forma de enigmas ou de poesia ruim, ou ambos.



Ela ocupou a caverna onde a cobra tinha morrido. Normalmente ficava sentada em um banco de três pés, ao lado de uma das grandes fissuras de onde saía um gás vulcânico nojento que cheirava a cobras mortas. Se você fizesse uma oferenda, Pítia dizia seu futuro ou respondia a perguntas. O que não garantia que você fosse entender a resposta. E, se entendesse, provavelmente não iria gostar.

* * *

Apolo assumiu seu lugar entre os deuses do Olimpo e nem Hera ousou protestar. É que ele parecia tão... *divino*.

Era alto, musculoso e bronzeado como um salva-vidas de *S.O.S. Malibu*. Usava o cabelo comprido, mas preso em um coque de estilo masculino, para não atrapalhar no manuseio do arco. Perambulava pelo Olimpo em sua túnica cintilante, arco e flecha em mãos, piscando para as moças e cumprimentando os rapazes com soquinhos, ou às vezes piscando para os rapazes e cumprimentando as moças com soquinhos. Apolo não ligava. Achava que *todos* o amavam.

Ele era ótimo com poesia e música. Quer dizer, tinha quem gostasse. Eu sou mais do tipo rock and roll, mas tudo bem. Apolo sempre fazia sucesso nas festas, porque entretinha o pessoal com suas músicas, suas previsões e até com demonstrações divertidas de arco e flecha — como interceptar doze bolas de pingue-pongue ao mesmo tempo ou atirar em uma taça de vinho posicionada na cabeça de Dioniso.

Apolo também se tornou o deus dos pastores de ovelhas e vacas. Por quê? Boa pergunta. Obviamente, Apolo gostava de carnes boas. Ele tinha o melhor gado do mundo. *Todo mundo* queria roubar seus

animais, mas ele os mantinha sob vigília constante. Se alguém sequer chegasse perto de seu rebanho sagrado, era capaz de ser deflagrada a Guerra Mundial V (de vaca).

Quando se zangava com alguém, Apolo não deixava barato. Para punir qualquer mortal em qualquer ponto do mundo, bastava ele puxar seu arco e disparar. A flecha fazia a volta no céu e encontrava o alvo pretendido, qualquer que fosse a distância. Se ele estivesse na Grécia e ouvisse um sujeito na Espanha murmurar “Apolo é um burro!”... *BAM!* Era um espanhol morto. E a flecha era invisível, então os outros mortais nunca sabiam o que tinha atingido o sujeito.

Na Grécia Antiga, sempre que alguém caía morto inesperadamente, concluía-se que tinha sido obra de Apolo. Talvez fosse uma punição, talvez uma recompensa para algum inimigo do falecido.

Tendo isso em mente, o que vou falar agora vai parecer estranho: Apolo era o deus da cura. Se alguém quisesse um Band-Aid ou um Advil, podia recorrer a Apolo. Mas ele também tinha poder sobre pestes e epidemias. Podia curar ou matar todo um exército, até mesmo uma nação inteira. Se ficasse furioso, disparava uma flecha especial que explodia em uma fumaça venenosa e espalhava varíola, peste negra ou antraz. Se o apocalipse zumbi acontecer, vocês já sabem a quem culpar.

Apolo era o deus de tantas coisas diferentes que até os gregos ficavam confusos. Eles falavam coisas do tipo: “Hum, esqueci quem é o deus das cestas de palha. Deve ser Apolo!”

Talvez tenha sido por isso que, mais tarde, os gregos e os romanos começaram a chamá-lo de deus do Sol. Esse cargo era, na verdade, de Hélios, mas os mortais meio que se esqueceram de Hélios e decidiram dar a carruagem do Sol para Apolo, um cara brilhante e dourado como o astro rei — o que fazia sentido.

Neste livro, contudo, não vamos colocá-lo como o deus do Sol. Ele já tem coisas demais com que se preocupar. Até porque a ideia de Apolo guiando a carruagem do Sol me apavora, pois vocês sabem

que ele estaria falando ao celular na maior parte do tempo e com o rádio no volume máximo, os *subwoofers* da caixa de som fazendo o veículo inteiro tremer. Ele estaria de óculos e ficaria olhando as gatinhas e dizendo: *E aí?*

Enfim, os símbolos dele eram o arco e a flecha, o que não é surpresa. Mais tarde, quando a lira (uma harpa pequena) foi inventada, passou a ser o símbolo dele também.

O mais importante a saber sobre Apolo? Nunca o subestime. Um dia ele pode ser o deus das rimas fracas, das músicas-chiclete e das aulas de primeiros socorros; no seguinte, é o deus das armas químicas e pragas devastadoras. E vocês aí achando que *Poseidon* era quem tinha dupla personalidade.

* * *

Apolo não matava sem motivo. Ele só não precisava de *muito* motivo.

Por exemplo: uma vez sua mãe, Leto, estava indo vê-lo em Delfos quando foi assediada por um gigante chamado Títio. Eu sei. Que nome horrível, Títio. Mas não há nada que eu possa fazer a esse respeito.

Títio não era flor que se cheirasse. Era um dos filhos mais monstruosos de Zeus. Sua mãe era a típica princesa mortal, Elara. Só que, quando ela estava grávida, Zeus teve a brilhante ideia de escondê-la de Hera enfiando-a em uma caverna subterrânea. Alguma coisa nos vapores da caverna transformou o bebê na barriga de Elara em uma coisa horrenda e tão grande que o corpo da mãe não conseguiu mais abrigá-lo. É meio nojento, mas... bem, *CABUM!* Elara morreu. No entanto, a criança continuou crescendo até a caverna toda virar sua incubadora. E então Gaia, a própria Cara de Terra, decidiu ser a mãe substituta de Títio. Ela completou o treinamento dele no Lado Negro. Quando Títio finalmente saiu da terra, parecia menos um filho de Zeus e mais um filho do monstro

de Frankenstein.

Ao ficar sabendo dele, Hera concluiu que poderia usá-lo para conseguir sua desejada vingança contra Leto.

— Oi, Títio — disse Hera um dia.

— Sangue! — gritou Títio. — Carne e sangue!

— Sim — disse Hera. — Isso é muito bom. Mas que tal uma esposa bonita, além de carne e sangue?

— Carne!

— Certo. Talvez mais tarde. Uma mulher vai passar por aqui em breve, a caminho de Delfos. Ela *adora* quando gigantes grandes e fortes tentam sequestrá-la e arrastá-la para seus lares subterrâneos. Interessado?

Títio coçou a cabeça enorme.

— Sangue?

— Ah, certamente. — Hera sorriu. — Se ela resistir, derrame todo o sangue que quiser!

Títio concordou. Hera lhe deu um biscoitinho em recompensa por ser um bom garoto e o deixou esperando na estrada para Delfos. Não demorou muito e Leto apareceu. Títio avançou sobre ela.

Graças à experiência com Píton, Leto tinha muita prática em fugir de monstros, e desta vez não estava grávida. Ela desviou do gigante e saiu correndo a toda para Delfos.

— Ei, filho! — gritou ela. — Não quer me dar uma mãozinha aqui?

Quando ouviu o chamado da mãe, Apolo pegou o arco e disparou. *TUENG.* Títio caiu de cara na terra, com uma flecha dourada no coração.

Mas a vingança foi rápida demais para o gosto de Apolo. Então ele foi ao Mundo Inferior falar com Hades:

— Tem um cara, um tal de Títio... Acho que ele ainda conta como um semideus mortal. Não sei bem. Mas, se o espírito dele aparecer, torture-o por mim. Uma tortura legal... como Zeus fez com Prometeu. Só que não com uma águia. Talvez com urubus ou algo do tipo.

— Urubus ou algo do tipo? — perguntou Hades.

— Isso! Perfeito!

Hades devia estar sem inspiração, pois seguiu a sugestão de Apolo ao pé da letra. Quando o espírito de Títio apareceu, o gigante foi condenado por agredir Leto e foi mandado para os Campos da Punição, onde foi acorrentado, ganhou um fígado que se regenerava e teve a barriga aberta para que urubus pudessem se esbaldar nele para sempre. (Acho que mais tarde Prometeu entrou com uma ação exigindo direitos autorais da ideia.)

* * *

Em outra ocasião, Apolo se vingou de um insulto cometendo um assassinato em massa. Parece justo, não é? A rainha de Tebas, uma mulher chamada Níobe, teve quatorze filhos, sete meninos e sete meninas. As crianças eram saudáveis e bonitas e tiravam boas notas na escola, por isso Níobe sempre se gabava delas. Vocês já devem ter encontrado mães assim. Alguém diz: "Fiz um gol no futebol ontem à noite." E ela diz: "Ah, que legal. Todos os meus quatorze filhos são *artilheiros*, só tiram dez nas provas e ainda por cima sabem tocar violino." E a pessoa só tem vontade de dar na cara dela.

Bem, Níobe era essa mulher. Um dia, a cidade de Tebas fez um festival em homenagem a Leto. Os sacerdotes a estavam elogiando por ser tão linda e corajosa e por dar à luz não apenas um, mas *dois* deuses incríveis: Apolo e Ártemis. Conforme as orações prosseguiram, a rainha Níobe não conseguiu mais suportar.

— Ah, isso não é nada de mais! — disse ela ao público. — Acho que Leto não é mais bonita nem mais corajosa do que *eu*. Além do mais, ela só teve dois filhos. Eu tive *quatorze* filhos incríveis.

Pois é... Péssima ideia.

Do outro lado do mundo, Apolo e Ártemis ouviram o insulto e foram voando até lá, arcos a postos.

Eles desceram sobre Tebas, e uma onda de terror se espalhou pela cidade. Todos viraram pedra, menos a rainha e sua família.

— Orgulhosa dos seus filhos, é? — gritou Apolo. — Talvez seja preciso fazê-la ver as coisas por outro ângulo.

Ele disparou sete flechas de ouro e matou todos os filhos de Níobe ao mesmo tempo. Ártemis matou as sete filhas. O marido de Níobe, o rei, chorou de ódio, desembainhou a espada e partiu para cima de Apolo, que, por isso, o matou também.

O coração de Níobe ficou esstraçalhado. Ela fugiu para uma montanha na Ásia Menor, na área que hoje é a Turquia, onde passou anos e anos chorando até finalmente virar pedra. Os gregos costumavam visitar o lugar no Monte Sípilo, onde uma desgastada figura de mulher esculpida em pedra vertia água pelos olhos. Talvez ela ainda esteja lá.

Quanto à família morta, eles ficaram expostos por nove dias. Seus corpos ficaram nas ruas de Tebas, atraindo moscas e ficando cada vez mais nojentos e mais, hum, *píton* enquanto o restante da população estava congelado como estátuas.

Zeus acabou ficando com pena de Tebas e despetrificou o povo. Ele permitiu que enterrassem a família real. Ninguém em Tebas voltou a insultar Leto, mas também tenho certeza de que Apolo e Ártemis também não eram muito populares por lá.

* * *

Mas *mesmo assim* Apolo conseguia encontrar novas formas horríveis de punir as pessoas.

A pior foi o que ele fez ao sátiro Marsias.

Esse sujeito com pernas de bode morava em Frígia, na Ásia Menor, mais ou menos perto do lugar em que Níobe virou pedra. Um dia, Marsias estava passeando pela margem do rio, cuidando da própria vida, quando viu um instrumento estranho caído na grama. Por acaso era a flauta que Atena tinha feito, a primeira do mundo.

Talvez vocês lembrem que as outras deusas debocharam de como ela ficava engraçada tocando, e que por isso ela acabou jogando o instrumento fora, para longe do Olimpo, jurando que quem a tocasse sofreria um destino terrível.

Bem, o pobre Marsias não sabia disso. Atena não tinha colocado uma etiqueta de aviso. Então o sátiro pegou a flauta e começou a tocar. Como estava cheia da saliva da deusa, a flauta emitiu um som maravilhoso. Em pouco tempo, Marsias havia dominado o movimento dos dedos e já começava a tocar tão lindamente que todas as ninfas da natureza a quilômetros dali se aproximaram para ouvi-lo.

De repente ele estava dando autógrafos, com vários hits entre os mais tocados da semana nas principais rádios. Seu canal do YouTube tinha sete milhões de seguidores e seu primeiro álbum ganhou um disco de platina na Ásia Menor.

Tudo bem, talvez eu esteja exagerando. Mas ele ficou popular por causa da música. Sua fama se espalhou.

Apolo não gostou nada disso. Ele só tinha *cinco* primeiros lugares entre as mais pedidas. Não queria um sátiro idiota na capa da *Rolling Stone* quando era ele quem merecia os holofotes.

Apolo desceu até a Frígia e ficou flutuando invisível sobre a multidão que se reunira para ouvir Marsias tocar. O cara era bom, sem dúvida. Apolo sentiu ainda mais raiva.

Ele esperou e ouviu a música, sabendo que era só questão de tempo...

Dali a pouco, uma ninfa deslumbrada, sentada na primeira fileira, gritou:

— Marsias, você é o novo Apolo!

O elogio subiu à cabeça de Marsias.

— Obrigado, gata — disse ele, com uma piscadela. — Mas, falando sério, você prefere a música de Apolo ou a *minha*?

A plateia aplaudiu como nunca, alucinada, até que Apolo apareceu no palco, em meio a uma luz dourada. Todos ficaram

mudos.

— Que excelente pergunta, Marsias! — exclamou Apolo. — Isso foi um desafio? Porque para mim pareceu um desafio.

— Hã... sr. Apolo... eu não... não estava...

— *Uma competição musical*, você disse? — Apolo sorriu de orelha a orelha. — Eu aceito! Vamos deixar que a plateia escolha quem é o melhor, e, só para tornar tudo mais interessante, o vencedor pode fazer *o que quiser* com o perdedor: pedir qualquer preço, infligir qualquer punição! Que tal?

Marsias ficou pálido, mas a plateia comemorou e festejou em aprovação. É engraçado como um recital de flauta pode rapidamente debandar para a execução pública.

Sem muita escolha, Marsias tocou o melhor que conseguiu. A música que ele tirou da flauta levou lágrimas aos olhos das ninfas. Os sátiros na plateia choraram, levantaram o isqueiro aceso e baliram como cabritinhos.

Em seguida foi a vez de Apolo, que tocou uma música em sua lira (a essa altura, a lira já tinha sido inventada; falarei mais sobre isso depois). Ele dedilhou, cantou e fez um longo solo, de arrepiar. As garotas da primeira fileira desmaiaram. A plateia berrava de entusiasmo.

Era impossível dizer quem havia ganhado a competição. Os dois músicos eram igualmente talentosos.

— Bem... — Apolo coçou a cabeça. — Para desempatar, vamos ver quem consegue fazer o melhor *truque* tocando.

Marsias ficou olhando para o deus sem entender.

— *Truque?*

— Claro. Você sabe, movimentos diferentes! Exibição! Você consegue fazer *isso?*

Apolo colocou a lira atrás da cabeça e tocou sem nem olhar para as cordas. A plateia foi à loucura. Ele cruzou o palco de joelhos, girando os braços, enquanto arrasava nas semicolcheias, depois apertou o botão de sustentação de nota e se jogou sobre os braços

da plateia, fazendo um solo enquanto a multidão o carregava de volta para o palco.

Os aplausos só cessaram cerca de uma hora depois. Apolo sorriu para Marsias.

— Você consegue fazer isso?

— Com uma flauta?! — gritou Marsias. — Claro que não! Não é justo!

— Então eu ganhei! — disse Apolo. — Tenho a punição perfeita para você. Sabe, Marsias, você se acha especial, mas é só modinha. *Eu* vou ser famoso para sempre. Sou imortal. Você? Só casca, sem recheio. Se raspar a superfície, dá para ver que você é só mais um sátiro mortal, de carne e osso. E eu vou provar isso para a plateia.

Marsias recuou. Ele sentia na boca o gosto de lodo de píton.

— Sr. Apolo, me deixe pedir desculpas por...

— Vou esfolar você vivo! — disse Apolo, alegremente. — Vou arrancar sua pele, para todos podermos ver o que tem por baixo.

Já está com nojo?

Pois é. Foi bem horrível.

Marsias teve uma morte medonha só porque ousou tocar tão bem quanto Apolo. O corpo do sátiro foi enterrado em uma caverna perto do local onde transcorreu a competição de música, e o sangue dele virou um rio que descia pela encosta da colina.

Apolo foi capa da *Rolling Stone*. Quem via o rosto sorridente dele jamais imaginaria que o cara fazia cortinas de pele de sátiro.

* * *

Uma última coisa sobre Apolo: ele era um solteirão convicto e um verdadeiro mulherengo. Ei, um psicopata, assassino em massa e que toca lira? Não tem nada mais encantador!

De acordo com algumas histórias, ele namorou todas as Nove Musas — as deusas que cuidavam dos diferentes tipos de arte, como tragédia, comédia, drama para a televisão etc. Apolo não conseguia

se decidir entre elas; eram todas lindas. Assim, ele prometeu nunca se casar, só namorar e curtir.

Uma única vez ele ficou tentado a quebrar a promessa. Foi quando se apaixonou e teve o coração partido, tudo por culpa dele mesmo.

Certa tarde, Apolo estava caminhando pelo palácio no Monte Olimpo quando deu de cara com Eros, filho de Afrodite. O atirador do amor estava sentado no parapeito de uma janela, ajeitando a corda do arco. O garoto parecia tão novo, e o arco tão pequeno, que Apolo caiu na gargalhada.

Um psicopata, assassino em massa e que toca lira? Não tem nada mais encantador!

— Ah, meus deuses! — exclamou Apolo, limpando uma lágrima do olho. — Você chama isso de *arco*? Essas flechas parecem dardos. Como é que você consegue acertar alguma coisa?

Eros estava fervendo por dentro, mas conseguiu dar um sorriso.

— Eu consigo na boa.

— *Isto* é um arco, garoto. — Apolo puxou seu longo arco de ouro, feito por Hefesto. — Meus inimigos tremem quando me veem chegando. Acabo com qualquer um com uma única flecha, a qualquer distância! Já você... bem, imagino que seja um temível caçador de porquinhos-da-índia.

E, dizendo isso, Apolo saiu andando, ainda rindo.

Eros trincou os dentes e murmurou para si mesmo:

— Vamos ver, sr. Arco Grandão. Você pode até derrubar seus inimigos, mas eu consigo derrubar *você*.

No dia seguinte, de manhã, Apolo estava andando à margem do

rio na Tessália, apenas tocando lira e apreciando a luz do Sol, quando Eros disparou uma flecha bem no coração dele.

Por acaso, uma náiade estava se banhando ali perto, uma das filhas do espírito do rio da região. Dafne era o nome dela. Pelos padrões de qualquer um, Dafne era bonita. A maioria das náiades era. Mas, no momento em que Apolo a viu, ele a achou mais linda do que Afrodite. Todas as mulheres com quem ele já havia saído de repente lhe pareceram sem sal. Apolo decidiu que *tinha* que se casar com ela.

Mas Dafne, assim como muitas ninfas inteligentes, tinha decidido fazia muito tempo que não sairia com deuses, porque as namoradas deles sempre se davam mal. Não o tempo todo, talvez; tipo, 99,9 por cento das vezes.

— Oi! — cumprimentou Apolo. — Qual o seu nome?

Dafne saiu da água e se cobriu com o roupão.

— Eu... Meu nome é Dafne. Por favor, vá embora.

— Ah, Dafne Por Favor Vá Embora — disse Apolo. — Eu amo você! Case-se comigo, vou fazer de você a náiade mais feliz do universo.

— Não.

— Eu insisto! Venha, deixe-me beijá-la. Vou provar meu amor e... Ei, aonde você está indo?

Dafne saiu correndo.

Apolo era rápido, mas Dafne era mais ainda. Sem contar que Apolo estava carregando o arco e a lira e, atordoado de amor, ficava parando toda hora para compor novos poemas dedicados a ela.

Mas Dafne começou a se cansar. Ela chegou a um penhasco que dava para um cânion; Apolo subiu pela encosta atrás dela. Não havia como Dafne voltar.

Ela tinha duas opções: pular para a morte ou aceitar o pedido de casamento. Quando ouviu o deus recitando poemas de amor, ela até achou que pular do penhasco parecia uma boa ideia.

Em desespero, Dafne tentou uma última coisa.

— Ah, Gaia, protetora de todos os espíritos da natureza, escuta-me! Salva-me! Não deixas que eu me torne namorada desse deus!

Gaia se compadeceu da moça. Quando Apolo chegou ao penhasco e passou os braços ao redor dela, Dafne virou um loureiro, e ele se viu abraçando um tronco de árvore, acariciando braços que haviam virado galhos, passando as mãos por cabelos que haviam virado folhas.

Apolo chorou de desespero.

— Ah, bela náíade! Nunca vou me esquecer de você. Você foi meu verdadeiro amor. Deveria ter sido minha esposa! Não consegui conquistar seu amor, mas, de agora em diante, até o fim dos dias, você será um símbolo da vitória. Suas folhas adornarão minha cabeça, e lançarei uma nova moda!

E é por isso que vocês veem imagens de gregos e romanos usando na cabeça coroas enfeitadas com folhas de louro. Apolo fez a coisa virar tendência. A folha do loureiro se tornou sinal de honra. Se alguém ganhava uma competição ou evento esportivo, era laureado. Se conquistasse uma nação inimiga, mais louros! Se ficasse cansado de fazer coisas incríveis e tivesse folhas o suficiente para encher um colchão, podia se aposentar e ficar com os louros!

Tudo porque Apolo se gabou de ter um arco de ouro enorme.

Eros riu por último, mas, em termos gerais, Apolo tinha motivo para se gabar. Afinal, ele realmente era o melhor arqueiro do mundo. Só havia um concorrente a sua altura, talvez até melhor do que ele.

Esse alguém era sua irmã, Ártemis. Se quiserem saber sobre ela, tudo bem. Mas, rapazes, comportem-se. Vou logo avisando: Ártemis não tem senso de humor.

ÁRTEMIS INVOCA O PORCO DA MORTE



NÃO É QUE Ártemis odiasse todos os homens; só a maioria. No momento em que nasceu, ela soube de um fato crucial: *Os homens são meio nojentos.*

É claro que ela tinha passado sete meses no útero com o irmão gêmeo, Apolo, esperando nascer. Qualquer uma que passasse tanto tempo sozinha com Apolo teria uma impressão ruim sobre o sexo masculino.

Ártemis nasceu primeiro — provavelmente por estar ansiosa para sair dali — e imediatamente adquiriu o tamanho de uma garota de seis anos. Ela olhou para as deusas reunidas ao redor de Leto para ajudá-la no parto.

— Certo — disse Ártemis. — Vou ajudar a trazer meu irmão ao mundo. Ele vai dar trabalho. Fervam água! Tragam mais lençóis limpos! Vou me lavar.

E Ártemis ajudou mesmo no parto do irmão gêmeo. A partir

daquele momento, ela se tornou a deusa do parto, a protetora dos recém-nascidos e das crianças pequenas. (Junto com a outra deusa do parto, Ilítia; elas dividiam as tarefas.) Logo que nasceu, Apolo pôs-se a dançar e a cantar sobre como ele próprio era maravilhoso. Ártemis apenas deu um passo para trás e revirou os olhos.

— Ele é sempre assim — disse ela a Héstia. — Foram sete meses no útero. Ele não calava a boca.

Héstia dirigiu-lhe um sorriso bondoso.

— E você, querida? Não canta e dança?

— Urgh, não. Mas eu tenho planos. Pode me levar até meu pai?

Héstia levou a jovem Ártemis até o Monte Olimpo, onde o pai da moça, Zeus, estava sentado no trono ouvindo os deuses do vento lhe passarem o relatório semanal das formações de nuvens. Era *tão* entediante que Zeus adorou a distração.

— Ei, olhem! — disse ele, interrompendo a apresentação de PowerPoint do Vento do Sul sobre as zonas de pressão baixa. — São Héstia e... uma criança. Entrem!

Héstia entrou no salão do trono levando Ártemis pela mão.

— Sr. Zeus, esta é sua nova filha, Ártemis. Podemos voltar depois, se o senhor estiver ocupado.

— Ocupado? — Zeus pigarreou. — Não, não! São coisas importantes, relatórios sobre o tempo, mas, caramba, vão ter que esperar!

Ele mandou os deuses do vento saírem e abriu os braços para Ártemis.

— Venha para o papai, pequenina! Deixe-me dar uma olhada em você!

Ártemis estava usando um quíton simples na altura do joelho, um tipo de vestido reto amarrado com um cordão na cintura. Tinha cabelo preto retinto na altura do ombro e olhos cinza-prata fulminantes, lindos. E digo *fulminantes* porque dava a sensação de que aqueles olhos poderiam fulminar qualquer um que irritasse Ártemis.

Ela tinha menos de um dia de vida, mas já parecia ter idade para estar no quarto ano da escola. Mesmo para uma criança de nove ou dez anos ela seria alta. Colocaria no chinelo o time de basquete das crianças. Ao se aproximar do trono, ela abriu um sorriso radiante que amoleceu o coração de Zeus.

— Papai! — Ela se jogou nos braços dele. — Eu amo você, amo você! Você é o melhor pai do mundo!

Talvez ela não gostasse tanto de homens, mas sabia *exatamente* como fazer o pai comer na sua mãozinha.

Zeus deu uma risadinha.

— Puxa, assim eu fico até bobo. Você é a deusinha mais fofa que já vi. Diga ao papai Zeus o que você quer de presente de aniversário, docinho, e será seu.

Ártemis juntou as mãos e se fez de meiga ao perguntar:

— Qualquer coisa?

— Qualquer coisa! Prometo pelo Estige!

Bum. Palavras mágicas. Era de se esperar que os deuses fossem mais espertos e não saíssem por aí prometendo qualquer coisa pelo Rio Estige, mas, pelo visto, Zeus não aprendia nunca. Bem, agora ele teria que dar a Ártemis o que ela quisesse.

Algumas garotas pediriam um pônei, um celular novo ou uma tarde de compras no shopping com as amigas. Algumas talvez pedissem ingressos VIP para o show da mais recente *boy band* ou um encontro com alguém superincrível, tipo, sei lá, Percy Jackson. (*Ué, por que não?*)

Mas Ártemis não ligava para nada disso. Ela sabia *exatamente* o que queria. Talvez porque a mãe, Leto, não tivesse descansado em sua busca por algum lugar onde pudesse dar à luz, indo de ilha em ilha; talvez porque a cobra Píton tivesse quase devorado Leto antes de os gêmeos nascerem. Qualquer que fosse o motivo, Ártemis tinha o espírito inquieto: queria rodar o mundo e caçar criaturas perigosas e, *definitivamente*, nunca engravidar. Já tinha visto o problemão que aquilo tinha causado para a mãe. Ártemis adorava ajudar nos partos,

mas não pretendia passar por uma gravidez.

— Quero ser donzela para sempre, pai — disse Ártemis, enroscando no dedo uma mecha da barba de Zeus. — Não quero me casar nunca. Quero um arco e flechas... Espere. Quer saber? Esqueça isso. Se *você* me der o arco e as flechas, talvez não sejam da melhor qualidade. Vou falar com os ciclopes e pedir armas sob medida. Mas você pode me providenciar um grupo de seguidores: ninfas do mar, ninfas dos rios, ninfas dos bosques... Ah, que tal umas garotas mortais também? Qualquer garota que queira se juntar a mim pode ser minha seguidora, desde que permaneça donzela, como eu. Imagino que elas deverão tomar essa decisão quando tiverem uns nove anos, antes de começarem a se interessar por garotos, porque depois disso vão se distrair e deixarão de ser úteis para mim. Acho que podemos começar com umas oitenta seguidoras, tá? Vamos ver como as coisas se desenrolam. Elas podem caçar comigo, destripar minhas caças, cuidar dos meus cães. Ah, bem lembrado! Quero cães de caça.

Ela respirou fundo e continuou:

— Quero também o direito de caçar qualquer animal perigoso em qualquer lugar do mundo. Quero que todas as montanhas sejam consagradas a mim, porque é onde vou passar a maior parte do tempo, nas selvas. Quanto a cidades... não sei. Qualquer cidade velha pode ser a minha. Só vou visitar cidades quando as mulheres precisarem da minha ajuda no parto, ou quando criancinhas precisarem de proteção. — Ela sorriu para Zeus, erguendo para ele seus grandes olhos prateados. — E... é, acho que é isso.

Zeus ficou imóvel por alguns instantes, perplexo.

Depois, caiu na gargalhada.

— Você é mesmo minha filha! Pensa *grande!* — Ele deu um beijo na testa da menina e a colocou de pé no chão. — Sabe, quando tenho filhos como você, até vale a pena ter que aturar a ira de Hera. Vou lhe dar tudo que você pediu, meu amor. E não só isso; vou lhe dar *muitas* cidades. Estou sentindo que você vai ser muito popular!

* * *

Ele não estava enganado. Ártemis era idolatrada por todo tipo de gente: grávidas, crianças pequenas, pais e mães, jovens donzelas que queriam proteção para escapar de homens nojentos e, é claro, qualquer pessoa que tivesse o costume de caçar, o que naquela época era *muita* gente. Homem ou mulher, quem fosse adepto da caça tinha Ártemis como protetora — desde que não destruísse a natureza e realmente *usasse* o que tivesse caçado. Mas ela era também a deusa dos animais selvagens, então, se alguém enlouquecesse e matasse muitos animais sem nenhum motivo, Ártemis teria uma conversinha com a pessoa.

Após falar com o pai, Ártemis foi visitar os ciclopes, que estavam trabalhando em uma das forjas de Hefesto na Ilha de Lípara, para lhes pedir que fizessem um arco de caça especial, todo em prata, e uma aljava cheia de flechas encantadas, de ouro e prata.

Depois, foi visitar Pã, o sátiro que era deus da natureza. Ártemis adotou os melhores cães selvagens para seu bando de caça; alguns eram malhados em branco e preto, alguns tinham pelo castanho, alguns eram todos pintados, como os dálmatas; todos eram ferozes. Corriam mais rápido que o vento e conseguiam, sozinhos, derrubar um leão adulto, de tão fortes que eram. Imaginem o que seriam capazes de fazer juntos.

Em seguida, Ártemis reuniu seu grupo de seguidoras. Não foi difícil: muitas ninfas e mortais gostavam da ideia de viverem livres na natureza, sem nunca precisarem se preocupar em se casar. Talvez vocês estejam pensando: *Ah, mas eu quero me casar um dia!* É, mas naquela época a maioria das garotas não escolhia com quem se casava. O pai lhes dizia: *Ei, vá se casar com aquele cara. Foi quem me ofereceu o maior dote.* E pronto. Não importava se era gordo, velho, feio, se tinha cheiro de queijo passado. A garota não tinha escolha, era obrigada a se casar com o cara.

As seguidoras de Ártemis nunca precisavam passar por isso.

Tampouco precisavam viver o tempo todo alertas, com medo de que algum deus apaixonado aparecesse para emboscá-las. As Caçadoras de Ártemis eram proibidas para eles. Quem quer que tentasse sequestrá-las, ou mesmo flertar com elas, estaria na mira do arco de prata de Ártemis.

Normalmente, Ártemis levava consigo apenas vinte seguidoras para caçar de cada vez. Não tem como oitenta garotas se aproximarem da presa de forma sorrateira. O restante ia caçar em grupos diferentes ou ficava no acampamento para preparar os animais caçados, secar o couro ou acender fogueiras... ou fazer o que quer que as pessoas que curtem a natureza fazem quando estão acampando. Eu sou de Manhattan; não sei nada dessas coisas.

Desde cedo Ártemis percebeu que precisaria viajar longas distâncias e se deslocar rapidamente, às vezes mais do que uma deusa conseguiria a pé. Seria uma boa ideia ter uma carruagem, concluiu ela. Só não sabia que tipo de animal seria o mais indicado para puxá-la. Cavalos eram coisa de Poseidon. Além do mais, eram domesticados, e Ártemis queria algum animal selvagem e veloz.

Então um dia ela viu um bando de cervos.

Vocês devem estar pensando: *Uau, cervos. Nada mais empolgante.*

Mas nesse bando de cervos havia cinco corças: fêmeas adultas do tamanho de touros, com patas e chifres feitos de ouro maciço. Como Ártemis sabia que era ouro de verdade e não tinta em spray? Ora, ela é a deusa dos animais selvagens. Ela simplesmente sabia.

Ártemis então se virou para suas seguidoras e sussurrou:

— Esses cervos nobres seriam *incríveis* para puxar minha carruagem. Esta vai ser nossa primeira grande captura, moças!

Ártemis preferia não matar animais indefesos, como os cervos. Em geral, matava apenas os que feriam humanos, como ursos, leões ou texugos enfurecidos. Mas ela tinha muitas formas inteligentes de capturar animais sem os ferir. Entre suas seguidoras havia uma ninfa chamada Britomártis, uma garota tão boa em fazer redes que

Ártemis acabaria transformando-a em uma deusa menor, a deusa das redes. (Se ela jogava vôlei? Não sei.)

Britomártis preparou algumas armadilhas com redes, e as seguidoras de Ártemis começaram a fazer barulho. Aconteceu como elas queriam: a maioria dos cervos de tamanho normal fugiu, mas as corças gigantes com chifres de ouro se viraram para o inimigo a fim de enfrentá-lo e proteger o grupo.

Quatro delas foram direto na direção das armadilhas e acabaram capturadas, mas a mais inteligente das cinco deu meia-volta no último segundo e escapou.

— Minha senhora, devemos ir atrás daquela? — perguntou Britomártis.

Ártemis sorriu.

— Não. Quatro corças bastam para puxar minha carruagem. Aquela quinta mereceu a liberdade. É uma corça inteligente! De agora em diante, ela terá minha bênção. Proíbo que ela seja ferida por qualquer caçador.

Aquela corça sortuda viveu muito tempo. Ficou famosa por passear em uma área da Grécia chamada Cerineia, então ficou conhecida como Corça da Cerineia. Mais tarde, Hércules receberia a ordem de capturá-la, mas aí já é outra história.

* * *

Então agora Ártemis tinha tudo de que precisava: armas, seguidoras, cães de caça e uma carruagem puxada por corças mágicas com chifres de quatorze quilates. A deusa passava o tempo nas montanhas, caçando monstros, punindo quem fosse desnecessariamente cruel com animais ou não respeitasse a natureza. De vez em quando aparecia em uma cidade para ver as crianças, ajudar as mães a darem à luz e fazer recrutamento entre as jovens que quisessem se juntar à Caçada.

Em alguns aspectos, ela e o irmão Apolo eram bem parecidos. Os

dois eram arqueiros incríveis; Ártemis era a protetora das donzelas, tanto quanto Apolo era o protetor dos rapazes; os dois tinham poderes de cura; ambos ocasionalmente puniam mortais desrespeitosos com uma flecha de morte súbita ou uma peste terrível. Mais tarde, Ártemis passou a ser conhecida como deusa da Lua, assumindo o lugar da titânide Selene, da mesma forma que Apolo tomou o lugar de Hélio, o titã do Sol. Às vezes vocês verão imagens de Ártemis com uma faixa de cabelo enfeitada com um emblema prateado em forma de lua crescente, o símbolo de que ela é a deusa da Lua ou de que está com um pedaço de fita adesiva em forma de bumerangue grudado na testa. Vamos ficar com a primeira opção.

Já em outros aspectos, Ártemis era completamente diferente do irmão. Apolo namorava *todo mundo*, enquanto Ártemis não tinha tempo para essas bobagens. Ela era totalmente imune à magia do amor.

Apolo gostava de fazer música; Ártemis preferia o som dos grilos à noite, o estalar da fogueira, os piados das corujas e o gorgolejar dos rios. Apolo gostava de chamar atenção; Ártemis preferia passar despercebida na natureza e ser deixada em paz com suas seguidoras.

Os símbolos dela? Nenhuma surpresa: o arco, o cervo e, às vezes, a lua crescente.

E não pensem que só as mulheres adoravam a deusa Ártemis, pois os homens também a respeitavam. Os espartanos rezavam para ela quando queriam fazer uma boa caçada, para serem bons no uso do arco e flecha etc. Alerta de nojeira: para homenageá-la, eles amarravam um jovem ao altar de Ártemis e o chicoteavam até ficar tudo repleto de sangue. Por que eles achavam que isso deixaria Ártemis feliz, não sei. Já falei que os espartanos eram completamente loucos?

Em outras cidades gregas, bodes e até cachorros eram sacrificados em seu nome.

Pois é. *Cachorros?* Ártemis amava cachorros. Por que alguém os sacrificaria em homenagem a ela, não sei. Espero que Ártemis tenha lançado uma peste sobre aqueles idiotas, para deixar clara sua insatisfação com a prática.

Ela era popular em toda a Grécia, mas seu maior templo era na cidade de Éfeso, na Ásia Menor. O local foi fundado pelas amazonas — faz sentido. Uma nação de guerreiras? Elas realmente estavam em sintonia com o modo de pensar de Ártemis.

Claro, Ártemis preferia caçar, mas era uma excelente guerreira quando precisava. Por exemplo, lembram quando os gigantes Aloadas atacaram o Olimpo, empilhando montanhas para fazer uma torre de assalto? Foi Ártemis quem os derrotou.

* * *

Aconteceu assim: depois que Ares, o deus da guerra, saiu daquele jarro de bronze, os gêmeos começaram a se gabar de que iam tomar o Olimpo e escravizar os deuses. Efiltes queria Hera como sua esposa. Oto queria se casar com Ártemis à força.

Quando soube disso, Ártemis falou:

— Tudo bem. Esses dois precisam morrer *agora*.

Acho que Ártemis até poderia acertar suas flechas nos dois de longe mesmo, mas ela queria chegar perto, para ver a dor no rosto deles.

Então ela desceu correndo a montanha e descarregou suas flechas nos gêmeos, acertando-os nas pernas, nas mãos e em certas partes do corpo muito sensíveis. Eles tentaram empalá-la com suas lanças gigantes, mas ela era muito rápida.

Por fim, ela correu entre os gigantes, e quando tentaram acertá-la, ela desviou no último segundo, fazendo os gêmeos perfurarem um ao outro. Gigantes mortos. Problema resolvido. E a cena ainda foi parar no programa *As Batalhas Mais Engraçadas do Olimpo*.

Mas, na maior parte do tempo, Ártemis deixava os animais

selvagens matarem por ela.

Uma vez, na cidade grega de Calidão, o rei Eneu esqueceu de fazer as devidas oferendas a Ártemis. Era época da colheita; os habitantes deveriam oferecer aos deuses a primeira leva das frutas produzidas. Eles derramaram azeite para Atena; queimaram grãos para Deméter; sacrificaram gurjões de peixe com molho tártaro para Poseidon.

Mas esqueceram de Ártemis. Ela só queria algumas maçãs dos pomares. Teria aceitado até limões. Mas seu altar ficou vazio.

— Tudo bem — resmungou ela. — Posso ser desonrada, mas não vou abrir mão de me vingar!

E para isso ela invocou o porco mais feroz da história dos porcos.

Esse porco-do-mato era do tamanho de um rinoceronte, com olhos de cor vermelho-sangue que ardiam como fogo. Seu couro, grosso como aço, era coberto de espinhos duros como arpões, de tal forma que bastava esbarrar nele para a pessoa sair fatiada como bife. Sua boca soltava raios e nuvens tóxicas de ácido que queimavam e faziam murchar qualquer coisa em seu caminho, e suas afiadíssimas presas... Bem, se você chegasse a ver as presas, aí já era.

Em resumo, ele era o Porco da Morte.

Ártemis o soltou nos campos de Calidão, onde ele destruiu todos os pomares, pisoteou os campos e matou todos os animais, fazendeiros e soldados que cometeram a burrice de tentar contê-lo.

A essa altura, o rei Eneu só pensava que deveria ter dado algumas maçãs a Ártemis. Ele se virou para o filho Meléagro e disse:

— Você é o melhor caçador do reino, meu filho! O que devemos fazer?

— Caçar o porco! — disse Meléagro. — Ártemis é a deusa da caça, certo? A única forma de ela nos perdoar é iniciarmos a maior e mais perigosa caçada da história. Se matarmos esse porco com bravura e habilidade, tenho certeza de que ela vai nos perdoar.

O rei Eneu franziu a testa, ainda em dúvida.

— Ou vai ficar com mais raiva ainda. Além do mais, você não pode matar aquele monstro sozinho!

— Não sozinho — concordou Meléagro. — Vou convocar os melhores caçadores da Grécia!

O rei fez divulgarem a ideia e ofereceu recompensas. Em pouco tempo Calidão estava recebendo caçadores de todo o mundo. E assim começou a Primeira e Com Sorte Última Caçada Anual ao Porco do Calidão.

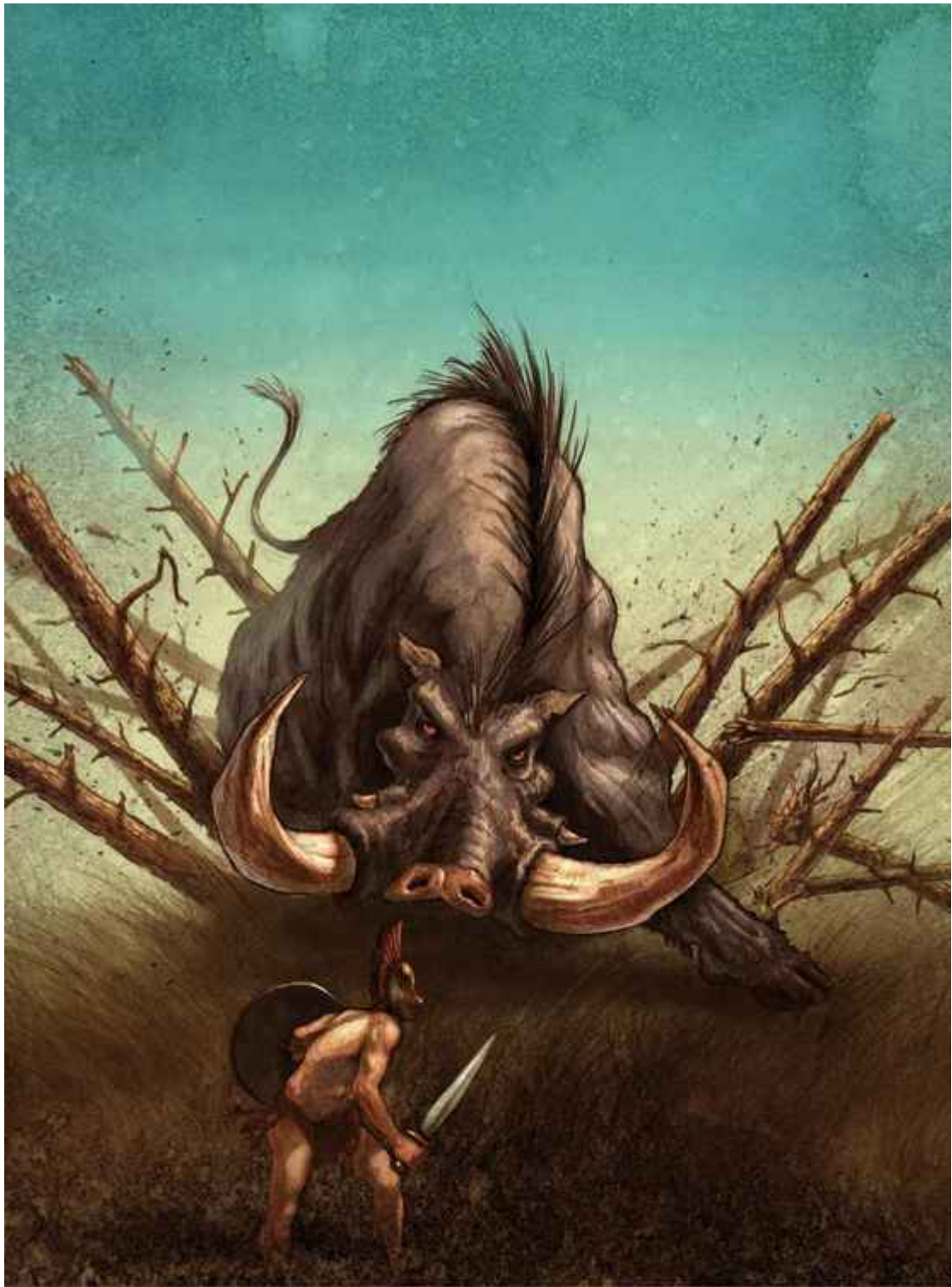
Ártemis não facilitou para eles. Um homem chamado Mopso, que era o lanceiro mais forte da Grécia, jogou sua lança no porco com força suficiente para rachar um escudo de bronze, mas Ártemis fez com que a ponta da lança se soltasse na metade do caminho. Assim, a lança apenas bateu no bicho e caiu.

Outro caçador, um tal de Anceu, riu.

— Não é assim que se combate um Porco da Morte! Aprenda comigo! — Ele ergueu o machado de duas lâminas que carregava. — Vou lhe mostrar como um homem *de verdade* luta! Esse porco da deusa menininha não é páreo para mim.

Anceu partiu para o ataque, o machado erguido bem acima da cabeça, mas o porco enfiou uma presa direto na virilha do sujeito. Anceu morreu, e depois disso foi eternamente lembrado como o Incrível sem Virilha.

Finalmente, o próprio príncipe Meléagro matou o porco, embora tenha contado com muita ajuda de amigos. Foi um ato corajoso e tal, mas mesmo assim Ártemis não se deu por satisfeita. Então ela encheu os outros caçadores de inveja. Meléagro arrancou o couro do porco e o pendurou no palácio, para exibir a todos o maior prêmio da caçada, mas os homens começaram a brigar e reivindicar o crédito pelo feito.



A discussão virou uma guerra civil. Centenas de pessoas morreram, tudo porque o rei esqueceu de dar umas frutas a Ártemis. Na boa: são só doze deuses. Da próxima vez anote os nomes em um papel para ir riscando, Eneu.

* * *

Então é isso, se algum mortal esquecia de fazer os sacrifícios devidos a Ártemis, podia acabar morto. Mas quem fizesse *questão* de uma morte dolorosa podia simplesmente invadir o espaço pessoal dela.

Um caçador chamado Acteon cometeu esse erro. O mais louco era que ele realmente respeitava Ártemis: *sempre* se lembrava de fazer os sacrifícios, dedicava a ela os melhores animais que tivesse capturado e tentava ser um bom caçador. Acteon tinha sido criado e treinado pelo próprio Quíron, o famoso centauro que treinou os melhores heróis gregos (tipo... eu). Ele tinha uma matilha de cinquenta cães. Quando não estava na caverna de Quíron aprendendo coisas de herói, estava passeando com seus cachorros, perseguindo criaturas perigosas e levando para casa bacon de porco selvagem.

Uma noite, nas montanhas, exausto após um longo dia de caça, ele resolveu se deitar para dormir sobre uma pedra com vista para um lago com cachoeira. Os cães se aconchegaram na campina atrás dele. Ele se cobriu até a cabeça e adormeceu, acordando de manhã ao som de vozes.

Acteon esfregou os olhos. Quando olhou para o lago, pensou que estivesse sonhando: um grupo de belas moças estava se banhando na cachoeira, tipo, *sem roupa*. A mais bonita era exatamente como as estátuas de Ártemis que Acteon via nos templos: alta, cabelo

escuro e olhos prateados e brilhantes. Ao vê-la se banhando, Acteon sentiu o sangue rugir nos ouvidos.

Vejam bem, se na mesma hora ele tivesse ido embora de fininho, talvez tivesse se safado. Ártemis nem havia dado pela sua presença. Se tivesse dado o fora discretamente, Acteon poderia ter vivido até a velhice com seu segredo, sabendo-se um homem de sorte. Afinal... ele *ainda* não a estava espionando. Foi puro acaso.

Mas não. Claro que não. Acteon *tinha* que se deixar levar pela cobiça.

Ele ficou olhando. E se apaixonou por Ártemis. Decidiu que *tinha* que se casar com ela.

Ele sabia que a deusa tinha decidido ser donzela para sempre, claro. Mas isso era porque ainda não *o* conhecia!

Acteon a respeitava. Sempre fazia sacrifícios para ela. Amava caçar e amava animais... Eles tinham tanto em comum! Como não tinha pensado nisso antes?

Então ele se levantou e gritou:

— Perdão, minha senhora!

As seguidoras de Ártemis gritaram e correram para a margem para pegar suas roupas e seus arcos. Ártemis apertou os olhos. Nem tentou se cobrir. Foi na direção de Acteon caminhando sobre a água.

— Quem é você? — perguntou ela.

— Acteon, minha senhora. Sou um grande caçador e sempre a idolatrei.

— É mesmo? — Ártemis não pareceu impressionada. — E mesmo assim me espia enquanto estou me banhando?

— Foi... foi sem querer. — O pescoço de Acteon começou a coçar, como se estivesse coberto de pulgas. Ele não se sentia mais tão confiante, mas agora era tarde demais para recuar. — Sua beleza... me inspirou a falar com você. Eu preciso tê-la! Case-se comigo!

Ártemis inclinou a cabeça. Uma aura prateada brilhava ao redor de todo o seu corpo.

— *Eu preciso tê-la...* — disse ela. — Acha que sou sua caça?

— N-não, minha senhora.

— Acha que *você* é o caçador e que eu sou um prêmio a ser capturado com sua matilha de cães?

— Bem, não. Mas...

— Deixe-me esclarecer uma coisa, Acteon. Eu sou a caçadora. Sou sempre a caçadora. *Você* é a caça. Nenhum homem que tenha me visto nua pode permanecer vivo.

O corpo de Acteon se contorceu de dor. Logo acima dos olhos, sua testa se abriu, e dali surgiram dois grandes chifres. Seus dedos se fundiram e formaram cascos. Suas costas se curvaram e esticaram. Suas pernas se estreitaram. Suas botas encolheram e viraram cascos.

Acteon se tornou um cervo, um belo cervo com chifres de dezesseis pontas.

Ártemis deu um assobio agudo, fazendo os cinquenta cães de Acteon despertarem do sono. Eles não detectaram o cheiro do dono em parte alguma, mas, uau, como aquele cervo enorme cheirava bem! Acteon tentou ordenar aos cachorros que se sentassem, mas não tinha voz. Eles não o reconheceram. Ele correu, como os cervos costumam fazer, mas os cães foram mais rápidos.

Eles fizeram picadinho do ex-dono.

Quando terminaram, os cães olharam ao redor, procurando Acteon. Sem conseguir encontrá-lo em lugar algum, eles latiram, choramingaram e ficaram muito tristes, mas acabaram voltando para a caverna de Quíron. O centauro deduziu o que havia acontecido, já que havia farrapos da roupa de Acteon presos nos dentes dos cães, além de sangue nos pelos deles. Quíron já tinha avisado aquele garoto burro para não se meter com Ártemis. Para fazer os cachorros se sentirem melhor, ele construiu um boneco de Acteon com as roupas do caçador, como se fosse um espantalho. Assim os cachorros achariam que o dono ainda estava presente.

Acho que isso foi legal da parte de Quíron, para o bem dos cachorros, mas fiquei pensando: será que ele tem um espantalho de

Percy Jackson guardado em algum armário, para o caso de emergências? Não sei se quero saber.

* * *

Essa não foi a única vez que um homem viu Ártemis se banhando. Na segunda, foi um garoto chamado Sipriotes, que só estava caminhando por ali e calhou de estar no lugar errado na hora errada.

Quando ele viu a deusa nua, deu um gritinho de surpresa; mas Sipriotes era só uma criança. Não a pediu em casamento. Só caiu de joelhos e implorou por misericórdia.

— Por favor, senhora — choramingou ele. — Eu não fiz de propósito. Não me transforme em cervo para os cachorros comerem!

Ártemis se sentiu mal. Ela era, afinal, a protetora das criancinhas.

— Bem, Sipriotes, o problema é o seguinte: nenhum homem pode me ver nua e permanecer vivo.

— Mas... Mas...

— Como você é homem, vou ter que matá-lo. A não ser, claro, que você não fosse homem...

Sipriotes ficou confuso.

— Você quer dizer... espere. O quê?

— Ou morre ou muda de sexo. A escolha é sua.

Não era propriamente uma escolha. Sipriotes não queria morrer, então... *shazam!* Ártemis o transformou em *ela*, e a garota Sipriotes viveu feliz para sempre com as Caçadoras de Ártemis.

Muito bizarro para vocês? Ah, mas fica ainda mais bizarro!

Em outra ocasião, uma das seguidoras de Ártemis, uma garota chamada Calisto, chamou a atenção de Zeus. Bem, as seguidoras de Ártemis eram território proibido, mas estamos falando de Zeus. Além disso, Calisto era lindíssima.

Era a seguidora preferida de Ártemis na época. As duas eram muito parecidas: rápidas e fortes, nem um pouco interessadas em

homens. Tornaram-se melhores amigas assim que Calisto se juntou à Caçada. Como todas as seguidoras de Ártemis, Calisto jurou ficar donzela para sempre. Mas Zeus tinha outros planos para ela.

Um dia ele estava lá no Olimpo quando olhou para a terra e viu Calisto sozinha em uma clareira, relaxando e curtindo o sol.

— É a minha chance! — disse ele a si mesmo. — Só preciso descobrir um jeito de me aproximar, para que ela não saia correndo. Aquela garota é rápida. Hum...

Então Zeus mudou de forma, ficando igual a Ártemis.

Eu sei, é muita canalhice, não é? Mas, como eu disse, ele não tinha escrúpulos quando se tratava de mulheres. O patife chegaria ao ponto de fingir ser a própria filha.

A Ártemis Falsa apareceu na clareira tranquilamente, como quem não quer nada.

— Oi, Calisto. O que está fazendo?

— Minha senhora! — Calisto ficou de pé em um pulo. — Eu estava só descansando.

— Posso descansar com você? — perguntou a Ártemis Falsa.

Calisto até notou alguma coisa estranha nos olhos da deusa, mas mesmo assim disse:

— Hã... claro.

A Ártemis Falsa chegou mais perto e pegou a mão de Calisto.

— Você é muito bonita, sabe.

Nisso, a Ártemis Falsa beijou Calisto. E não estou falando de uma bitoquinha de amiga, beijinho na bochecha, não. Calisto lutou e tentou recuar, mas Zeus a segurou com força, e ele era mais forte do que ela.

— Minha senhora! — gritou Calisto. — O que está *fazendo*?

Foi quando Zeus voltou a sua verdadeira forma, fazendo Calisto gritar ainda mais alto.

— Pronto, pronto — disse o deus do céu. — Ártemis não precisa saber, minha querida. Vai ser nosso segredinho!

E foi assim que Zeus mostrou, mais uma vez, que era um cretino.

Sim, claro, ele pode me ouvir e ficar com raiva. Não vai ser a primeira vez que me arrisco com o sr. Trovão. Mas, ei, eu só falo do que eu sei.

Se a verdadeira Ártemis estivesse por perto, teria ido correndo ajudar Calisto, mas, infelizmente, a moça estava sozinha. Zeus conseguiu o que queria.

Depois, Calisto ficou com muita vergonha de contar o ocorrido, com medo de ter sido, de alguma forma, culpa dela própria. Uma dica: se vocês sofrerem algum tipo de ataque de um cretino, a culpa *nunca* é sua. Contem para alguém.

Calisto guardou segredo o máximo que conseguiu. Tentou fingir que nada tinha acontecido. Só que ela engravidou. Não podia esconder aquilo para sempre. Alguns meses depois, ao final de um dia quente cheio de perseguição a monstros, Ártemis e sua turma foram nadar. Todas pularam no lago, menos Calisto.

— O que foi? — gritou Ártemis. — Venha!

Calisto corou e colocou a mão na barriga, que estava começando a crescer. Não ousava tirar a roupa, pois Ártemis repararia.

Mas Ártemis pressentiu o problema mesmo assim. De repente, ela entendeu por que Calisto andava tão distante e triste nos últimos tempos.

A tristeza se abateu sobre ela.

— Logo você, Calisto? — disse Ártemis. — De todas as minhas seguidoras, *você* quebrou o voto?

— Eu... eu não queria!

Uma lágrima escorreu pela face da jovem.

— Quem foi? Um belo guerreiro? Um herói de fala mansa? Meu irmão, Apolo? Ah, não... não me diga que foi ele.

— Foi... foi você! — disse Calisto, em um choramingo.

Ártemis ficou olhando para ela sem entender.

— Como é que é?

Então Calisto contou a história de como Zeus aparecera para ela disfarçado da líder das Caçadoras.

A deusa ferveu de fúria. Sua vontade era partir para cima do pai, mas não há muito o que fazer quando seu pai é o rei do universo. Ela olhou para Calisto e balançou a cabeça, morrendo de pena.

— Você era minha preferida. Se tivesse me procurado logo que aconteceu, eu poderia ter ajudado. Eu encontraria um marido rico e bonito e deixaria que você iniciasse uma nova vida na cidade que escolhesse. Eu teria permitido que você se retirasse da Caçada com honra. Você poderia ter ido em paz. O ataque de Zeus não foi sua culpa.

Não há muito o que fazer quando seu pai é o rei do universo.

Calisto chorou.

— Mas eu não queria perder você! Eu queria ficar!

Ártemis sentiu seu coração se partindo, mas não podia demonstrar isso. Ela tinha regras para suas seguidoras. Não podia permitir que as regras fossem infringidas, nem mesmo por sua melhor amiga.

— Calisto, seu crime foi esconder o segredo de mim. Sua falta de franqueza desonrou a mim e às suas irmãs da Caçada. Você corrompeu nossa instituição de donzelas não sendo mais donzela. Não posso perdoar isso.

— Mas... Mas, Ártemis...

— Chega!

Ártemis então apontou para Calisto, que começou a mudar de forma. Ela cresceu. Seus membros encurtaram e ficaram mais grossos. Suas roupas, que vinham ajudando a esconder sua condição, viraram uma densa e sufocante cobertura de pelos marrons. Calisto virou um urso-pardo. Quando tentou falar, só conseguiu rugir.

— Agora vá — disse Ártemis, tentando não chorar. — Sua nova forma vai lembrá-la de que você nunca deve se aproximar de mim novamente. Se eu voltar a vê-la, terei que matá-la. VÁ!

Calisto desapareceu no bosque. O filho que ela gerou foi um humano chamado Arcas, que voltou ao mundo dos mortais e acabou virando rei. Mas logo depois a pobre Calisto foi morta por caçadores.

Zeus sentiu um pouco de remorso, por isso a transformou em uma constelação: a Ursa Maior, ou Grande Ursa. Como se isso pudesse compensar o fato de ter destruído a vida da garota.

* * *

É meio estranho: depois do incidente com Calisto, os dois melhores amigos de Ártemis foram homens. Não sei bem por quê. Talvez ela tenha achado que eles não a fariam sofrer mais do que ela sofrera por causa de Calisto, ou, se fizessem, pelo menos ela não ficaria surpresa, pois homens eram cretinos por natureza. Ou talvez estivesse tentando provar para si mesma que jamais voltaria atrás no voto de permanecer virgem, mesmo estando perto do cara mais interessante que ela poderia encontrar.

O primeiro amigo foi Órion, que tinha um passado obscuro. Para começar, ele era gigante. Mas era baixo para os padrões dos gigantes, com cerca de dois metros de altura, e sua aparência humanoide quase poderia fazê-lo passar por mortal. Ele trabalhou por muito tempo para o rei Quios, como caçador real. Até se meter com a filha dele. Quando Quios descobriu, mandou cegarem Órion com ferro quente. E o expulsou do reino.

Órion vagou pela Grécia até esbarrar com o deus ferreiro, Hefesto, para quem contou sua história trágica. Vendo que o gigante parecia genuinamente arrependido, Hefesto — que entendia bem de tragédias e segundas chances — fez para ele um par de olhos mecânicos, que lhe permitiram voltar a enxergar.

Órion então se instalou em Delos, onde conheceu Ártemis. Ela o

achou um sujeito até que bem legal. Ele não tentava esconder os crimes que cometera. E era bastante habilidoso na caça. Afinal, os anos de cegueira haviam aguçado seus outros sentidos e os olhos mecânicos lhe proporcionavam todo tipo de habilidade superlegal, tipo visão noturna e mira. Assim, Órion se tornou o primeiro homem a entrar para o grupo das Caçadoras de Ártemis.



Não sei bem o que as outras seguidoras achavam disso; a Caçada nunca havia sido um ambiente misto. Mas Órion não tentou nenhuma gracinha com nenhuma delas. Ficava longe das garotas quando elas estavam tomando banho, ajudava com as tarefas em pé de igualdade. Não demorou muito e ele ficou bastante amigo de Ártemis.

Sabem o único problema? Órion era um pouco bom *demais* na caça. Um dia ele foi caçar sozinho e se empolgou: acertou dezesseis ursos, doze leões e vários monstros que nem sabia o que era. E aí começou a disparar em animais indefesos: cervos, coelhos, esquilos, pássaros, vombates. Talvez ele tenha simplesmente surtado; talvez Apolo o tenha enlouquecido, porque não gostava muito daquele sujeito passando tanto tempo com a irmã.

A questão é que em pouco tempo Órion estava com uma montanha de carcaças de vombates. Ele pintou o rosto com sangue de esquilo, colocou folhas no cabelo e começou a gritar:

— Vou matar todos os animais do mundo! Sim, todos eles! Morram, seus peludos idiotas!

Isso não combinava com o lema das Caçadoras, de harmonia com a natureza. E também não agradou a Gaia, a Mãe Terra. Órion gritava tão alto que mesmo adormecida ela se incomodou. Gaia murmurou consigo mesma:

— A fim de matar, é, seu delinquente? Pois então tome.

Nisso, um escorpião gigante saiu de uma fissura no chão atrás de Órion. Quando se virou, o gigante levou uma ferroadinha venenosa bem no peito.

Esse foi o fim de Órion. Ártemis saiu à procura dele, e, quando encontrou o corpo frio e sem vida, cercado (por algum motivo bizarro) de milhares de bichos peludos mortos, seu coração se partiu de novo. Dessa vez, *Ártemis* criou uma constelação. Ela colocou

Órion no céu junto de um escorpião, para que sua história permanecesse viva para sempre.

Acho que a moral da história é: não tente massacrar coelhos, esquilos e vombates. Eles não fizeram nada contra você, e é capaz de terem um amigo escorpião bem grande.

* * *

O último melhor amigo de Ártemis foi um príncipe chamado Hipólito, um sujeito lindo e encantador mas sem interesse algum em romance. Seu único desejo era caçar, o tempo todo. Em outras palavras, era o homem perfeito para Ártemis. Tê-lo no grupo deve ter sido um desafio para algumas das Caçadoras, pois o sujeito meio que era bonito demais.

Mas, mesmo assim, Hipólito tinha uma conduta exemplar. Ele cumpria os votos e nunca teve segundas intenções com as moças.

Mas nem todo mundo gostou disso. Lá no Olimpo, Afrodite, a deusa do amor, sentiu-se ultrajada.

— Isso só pode ser brincadeira! — berrou ela. — Um cara lindo assim junto de oitenta mulheres lindas e não se interessa por nenhuma delas? É um ultraje! Isso *não* está certo!

Assim, um dia em que Hipólito foi visitar o pai, o rei Teseu (há uma outra história sobre esse sujeito), eles tiveram uma grande discussão. O pai queria que Hipólito se casasse para ter filhos e manter o nome da família quando se tornasse rei, blá-blá-blá.

Mas Hipólito disse:

— Não! Quero ficar com Ártemis e caçar!

Teseu gritou de volta, frustrado:

— Se você a ama *tanto*, por que não se casa com ela?

— Ela é uma deusa virgem, pai! Você nunca presta atenção em nada mesmo!

A discussão foi ficando cada vez mais acalorada, porque, lá no Olimpo, Afrodite estava inflamando as paixões dos dois. Sim, ela era

a deusa do amor, mas não há muita diferença entre o amor e o ódio. Os dois saem de controle facilmente, e um acaba se transformando no outro. Podem acreditar. Eu sei o que estou falando.

Por fim, Teseu desembainhou a espada e matou o próprio filho.

Ooops.

É claro que o rei morreu de vergonha. Ele colocou o corpo do príncipe nas criptas reais e fugiu para ficar em luto sozinho. Enquanto isso, Ártemis soube da notícia e correu para o túmulo.

Chorando de fúria, ela segurou o corpo de Hipólito, gritando:

— Não! Não, não, não! Eu *não* vou perder mais um grande amigo.
Não vou!

E saiu correndo da cidade carregando o corpo de Hipólito. Ártemis procurou em toda a Grécia até encontrar o melhor médico do mundo, um homem chamado Esculápio. Filho de Apolo, o deus da cura, Esculápio conseguia ser ainda melhor do que o pai. Talvez porque passava todo o tempo curando *mesmo*, enquanto Apolo só sabia paquerar as garotas e dar shows musicais no parque.

— Tia Ártemis! — exclamou Esculápio. — Que bom vê-la!

Ártemis depositou o corpo de Hipólito aos pés dele.

— Esculápio, preciso que você cure meu amigo. Por favor! Nem meu poder é suficiente para tal missão.

— Hum. O que ele tem? — perguntou Esculápio.

— Ele morreu.

— Isso é grave. Quase sempre fatal. Mas vou ver o que posso fazer.

Esculápio misturou algumas ervas e preparou uma poção, que derramou goela abaixo do príncipe morto. Hipólito acordou imediatamente.

— Graças às Moiras! — exclamou Ártemis. — Esculápio, você é o melhor!

— Ah, não foi nada.

Ledo engano. Afrodite foi reclamar com Zeus — ela *realmente* não sabia perder. Depois, Hades reclamou também. Afinal, Esculápio não

podia ficar por aí trazendo os mortos de volta à vida. Seria o caos no mundo mortal e no Mundo Inferior. Zeus concordou, e lançou um raio fulminante sobre Esculápio. É por isso que hoje em dia não podemos ir ao consultório pedir que o bom doutor ressuscite nossos parentes mortos. Zeus estabeleceu esse limite para a medicina.

Quanto a Hipólito, Ártemis tratou de protegê-lo levando-o às pressas para a Itália, onde ele se tornou sacerdote de um dos templos sagrados dela e viveu até uma idade avançada.

Depois disso, Ártemis decidiu não ficar próxima demais de nenhum de seus seguidores ou seguidoras. Era perigoso demais para eles. E também passou a ter medo de convidar outros homens para o grupo.

Por mim, tudo bem. Gosto de Ártemis, mas não sou muito ligado à natureza. E não gosto de caçar. Até *gosto* de garotas, só que minha namorada *não* gostaria que eu andasse com oitenta meninas bonitas em meio à natureza.

Ela é meio possessiva mesmo.

HERMES VAI PARA O REFORMATÓRIO



SERIA MAIS FÁCIL dizer do que Hermes *não* era deus, porque o cara fazia muita coisa ao mesmo tempo.

Ele era o deus das viagens, então era patrono de qualquer pessoa que pegasse estradas. Ou seja: mercadores, mensageiros, embaixadores, artistas itinerantes e pastores levando seu rebanho para o mercado. Além de bandidos, ladrões, andarilhos e aquelas irritantes caravanas de trailers cheios de aposentados indo passar o inverno no sul.

Hermes era responsável por guiar as almas dos mortos até o Mundo Inferior. Atuava também como o serviço de entrega pessoal de Zeus, levando as mensagens do chefe para todo o mundo — entrega garantida em até vinte e quatro horas. Ele era o deus (respirem fundo) do comércio, das línguas, dos roubos, dos cheesebúrgueres, dos golpes, da fala eloquente, dos banquetes, dos cheesebúrgueres, da hospitalidade, dos cães de guarda, das aves de mau agouro, da ginástica, das competições de atletismo, dos cheesebúrgueres, dos cheesebúrgueres e da previsão do futuro por

meio de dados.

Tudo bem, só incluí os cheesebúrgueres para ver se vocês estavam prestando atenção. E porque estou com fome.

Basicamente, Hermes era responsável por qualquer coisa e qualquer pessoa que fosse possível encontrar durante uma viagem — tanto as coisas boas quanto as ruins. Portanto, se vocês fizerem uma viagem, torçam para Hermes estar de bom humor, senão podem acabar dormindo no aeroporto ou parados no acostamento com o pneu furado. Como todo mundo na Grécia Antiga precisava viajar de vez em quando, Hermes era um cara importante e respeitado.

Chega a ser difícil de acreditar que ele nasceu em uma caverna e foi preso quando tinha doze horas de vida.

* * *

A mãe dele tentou impedir que o garoto arrumasse confusão. Maia era uma titânide, filha de Atlas; quando engravidou de Zeus (o que faz dela... sei lá, a namorada nº 458? Alguém está contando?), a jovem tentou se proteger para não acabar como a *maioria* das namoradas de Zeus, isto é, amaldiçoada e atormentada por Hera.

Maia se escondeu em uma caverna no Monte Cilene, na Grécia Central, onde deu à luz o lindinho Hermes. Vendo que o filho era um deus, ela decidiu que era melhor tomar cuidado. Nunca se sabe quando um bebê deus vai começar a cantar e dançar e atirar flechas em todo mundo. (Ela tinha ouvido histórias sobre Leto.) Maia amamentou o bebê Hermes e o enrolou em cobertores bem apertado, para que ele não pudesse se mexer e assim não se metesse em encrenca. Então o colocou em uma cesta trançada que serviria de berço e começou a cantar uma canção de ninar sobre os diferentes deuses e seus animais favoritos, porque mesmo naquela época as canções de ninar eram sobre bichinhos e tal. Ela cantou sobre Ártemis e seus cachorros, Poseidon e seus cavalos, Apolo e

seu rebanho de vacas sagradas — o melhor e mais saboroso gado do mundo. Logo Hermes estava dormindo tranquilamente. Maia então foi para a cama e apagou, porque dar à luz não era moleza.

Assim que Hermes ouviu a mãe roncando, abriu os olhos.

O pequeno deus começou a tentar se libertar dos cobertores.

— É sério, isso? — murmurou ele. — Nasci há meia hora e já estou em uma camisa de força? Mamãe não deve confiar mesmo em mim. Mulher esperta.

Hermes conseguiu se soltar e pulou para fora do berço. Ainda parecia um recém-nascido, mas só porque ainda não estava disposto a começar a crescer. Afinal, um bebê poderia se safar de complicações que uma criança maior não poderia. Ele esticou os braços, fez alguns polichinelos e puxou a fralda para cima.

— Essa cantoria toda sobre vacas me deixou com fome — disse Hermes. — Um bife cairia bem!

Lá foi ele para fora da caverna, achando que não seria difícil encontrar o gado de Apolo. Só tinha dado alguns passos quando tropeçou em alguma coisa dura.

— Ai!

Hermes se ajoelhou e viu que tinha tropeçado em uma tartaruga.

— Ei, amiguinho — disse o recém-nascido. — Você é o primeiro animal que eu encontro! Acho que vai ser uma das minhas criaturas sagradas. Que tal?

A tartaruga só ficou olhando para ele.

— Que casco legal, esse seu. — Hermes passou os nós dos dedos nas costas do bicho. — Todo desenhado, lindo. Que tal eu levar você para a caverna, para poder dar uma olhada melhor? Não vou machucá-lo.

Hermes era forte para um bebê. Na verdade, era forte para *qualquer um*. Ele pegou a tartaruga e a levou para dentro da caverna. Ao observar o casco, teve uma ideia. Lembrou-se da voz de sua mãe ecoando pela caverna quando ela estava cantando, o som cada vez mais alto e mais intenso. Hermes tinha gostado daquilo. O

casco daquela tartaruga talvez amplificasse o som da mesma forma, como uma caverna em miniatura. Quer dizer, se não houvesse tartaruga dentro.

— Quer saber de uma coisa, amiguinho? Mudei de ideia. Infelizmente, *vou* machucar você.

Preparem-se para a nojeira. Hermes cortou a cabeça e as pernas da tartaruga e arrancou o restante fora com a concha de sopa da mãe. (Ei, sinto muito. É que naquela época as pessoas matavam animais o tempo todo, para usar a carne, a pele, o casco ou sei lá mais o quê. Foi por isso que minha amiga Piper virou vegetariana.)

Enfim, quando Hermes esvaziou o casco, soprou lá dentro. O som ecoou intensamente, mas não era bem o que ele queria. Fora da caverna, ele ouvia corujas, grilos, sapos e vários outros bichos emitindo sons em tons diferentes, todos ao mesmo tempo. Hermes queria uma coisa assim, vários sons simultâneos. Foi quando ele viu, perto do fogo, tendões compridos e fibrosos que a mãe tinha pendurado para secar. Serviriam para a costura ou algo do tipo.

Hermes pensou: *Humm*.

Ele esticou um tendão entre o pé e a mão. Então puxou com a mão livre, e a corda vibrou. Quanto mais esticado ficava o tendão, mais aguda era a nota.

— Ah! Isso sim.

Hermes deu uma última olhada em Maia para ter certeza de que ela ainda estava dormindo e pôs mãos à obra. Do tear da mãe, pegou cavilhas de madeira e as passou pelo casco da tartaruga, de forma a ficarem saindo pelo buraco do pescoço, como chifres. Depois colocou uma terceira cavilha no alto, entre as outras duas, como se fosse a trave de um gol. Passou sete cordas do pescoço até a base do casco da tartaruga. Em seguida, ajustou as cordas em tons diferentes. Quando dedilhou, o som foi incrível. E assim Hermes inventou o primeiro instrumento de cordas, que decidiu chamar de lira. (Por quê? Talvez porque estivesse delirando, não sei.)

Se ele tivesse dedicado mais algumas horas ao trabalho,

provavelmente teria inventado o violão acústico, o contrabaixo e a Fender Stratocaster. Mas a essa altura já estava com *muita* fome. Então ele apenas escondeu a lira entre os cobertores do berço e saiu para procurar as tais vacas mágicas deliciosas.

* * *

Hermes subiu até o topo do Monte Cilene (ei, não era nada de mais para um bebê tão incrível) e observou toda a extensão da Grécia, os olhos e ouvidos bem atentos. Apolo deixava as vacas bem escondidas à noite, em uma campina secreta em Pieria, que ficava a cerca de quinhentos quilômetros ao norte do Cilene, mas Hermes tinha sentidos apuradíssimos. Dali a pouco ele ouviu um distante “Mu”.

Aí uma outra vaca disse:

— Shhh. Estamos escondidas!

Ao que a primeira disse:

— Desculpe.

Do alto da montanha, Hermes sorriu.

— Rá! Agora peguei vocês, vacas.

Quinhentos quilômetros? Sem problemas! Hermes correu até lá e chegou em cerca de uma hora. Deve ter sido muito estranho, um deus recém-nascido de fralda correndo pela Grécia com as mãos ainda cobertas de sangue de tartaruga. Felizmente era noite e ninguém o viu.

Quando chegou à campina secreta, Hermes ficou babando ao ver tantos novilhos deliciosos, grandes, gordos e saudáveis, centenas deles pastando na grama alta entre a base de uma montanha e a margem arenosa do Mediterrâneo.

— Não quero ser guloso — comentou ele consigo mesmo. — Acho que vou pegar só umas cinquenta. Mas como esconder as pistas?

Ele não podia simplesmente enfiar cinquenta vacas em um saco e fugir. E, se fosse conduzi-las para longe dali, seria muito fácil para

Apolo seguir as pegadas de tantos animais.

Hermes olhou para a praia. Depois, examinou uns resedás ali perto. Sem saber direito o que estava fazendo, ele quebrou alguns gravetos e galhos jovens dos arbustos. Lembrando-se de que, na caverna da mãe, o próprio berço era uma cesta trançada, ele começou a trançar os gravetos e galhos em forma de raquetes. Quando terminou, prendeu-as nos pés, criando assim os primeiros sapatos de neve. Foi um feito incrível, considerando que nunca nevava na Grécia.

Hermes deu alguns passos na grama, depois na areia. As raquetes deixavam marcas largas e vagas que mascaravam completamente o tamanho de seus pés.

Perfeito, pensou ele. Isso resolve o meu problema. Quanto às pegadas das vacas...

Ele cruzou a campina com seus sapatos novos. Conseguiu selecionar, do rebanho, cinquenta das mais gordas e suculentas vacas. Essas cinquenta, ele levou em direção à praia.

Chegando à areia, Hermes estalou os dedos e assobiou para chamar a atenção delas. Quando todas as cinquenta estavam olhando para ele, os rabos virados para o mar, ele disse:

— Tudo bem, pessoal. Agora, para trás. Para trás!

Vocês já tentaram fazer cinquenta vacas andarem de costas? Não é fácil. Hermes ficou o tempo todo chamando a atenção delas, assobiando e fazendo barulhos de marcha a ré, tipo “BIP, BIP, BIP!”, enquanto balançava os braços e avançava na direção da água. O gado foi, lenta e desordenadamente, chegando para trás, até alcançar o ponto em que as ondas quebravam. Dali, Hermes fez as vacas se virarem para o sul e avançar algumas centenas de metros na água, para então levá-las de volta para o seco.

Quando olhou para trás, ele teve que admirar a própria astúcia. Parecia que cinquenta vacas tinham saído de *dentro* do mar para se juntar ao rebanho. Ninguém conseguiria saber para onde as vacas desaparecidas tinham ido. Hermes não havia deixado pegadas.

E assim ele levou as vacas para o sul, pelos campos da Grécia.

Àquela altura, já tinha passado de meia-noite. Ninguém o veria mais. Ele só não contava com um fazendeiro mortal, um senhor chamado Bato, que estava cuidando de suas videiras. Talvez Bato estivesse com insônia, ou talvez sempre podasse as videiras à noite; a questão é que, quando viu um bebezinho levando cinquenta vacas pela rua, os olhos do coroa se arregalaram como se fossem saltar da cara dele.

— O quê? — exclamou o senhor. — Como?

Hermes deu um sorriso forçado.

— E aí? — Ele pensou em matar o coroa. Não queria testemunhas. Mas Hermes era ladrão, não assassino. Além do mais, suas mãos já tinham se sujado com o sangue da tartaruga inocente. — Só estou levando minhas vacas para passear. Qual é o seu nome, vovô?

— Bato.

Bato não conseguia acreditar que estava conversando com um bebê. Talvez ainda estivesse dormindo, sonhando.

— Sabe, Bato, seria melhor se você esquecesse que me viu. Se alguém perguntar, eu nunca passei por aqui. Em troca, vou providenciar para que você receba bênçãos incríveis quando eu assumir meu lugar no Monte Olimpo, combinado?



— Hã... combinado.

— Legal. E isso aí no seu cinto é uma faca? Posso pegar emprestada?

Bato deu a faca de poda para o deus bebê, que então seguiu seu caminho com o gado.

Hermes finalmente encontrou uma caverna em que poderia esconder as vacas roubadas. Ele levou quarenta e oito delas ali para dentro, para comer depois ou, talvez, para vender no mercado negro. Ainda não tinha se decidido. Depois, matou as outras duas com a faca que pegara do homem.

Mais uma vez, temos uma cena bem bizarra: um deus bebê de fralda, com uma faca na mão, abatendo vacas. Mas com Hermes não tinha frescura. Ele fez uma fogueira e sacrificou os melhores cortes de carne aos deuses olímpianos (inclusive ele mesmo, naturalmente), depois colocou mais carne em um espeto, assou e se empanturrou com aquela carne deliciosa.

— Ah, que delícia! — Hermes soltou um arrote, satisfeito. — Nossa, está ficando tarde. Ou cedo, sei lá. É melhor eu ir para casa.

Ele se limpou em um riacho ali perto, porque achou que a mãe não ia querer ver o filho recém-nascido coberto de sangue. E então, só por diversão, pegou dois ossos de vaca, fez um buraco ao longo do comprimento e transformou-os em flautas, amarrando-os depois em uma ponta em forma de V, para poder tocar as duas ao mesmo tempo (porque uma flauta só não tem graça). Hermes seguiu para casa de barriga cheia, tocando uma suave música em sua nova flauta dupla, para se manter acordado. Chegou à caverna da mãe pouco antes do amanhecer. Aconchegou-se no berço e enfiou a flauta em forma de V debaixo do cobertor, junto com a lira. E apagou. Mesmo para um deus bebê, tinha sido uma longa primeira noite.

* * *

Pela manhã, Apolo voou até Pieria para fazer a contagem de suas vacas. Nada como começar o dia admirando seu gado.

Quando percebeu que cinquenta vacas tinham sumido, ele entrou em pânico. Saiu correndo e gritando “Ei, vacas! Ei, vacas!”.

Ele encontrou marcas de patas saindo do mar, como se o gado tivesse ido nadar e voltado, mas aquilo não fazia sentido. Então viu marcas enormes porém superficiais na areia, como se um sujeito muito magro com sapatos número 60 tivesse andado por ali. Aquilo também não fazia sentido.

Apolo passou quase a manhã inteira procurando, até finalmente encontrar o velho fazendeiro Bato, ainda aparando suas videiras. Depois do incidente do “bebê falante”, Bato não havia ainda conseguido dormir.

— Meu senhor! — chamou Apolo. — O senhor viu cinquenta vacas passando por aqui? Provavelmente guiadas por um gigante muito magro que calça sapatos número 60?

Bato fez uma careta; não sabia mentir. Apolo percebeu imediatamente que o fazendeiro estava tentando esconder alguma coisa.

— Devo acrescentar — disse Apolo — que sou um deus. Seria uma ideia muito boa me contar a verdade.

Bato suspirou.

— Foi um bebê.

Apolo franziu a testa.

— Como é que é?

Bato contou a história a ele, uma história tão estranha que só podia ser verdade. Apolo só sabia de um deus que havia nascido naqueles dias. Tinha ouvido boatos de que a titânide Maia dera à luz na noite anterior, no Monte Cilene. (Apolo tentava se manter sempre a par das fofocas.) Parecia improvável que um recém-nascido fosse o responsável por um roubo de gado a quinhentos quilômetros de

distância do local onde nascera, mas Apolo mesmo havia saído do útero da mãe já cantando e dançando, então não era impossível.

Ele foi até a caverna de Maia. Chegando lá, acordou a mãe titã.

— Seu filho roubou minhas vacas! — acusou ele.

Maia esfregou os olhos. O bebê Hermes continuava no berço, deitadinho, enrolado nos cobertores... Mas a barriga dele realmente parecia bem maior, e o que era aquilo no queixo dele? Molho de carne?

— Hã, deve ter sido outro bebê — disse Maia. — Ele ficou aqui a noite toda.

Apolo deu um riso de deboche.

— *Só pode* ter sido ele. Veja o resto de molho de carne no queixo do garoto! Minhas vacas devem estar estocadas aqui em algum lugar.

Maia deu de ombros.

— Fique à vontade para procurar.

Apolo revirou a caverna de alto a baixo. Olhou dentro de panelas, atrás do tear, debaixo das esteiras de dormir. Por incrível que pareça, não havia cinquenta vacas escondidas em nenhum desses lugares.

Finalmente, Apolo foi até o berço do bebê, resolutivo.

— Muito bem, moleque. Pode confessar. Cadê meu gado?

Hermes abriu os olhos e tentou fazer a cara mais fofa possível.

— Gugu?

— Boa tentativa — resmungou Apolo. — Estou sentindo seu bafo de carne.

Hermes conteve um palavrão. Bem que ele deveria ter chupado umas balinhas de hortelã.

— Querido primo Apolo — disse ele, com alegria —, bom dia! Você acha que eu andei roubando gado? Não vê que sou só um bebê?

Apolo cerrou os punhos.

— Onde elas estão, seu marginal mirim?

— Não faço ideia. Como um garotinho como eu poderia esconder

cinquenta vacas?

— Rá! — gritou Apolo. — Eu não falei que eram cinquenta!

— Ah, caquinha de tartaruga — murmurou Hermes.

— Você está preso por roubo! — disse Apolo. — Vou levá-lo ao Monte Olimpo para ser julgado por Zeus!

Apolo levou berço e tudo para o Monte Olimpo. Quando o colocou na frente de Zeus e explicou que o bebê recém-nascido era ladrão de gado, os outros deuses começaram a rir. Mas Zeus os silenciou.

— Este bebê é meu filho — disse ele. — Tenho certeza de que é capaz de qualquer coisa. E então, Hermes, você roubou as vacas de Apolo?

Hermes ficou de pé no berço.

— Não, pai.

Zeus ergueu a sobrancelha. Então pegou casualmente um de seus raios e testou a ponta.

— Vou lhe dar um minuto para reconsiderar sua resposta. Você roubou as vacas de Apolo?

— Sim, pai. Mas, para ser justo, só matei duas. O restante está intocado. E, quando matei as vacas, sacrifiquei os primeiros pedaços de carne aos deuses.

— Depois encheu a pança! — resmungou Apolo.

— Ah, eu também sou um deus! — retrucou Hermes. — Mas todos vocês receberam uma porção, claro! Eu jamais esqueceria de homenagear meus parentes.

Os deuses murmuraram entre si e assentiram. O bebê podia ser ladrão, mas pelo menos era um ladrão honrado.

— Isso é ridículo! — gritou Apolo. — Pai Zeus, ele me roubou. Coloque-o no reformatório! Condene-o ao campo de trabalhos forçados!

Zeus sufocou um sorriso. Ele sabia que tinha que ser justo, mas não podia deixar de admirar a audácia de Hermes.

— Hermes, você vai mostrar a Apolo agora mesmo onde escondeu as vacas. Depois, vai *pagar* o preço que ele pedir pelas

duas vacas que você matou.

— Vou jogá-lo no Tártaro! — gritou Apolo. — Esse é o meu preço! Zeus deu de ombros.

— Vocês resolvam o assunto entre si. Agora, fora daqui, os dois. Hermes suspirou.

— Como quiser, pai. Apolo, você dirige. Eu ensino o caminho.

Apolo pegou o berço e saiu voando com Hermes. O bebê indicou como chegar à caverna secreta onde havia escondido o gado, mas fez um caminho mais longo. Estava pensando freneticamente em um jeito de escapar da punição.

Quando Apolo viu suas vacas raptadas, acalmou-se um pouco, mas ainda estava furioso com Hermes.

— Hora de ir para o Tártaro — rosnou Apolo. — Vou jogar você tão fundo naquele abismo que...

Foi então que Hermes pegou do berço a lira, do meio dos cobertores, e começou a dedilhar as cordas.

Apolo ficou ouvindo, enfeitiçado. Não ousou interromper a música de Hermes.

— O que... onde... como...?

— Ah, isso? — disse Hermes casualmente. — Eu chamo de lira. Inventei ontem à noite.

Os dedos dele voavam pelas cordas, criando uma cachoeira de lindas notas.

— Eu preciso disso — falou Apolo. — Sou o deus da música. Por favor! Eu... Eu preciso ter isso!

— Ah, mas você vai me jogar no Tártaro — disse Hermes, com tristeza. — Vou precisar da minha lira para me alegrar lá embaixo no escuro.

— Vamos esquecer o Tártaro. Você me dá a lira e estamos quites.

— Hum. E eu posso ficar com as vacas?

— *O quê?!* — exclamou Apolo.

Hermes tocou mais uma melodia, tão vibrante quanto a luz do Sol penetrando entre as árvores.

— Sim, sim! — disse Apolo. — Tudo bem, fique com as vacas. Mas me dê a lira.

— Maravilha!

Hermes jogou a lira para Apolo.

Depois pegou a flauta dupla, que tinha decidido chamar de *siringe*, e começou a tocar esse *outro* instrumento. Apolo ficou boquiaberto.

— Não me diga que você inventou isso também!

— Hum? — Hermes fez uma pausa. — Ah, sim. É só uma coisinha que inventei depois do jantar. Está à venda... por um preço justo.

Hermes tocou um pouco de Mozart e uma música do One Direction. Apolo exclamou:

— Eu preciso disso! As garotas vão enlouquecer! Eu ofereço... Bem, tenho alguns itens mágicos bem legais em casa: um cajado de arauto que não estou usando, alguns sapatos voadores e uma espada. Pode ficar com os três!

Hermes considerou a oferta.

— Inclua o poder da profecia e está feito.

Apolo lançou-lhe um olhar raivoso.

— Não posso fazer isso. A profecia é *parte* de mim. Vamos fazer assim: eu lhe dou o poder de adivinhação com dados. Não é nada pomposo, mas é um ótimo truque para se fazer em festas e ainda rende uma grana.

— Fechado.

— Fechado!

Assim, os dois acabaram se tornando amigos. Apolo esqueceu o roubo das vacas e nem se importou de ter pagado o olho da cara pela lira e a siringe. Hermes ganhou o próprio rebanho, e foi assim que se tornou o deus dos criadores de gado. Ganhou também um par de sandálias aladas que o tornou mais rápido do que qualquer outro deus; ganhou uma espada feita de adamantino e ouro, com uma lâmina tão afiada que cortava praticamente qualquer material; ganhou um cajado, como aqueles que os mensageiros humanos

carregavam ao viajar de cidade em cidade para mostrar que tinham imunidade diplomática — com a diferença de que o dele era mágico. Normalmente, um cajado de arauto tinha duas fitas brancas amarradas, mas no de Hermes havia duas cobras vivas. Sem contar que esse cajado mágico tinha o poder de fazer qualquer pessoa dormir ou acordar, coisa bem útil para alguém que era o deus dos ladrões. Esse cajado passou a ser conhecido como *caduceu* — eu sabia que vocês estavam doidos por mais uma palavra esquisita para decorar.

Ah, e o coroa que delatou Hermes, o tal Bato? Hermes voou de volta à fazenda do sujeito e o transformou em um pilar de pedra. Bato está lá até hoje, olhando para a estrada, desejando nunca ter visto aquele maldito bebê sequestrador de gado.

Hermes cresceu e virou adulto (em poucos dias, por ser deus e tal). Em geral, ele aparecia como um belo adolescente de cabelo preto cacheado e os primeiros fios de um bigodinho. É claro que, por ser um deus, ele podia aparecer do jeito que quisesse.

Hermes se tornou mensageiro de Zeus. Às vezes fazia até uns servicinhos sujos para o chefe. Para ele, era a melhor parte do trabalho!

* * *

Vamos avaliar o seguinte caso: uma vez, Zeus se apaixonou por uma ninfa do rio chamada Io. (Sim, esse era o nome dela. Só I e O. Acho que ela vinha de uma família pobre que não tinha dinheiro para consoantes.) Io era *incrivelmente* linda, mas Zeus teve a maior dificuldade para convencê-la a sair com ele. A garota só vivia cercada por suas amigas ninfas, não tinha como surpreendê-la sozinha. Ela ignorava solenemente as mensagens de texto que Zeus enviava; ele mandava flores e chocolate; fez cair uma linda tempestade para impressioná-la. Por semanas e semanas ele tentou como pôde, totalmente obcecado.

Um dia, ela *finalmente* aceitou se encontrar com ele sozinha no bosque. Zeus ficou feliz da vida.

Mas Hera soube o que estava acontecendo. Talvez uma das outras ninfas tenha contado.

Bem, Zeus foi até a clareira. Io estava esperando por ele em um vestido branco esvoaçante. Ela sorriu e disse:

— Oi, bonito.

Zeus quase deu pulinhos de empolgação, mas, justo quando ia pegar a mão de Io, ouviu uma voz familiar no bosque.

— Zeus! — gritou Hera. — Cadê você, seu traidor safado?

Ele deu um gritinho e transformou Io na primeira coisa em que conseguiu pensar: uma vaca.

Isso não é muito legal, transformar a namorada em um ruminante. Vejam se faz sentido a associação de palavras: *chocolate/delicioso. Sol/calor. Io/vaca!* Ou talvez tenha sido a voz de Hera, já que a vaca era o animal sagrado dela.

Enfim. Quando Hera apareceu na clareira, encontrou o marido encostado casualmente em uma grande vaca branca.

Isso não é muito legal, transformar a namorada em um ruminante.

Hera apertou os olhos.

— O que você está fazendo?

— Hein? Ah, oi, querida! Nada. Nada mesmo.

— Por que essa vaca?

— Vaca? — Zeus fingiu que só então tinha reparado em Io. — Ah, *esta* vaca? Hã... nada. Por quê?

Hera fechou as mãos com força, até os nós dos dedos ficarem brancos.

— Essa vaca por acaso não seria uma das suas namoradas, que

— você, muito esperto, transformou em bicho?

— Ha, ha! Ah, pare com isso, querida. Você sabe que eu não...
Hã... Não, claro que não.

— Então o que essa vaca está fazendo aqui?

Uma gota de suor escorreu pelo rosto de Zeus. Ele entrou em pânico e falou de repente:

— É um presente! Para você!

— Um presente.

— Ah, sim. — Zeus tentou sorrir. — Porque... a vaca é seu animal sagrado, certo? Eu queria que fosse uma surpresa. Mas, hã, se você não gostar dela, posso devolver para a loja de vacas.

Hera concluiu que Zeus estava mais cheio de estrume que a ruminante. Mas decidiu entrar na história.

— Ah, obrigada, querido. É maravilhosa. Vou levá-la comigo agora mesmo.

— Você... você vai?

— Vou. — Com um sorriso frio, Hera fez aparecer uma corda mágica, que prendeu ao pescoço da pobre Io. — Acho que vou colocá-la no meu bosque sagrado em Micenas. Lá ela vai ficar bem, vão tratá-la direitinho. Qual o nome dela?

— Hã... Io.

— Venha, Io. — E lá foi Hera com a vaca, cantarolando baixinho:
— Io, Io, Io, para o bosque agora eu vou.

Assim que ela foi embora, Zeus amaldiçoou a si mesmo pela falta de sorte. Chutou algumas pedras e fez caírem raios sobre as árvores, cheio de raiva.

— Eu estava *quase* lá! — gritou ele. — *Preciso* recuperar aquela vaca. Quem eu conheço que seja bom em roubar vacas...?

É claro que ele chamou Hermes.

Quando Zeus explicou o problema, Hermes sorriu.

— Não se preocupe, chefe. Vou entrar naquele bosque e...

— Não vai ser tão simples — avisou Zeus. — Hera disse que a vaca seria bem-guardada. Infelizmente, sei o que isso significa. Tem

um gigante novo trabalhando para ela, um sujeito chamado Argos.

Hermes franziu a testa.

— E daí? Eu passo por ele de fininho ou então o mato. Eu tenho uma espada.

Zeus balançou a cabeça.

— Esse cara é enorme, forte e rápido. Não tem como você vencê-lo em uma luta justa, nem com a sua espada. E quanto a passar por ele sem ser visto... não dá. O cara tem olhos até na nuca e...

Hermes riu.

— Sei, sei.

— Não, ele *literalmente* tem olhos na nuca. E também nos braços e nas pernas e no corpo inteiro. *Cem* olhos.

— Que horror!

— Pois é, rapaz. E ele nunca descansa, está sempre olhando em todas as direções. Se for ele que estiver tomando conta de Io...

Hermes coçou a cabeça.

— Não se preocupe, chefe. Vou pensar em alguma coisa.

E saiu voando. Quando chegou ao bosque sagrado de Hera, Hermes viu Io, a vaca branca, presa a uma oliveira. Ao lado dela estava o gigante Argos.

Como Zeus tinha falado, Argos tinha o corpo coberto de olhos. Ficavam todos piscando e olhando em volta de uma forma vertiginosa e psicodélica que até deixou Hermes enjoado. Argos tinha uns três metros de altura e era óbvio que malhava. Ele segurava uma clava grande de madeira com spikes de ferro na ponta. *Será que Argos tinha olhos também na palma das mãos?*, perguntou-se Hermes. E, caso tivesse, será que ele ficava com os olhos roxos de passar o dia todo segurando aquela clava?

Hermes mudou de forma, assumindo a aparência de um simples pastor mortal. O caduceu virou um cajado de madeira qualquer. Ele pôs-se a caminhar pelo bosque, assobiando tranquilamente, e fingiu surpresa quando viu Argos.

— Ah, oi! — Hermes sorriu. — Nossa, como você é alto!

Argos piscou várias centenas de vezes. Ele estava acostumado com pessoas debochando dele por causa dos olhos, mas aquele pastor não parecia horrorizado nem com nojo. O gigante não sabia como reagir.

Hermes enxugou a testa.

— Que dia quente, hein! Posso me sentar e descansar?

Sem esperar permissão, Hermes foi logo se acomodando na campina. Colocou o caduceu ao lado, no chão, e disfarçadamente mandou que o cajado lançasse sua mágica sobre Argos. Ondas de sono fizeram Argos sentir como vocês se sentem durante a primeira aula do dia, bem cedinho.

DURMA, parecia dizer o caduceu.

Mas Argos era um sujeito grande e com muitos olhos. Ele tinha sido criado especificamente para *não* adormecer. Aquilo ia demorar um pouco. Hermes precisava ganhar tempo.

— Cara, que dia! — comentou ele com o gigante. E pegou nas suas coisas um jarro de água. — Beba comigo, meu amigo, deixe-me contar sobre o que passei hoje! Quero dividir essa água geladinha com você!

Argos estava com muita sede. Tinha passado o dia todo de pé debaixo do sol forte, olhando para aquela vaca idiota, como Hera tinha mandado. Que vaca chata.

Mas ele estava em horário de serviço, então balançou a cabeça em negativa. Era o máximo que ele podia fazer; não gostava de falar, porque os olhos dentro da boca e na língua acabavam aparecendo.

Hermes começou a tagarelar sozinho. Sendo o deus das viagens, ele sabia *um monte* de boas histórias. Já tinha ouvido piadas de toda parte do mundo. E mensageiros tinham que ser bons de papo, então Hermes sabia como distrair os outros. Ele divertiu Argos com as últimas fofocas sobre os deuses.

— Ouvi dizer que aquele tal de Hermes roubou o gado de Apolo!
— comentou Hermes, com um sorriso. E começou a contar a história

como se tivesse acontecido com outra pessoa.

Enquanto isso, o caduceu continuava emitindo magia, preenchendo o ar com uma pesada camada de sonolência, como um edredom bem gostoso.

Depois de meia hora, Argos largou a clava, sentou-se ao lado de Hermes e aceitou um pouco d'água.

Hermes continuou contando histórias e fazendo piadas, até Argos sentir como se eles fossem velhos amigos.

DURMA, dizia o caduceu.

Depois de mais uma hora, Argos começou a sentir os olhos pesarem. Ele sabia que tinha que ficar de guarda, mas não lembrava por quê. Sua imaginação vagava pelas histórias maravilhosas que Hermes contava.

Finalmente, Hermes começou a cantar uma canção de ninar.

— Essa minha mãe cantava para mim quando eu era bebê.

Ele cantou a mesma música que ouvira no berço na noite de seu nascimento, sobre os cachorros de Ártemis, os cavalos de Poseidon e as vacas de Apolo.

A cabeça de Argos balançou uma, duas vezes... E *bam*. Todos os seus olhos se fecharam e o gigante começou a roncar.

Hermes continuou cantando. Lentamente, ele ficou de pé e puxou a espada. Foi sorrateiramente para trás de Argos e cortou fora sua cabeça.

— Durma com os anjos! — disse Hermes, alegremente.

(Retiro o que disse. Hermes *era* assassino.)

Hermes então soltou a vaca Io e a levou de volta a Zeus.

Hera se enfureceu, mas não tinha como provar o que acontecera. Já Zeus ficou feliz da vida, e Hermes ganhou um belo bônus no contracheque. Quanto à pobre Io... quando Zeus se cansou de sair com ela, Hera a transformou em vaca de vez e mandou uma mutuca picá-la o resto da vida, de forma que Io tinha que ficar o tempo todo em movimento, indo de país em país.

Mas, *c'est la vaca!* Pelo menos Hermes teve a satisfação de um

trabalho bem-feito.

DIONISIO CONQUISTA O MUNDO COM UMA BEBIDA REFRESCANTE



DEIXEI ESSE CARA para o final porque é capaz de ele me transformar em boto se eu disser qualquer coisa ruim sobre ele. E, sinceramente, não sei se consigo dizer alguma coisa *boa*.

Não digam que não tentei...

Um tempinho atrás eu contei sobre a princesa Sêmele, que foi vaporizada quando estava grávida de Zeus. E aí Zeus precisou salvar o bebê prematuro e o costurou dentro de sua coxa direita para mantê-lo vivo.

(Pois é. Só mais um dia sem graça na vida de um deus.)

Meses depois, o bebê estava começando a ficar grande e desconfortável dentro da perna de Zeus. Sinal de que a criança estava pronta para nascer, pensou o deus, e soltou os pontos. Incrivelmente, o menino saiu vivo e saudável.

Zeus o envolveu em um cobertor, mas não sabia nada sobre como

cuidar de bebês, então chamou Hermes.

— Ei, leve este bebê para o mundo mortal. Acho que Sêmele tinha uma irmã; procure-a e peça a ela que crie este menino até ele ficar mais velho.

— Claro, chefe. — Hermes pegou o bebê e o observou. — Ele é um deus, um semideus ou o quê?

— Ainda não sei. Vamos ter que esperar para ver. Mas não quero ficar trocando fraldas até lá.

— Entendi. Qual é o nome dele?

O garoto começou a berrar e chorar.

— Por enquanto vamos chamá-lo de Baco.

Hermes deu um sorrisinho.

— *O barulhento?* Boa.

— Mais uma coisa: Hera vai atrás desse bebê. Ela não conseguiu fazer nada enquanto ele estava na minha coxa, mas vai reparar que o calombo sumiu.

— É, aquele calombo era meio óbvio.

— Talvez seja melhor que a tia de Baco o crie como se ele fosse uma menina, só por um tempo. Talvez isso despiste Hera.

Hermes franziu a testa, sem entender como aquela estratégia poderia funcionar. Afinal, Hera não se deixava enganar tão facilmente. Mas Hermes sabia que era melhor não discutir com o chefe.

— Pode deixar — disse ele. — Lá vou eu!

Hermes não teve dificuldade para encontrar os tios do bebê, Ino e Atamas. Eles concordaram em criar Baco junto com os próprios filhos, e o garoto cresceu no ritmo normal dos humanos, em vez de super-rápido como um deus. Todos concluíram que ele devia ser um semideus, mas isso só deixou Zeus com ainda mais medo de Hera tentar destruir o menino.

Como lhes fora pedido, Ino e Atamas vestiam Baco com roupas de menina para manter a identidade dele em segredo. Seus primeiros anos de vida foram muito confusos. Ele não sabia por que

os pais adotivos o chamavam de “ele” em particular e de “ela” em público. No começo, achava que *todas* as crianças eram tratadas assim.

Até que, quando tinha três anos, Hera o atacou. Ela descobriu onde o bebê morava, não sei como, e saiu voando do Olimpo disposta a se vingar. Quando Zeus soube o que estava acontecendo, só teve alguns segundos para agir. Ele conseguiu transformar Baco em bode para que Hera não o identificasse, mas os pais adotivos do menino não tiveram tanta sorte: Hera os encontrou e os fez serem tomados por uma violenta forma de loucura.

Tio Atamas achou que o filho mais velho, Learco, fosse um cervo e o matou com uma flechada. Tia Ino achou que o filho mais novo, Melicertes, precisava de um banho quente, de um banho *muito* quente, e o afogou em uma bacia de água fervente. Quando perceberam o que haviam feito, os dois entraram em desespero e pularam de um penhasco direto para a morte.

Essa Hera... muito dedicada aos valores de família e união.

Zeus conseguiu pegar o filho e transformá-lo de novo em criança, mas o que tinha acontecido assombrava Baco. Ele aprendeu que a loucura podia ser usada como arma. Aprendeu que os bodes eram bons. (Na verdade, o bode virou um de seus animais sagrados.) E aprendeu que roupas diferentes não bastavam para esconder quem alguém era de verdade. Mais tarde, Baco se tornou o deus de qualquer pessoa que estivesse confusa sobre o próprio gênero, já que ele compreendia a situação.

Bem, Zeus saiu em busca de novos pais adotivos para o menino. Vejam que chocante: quase não houve voluntários depois que as pessoas souberam o que Hera havia feito com Ino e Atamas. Até que Zeus foi ao Monte Nisa, na parte continental da Grécia, e convenceu as ninfas de lá a criarem Baco, prometendo-lhes, em troca desse favor, torná-las imortais. Era uma proposta difícil de recusar. O jovem Baco ficou conhecido como “o filho divino de Zeus que mora em Nisa”, abreviado para *Dios* (deus) de Nisa. Esse

apelido acabou dando origem ao novo nome dele, Dioniso, embora ele ainda se chamasse Baco, o barulhento — ainda mais quando comia feijão ou repolho. Vocês realmente não precisavam saber disso.

Dioniso cresceu no Monte Nisa, tendo as ninfas como mães adotivas e os sátiros como pais adotivos. Os sátiros são selvagens e caóticos (com todo respeito aos meus amigos sátiros), então não é nenhuma surpresa que Dioniso tenha virado um cara meio fora do comum.

De vez em quando ele brincava com crianças mortais das fazendas vizinhas, e ficou famoso por seus truques mágicos utilizando plantas. Ele descobriu cedo que era capaz de produzir uma bebida a partir do néctar ao esmagar qualquer tipo de material originário de plantas: galhos, folhas, casca de árvore, raízes, o que fosse. Xarope de cipreste? Sem problemas. Suco de erva-doce? Delícia!

Os outros garotos o desafiavam, dizendo coisas do tipo:

— Aposto que você não consegue fazer uma bebida a partir daquele arbusto espinhento!

Dioniso pegava uma pedra, esmagava alguns galhos, e uma seiva dourada fluía da planta. Ele então recolhia o líquido em copos, misturava água, colocava guarda-chuvas em miniatura para decorar e, *voilà*, bebida geladinha de arbusto espinhento para todo mundo.

Era um truque divertido, mas nenhuma das primeiras receitas de Dioniso pegou. Suco de erva-doce não era tão popular assim.

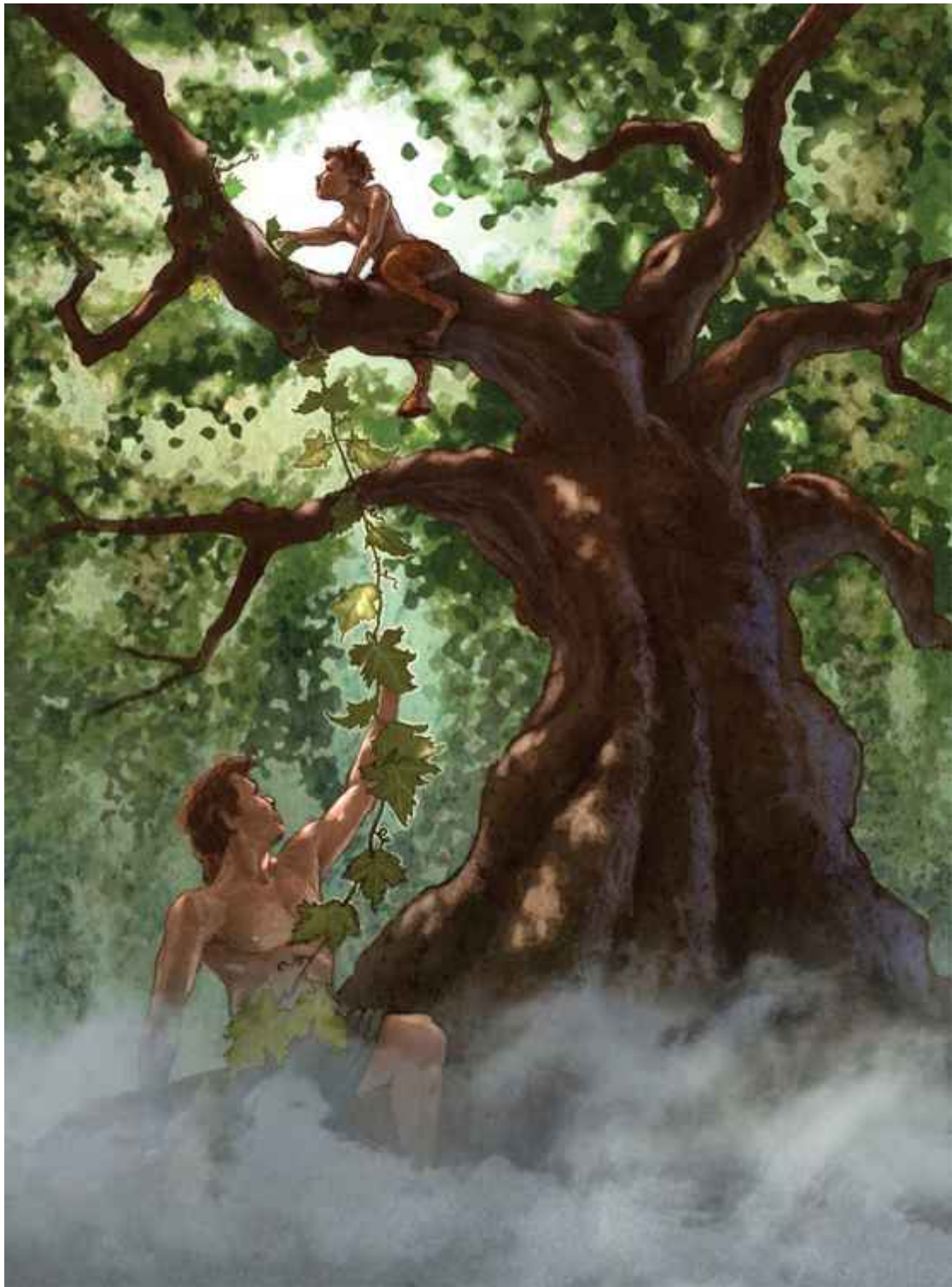
Um dia, ele estava passeando no bosque com o melhor amigo, um jovem sátiro chamado Âmpelos, quando viram uma trepadeira densa envolvendo um galho de olmo uns seis metros acima de suas cabeças. Dioniso parou na mesma hora.

— O que foi? — perguntou Âmpelos.

— Aquela trepadeira ali. Que tipo de planta é?

Âmpelos franziu a testa. A trepadeira não parecia nada de mais. Era densa e áspera, com folhas largas e verdes e sem frutos nem

flores.



— Bom, não é hera. Nem madressilva. Sei lá. Nunca vi. Vamos!
Mas Dioniso estava paralisado. Havia alguma coisa importante naquela planta, alguma coisa que poderia mudar o mundo.

— Preciso olhar mais de perto.

Dioniso tentou subir no tronco do olmo, mas era péssimo em subir em árvores. Caiu sentado nas folhas.

Âmpelos riu.

— Se é tão importante para você, eu pego. Deixe a parte de subir em árvores para os sátiros.

Dioniso sentiu um tremor repentino de medo: não queria que Âmpelos subisse lá. Por outro lado, ele queria a planta.

— Tome cuidado — disse afinal.

Âmpelos revirou os olhos.

— Já subi em árvores mais altas do que essa!

O jovem sátiro escalou o tronco e logo estava sentado em um galho, uma perna de cada lado.

— Moleza! — Ele começou a soltar a trepadeira do galho, jogando a ponta para Dioniso como se fosse uma corda. — Pegou?

Dioniso ergueu a mão e pegou a planta.

Não se sabe ao certo o que aconteceu em seguida. Talvez Dioniso tenha puxado a planta com força demais, talvez Âmpelos tenha se abaixado demais. Âmpelos perdeu o equilíbrio e caiu enrolado na planta.

Seis metros não é muita coisa, mas foi o suficiente. O rapaz bateu com a cabeça em uma pedra, com um *crac* horrível.

Dioniso soltou um grito horrorizado. Ele foi até o amigo e o abraçou, mas os olhos do jovem sátiro já estavam apáticos e vazios. Âmpelos não respirava. O sangue encharcava seu cabelo e se espalhava nas folhas da planta.

Âmpelos estava morto.

Dioniso chorou. Se não tivesse desejado aquela trepadeira idiota, seu amigo ainda estaria vivo. A tristeza se misturou à raiva. Ele olhou para o sangue do sátiro nas folhas verdes e rosnou:

— Você vai pagar por isso, planta. Vai dar a fruta mais doce do mundo, para compensar essa perda amarga. DÊ FRUTOS!

A trepadeira tremeu. O corpo de Âmpelos se dissolveu em névoa, seu sangue encharcando a planta. Minúsculos cachos de uma fruta pequena surgiram e amadureceram imediatamente, adquirindo um tom vermelho-escuro.

Dioniso havia criado a primeira videira.

Ele enxugou as lágrimas. Tinha que dar algum significado à morte do amigo. Ele aprenderia a usar aquela nova planta.

As uvas pareciam cheias de sumo. Dioniso colheu vários cachos e os levou consigo até um riacho que corria ali perto. Usando dois seixos grandes e achatados, pôs-se a esmagar as uvas. E foi assim que nasceu a primeira prensa de vinho.

Dioniso recolheu o suco obtido no cantil que sempre carregava no cinto. Então colocou o líquido ao sol e fez sua magia, mexendo ruidosamente até fermentar e virar... outra coisa. Uma coisa nova.

Ao primeiro gole, suas papilas gustativas quase explodiram.

— Rapaz — declarou ele —, que troço bom.

Dioniso chamou a nova bebida de *vinho*. Ele produziu um pouco mais, até encher seu cantil, depois olhou com tristeza para o local onde Âmpelos havia morrido. As videiras cresciam alucinadas, espalhando-se pelo bosque, florescendo vingativamente e dando mais uvas.

Dioniso assentiu, satisfeito. Por ele, o mundo se encheria de videiras, em homenagem a Âmpelos.

Ele voltou para a caverna onde morava, no Monte Nisa, e mostrou sua descoberta a uma de suas mães adotivas, uma ninfa chamada Ambrosia. (Sim, ela tinha sido batizada em homenagem ao famoso alimento divino. Não sei por quê. Bem, pelo menos é melhor do que Biscoito ou Broinha.)

Ambrosia experimentou um gole de vinho. Seus olhos se arregalaram.

— Isso é *delicioso*! Onde está Âmpelos?

— Ah... — Dioniso baixou a cabeça. — Ele caiu de uma árvore e morreu.

— Que terrível! — Ambrosia tomou mais um gole. — Mas esse negócio aqui é muito bom!

Ambrosia foi logo dar vinho para todas as suas amigas ninfas provarem. Os sátiros se aproximaram para saber por que elas estavam rindo tanto. Não demorou muito e a montanha toda virou uma enorme festa, com dança, cantoria, tochas e *muito* vinho. Dioniso ia produzindo mais e fazendo a bebida circular. Mas, não conseguindo suprir a demanda, resolveu ensinar os sátiros e ninfas a fazerem. Ao fim da noite, todo mundo na montanha já tinha virado expert na vinicultura.

Os sátiros descobriram rapidamente que, se bebessem vinho *demais*, ficavam bêbados. Não conseguiam pensar direito, ver direito nem andar direito. Acharam isso hilário, sei lá por quê. E continuaram bebendo.

Um sátiro mais velho, Sileno, passou o braço sobre os ombros de Dioniso.

— Você, meu caro, é um deus! Não, é sério. O deus do... como é mesmo o nome disso?

— Vinho.

— O deus do vinho! — Sileno soluçou. — Tem mais?

Crianças, agora é mais um bom momento para lembrar a vocês que vinho é coisa para adultos! O gosto é horrível, e ele pode destruir sua vida. Não cheguem perto de uma taça até completarem no mínimo quarenta anos!

Ah, mas Percy, vocês podem dizer, pelo que você contou, os sátiros pareciam estar se divertindo muito bebendo vinho!

Pode parecer que sim, crianças. Mas os sátiros às vezes são bem burros. (Mais uma vez, com todo respeito ao meu amigo Grover.) E

vocês não viram os sátiros no dia seguinte, acordando com dores de cabeça lancinantes e se arrastando até o bosque para vomitar as tripas.

Apesar disso, as ninfas e os sátiros ficaram tão impressionados com Dioniso que concluíram que ele devia mesmo ser um deus. A invenção dele era *muito* incrível.

Talvez vocês estejam pensando... Certo, é vinho. Grande coisa. Por que isso faz de Dioniso um deus? Se eu tivesse inventado a pasta de atum, também me tornaria deus?

Mas é que o vinho foi um grande marco na logística das bebidas.

Claro, as pessoas bebiam água, mas a água podia matar. Principalmente nas cidades, era cheia de bactérias e do lixo das outras pessoas e... Bem, não quero entrar em detalhes. Vamos dizer apenas que a água era nojenta. Ninguém tinha inventado o refrigerante em lata, ou mesmo o chá e o café, então era basicamente água ou leite. E até o leite tinha que ser bebido logo, antes de estragar, pois não havia geladeiras.

E aí Dioniso chegou e inventou o vinho, que não estragava se fosse mantido em uma garrafa fechada. Às vezes chegava a ficar *melhor* se fosse guardado por alguns anos. Dava para acrescentar água para não ficar tão forte, mas o álcool ainda matava os germes e tudo, então era menos perigoso que a própria água. Dava até para acrescentar mel para adequar ao gosto pessoal, ou variar o sabor usando tipos diferentes de uva.

Basicamente, era a superbebida da Grécia Antiga.

E não só isso. Se você bebesse um pouco, ficava relaxado; se bebesse muito, ficava tonto e louco. Algumas pessoas achavam até que os deuses apareciam para elas se botassem para dentro uma boa quantidade de vinho. (Mais uma vez: não tentem isso em casa. Vocês não vão ver deuses gregos. Podem acabar tendo uma visão bem detalhada da privada quando estiverem vomitando, mas não vão ver deuses.)

A notícia da nova bebida se espalhou rapidamente. Ninfas e

sátiros do Monte Nisa cruzavam os campos contando a quem quisesse ouvir sobre as maravilhas do vinho e o deus que o havia criado, Dioniso. Eles montaram barracas de degustação à beira das estradas e ofereciam kits de iniciante com uma videira em um vaso, um manual de instruções ensinando a fazer uma prensa e acesso a um número gratuito de atendimento ao cliente.

Dioniso ficou famoso. Até os mortais comuns começaram a se reunir no Monte Nisa todas as noites para a festança. Claro, eles bebiam muito e ficavam fora de si, mas o evento não se resumia a diversão. Os seguidores de Dioniso se consideravam religiosos. Autointitulavam-se os *bacantes*, os *groupies* de Baco, e festejar era para eles o equivalente a ir à igreja. Acreditavam que aquilo os aproximava de todos os deuses, porque Dioniso estava destinado a ser o décimo segundo olimpiano.

O que Dioniso achava disso?

Ele ficava um pouco nervoso. Ainda era jovem e inseguro, não tinha certeza se era um deus de verdade ou não. Por outro lado, ficava feliz de ver as pessoas apreciando sua nova bebida. Ao difundir o conhecimento do vinho, ele achava que estava fazendo algo bom para o mundo, o que fazia com que se sentisse melhor depois de toda a dor pela qual havia passado: a morte de sua mãe antes mesmo de ele nascer, seus pais adotivos sendo enlouquecidos por Hera e, claro, a tragédia de seu melhor amigo, Âmpelos, que morrera no bosque.

Um dia, seus seguidores se reuniram ao redor dele e lhe deram uma ideia.

— Precisamos ficar populares! — explicou um dos sátiros. — Deveríamos ir à cidade grande mais próxima e conquistar o apoio do rei de lá. Você pode se oferecer como o patrono deles. Vão construir um templo em sua homenagem, e sua fama vai se espalhar ainda mais rápido!

O rei da cidade mais próxima era um homem chamado Licurgo, que governava uma cidade à beira-mar no pé do Monte Nisa. Os

sátiros sugeriram que eles começassem por ali, como estímulo aos negócios locais e tudo o mais.

Dioniso ainda estava meio inseguro quanto à ideia de ser o centro das atenções, mas seus seguidores transbordavam empolgação e não aceitaram não como resposta.

— É uma ótima ideia! — garantiram a ele.

Como Dioniso logo viria a descobrir, era uma péssima ideia.

* * *

Licurgo era mau em todos os sentidos.

Gostava de chicotear animais indefesos, como cachorros, cavalos, hamsters e basicamente qualquer outra criatura que cruzasse seu caminho. Inclusive tinha mandado fazer um chicote especial só para isso — três metros de couro preto coberto de pontas de ferro e cacos de vidro.

Se não tivesse nenhum hamster por perto, ele chicoteava os criados. Às vezes, só por diversão, chicoteava os súditos que iam ao salão do trono lhe fazer pedidos.

— Meu senhor... AAAI!... Meu vizinho matou meu cavalo e... AAAI!... eu gostaria que ele pagasse pelo prejuízo... AAAI! AAAI!

O que fazia as audiências serem muito mais rápidas.

Dioniso e seus seguidores não sabiam disso, já que passavam o tempo todo dando festas no Monte Nisa. Eles entraram na cidade em um desfile alegre, distribuindo uvas, videiras e cálices de vinho, tocando címbalos, cantando e tropeçando em pedestres. Dioniso reparou na ansiedade entre a população. Muitas pessoas tinham cicatrizes de chicote. Dioniso não gostou, mas seus seguidores o estavam anunciando como deus, cantando elogios a ele, dançando ao seu redor. Eles o vestiram com caríssimas túnicas roxas e colocaram uma coroa de folhas de hera em sua cabeça. Ele era para ser o mais novo olimpiano, o senhor do vinho e das festas. Se fugisse, acabaria estragando o impacto de tudo aquilo.

Dali, seguiram para o palácio real.

Licurgo não estava acostumado a ver centenas de sátiros e ninfas invadindo sua casa em clima de festa. Em um primeiro momento, ficou tão perplexo que nem conseguiu agir.

Dioniso se aproximou do trono, ensaiando mentalmente o que falar.

— Rei Licurgo — começou ele —, sou Dioniso, o deus do vinho, e estes são meus seguidores.

O rei ficou olhando para ele. O visitante era um garoto, não parecia ter mais do que quatorze ou quinze anos; tinha cabelo escuro e comprido e um rosto bonito — quase feminino, pensou Licurgo.

— Você é um deus — disse secamente o rei. — Sei. E o que exatamente seria *vinho*?

Os seguidores de Dioniso ergueram seus cálices em um brinde. Alguns colocaram mudas de videiras e garrafas de vinho aos pés do trono.

— Vinho é uma nova bebida — explicou Dioniso. — Mas é mais do que uma bebida. É uma experiência religiosa!

Dioniso começou a explicar as outras virtudes do vinho, mas Licurgo levantou a mão, pedindo silêncio.

— O que vocês vieram fazer aqui? — perguntou ele. — O que querem de mim?

— Só queremos compartilhar o que sabemos sobre o vinho — disse Dioniso. — Se o senhor permitir que as pessoas aprendam a arte de colher a uva e fazer o vinho, seu reino vai florescer. Além do mais, serei o deus patrono da sua cidade. Só peço que construa um templo para mim.

A boca de Licurgo se contraiu. Fazia muito tempo que ele não sentia vontade de rir.

— Um templo. Só isso?

Dioniso ficou sem jeito.

— Hã... é.

— Bem, jovem deus, eu também inventei uma coisa. Quer ver? Chamo-a de chicote, versão nova e aperfeiçoada. Sempre o uso para me livrar das PESSOAS QUE DESPERDIÇAM MEU TEMPO!

E nisso o rei Licurgo começou a chicotear todo mundo. Quem ele via, chicoteava. E chicoteava com gosto.

Os seguidores de Dioniso correram para todo lado. Não esperavam uma briga, e não conseguiam se defender com meras uvas e cálices. Muitos estavam usando apenas túnicas leves, portanto as chicotadas doíam muito. A mãe adotiva de Dioniso, Ambrosia, levou um golpe fatal no rosto e caiu morta bem aos pés do próprio filho.

— NÃÃÃÃÃO! — gritou Dioniso.

Guardas do palácio surgiram de todos os lados, rodeando os sátiros e as ninfas e prendendo-os.

Dioniso fugiu, seguido por guardas. Quase foi capturado, mas pulou de uma sacada que dava para o mar. A nereida Tétis convenientemente apareceu para salvá-lo, permitindo que ele respirasse debaixo da água e cuidando dos seus ferimentos enquanto ele esperava, dando um tempo até que os soldados do rei desistissem de procurá-lo.

Dioniso chorou amargamente nos braços da ninfa do mar.

— Tétis, não consigo fazer nada direito! Todo mundo de quem eu me aproximo acaba morto ou é punido por acreditar em mim!

Tétis acariciou o cabelo dele, tentando acalmá-lo.

— Não desista, Dioniso. Você *vai* ser um deus, mas não pode deixar que mortais ciumentos se metam no seu caminho. Procure Licurgo e lhe dê uma lição, para que ele entenda que não pode desrespeitar você assim.

— Ele tem um chicote!

— Você também tem armas.

Dioniso parou e pensou. Um fogo começou a arder em seu estômago, o mesmo que ele sentira ao tomar o primeiro gole de vinho.

— Tem razão. Obrigado, Tétis.

— Acabe com eles.

Dioniso saiu do mar e seguiu resolutamente para o palácio de Licurgo.

Se foi nesse momento que Dioniso passou de semideus para deus? Ninguém sabe ao certo. A evolução foi gradual, mas sem dúvida ele foi ficando mais poderoso conforme acumulava seguidores. Quando decidiu enfrentar Licurgo, acho que foi a primeira vez que ele acreditou em si mesmo tanto quanto os bacantes acreditavam.

O rei estava sentado no trono conversando com o filho, o príncipe Drias, que tinha acabado de chegar e queria saber por que tinha um monte de ninfas e sátiros mortos no chão.

Dioniso entrou furioso, encharcado e com um brilho rascante nos olhos.

Licurgo ficou ainda mais surpreso do que da primeira vez.

— Você de novo? — perguntou o rei. — Todos os seus seguidores estão mortos ou presos. Quer se juntar a eles?

— Você vai soltar agora o restante dos meus seguidores — exigiu Dioniso.

Licurgo riu.

— Senão o quê?

— Senão seu reino vai ficar estéril. Nenhuma videira vai crescer. Nenhuma fruta vai amadurecer. Nenhum tipo de planta vai florescer.

— Rá! Só isso?

— Não — continuou Dioniso friamente. — A loucura o dominará. Você se recusa a me obedecer?

— Eu me recuso! — Licurgo sorriu. — E aí, onde está essa tal loucura que... *ARRCC!*

Licurgo se dobrou de dor para então se levantar, muito empertigado, e gritou em falsete.

Drias segurou seu braço, preocupado.

— Pai! Você está bem?

Licurgo olhou para Drias, mas o que viu foi um pilar de videiras se

contorcendo. Recuou, cambaleando, horrorizado.

— As uvas! Estão em toda parte! As uvas estão tomando conta de tudo!

Licurgo se virou para o guarda mais próximo, pegou de suas mãos um machado de duas lâminas e cortou o pilar de videiras.

— Pai! — gritaram as videiras.

— Morram, uvas!

Licurgo continuou cortando e picando até os gritos pararem. As videiras ficaram caídas em pedaços aos pés dele.

Foi quando a visão do rei clareou, e ele viu o que tinha acabado de fazer. Licurgo chorou de tristeza e caiu de joelhos, o sangue do filho morto brilhando no machado.

Se Dioniso sentiu algum arrependimento, não demonstrou. Afinal, Hera lhe havia ensinado a usar a loucura para punir os inimigos. Dioniso aprendera com a melhor.

— Esse é o preço da sua insolência — disse o deus do vinho. — Enquanto você não libertar meus seguidores e não me reconhecer como rei, seu reino todo sofrerá.

— Matem-no! — gritou o rei.

Os guardas avançaram, mas bastou um olhar de Dioniso para eles recuarem. O poder e a raiva divina brilhavam nitidamente em seus olhos.

— Seu rei nunca se curvará a mim — disse-lhes Dioniso. — Esta terra sofrerá até que ele seja... removido. Pensem nisso.

E Dioniso foi embora.

Nos dias que se seguiram, os campos definharam. Nas cidades e nas áreas rurais, todas as plantas murcharam. As frutas apodreceram. O pão mofou. A água dos poços ficou quente e suja. Os fazendeiros não conseguiam fazer nada crescer e, nas cidades, a população não conseguia alimentar sua família.

Finalmente, depois de duas semanas, os guardas reais entraram no palácio e capturaram o rei Licurgo. Ninguém protestou. Ninguém gostava mesmo dele. Licurgo foi arrastado, chutando e se

debatendo, até a praça da cidade. Lá, amarraram cada braço e cada perna dele em um cavalo, depois bateram nas ancas dos quatro animais e os fizeram disparar em direções diferentes.

É. Foi brabo.

O povo da cidade soltou os seguidores de Dioniso e imediatamente as plantas voltaram a crescer. Flores se abriram. Videiras tomaram as paredes do palácio e deram cachos de uvas suculentas.

Os habitantes aprenderam a produzir vinho e deram início à construção do primeiro templo de Dioniso. E foi assim que Dioniso conquistou sua primeira vitória.

Depois disso, ele decidiu viajar com seus seguidores, dando início à Grande Turnê Mundial de Loucura e Degustação de Vinho de Dioniso. (O sr. D. não admite, mas ainda tem algumas camisetas do evento que não foram vendidas. Estão guardadas em uma caixa no armário dele, todas tamanho PP.)

* * *

Algumas cidades aceitaram Dioniso e seu exército de bêbados sem resistência. Quando isso acontecia, tudo eram flores e sorrisos. A cidade ganhava vinho de graça e aprendia a produzir a bebida. Os bacantes davam uma grande festa. Todos homenageavam Dioniso, e no dia seguinte o exército seguia seu caminho, deixando um monte de copos quebrados, chapéus de festa amassados e gente de ressaca.

Mas nem todos gostaram do novo deus e de seus seguidores. O rei Penteu, de Tebas, não confiava em Dioniso. Aquele exército de bêbados parecia perigoso e quase descontrolado. Só que Penteu tinha ouvido o que acontecera com Licurgo, então bancou o simpático quando Dioniso apareceu para visitar sua cidade.

— Preciso de um tempo para pensar na sua proposta — disse o rei.

Dioniso fez uma reverência.

— Sem problema. Estaremos na floresta ao leste, dando nossa festa noturna. Eu o convidaria, mas... — o deus sorriu misteriosamente — ... nossas festas não são abertas para os que *não acreditam*. Mas, sabe, você vai perder um evento e tanto! Voltaremos amanhã para saber sua resposta.

O grupo saiu em paz e foi acampar na floresta.

O rei estava se consumindo de curiosidade. Qual era a daquele novo deus? Será que ele tinha armas secretas? Por que suas festas eram fechadas?

Os espiões de Penteu lhe relataram que muitos súditos seus já tinham aceitado Dioniso como deus sem nem esperar sua permissão. Centenas deles planejavam sair da cidade às escondidas para participar da tal festa noturna.

— Preciso saber mais sobre essa nova ameaça — resmungou Penteu. — E não posso confiar em relatos de outras pessoas. Muitos dos meus súditos já acreditam nesse novo deus! Vou eu mesmo espionar o acampamento de Dioniso.

Os guardas avisaram que era má ideia, mas o rei não lhes deu ouvidos. Ele vestiu sua roupa preta de ninja, pintou o rosto com graxa e cinzas e foi às escondidas até o acampamento de Dioniso, fora dos limites da cidade. Chegando lá, subiu em uma árvore e ficou observando o que ocorria, tomado por fascinação e horror.

As festas bacantes tinham ficado cada vez mais loucas conforme o grupo se deslocava pela Grécia. Alguns mortais, ninfas e sátiros se satisfaziam apenas em tomar vinho e ouvir música. Outros faziam peças cômicas barulhentas, porque Dioniso tinha se tornado o deus patrono do teatro.

Mas muitos seguidores ficaram *bem* mais alucinados. Acendiam fogueiras enormes, que pulavam por diversão. Outros se embriagavam e organizavam lutas que só terminavam com a morte de um dos oponentes. Outros... Bem, vou ter que pedir que vocês usem a imaginação. Eu nunca fui a nenhuma das festas do sr. D.

Minha mãe me deixaria de castigo para sempre se eu desse as caras por lá. Mas sei que aconteciam umas coisas bem loucas.

Os seguidores mais radicais de Dioniso eram um grupo de ninfas chamadas mênades. Durante as festas, elas entravam em tamanho transe que não sentiam dor e perdiam o controle. Faziam simplesmente qualquer coisa que lhes viesse à mente. Era preciso tomar cuidado quando as mênades estavam por perto, porque elas podiam ir da superfelicidade à superfúria em uma fração de segundo. E eram muito fortes e cruéis... Imaginem trinta mulheres-Hulk bêbadas com unhas afiadas como lâminas e vocês vão ter uma ideia. Elas atuavam como guarda-costas e tropa de choque de Dioniso, para que ninguém ousasse chicoteá-lo novamente.

Naquela noite, o deus estava sentado em um trono de madeira improvisado, tomando vinho e fazendo brindes a seus seguidores, enquanto as mênades dançavam em volta dele. Ele usava sempre a mesma roupa: uma túnica roxa e uma coroa de folhas de carvalho. Como símbolo de seu poder, segurava um cetro especial, chamado *tirso*, que tinha na ponta uma pinha rodeada de videiras. Se isso não lhes parece muito uma arma é porque vocês nunca levaram uma pancada na cabeça de uma pinha presa a uma vara.

Mas voltando à história: Penteu ficou vendo a festa do alto da árvore e começou a perceber que aquele novo deus era bem mais poderoso do que ele havia pensado. Centenas de pessoas da cidade em que Penteu reinava dançavam em meio à multidão. Então ele viu uma mulher mais velha conversando com alguns sátiros perto de uma fogueira, e seu coração virou chumbo.

— Mãe? — choramingou ele.

Ele não falou muito alto, mas o deus sentiu sua presença. Do outro lado da clareira, Dioniso se levantou casualmente, bebeu seu cálice de vinho e foi até a árvore. Penteu não ousou se mexer. Ele sabia que, se tentasse fugir, morreria.

Dioniso deu um pulo e segurou um galho enorme, pesado demais para qualquer humano, mas que ele puxou para baixo com

facilidade. Lá estava o rei Penteu, completamente exposto.

A música parou. Centenas de bacantes se viraram para o espião na árvore.

— Olhem só — disse Dioniso. — O rei está invadindo nossa festa, debochando de nossos rituais sagrados. — Ele se virou para as mônades e todos os outros. — O que fazemos com invasores, meus amigos? Mostrem a ele!

A multidão cercou a árvore, puxou Penteu para o chão e o fez literalmente em pedacinhos. Até a mãe do rei, tomada pelo espírito da festa, participou do frenesi.

Pois é... vinho, música, dança e, de vez em quando, um assassinato horrendo. Dioniso definitivamente sabia dar um show.

Depois desse incidente, poucas cidades se opuseram a ele. Dioniso enfrentou alguns percalços em Atenas, mas, quando explicou a situação (leia-se: deixou um monte de mulheres fora de si), a cidade o recebeu e iniciou um festival anual em sua homenagem. Dioniso até viajou para o Egito e para a Síria, espalhando a novidade do vinho. Claro, ele teve alguns problemas aqui e ali, mas, se eu fosse contar cada vez que deixou algum rei louco ou o esfolou vivo, ficaríamos aqui o dia todo. Dioniso era pura e infinita diversão.

Hera tentou destruí-lo uma última vez, e quase conseguiu. Separou-o de seus seguidores e o deixou louco, mas ele se safou; montou em um burro falante e foi até um oráculo em Dodona, onde Zeus o curou. (É uma longa história, e não me perguntem onde ele conseguiu um burro falante.)

E aí, um dia, Dioniso se casou. Mas isso só aconteceu porque ele foi capturado por piratas.

* * *

Na noite anterior ao sequestro, os bacantes haviam dado uma festa especialmente grandiosa na costa da Itália. Pela manhã, Dioniso

acordou com uma tremenda dor de cabeça. Enquanto o grupo dormia, ele cambaleou até a praia para ir ao banheiro.

(Sim, é claro que os deuses precisam ir ao banheiro. Bem... pelo menos eu acho... Quer saber? Vamos em frente.)

Enfim, ele estava *realmente* precisando. Ficou ali por bastante tempo, fazendo o que tinha que fazer e olhando o mar. Até que um navio apareceu no horizonte. Foi se aproximando, com velas pretas balançando e uma bandeira preta no alto do mastro principal. Enquanto Dioniso observava, o navio jogou uma âncora. Um barco a remo foi até a areia. Seis sujeitos feiosos desembarcaram e foram na direção dele.

— *Arrr!* — disse um deles, desembainhando uma espada.

Dioniso sorriu.

— Ah, não pode ser! Vocês são *piratas*?

Dioniso já tinha ouvido falar de piratas, mas não conhecia nenhum. Ficou incrivelmente animado.

Os piratas se entreolharam, confusos por um momento.

— Isso mesmo, velhaco — disse o que segurava a espada. — Sou o capitão desses brejeiros do mar. E você só pode ser um príncipe ricoço, então vai ser nosso refém!

(Nota para mim mesmo: arranjar alguém para dar uma conferida na minha linguagem de criminoso antes de publicarmos isto. Já faz um tempo que assisti a *Piratas do Caribe*.)

Dioniso bateu palmas, cheio de entusiasmo.

— Ah, fabuloso! — Ele olhou para as dunas. — Meu exército ainda está dormindo. Acho que tenho algumas horas antes de acordarem.

O capitão apertou os olhos ao ouvir a palavra "exército", mas não conseguia ver ninguém sobre as dunas, então concluiu que o jovem príncipe devia estar blefando. Dioniso realmente parecia rico. Pobres não usavam túnicas roxas nem coroas de folhas de carvalho. Não tinham mãos bem-cuidadas, cabelo preto comprido e esvoaçante e dentes perfeitos. Na verdade, o capitão nunca tinha visto um homem tão *bonito*.

— Vamos andando, então! — ordenou o capitão. — Para o barco!

— Eba! — Dioniso correu para o bote a remo. — Você pode me levar em um tour pelo navio? Posso andar na prancha?

Os piratas o levaram a bordo e partiram. Tentaram vendá-lo, mas as cordas sempre caíam, por mais que eles se esforçassem.

O capitão perguntou a Dioniso quem era seu pai, para eles poderem pedir um belo resgate.

— Hã? — disse Dioniso, examinando os equipamentos do navio. — Ah, meu pai é Zeus.

Isso deixou os piratas bem incomodados.

Finalmente, o navegador não aguentou mais:

— Vocês não estão vendo que ele é um deus? *Nenhum* mortal pode ser tão... bonito.

— Obrigado! — Dioniso abriu um largo sorriso. — Meu segredo de beleza é vinho todo dia e muita curtição nas festas.

O navegador franziu a testa.

— É melhor a gente levar esse cara de volta e soltá-lo. Isso não vai acabar bem.

— Que se dane! — gritou o capitão. — Ele é nosso prisioneiro e vamos ficar com ele!

— Eu amo vocês, pessoal! — disse Dioniso. — Mas essa agitação toda me deixou *muito* cansado. Posso tirar uma sonequinha? Depois a gente pode limpar o convés, sei lá.

Dioniso se aconchegou em uma pilha de cordas e começou a roncar.

Como os piratas não conseguiram amarrá-lo, decidiram deixá-lo dormir. Quando ele acordou, o sol estava alto no céu.

— Hã... pessoal? — Dioniso ficou de pé e esfregou os olhos. — Está ficando tarde. Meu exército vai ficar preocupado. Podemos voltar?



— Voltar? — O capitão riu. — Você é nosso prisioneiro. Como não quis contar quem é seu pai verdadeiro, vamos vender você como escravo em Creta!

Dioniso estava cansado de brincar de pirata. Além do mais, sempre acordava das sonecas mal-humorado.

— Já falei que meu pai é Zeus. Agora faça o navio dar meia-volta.

— Senão o quê? — perguntou o capitão. — Vai me embelezar até a morte?

O navio começou a tremer. Videiras surgiram no convés e subiram pelo mastro. Os piratas gritavam, alarmados, enquanto os ramos cobriam completamente as velas e começavam a derrubar toda a estrutura da embarcação. A tripulação corria de um lado para outro, em pânico, escorregando em cachos de uvas.

— Acalmem-se! — gritou o capitão. — São só plantas! — Em seguida, rosnou para Dioniso: — Você dá mais problema do que lucro, jovem príncipe. É hora de morrer!

O capitão avançou com a espada.

Dioniso nunca tinha tentado mudar de forma antes, mas naquele momento ficou animado ao descobrir que conseguia. De repente, o capitão se viu de cara com um urso de mais de duzentos quilos.

O Urso Dioniso rugiu para o capitão, que largou a espada e saiu correndo, mas acabou escorregando nas uvas. Os outros piratas fugiram em direção à proa, mas um tigre-fantasma gigante surgiu no convés, rosnando e pronto para atacar. Era só uma ilusão, mas todos ficaram apavorados. Para onde quer que se virassem, Dioniso criava um predador fantasma diferente: leão, leopardo, lebrílope; qualquer coisa.

Finalmente, os piratas se jogaram no mar. Dioniso achou que o oceano era um lugar bom para eles ficarem, então transformou-os em golfinhos, e eles saíram nadando. Se vocês algum dia virem um

golfinho de tapa-olho falando "Arrr, marujo!", já sabem o motivo.

O único pirata que sobrou foi o navegador, que ficou ao leme, apavorado demais para se mexer.

Dioniso sorriu para ele.

— Você foi o único que me reconheceu como deus. Gostei de você!

O navegador fez um som agudo e choroso.

— Pode me levar de volta, por favor? — perguntou Dioniso.

— M-m-meu senhor — disse o navegador —, eu levaria, mas, sem tripulação, não consigo ir muito longe. E com essas videiras nos equipamentos...

— Ah, é. — Dioniso coçou a cabeça. — Desculpe por isso.

O deus olhou ao redor. Um quilômetro e meio ao leste, viu uma pequena ilha.

— Que tal até ali?

— Bem, ali é Naxos, meu senhor. Acho que...

— Perfeito. Pode me deixar lá? Dali eu consigo voltar sozinho para o meu exército.

Assim, Dioniso acabou indo parar em Naxos, uma ilha desabitada, exceto por uma jovem moça, que Dioniso encontrou chorando à beira de um riacho no bosque.

Ela parecia tão magoada que Dioniso se sentou ao lado dela e segurou sua mão.

— Minha querida, o que houve?

Ela nem pareceu se assustar, como se não se importasse com mais nada.

— Meu... meu namorado me deu um fora.

O coração de Dioniso se contorceu em forma de pretzel. Apesar dos olhos vermelhos e inchados e do cabelo desgrenhado, ela era simplesmente linda.

— E quem seria assim tão burro de dar um fora em você? — perguntou Dioniso.

— O... o nome dele é Teseu — respondeu a garota. — Sou a

princesa Ariadne,
a propósito.

Ela então contou a Dioniso sua triste história: que tinha ajudado um cara bonito, Teseu, a fugir do labirinto do pai dela; que Teseu tinha matado o Minotauro e blá-blá-blá. Isso é outra história, que não importa agora. Contou que, no final, Teseu tinha prometido levar Ariadne com ele para sua casa, em Atenas, mas que no caminho tinha parado em Naxos para pegar água fresca, largando-a na praia e indo embora em seu barco.

E vocês aí achando que terminar por *mensagem de texto* era golpe baixo.

Dioniso ficou furioso. Se Teseu estivesse por perto, o deus o teria transformado em um cacho de uvas e o pisoteado.

O deus consolou Ariadne. Fez aparecer vinho e comida, e eles começaram a conversar. Dioniso era boa companhia. Depois de um tempo, Ariadne começou a sorrir. Ela até riu quando Dioniso contou sobre os piratas. (Acho que ela tinha um senso de humor estranho.)

E foi rápido assim que os dois se apaixonaram.

— Vou levar você comigo, minha querida — prometeu ele. — *Eu* nunca vou abandonar você. Quando assumir meu trono no Monte Olimpo, você será minha rainha por toda a eternidade.

Dioniso cumpriu a promessa. Ele se casou com Ariadne e, quando finalmente foi reconhecido como deus e se tornou o décimo segundo olimpiano, fez dela sua esposa imortal. Ah, claro, ele ainda tinha casos com algumas mortais. Ele *era* um deus, afinal. Mas, no que diz respeito às histórias gregas, os dois viveram felizes para sempre.

* * *

A última grande aventura de Dioniso na terra antes de ele se tornar deus em tempo integral: o cara decidiu invadir a Índia.

Por quê?

Por que *não*?

Ele já tinha viajado por todo o Mediterrâneo, pelo Egito e pela Síria, mas, por mais que tentasse espalhar a boa notícia do vinho mais para o leste, sempre era impedido por habitantes locais furiosos. Talvez porque foi na Mesopotâmia que inventaram a cerveja. Talvez eles não quisessem concorrência.

De todo modo, ele decidiu fazer uma última tentativa de expandir seu mercado. Até onde os gregos sabiam, a Índia era o fim do mundo, então Dioniso decidiu ir até lá, dominar a área, ensinar a produzir o vinho e voltar para casa, preferivelmente a tempo para o jantar.

Seus seguidores bêbados se reuniram aos milhares. Algumas histórias dizem que Hércules se juntou a Dioniso na expedição e que no caminho eles fizeram competições inesquecíveis de bebedeira. Outras histórias dizem que os gêmeos de Hefesto, os Cábiros, foram para a batalha em uma carruagem mecânica e lutaram bravamente. Em algumas ocasiões, eles ficaram um pouco corajosos *demais*, foram cercados por inimigos, e o próprio Hefesto precisou descer, abater o inimigo com seu lança-chamas divino e levar os filhos para longe do perigo.

Dioniso seguiu à frente do exército em uma carruagem dourada puxada por dois centauros. Muitas cidades se renderam a ele na Síria. O exército bêbado chegou até o Rio Eufrates e construiu uma ponte para atravessar; era a primeira vez que os gregos chegavam tão longe.

A ponte não existe mais. O que vocês esperavam? Foi feita por um bando de bêbados. Deve ter caído em uma semana.

Tudo estava indo muito bem até o exército chegar à Índia. Os indianos sabiam lutar. Tinham magia própria, deuses próprios e um bando de armas secretas cruéis. Os homens sagrados, os brâmanes, se sentavam no campo de batalha, parecendo muito pacíficos; aí o exército de Dioniso se aproximava, achando que o inimigo estava se rendendo, mas assim que os gregos chegavam perto, os indianos disparavam foguetes no meio deles — jatos de chama e luz

ofuscante, explosões gigantescas que provocavam pânico nas tropas.

Depois de várias batalhas difíceis, Dioniso finalmente chegou ao Ganges, o rio sagrado da Índia. Ele atacou a última fortaleza, um grande castelo em uma colina tão alta quanto a Acrópole. Seus centauros e sátiros, tentando uma abordagem direta, resolveram subir pelas pedras, mas os indianos dispararam explosões mágicas tão poderosas que as linhas de frente gregas evaporaram. Dizem que ainda dá para ver as marcas de sátiros e centauros queimados nesses penhascos em que aconteceu a batalha.

Naquele momento, Dioniso decidiu que bastava. Eles tinham chegado à Índia.

Tinham apresentado o vinho. Dioniso havia reunido uma variedade incrível de felinos predadores exóticos, tais como tigres e leopardos. Havia até incorporado o leopardo como seu novo animal sagrado e lançado moda usando uma pele de leopardo como capa. Seu exército havia recolhido muitos tesouros. Eles haviam conhecido muitas pessoas novas e interessantes, matado a maioria delas e, de um modo geral, se divertido.

Dioniso construiu um par de pilares às margens do Ganges para provar que tinha estado lá, depois se despediu dos indianos com lágrimas nos olhos e voltou para a Grécia. Deixou um monte de tesouros no Oráculo de Delfos, em homenagem aos deuses, e por muito tempo houve uma tigela grande de prata na sala do tesouro de Delfos com a inscrição: TIRADA DOS INDIANOS POR DIONISO, FILHO DE ZEUS COM SÊMELE. (Um dos antigos escritores gregos viu. Não é invenção minha.)

Dioniso finalmente ascendeu ao Monte Olimpo e se tornou o último dos grandes deuses. Deixa para a entrada da música final! Deixa para a entrada dos créditos de encerramento! A câmera se afasta para mostrar todo o salão do trono olímpiano, onde doze deuses giram em seus tronos com rodinhas. E CORTA!

* * *

Ufa. Conseguimos, pessoal.

Doze olimpianos: falamos sobre todos eles, além de alguns deuses de bônus, como Perséfone e Hades!

Agora, peço licença para ir dormir. Parece até que acabei de chegar de uma das festas de Dioniso: estou com uma dor de cabeça terrível.

POSFÁCIO



ISSO É O BÁSICO das histórias.

Sei que alguns de vocês vão reclamar, dizendo *Ah, você esqueceu de falar do sr. Provolone, o deus dos ratos! Esqueceu de mencionar Pochete, o deus da moda brega!* E por aí vai.

Por favor. Existem uns cem mil deuses gregos por aí. Meu transtorno do déficit de atenção e hiperatividade não me permite incluir todos em um livro só.

Claro, eu poderia contar como Gaia criou um exército de gigantes para destruir o Olimpo. Poderia contar como Cupido conheceu a namorada e como Hécate conseguiu a doninha que peida. Mas isso exigiria um livro novo. (E, por favor, não deem ideias à editora. Escrever é um troço DIFÍCIL!)

Falamos sobre a maioria dos deuses mais importantes. Vocês já devem saber o bastante para conseguir evitar virar uma pilha de cinzas se por acaso esbarrarem com algum dos doze olímpianos.

Provavelmente.

E eu já estou atrasado para ir encontrar minha namorada. Annabeth vai me matar.

Espero que tenham gostado das histórias. Tomem cuidado por aí,

semideuses.

Saudações de Manhattan,

PERCY JACKSON

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Caos

“O primeiro deus, se é que podemos chamá-lo assim, foi Caos, uma névoa sombria e gosmenta que vagava por aí contendo toda a matéria do cosmos.”

Urano, Gaia e alguns de seus filhos

“Sem dizer nada, ele passou correntes em todos e os jogou no Tártaro como se fossem sacos de lixo reciclável.”

Cronos

“Quando Cronos viu a foice, seus olhos brilharam.”

O palácio de Cronos

“... como forma de demonstrar gratidão pela recém-conquistada liberdade, construíram um palácio enorme para Cronos, no topo do Monte Otris...”

Prometeu cria os homens a partir da argila

“Um dia ele (...) esculpiu umas figuras engraçadas, parecidas com os titãs, só que bem menores e mais fáceis de esmagar.”

Cronos e o bebê de mentira de Reia

“Ela foi direto até o rei canibal e gritou: ‘Este é o melhor bebê de todos! Um garotinho lindo chamado... hã... Pedrito!’”

O Monte Ida

“Zeus teve uma boa infância no Monte Ida.”

Zeus enfrentando Campe

“Ela ergueu o chicote e berrou: `RAURGGGGURRR!’”

Atlas segurando o céu

“Acorrentaram Atlas à montanha e colocaram todo o peso do céu nos ombros dele.”

Zeus

“Tudo bem que ele é o rei do Olimpo e tal. Mas, acreditem, o ego do sujeito *não* precisa ficar maior.”

Héstia

“[Ela] era mais como uma deusa qualquer, meiga e bonita de uma forma nada pretensiosa.”

Prometeu roubando o fogo de Héstia

“... Prometeu saiu escondido do Olimpo com sua planta fumegante secreta e a entregou aos humanos.”

Deméter

“Deméter não só era bonita como também tinha um coração bom (quase sempre), além de saber fazer pães e biscoitos deliciosos...”

Deméter punindo os mortais que tentaram destruir seu bosque sagrado

“Deméter cresceu e ficou imensa, ultrapassando a altura das árvores, como um Grãozilla...”

Perséfone

“Estava convencida de que o mundo havia sido inventado para sua diversão.”

Hades saindo do Mundo Inferior para encontrar Perséfone

“Ela estava se abaixando para pegar um lindo jacinto azul quando o chão tremeu.”

Deméter amaldiçoa a Terra

“... no restante da Terra, tudo murchou e morreu, como ela ameaçara.”

Hera

“... nos primórdios do Monte Olimpo, todos os deuses e titãs acabavam invariavelmente ficando loucos por Hera.”

As maçãs de ouro de Hera

“Ela mandou um dragão imortal, chamado Ládon, proteger a árvore...”

A punição de Ixíon

“Zeus pediu uma roda de carruagem extra e prendeu Ixíon aos raios, esticando seus braços e pernas a ponto de quase fazê-los se soltar do corpo.”

Hades

“... Hades sempre foi um cara meio sombrio, então vocês podem alegar que ele estava destinado a ficar lá embaixo.”

Os cinco rios do Mundo Inferior

Cócito, o Rio das Lamentações

“Só de se aproximar de suas águas vocês já entrariam em depressão.”

Flegetonte, o Rio de Fogo

“... rugia pelas cavernas do Mundo Inferior como uma torrente de gasolina queimando, abrindo canais pela pedra negra”

Aqueronte, o Rio da Dor

"... se alargava e virava uma área escura e fumegante de pântano que provocava dor em qualquer pessoa que tivesse a infelicidade de tocar nas águas ou mesmo *ouvir* a correnteza."

Lete, o Rio do Esquecimento

"Uma única gota de água do Lete e pode dar adeus à sua memória recente."

Estige, o Rio do Ódio

"Misture ácido sulfúrico com esgoto e um toque de ódio líquido e você tem o Estige."

A punição de Tântalo

"A cada tentativa, Tântalo tinha *certeza* de que conseguiria pegar uma fruta, mas nunca conseguia."

Poseidon

"Ele gostava de praia. Gostava de nadar. Gostava de frutos do mar."

Poseidon criando os cavalos

"Ele apontou o tridente, e as ondas começaram a tomar forma."

Teofane conhece Poseidon

"O carneiro deu uma piscadela. 'Gostou da minha *nova* capa de lã? Porque eu gosto mais da *vêlha*. Entendeu? Da *vêlha*?'"

Zeus

"... Zeus era o deus da lei e da ordem."

Zeus apaga do mapa a cidade de Salmonia

"... quando os raios começaram a cair, a maioria dos mortais foi feita em pedacinhos ou acabou soterrada por escombros."

O deus sátiro Egipã acalma o gigante da tempestade Tifão

“Gostei da sua música’, concluiu Tifão. ‘Talvez eu não mate você.’”

Atena

“Vou supervisionar os combates que exigem planejamento, engenhosidade e alto nível de inteligência.”

Zeus distrai a ninfa Palas enquanto ela treina com Atena

“O rosto de bronze da Medusa assustou a ninfa.”

Aracne

“E foi assim que Atena a transformou em uma aranha. Desde então, Aracne e seus filhos tecem teias sem descanso.”

Afrodite

“Se você a visse e ela quisesse que a amasse, você a amaria.”

Pandora abre o jarro

“Preciso ver o que tem dentro’, murmurou ela. ‘Ah, isso vai ser sensacional!’”

Ares

“Se os valentões, gângsteres e toda gente do mal rezassem para algum deus, esse deus seria Ares.”

Um dos presentes de Ares para Eetes, rei da Cólquida

“Sempre que precisava de guerreiros-esqueletos, Eetes ia ao campo especial de Ares e plantava os dentes para obter uma colheita fresquinha.”

Hefesto

“Ele nasceu tão feio que sua querida mãe, Hera, o jogou do Monte Olimpo...”

Ares enfrentando o irmão Hefesto

“Os três (...) aparecer[a]m de supetão no pátio da ferraria de Hefesto, onde o deus aleijado consertava uma chaleira.”

Apolo

“Meu nome é Apolo e preciso de arco e flechas agora mesmo! Um instrumento musical também seria ótimo.”

Apolo mata a cobra gigante Píton e vinga a mãe

“... Apolo pegou o arco e disparou uma flecha entre os olhos da cobra.”

Ártemis

“... queria rodar o mundo e caçar criaturas perigosas e, *definitivamente*, nunca engravidar.”

Ártemis invoca um porco-do-mato gigante

“Em resumo, ele era o Porco da Morte.”

Gaia pune Órion por exagerar na caçada

“Nisso, um escorpião gigante saiu de uma fissura no chão atrás de Órion.”

Hermes

“Atuava também como o serviço de entrega pessoal de Zeus, levando as mensagens do chefe para todo o mundo...”

O bebê Hermes roubando as vacas de Apolo

“Consegui selecionar, do rebanho, cinquenta das mais gordas e suculentas vacas.”

Dioniso

“... e ficou famoso por seus truques mágicos utilizando plantas.”

O sátiro Âmpelos pegando uma trepadeira para o amigo Dioniso

“Dioniso ergueu a mão e pegou a planta.”

Dioniso é capturado por piratas

“Videiras surgiram no convés e subiram pelo mastro.”

Percy Jackson

SUGESTÕES DE OUTRAS LEITURAS

LIVROS:

Apollodorus' Library & Hyginus' Fabulae [A Biblioteca de Apolodoro e As Fábulas de Higino]. Hackett Publishing Co., 2007.

The Argonautica [As Argonáuticas], de Apolônio de Rodes. Oxford University Press, 2009.

Dictionary of Greek and Roman Biography and Mythology [Dicionário mitológico-biográfico greco-romano], de William Smith (org.). Tauris & Co. Ltd., 2007.

Dionysiaca [As Dionisiacas], de Nono. Harvard University Press, 1984.

Eneida, de Virgílio. Ateliê Editorial/ Editora Unicamp, 2005.

Ilíada, de Homero. Ateliê Editorial/ Editora Unicamp, 2008.

Metamorfoses, de Ovídio. Madras, 2003.

Odisseia, de Homero. Editora 34, 2011.

Teogonia, de Hesíodo. Hedra, 2013.

Trabalhos e dias, de Hesíodo. Hedra, 2013.

* * *

SITES:

Encyclopedia Mythica: www.pantheon.org

Perseus Digital Library: www.perseus.tufts.edu/hopper

Theoi: www.theoi.com

SOBRE O AUTOR E O ILUSTRADOR

RICK RIORDAN nasceu em 1964, em San Antonio, Texas, Estados Unidos, e hoje vive em Boston com a esposa e os dois filhos. Autor best-seller do *The New York Times*, premiado pela *Yalsa* e pela American Library Association, por quinze anos ensinou inglês e história em escolas de São Francisco, e é a essa experiência que ele atribui sua habilidade em escrever para o público jovem. Além das séries *Percy Jackson e os olímpianos* e *Os heróis do Olimpo*, inspiradas na mitologia greco-romana, Riordan assina a bem-sucedida série *As crônicas dos Kane*, que visita deuses e mitos do Egito Antigo.

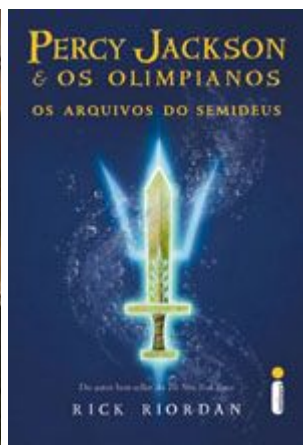
Seu site: rickriordan.com

JOHN ROCCO estudou ilustração na Escola de Design de Rhode Island e na Escola de Artes Visuais de Nova York. Além de escrever e ilustrar as próprias histórias, também é responsável pelas artes das séries de Rick Riordan: *Percy Jackson e os olímpianos*, *As crônicas dos Kane* e *Os heróis do Olimpo*. Antes de se tornar autor e ilustrador em tempo integral, trabalhou para a Disney Imagineering e foi diretor de arte do filme *Shrek*, da DreamWorks. Mora em Los Angeles com a esposa e a filha.

Seu site: roccoart.com

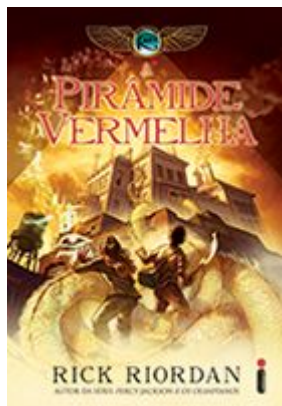
PERCY JACKSON & OS OLIMPIANOS

Conheça os livros da série



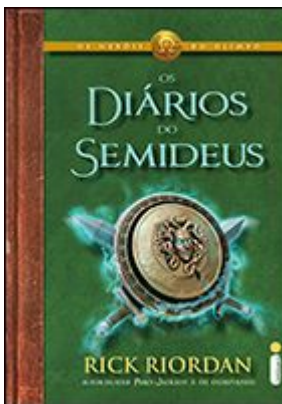


Conheça os livros da série





Conheça os livros da série



LEIA TAMBÉM



Os forasteiros
Michelle Paver



O espelho do tempo
Catherine Fisher



A torre invisível
Nils Johnson-Shelton